

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

SOB A CAPA NEGRA

**NECROMANCIA E FEITIÇARIA, CURANDEIRISMO E
PRÁTICAS MÁGICAS DE HOMENS EM ARAGÃO
(SÉCULOS XVI E XVII)**

Marcos Antonio Lopes Veiga

**VERSÃO CORRIGIDA CONFORME SUGESTÕES DA BANCA
Versão Original disponível no CAPH da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da USP**

**SÃO PAULO
2011**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

SOB A CAPA NEGRA

**NECROMANCIA E FEITIÇARIA, CURANDEIRISMO E PRÁTICAS
MÁGICAS DE HOMENS EM ARAGÃO (SÉCULOS XVI E XVII)**

Marcos Antonio Lopes Veiga

**Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História Social do
Departamento de História da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de Doutor**

**VERSÃO CORRIGIDA CONFORME SUGESTÕES DA BANCA
Versão Original disponível no CAPH da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da USP**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Figueiredo Nogueira

**SÃO PAULO
2011**

Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de agradecer aos meus pais José Veiga Rey e Guiomar Lopes Veiga pelo apoio incondicional para realização deste trabalho. Sem esta agência de fomento, sobretudo afetiva, mas financeira também, a realização deste projeto não teria sido possível.

À minha irmã, Marly Maria Lopes Veiga, por sua compreensão infinita e seu amor sem julgamentos.

À Anelise Coutinho Ribeiro Veiga, que transformou minha vida para sempre, por todo amor, apoio, carinho, coragem, confiança. Sem o seu apoio incondicional eu não teria conseguido chegar ao final deste trabalho. Tenho certeza que continuará transformando minha vida. Amor, meu grande amor.

Muito especialmente para o Carlos Roberto Figueiredo Nogueira. Nossa história é longa, levaria horas para contar todas as minhas experiências, aprendizados, encontros e desencontros. Agradeço por todos os aprendizados, o apoio, as prescrições e orientações precisas para cada caso e cada dúvida. Pela generosidade depositada em minha mudança de opinião a respeito de tudo, inclusive a respeito dele. Pelo apoio e pela ajuda para conseguir a bolsa que me fez compreender que seria possível e viável fazer este projeto. Por acreditar e por dizer inúmeras vezes “este é o trabalho que gostaria de ter feito”. Meu sem número de palavras de agradecimento pela sua generosidade, amizade, carinho, afeto e por compreender alguns tropeços e mancadas.

Ao Armando Del Guerra Filho, por todas as palavras amigas e pela presença constante e necessária desde os dezesseis anos de idade.

À Renata Sodré de Oliveira, grande e especial amiga, com a qual iniciei minha jornada na História – USP. Muito obrigada pelo seu carinho, apoio e amizade.

À Karin Sant’anna Kössling, um sem número de palavras não descreveria a grande amiga e companheira de jornada que tenho. Muito obrigada por você ser quem é e fazer o que sempre faz. Me deixar bem e feliz, seja como for e onde estiver.

Ao Marcelo Meira Amaral Bogaciovias, “pai de todos os amigos da USP”, pela amizade e generosidade que o qualificam como tal. Isso é mais que um qualificativo, é uma verdade afetiva indiscutível.

Aos meus amigos da USP: Thiago Lima Nicodemo, grande companheiro e mentor intelectual; Daniel Lago Monteiro, apesar de distante, sempre um amigo incentivador;

Fabíola Iszlaji Albuquerque, minha querida e afetuosa amiga de sempre, sempre, Leandro Antonio de Almeida, que apesar da distância esteve, de alguma maneira, também imbuído deste projeto, Ana Hutz, querida amiga que encontro de dez em dez anos, mas sempre com a mesma receptividade, carinho e atenção.

Aos meus queridos amigos e mestres Luciano Assumpção Nunes, pelos aprendizados espirituais, a Demétrius Bastazini, pelos aprendizados mundanos, Lilian Vieira, uma das pessoas com a qual tenho uma gratidão eterna e que não sei se poderei pagar, Cátia Iglesias, sempre presente e com a palavras certas nas horas certas, a Eduardo Gomes, sempre amigo e presente, ao Leandro Caetano, sereno companheiro, querido amigo de muitas horas agradáveis, ao Sérgio Contini, pela fidelidade, franqueza e autenticidade, à Cleonice Ferreira, pelo seu exemplo como pessoa por toda a correção e apoio moral, institucional, amizade e companheirismo de sempre.

À Ana Paula Torres Megiani que soube, a partir da qualificação e durante todo o estágio PAE, ser compreensiva e, com paciência, tolerar as minhas inconveniências, e às vezes ouvir algumas de minhas angústias. Obrigado por ter dado um apoio importante em um momento em que precisava de tal apoio. Mesmo sem que soubesse, me ajudou muito!

À Iris Kantor, que contribuiu para a confecção desta tese com preciosas idéias em meu exame de qualificação e por toda a atenção e gentileza dispensadas. Meu muito obrigado.

Esta pesquisa só foi possível graças ao fomento financeiro de uma bolsa PROEX de Doutorado fornecida pelo Departamento de História, na seção institucional do Programa de Pós-Graduação em História Social mantido pela CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). À CAPES e a todos que a representam – os funcionários da secretaria de pós-graduação: Nelson, Marcos, Osvaldo, Priscila, Beth –, e muito especialmente, os pareceristas deste projeto, agradeço a confiança em mim depositada. Demonstro a eles minha gratidão e dedicação, a partir de agora, concretizada na narrativa que se segue.

Resumo

Esta pesquisa investiga, através dos documentos da Inquisição de Zaragoza entre 1497 e 1700 as práticas heréticas dos réus homens qualificados por aquele tribunal como supersticiosos, portanto, praticantes de diversos tipos de magia – necromancia, curandeirismo, exorcismo – entre outras práticas mágicas. Através de objetos mágicos da necromancia, e dos temas pertencentes diversas de suas práticas mágicas, inclusive com o uso de papéis e textos que lhes dão suporte – sobretudo a *Clavícula Salomonis e o Livro de São Cipriano* – a magia masculina é construída sobre um campo específico de ação: o da magia material na qual o benefício individual é o único objetivo a ser alcançado. O diabo é não só um revelador dos conflitos entre o bem e o mal, mas também mostra os discursos dos hereges e as pedagogias da Inquisição e da Igreja.

Palavras-chave: Inquisição – Feitiçaria – Necromancia – Curandeirismo – Magia

Abstract

This research investigates, through documents related to the Inquisition of Zaragoza that took place between 1497 and the 1700, the heretical practice of men held guilty by that Court, which considered them as superstitious. Such men were, therefore, practitioners of diverse types of magic – necromancy, cunning practices, exorcism – among other magical practices. Through the objects of necromancy, and the themes of many different magic practices, including the use of papers and texts that supported them – specially the *Clavícula Salomonis* and the *Book of São Cipriano* – male magic buildt itself on a specific field of action: the material magic in wich individual benefits are the unique aim to be reached. The devil is not just a revealer of conflicts between good and evil, but also shows the discourses of heretics, and the Inquisition and Church pedagogies.

Key-words: Inquisition – Sorcery – Necromancy – Cunning Practises – Magic

Resumen

Esta pesquisa investiga con los documentos de la Inquisición de Zaragoza hacia 1497 hasta 1700 las prácticas heréticas de los reos hombres calificados por áquel tribunal como supersticiosos, por lo tanto, practicantes de diversos tipos de magia – nigromancia, curanderismo, exorcismo – entre otras prácticas mágicas. Através de los objetos de la nigromancia, y de los temas de diversas de sus prácticas mágicas, incluso con el uso de papeles y textos que les dan soporte, – sobretudo la *Clavícula Salomonis y El Libro de San Cipriano* –, la magia masculina es construida sobre un campo específico de acción: el de la magia material en la cual el beneficio individual es el unico objetivo a ser alcanzado. El diablo no solo es un revelador de los conflictos entre el bien y el mal, sino también enseña los discursos de los hereges y las pedagogías de la Inquisición y de la Iglesia.

Palabras-clave: Inquisición – Hechicería – Nigromancia – Saludadores – Magia

*Para um grande amigo que, sob a capa negra,
demonstrou seu afeto e dedicação sem medir
tempos, espaços, esforços*

*À todos aqueles que usaram a capa negra
e que com ela praticaram a magia*

Para todos os que caminham usando o negro como vestimenta

“La religión ya no es solamente los hombres explicando y proyectando sus sueños, no es solamente un tipo de electricidad espiritual o mana; no es algo que únicamente puede reconocerse en la comunión social; no, la religión y la magia son modos que los hombres, al ser hombres, han de manejar para hacer el mundo aceptable, dócil y justo”.

(Robert Redfield)

Siglas e Abreviaturas

DH Archivo Diocesano de Huesca

ADT Archivo Diocesano de Teruel

ADZ Archivo Diocesano de Zaragoza

AHN Archivo Histórico Nacional (Madrid)

AHPH Archivo Histórico Provincial de Huesca

AHPZ Archivo Histórico Provincial de Zaragoza

AHPT Archivo Histórico Provincial de Teruel

AGS Archivo General de Simancas

AMZ Archivo Municipal de Zaragoza

ANTT Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa)

BAC Biblioteca de Autores Cristianos

BAE Biblioteca de Autores Españoles

BN Biblioteca Nacional (Madrid)

CSIC Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Madrid)

HISP Revista *Hispania*

IFC Instituto Fernando El Católico (Zaragoza)

MCV Mélanges de la Casa de Velázquez

RI Revista de la Inquisición (Universidad Complutense de Madrid)

Sumário

SOB A CAPA NEGRA NECROMANCIA E FEITIÇARIA, CURANDEIRISMO E PRÁTICAS MÁGICAS DE HOMENS EM ARAGÃO (SÉCULOS XVI E XVII)

Agradecimentos.....	03
Resumo.....	05
Abstract.....	05
Resumen.....	05
Dedicatória.....	06
Epígrafe.....	07
Abreviaturas.....	08
Mapa.....	11
Introdução.....	12
1 – A Necromancia e a Feitiçaria	
As representações.....	20
Os textos.....	38
As superstições.....	49
2 – O Curandeirismo	
Os sistemas da cura.....	72
Usos e costumes do curandeirismo herético.....	83
O Lazarillo de Zaragoza e os identificadores de bruxas.....	88
A causa de Juan Tayan.....	98
3 – As Terras Inventadas: os tesouros	
Busca de tesouros e Tesoreros.....	106
A causa de Don Juan Del Castillo y Villanueva.....	125
4 – Ele está no meio de nós: o Diabo	
A máscara sem rosto: as representações.....	133
A “Práctica de Conjurar” de Fray Luis de la Concepción.....	150
O diabo manifestado: as possessões.....	161
O diabo caçado: as práticas exorcistas como heresia.....	164
O diabo que obedece: os demônios familiares.....	168
5 – Considerações Finais.....	172

6 – Fundos Documentais, Referências Bibliográficas e Anexos.....	175
ANEXOS.....	186



Mapa de Aragón – Extraído de GARI LACRUZ, *ÁNGEL Brujería e Inquisición en Aragón*. Zaragoza: DELSAN, 2007, p. 375.

Introdução

Ramón Llull, Arnaud de Villeneuve, Enricus Cornelius Agrippa, John Dee, Giovanni Pico de la Mirandola e Marcilio Ficino, Giordano Bruno. Todos estes homens ficaram conhecidos por obras escritas que se difundiram por toda a Europa a partir de seus lugares sociais e de seus locais de produção. E o que possuíam de comum com eles Antonio Del Castillo y Villanueva, Andrés Mascarón, Guillén de Tolón, Pedro Antonio Bernardo? Estes outros homens, menos conhecidos, nas palavras de Foucault ‘infames’¹, deixaram seus rastros apenas pela pluma dos notários do Santo Ofício por terem concordado, difundido, praticado ou se apropriado das idéias, ainda que vulgarizadas, dos primeiros e mais conhecidos “patriarcas” citados aqui primeiramente. Se assim não foi, certamente estes infames participaram como difusores de outras práticas mágicas menos conhecidas, inventadas, imaginadas. Antes de tudo vemos estes homens infamados, réus da Inquisição, os anões perseguidos pelo Santo Ofício, tentando mais olhar por baixo das pernas daqueles gigantes consagrados pela magia que por cima de seus ombros.

Mas será que esses homens olhavam apenas por baixo das pernas dos gigantes? Será que apenas a magia complexa e elaborada, famosa por aqueles nomes de fama deve ser estudada? Nem sempre é fácil identificar os papéis, panfletos e livros que circularam entre os magos de fama e os magos infames, mas o certo é que muitos objetos, panfletos, livros e papéis circulavam e alteravam a vida destes últimos.

Este trabalho é o cruzamento e o ponto de chegada de algumas pesquisas realizadas anteriormente e que serviram de base para a criação deste projeto de investigação e das principais problemáticas nele contidas. Neste sentido, esta pesquisa procura responder algumas questões deixadas em aberto, explorar alguns flancos antes desconhecidos e lançar luz sobre questões inexploradas relacionadas com suportes documentais explorados anteriormente sobre prismas diversos. Dizendo de outra maneira, é caminhar em um bosque no qual as grandes árvores já são conhecidas: as cifras da perseguição da Inquisição de Zaragoza aos supersticiosos, os períodos nos quais há mais processos, o funcionamento da instituição e a visão que possuía com relação a estes réus.

¹ FOUCAULT, M. “A vida dos homens infames”. In: *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 2002, pp. 89-126.

Faltava, entretanto, conhecer os arbustos mais rasteiros, as plantas menores e outros seres vivos, recompondo do o complexo sistema de vida que compõe o conjunto, a saber: quais as especificidades dos homens praticantes de magia? Como os diferentes atores sociais interagem com os réus homens quando havia em pauta certas práticas mágicas? Qual a importância que cada um deles tinha na forma como o outro praticava determinados tipos de magia? Quais as formas de recepção dos conhecimentos de magia vindos da França? Como eram aproveitados? Quais as conseqüências das práticas mágicas estruturadas em textos?

A tese de doutoramento de Carlos Roberto Figueiredo Nogueira² apontou para uma influência francesa com relação às práticas mágicas femininas presentes nos tribunais de Cuenca³ e Toledo. Nogueira apontou que o mesmo ‘corredor’ entre Aragón e sua fronteira pirenaica com a França e Castilla la Nueva, que servira de passagem para Bernard de Cluny chegar a Toledo e sagrar o rito romano na cidade tomada, serviu também de movimentação para aprendizados com relação à práticas mágicas de mulheres. Neste corredor, também passaram aprendizados, livros, papéis, e objetos mágicos em direção ao Reino de Aragón, como apontou María Tausiet, complementando a tese de Nogueira e confirmando tal influência. O próprio trabalho de Nogueira apontou para uma maioria de réus do sexo feminino processados pelo crime de superstição. Em levantamento preliminar para esta pesquisa, a documentação indicava que a maioria dos réus do Tribunal de Zaragoza era do sexo masculino, o que chamou a atenção para este tipo de recorte e fez criar um projeto de pesquisa entre o trabalho de Nogueira, de Tausiet, e a nova tradição historiográfica que tem estudado a magia masculina, sobretudo nos países do norte da Europa.

Ao mesmo tempo, os textos de Gustav Henningsen, *El abogado de las brujas, Brujería vasca e Inquisición española*, e de Julio Caro Baroja, *De Nuevo sobre la Historia de la Brujería*⁴, este último a fonte básica de pesquisa de Henningsen, expuseram uma íntima relação entre as perseguições do lado francês dos Pirineus e do

²NOGUEIRA, C. R. F. *Universo Mágico e Realidade. Aspectos de um contexto cultural: Castela na Modernidade*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP, 1980.

³Os nomes em espanhol permanecem em sua grafia original. Esta escolha se deve pela discrepância que poderia existir entre a grafia dos nomes das cidades consagrados pelo uso em português (Sevilha, Saragoça, Madri) e o nome das cidades menores e vilarejos que não possuem correspondente em nossa língua (Tormes, Tauste, Molina de Aragón, etc.) o que certamente causaria uma falta de uniformidade indesejável. O mesmo critério será adotado para os nomes próprios de pessoas.

⁴CARO BAROJA, J. “De Nuevo sobre la Historia de la Brujería”. In: *Inquisición, Brujería y Ciptojudaísmo*. Barcelona: Ariel, 1972, pp. 181-315. HENNINGSEN, G. *El abogado de las brujas. Brujería vasca e Inquisición española*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

lado espanhol, comprovadas por diferentes representações presentes em ambos os lados da fronteira. Ao mesmo tempo, uma coincidência entre historicidades relacionadas aos períodos de perseguição inquisitorial corroborou tal relação histórica e geográfica.

A recente publicação de novos trabalhos a respeito das práticas de magia na Inquisição de Zaragoza por Maria Tausiet⁵ e a nova versão da publicação do conhecido livro de Ángel Gari Lacruz⁶ a respeito do assunto recolocaram também o debate sobre a inquisição aragonesa e sua relação com as regiões de fronteira com a França.

A maior parte do levantamento do número de réus e outras informações havia sido realizada por María Tausiet e Ángel Gari Lacruz, Tausiet para o século XVI e Ángel Gari, sobretudo, para o século XVII. O que me intrigava era que ambos negligenciavam o fato de haver um número maior de réus homens do que o número de mulheres. Negligenciavam não o levantamento numérico em si, mas quais as implicações de tal maioria, a dos homens sobre as mulheres.

Além disso, o caráter mais informativo também deixava de compreender, em parte, os sentidos que a própria documentação propunha. Tausiet – em abordagem digna de nota –, inserida ainda na tradição da dicotomia perseguidores e perseguidos, traçou uma excelente análise que combinou uma abordagem a partir do perfil institucional da Inquisição e sua relação com a população de maneira geral.

A abordagem de Ángel Gari, mais fragmentada, procurou seguir problemas contidos na própria documentação, mas caiu na tentação das problematizações extemporâneas, baseadas em parte na psicanálise e na antropologia. Na segunda edição de seu livro, ainda na mesma linha de Tausiet – perseguidos e perseguidores – procurou cobrir as lacunas da pesquisa da primeira autora, mas a abordagem metodológica procurou apenas compreender a relação entre as diferentes formas com que os réus cometeram seus crimes ignorando, contudo, que o mesmo réu poderia ter cometido várias transgressões e que a relação entre elas revela muito a respeito de quem pratica a magia, quem se aproveita de tais tipos de magia, por que este circuito existe, como ele acontece, etc.

⁵ TAUSIET, M. *Ponzoña en los ojos. Brujería y superstición en Aragón en el siglo XVI*. Madrid: Turner, 2004. TAUSIET, M. *ABRACADABRA OMNIPOTENS. Magia urbana en Zaragoza en la Edad Moderna*. Madrid: Siglo Veintiuno, 2007.

⁶GARI LACRUZ, Á. *Brujería e inquisición en Aragón*. Zaragoza: DELSAN, 2007.

A tese recentemente defendida por Marta Pastor Oliver *El Tribunal Inquisitorial de Zaragoza Bajo el Reinado de Felipe IV* não teve sua leitura incorporada ao processo de confecção desta tese, mas revela de qualquer maneira o quão vivos permanecem os temas da Inquisição que com sua pesquisa possuem afinidade.⁷

Os documentos da Inquisição de Zaragoza compõe o principal suporte documental desta investigação⁸. Outras experiências anteriores de pesquisa demonstraram que, à medida que a análise dos documentos afastava as problemáticas da mesa do inquisidor, o número de variantes e de possibilidades de investigação aumentava e tocava em temas mais complexos, e que, ao mesmo tempo, davam conta de problemáticas diferentes das exploradas anteriormente por outros autores. À medida em que eram analisadas as relações de causas da Inquisição de Zaragoza depositadas no Archivo Histórico Nacional de Madrid e os processos colhidos no Archivo Histórico Provincial de Zaragoza, se constituía uma imagem das práticas mágicas com uma dinâmica própria, mas certamente relacionada à Inquisição. Em outras palavras, a partir da análise deste suporte documental, a idéia foi buscar a magia nos depoimentos das testemunhas e dos réus da inquisição. A relação com os documentos da inquisição para reconstituir diferentes processos sociais já foi amplamente discutida e requer cuidados não livres de contaminações de seu próprio estatuto de produção, de criação e de armazenamento.⁹

A melhor abordagem para compreender as relações entre as diferentes representações da magia, suas práticas e os sentidos que se estabelecem na sociedade é uma história do imaginário. Nas palavras de Robert Muchembled, as práticas de magia podem ser elucidadas através do imaginário, considerado um objeto de pesquisa verossímil tal como as ações visíveis dos homens. Ainda segundo ele, o imaginário não constitui uma espécie de véu geral proveniente de desígnios divinos, nem de um inconsciente coletivo no sentido de Jung, e sim de um fenômeno coletivo bastante real, produzido pelos múltiplos canais que irrigam uma sociedade.¹⁰ E segue dizendo, com razão, que podemos imaginar este maleável sistema do imaginário coletivo como a imagem de uma rede de canalizações invisíveis irrigando o mesmo conjunto, mas não

⁷ PASTOR OLIVER, M. *El Tribunal Inquisitorial de Zaragoza Bajo el Reinado de Felipe IV*. Tese de Doutorado apresentada à Universidad de Zaragoza, 2010.

⁸ AHN, Sección Inquisición, Libros 988 a 998.

⁹ GINZBURG, C. “O Inquisidor como antropólogo: Uma analogia e suas implicações”. In: *A Micro-História e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL/Bertrand Brasil, 1991, pp. 203-214.

¹⁰ MUCHEMBLED, R. *Una Historia del Diablo*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002, pp. 10-11.

liberando a mesma quantidade, nem exatamente a mesma qualidade, de idéias e de emoções para aqueles a quem ela serve, depois de ter passado por muitos filtros e canais, sem esquecer, as contraculturas, que rejeitam ou desviam estas mesmas passagens.¹¹

Mas a história do imaginário no nosso caso está intimamente vinculada à produção e difusão oral de informações e, sobretudo, muito freqüentemente, de textos que entram nos circuitos de produção, difusão e consumo – ou prática – da magia. O trabalho com textos da Inquisição em busca das práticas mágicas baseadas na oralidade e composição de textos exigia uma dupla crítica textual: a dos documentos inquisitoriais e dos próprios textos mencionados no corpus documental, dos quais muitas vezes encontramos apenas conjuntos de sentidos e cuja caracterização dificilmente traz uma menção explícita de formatos, tamanhos e suportes específicos destes textos. Assim, concordando com Daniel Roche, a quantificação do suporte documental não se constituiu como uma finalidade para a pesquisa histórica, mas como um meio para que seja mais complexa e problematizadora. Junto a ela, uma análise qualitativa e individual dos sujeitos históricos a partir de uma análise particular complementa os estudos a partir da escolha serial. Desta conjunção nascem as percepções dos grandes processos e das escolhas mais miúdas, destes formatos e suportes dos textos buscados e de seus conteúdos, da temporalidade da curta duração, da média duração e da longa duração, das posições sociais e das escolhas culturais dos sujeitos históricos.¹²

Os sinais sobre textos e livros mágicos eram significativos e começaram a tomar contorno cada vez mais fundamental conforme avançava a leitura das causas e processos. Assim, os procedimentos de produção de textos, cópia de textos, ingestão, consagração, venda e posse, mostraram que sua interpretação poderia render bons frutos na compreensão das funções e experiências relacionadas não só com relação à necromancia, mas também com relação às artes curativas, à busca de tesouros e à relação com as forças do mal.

Um terceiro e último aspecto que parece bastante evidente na documentação, no que diz respeito a uma história da magia masculina em Aragón, é a presença de uma rica e importante cultura material relacionada aos atos e protocolos mágicos. Esta

¹¹ MUCHEMBLED, R. Idem, pp. 10-11.

¹² RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, pp. 41-42.

cultura dos objetos inclui a materialidade dos artefatos com poder, além dos papéis e textos em seu caráter objetivo, que também fazem parte deste escopo material. Pode-se dizer, então, que a pesquisa pode ser considerada como uma história do uso dos objetos mágicos utilizados por homens, com especial atenção aos textos e livros mágicos, seus usos e funções sociais a partir dos quais, portanto, evidenciam-se as representações e alguns aspectos do imaginário da magia.

No Capítulo 1, “A Necromancia”, o objetivo é demonstrar como a partir de uma íntima relação já existente entre os lados espanhol e francês da fronteira dos Pirineus foi construído um corredor no qual circulavam inúmeros praticantes de magia e, a partir de seu trânsito, a distribuição e o uso de inúmeros objetos, papéis, e livros mágicos que auxiliavam os homens praticantes de magia a realizar suas cerimônias, suas criações mágicas e, em alguns casos, truques, falsificações e ilusões. Dentre estes diferentes papéis, textos e livros, alguns tinham certa popularidade entre os réus da inquisição, sobretudo aqueles que eles chamavam de *Clavicula Salomonis* ou *Clavicula de Salomon* e o *Libro de San Cipriano* ou *Ciprianillo*. Uma das grandes questões é que, como todos os textos do período, a *Clavícula* não possuía um suporte definido, uma versão estabelecida como oficial. A produção e reprodução destes textos influíam e muito na realização de determinados tipos de magia. Mais ainda, a forma como estes textos eram apropriados pelos réus e como estas apropriações¹³ se transformavam em magia de forma efetiva também contam bastante, revelando os códigos da conduta e da crença na magia, os símbolos e os espaços ocupados pela religião católica, em suma, os espaços de interconexão e convivência entre estes dois campos. A necromancia, considerada ilícita, determinava a si própria como uma magia expúria ou desautorizada como as suas demais correlatas. Sendo assim, determinava também ao mesmo tempo como ‘naturais’ as magias fora de seu âmbito de atuação simbólica. Isso não exclui os aspectos de ambigüidade, exclusões, tensões e negações de ambos os campos simbólicos, muitas vezes confundidos por inquisidores e pelos seus próprios praticantes, confusão muitas vezes representada pelos próprios objetos mágicos em circulação e uso.

O Capítulo 2 “O Curandeirismo” trata das interconexões entre a necromancia como uma magia material, conhecida como tal por seus praticantes, e os diferentes

¹³ CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 259 e ss. Certeau se utiliza deste conceito para ampliar a noção de difusão do conhecimento e a capacidade cognitiva de utilizar um texto não apenas dentro do caminho interpretação-armazenamento-difusão como um circuito fechado mas de maneira a demonstrar que a relação entre estes partes possui inúmeras variáveis e que cada parte possui uma relação específica com a outra.

aspectos do curandeirismo, que era visto algumas vezes como uma magia benéfica e outras vezes apenas como embuste ou meio de sobrevivência de pobres e vigaristas.

Estes agentes da cura, situados entre a função da fé como cura, e o simples embuste para a própria sobrevivência, despertavam diversos olhares para si próprios. No plano existencial, a necessidade da ‘cura’, de maneira especial, para os grupos não privilegiados da sociedade de Aragón, fazia com que recorressem aos agentes da cura sem fazer distinção entre aqueles que queriam apenas aplicar embustes ou aqueles que acreditavam que podiam curar certos males do corpo e da alma. Na verdade, por vezes, seus praticantes não tinham convicção de seus poderes de cura.

O uso dos diabos ou do Diabo para a cura é o elemento que causa a ambigüidade entre o autorizado e o não autorizado. Aqui o *saludador*, coloca-se na fronteira entre o praticante da cura e o praticante do malefício. Antes de mais, aqui, o Diabo participa destas mediações de maneira sutil exibindo-se apenas o necessário quando solicitado pela inquisição ou mesmo quando o próprio curandeiro faz questão de mencioná-lo.

Como se vê, a necessidade de sobrevivência e o comércio da cura, praticados pelos agentes deste tipo de magia em sua luta pela sobrevivência, colocava-os em pólos distintos de seus comensais, mesmo que muitas vezes estivessem em uma mesma situação existencial: da pobreza e da ausência completa de quaisquer das assistências terapêuticas.

A parte que compõe o capítulo 3, “As terras inventadas, os tesouros e outras práticas mágicas”, trata de uma forma difundida e amplamente conhecida do uso da magia: a busca de tesouros. Aqui se pode identificar mais uma conexão entre o campo da feitiçaria ou da magia materialista – a necromancia –, que utilizava a *Clavicula Salomonis* para seus rituais, e outros tipos de magia que utilizavam textos e livros mágicos.

Descortinam-se, também, muitos dos objetivos de grupos e indivíduos interessados na busca de riquezas e também quais eram as dinâmicas engendradas neste processo de busca e quais as consequências de tais processos.

A concepção de distanciamento e de uma terra inventada, a França, se constituía no imaginário dos praticantes da busca de tesouros um “outro lado da fronteira” para conseguir clientes, e objetos mágicos, garantindo a fidedignidade de certos processos com sua chancela de autenticidade do “além Pirineus”.

O último capítulo, de número 4, intitulado “O Diabo: ele está no meio de nós” serve como encerramento do argumento iniciado em ‘A necromancia’. O diabo está

presente em terras aragonesas e, muito especialmente, na magia masculina. Sua presença em alguns tipos de magia, e sua ausência em outros tipos, estabelece uma fronteira tênue entre as diferentes formas mágicas, a clientela que freqüentava certos magos e, ao mesmo tempo, que compunha as relações de homens e mulheres com estes ‘diabos’ e com suas diferentes representações. A pleora de formas, nomes, funções, aparições dos diabos, e de seus amigos – para não dizer sequazes e artífices – conviviam entre si e a pluralidade de formas e representações compunham o panorama das relações entre as representações do diabo e os homens.

Em sua pluralidade, o diabo ocupava o lugar do salvador, do acosso e da obsessão. Representante da própria ambiguidade da magia, podia se tornar o servo e companheiro ou o difusor de uma possessão em série cuja única cura era o manual de exorcismo.

Os próprios manuais, como o de Fray Luis de la Concepción, também tinham suas ambiguidades, fosse em seu estatuto de existência, fosse pelas suas apropriações pelos praticantes de magias e de exorcismos. Contaminado pelas próprias representações do diabo, era apropriado como manual para invocações do diabo servo e companheiro ou utilizado como elemento purificador do mais arraigado catolicismo. O próprio estatuto de instabilidade das representações e funções do diabo representa os conflitos daqueles que o invocavam para os mais diversos fins ou que tentavam debelá-lo, por simbolizar um caos indesejável manifestado das mais diversas formas cujo suporte principal era a magia.

1 – A Necromancia e a Feitiçaria

As representações

Os textos

As superstições

As representações

A necromancia pode ser considerada prática mágica por excelência relacionada ao gênero masculino assim como a feitiçaria está relacionada ao gênero feminino. Segundo Caro Baroja, a necromancia era a magia masculina por ‘antonomasia’.¹⁴

Desenvolvida em grande parte na Idade Média, a necromancia era fruto de uma ordem do mundo organizada sob determinados princípios.

Durante os primeiros séculos da era cristã, a necromancia – (*gr.* νεκρομαντεία, *lt.* *necromantii*, *necro* – morte; *mantia* – adivinhação) – possuía duas formas distintas e definidas de atuação: inspecionando o corpo dos mortos ou invocando as almas dos mortos.¹⁵

Isidoro de Sevilla ao referir-se à definição da palavra necromancia, a compreende como forma de adivinhar invocando os mortos e utilizando sangue, uma vez que separa, dentro das artes mágicas, as artes divinatórias – hidromancia, a adivinhação por palavras e invocações, pelas horas, pelo vôo e canto das aves e pelos astros – ou outras fundadas na sorte, das magias relacionadas às ligaduras, aos astros e outras realizadas com caracteres.¹⁶ A definição de Isidoro de Sevilla foi fundamental, pois como autorizada pela Igreja, deu origem a leituras posteriores a respeito do fenômeno. No *Tesoro de la Lengua Castellana*, Sebastián de Covarrubias Orozco¹⁷ repete a fórmula elaborada por Isidoro de Sevilha na qual se refere à necromancia como a “*Arte de Adivinar invocando los muertos*”, *Lat. Necromancia*, à *Graeco νεκρομαντια*, à *νεκρος*, *mortuus*, *μαντια*, *divinatio*, e segue dizendo que “Esta arte e outras, como

¹⁴ CARO BAROJA, J. *Vidas Mágicas e Inquisición*. Madrid: Istmo, 1992, p. 217.

¹⁵ CARO BAROJA, J. *Ibidem*, p. 217.

¹⁶ CARO BAROJA, J. *Ibidem*, p. 217.

¹⁷ COVARRUBIAS OROZCO, S. *Tesoro de la Lengua Castellana*. Madrid: Luiz Sánchez Impresor del Rey Nuestro Señor, 1611, p. 564.

quiromancia, hidromancia, geomancia, etc., estão proibidas pelos sacros cânones, e ultimamente pelo Santo Concílio Tridentino”, chamando de Nigromântico, aquele que “usa de superstição”, uma definição mais parecida com a impressão das autoridades eclesiásticas.

Posteriormente, acreditou-se que estas aparições dos mortos eram falsas ou fingidas e que quem se apresentava, na realidade, era sempre o demônio, do que se dizia que por isso era vedada a arte da Necromancia, porque se sabe de maneira segura que não estava em poder dos necromantes fazer voltar a los muertos à vida sob seu comando e que, notadamente, era o diabo o que acudia ao cerco mágico que o necromante fazia.¹⁸

A definição de Raphael Bluteau do século XVIII concorda com algumas das idéias prenunciadas por Isidoro de Sevilla em suas *Etimologías* e podemos dizer que mesmo o Bluteau tinha como base a teoria daquele autor. No Bluteau, a definição de necromancia com algumas variantes é exposta como segue

Nigromancia ou negromancia. Deriva-se do grego, **Necros**, negro, & **Mantia**. Val o mesmo que **magia negra**. He o nome que se dá à execranda, & abominável arte de invocar o demônio, & fazer o pacto com elle para obrar cousas sobrenaturais. Dizem que o inventor desta diabólica sciencia fora um certo Zabulo, o qual (na opinião do P. Matinho Del rio da Cia. De Jesus na 3. questão do 4. livro das suas disquisiciones mágicas) he o próprio demonio, a que São Cypriano, e outros padres chamam Zabulo.¹⁹

Em tempo posterior a Isidoro de Sevilla, passou-se a utilizar comumente, em castelhano, a palavra *nigromancia*. Segundo Caro Baroja, o conceito de nigromancia seria mais “vago e impreciso”. No entanto esta ampliação icônica do conceito *necromancia* para a sua derivada *nigromancia* obedeceu a lógica de um desenvolvimento próprio e que conformou práticas mágicas especializadas.

¹⁸ VENEGAS, A. “Agonía del tránsito de la muerte. Cuarto Punto, Capítulo IX”. In: *Escritores Místicos Españoles I*. Madrid: Nueva BAE, XVI, 1911, p. 204. CARO BAROJA, J. *Vidas Mágicas e Inquisición*. Op. Cit., p. 218.

¹⁹ BLUETAU, R. *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra, 1712-1728, p. 719.

A linguagem utilizada por inquisidores, réus e pela linguagem dos difusores conceituais atestou esta lenta modificação na morfologia da necromancia da Idade Média para a Alta Idade Moderna e, muito especialmente, para o período do Século de Ouro espanhol. Subsistiram, então, a prática de invocar os mortos unidas a outras, entre as quais o uso de corpos humanos e de animais para realizar feitiços, a adivinhação do porvir, entre outras que se somaram às anteriores. Da necromancia, a adivinhação a partir da invocação do espírito dos mortos, das entranhas de animais mortos, de práticas anímicas realizadas com a morte em contato com objetos, rituais, sacrifícios, existiu uma evolução para a *nigromancia*, uma magia diabólica que envolvia livros e papéis mágicos – com a presença facultativa da Bíblia ou seus trechos misturados, recortados e adicionados aos papéis mágicos –, objetos que remetiam à morte, – como cabeças humanas, nós de cordas utilizados para enforcamento de condenados, pedaços de pele, unhas, cabelos, ossos de pernas, braços, mãos, objetos enterrados com os mortos a exemplo de certas roupas, sapatos, anéis, colares e outros itens, além da própria terra de cemitério –, além de pele de animais mortos para realização de pergaminhos, sangue de animais mortos para alguma forma de ritual anímico, e a prática de invocações – seja do que os praticantes chamavam de espíritos familiares, seja o que os praticantes e inquisidores e autoridades da Igreja chamavam de diabos – além de outros e diversos itens relacionados à morte.

Estas especificações eram muito importantes e decisivas, tanto no trabalho de execução da magia por parte de seus praticantes, pois o sucesso de cada ritual era minuciosamente elaborado à risca e, seus efeitos dependiam da organização e consecução minuciosa de todos os passos e coleção de todos os objetos definidos por uma autoridade simbólica que entendesse do assunto – isso significava ter experiência de outros rituais anteriores e utilizar literatura específica para tal –, quanto à coleção que cada réu realizava e que os inquisidores ora se nos oferecem através das relações de causa anuais e pelas notícias dos processos da Inquisição. Como nos lembra Henry Charles Lea, em se tratando de feitiçaria, não havia *parvitas materiae*, ou seja, em outras palavras cada ritual deveria ser esquadrihado em todos os detalhes possíveis para que fosse avaliado pelo qualificador que decidia então em qual matéria herética se enquadrava.²⁰

²⁰ LEA, H. Ch. *Historia de la Inquisición Española*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1983, p. 576.

Mesmo assim, a documentação indica os usos mais comuns da palavra *nigromancia* e que de alguma maneira expõe também o que os atores sociais – inquisidores, autoridades e magos – pensavam a respeito deste campo de atuação da magia. A respeito das noções encontradas nos documentos inquisitoriais, a necromancia possui acepções que revelam seu campo de atuação e simultaneamente supõe suas formas-práticas. A magia praticada por Antonio de Filleras é considerada da necromancia é assim descrita:

Antonio Filleras clerigo francés canónigo que se dice de Tolosa de Francia por decir que estaba con cierta persona que le mostró ciertos **conjuros de nigromancia** y otras cosas que sabían a **heregía manifiesta** y decir que lo verificaría todo el cual ha estado negativo y no fue y no fue [sic] del todo convencido, [sentença em nota marginal à esquerda: “Abjuro de vehementi y fue suspendido de las ordenes por toda su vida y recluso a un monasterio/ a arbitrio.”²¹

Na causa de Alejo Cabello há outra acepção de necromancia relacionada desta vez ao conceito de arte mágica e, ao mesmo tempo, à noção de curandeirismo. Em sua causa, a necromancia é assim mencionada:

Alexos Cavello moriego de María de edad de 20 años fue testificado por tres testigos mayores cristianos viejos los dos dicen que el reo les dijo sabía curar todas enfermedades y que trayéndose la orina de cualquier enfermo aunque fuese de veinte leguas diciéndole el nombre acertaría la enfermedad y le curaba ya de vista cuando un alcalde preguntándole si sabía leer y escribir moriego el respondió que sí y para mostrarlo escribió en presencia de todos testigos dos Renglotes de letras moriega y que aquello que escribía era bueno para conjuros y declaro tenía un libro moriego – el otro testigo dice que estando enfermo a una hinchazón de piernas llamo al reo para que le viese ya viéndole visto dijo [cuando, que, q³] se daría sano dentro de dos o tres días y estándole curado le vió que rezaba entre sí Preguntándole que

²¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fols. 17r., 30r. e 31v. Causa de Antonio Filleras.

rezaban dijo que fue oraciones – y dijo en presencia del testigo a dicha persona que tal la enfermedad cuándo él le curaría y le puso un brazo de carnero sobre el estómago **y que si aquello no bastase que le curaría por arte de nigromancia** y que para ello tenía un libro de mucho precio y declaró que sabia curar de mal de corazón aunque aquella cura era muy dificultosa porque para hacerla había que desnudarse en carnes y pelear con el demonio y azotarle y que si el quería haría que todos los diablos viniesen adonde el estuviese y les compensaría a ello con el libro que tenia y que venciendo el demonio mayor los demás luego le sujetarían.²²

A necromancia también é considerada como uma sorte de feitiçaria, como nos revela a causa de Isabel Martinez y Fuertes. Estando uma mulher viúva em sua casa, recebeu Isabel com três homens que, segundo revela o notário nas palavras das testemunhas, iria praticar necromancia chamada aqui de “feitiço”

en julio de 1606 que estando en casa de el primero testigo por la cuaresma de 1606 entro la rea con tres hombres que dijeron eran nigrománticos y que iban a hacer hechizos a la dicha casa y que sacaron sangre al testigo del lado izquierdo y escribieron en unas letras en unos papeles y dijeron que iban hacer con ellos unos hechizos.²³

Neste caso, uma definição bastante apropriada e operacional da necromancia é a de Fray Martín de Castañega em sua diferenciação, ainda que sutil, entre a magia praticada pelos homens e pelas mulheres. Nela, Castañega diz a respeito da necromancia

Lo sexto, porque los hechizos que los hombres hazen atribuyense a alguna ciencia o arte y llamolos el vulgo nigrománticos y no los llaman bruxos: como eran los sabios maléficos de farao [sic] que los doctores les llaman magos los cuales con sus encantaciones hacían

²² AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fols. 418v-419v. Causa de Alejo Cabello. Grifo meu.

²³ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 97r. Causa de Isabel Martínez y Fuertes.

nacer y parecer por ministerio diabólico diversas serpientes en presencia del Rey contra haciendo los verdaderos milagros que hazia Dios por Moysen. E como era Balaam profeta nigromántico (...) pero a las mujeres como no tienen excusa por arte o ciencia nunca las llaman nigrománticas (aunque Juan de Mena por mas lindeza dixo por mas lindeza Medea es nigromantesa) salvo megas bruxas hechiceras xorguinas o adevinas como la Pitonisa a quien tuvo recurso [sic] Saul pa [sic] saber si sería vencido o vencedor en la batalla que esperaba contra los filisteos mas en la verdad así son los bruxos los que el vulgo llama nigrománticos como las mujeres simples al demonio consagradas por sus familiares porque el demonio no acude ni responde a las invocaciones y conjuro del nigromántico por alguna virtud o eficacia quien su arte o ciencia tenga sobre el demonio porque no hay tal ciencia ni arte salvo por el pacto y familiaridad que con el se tiene y assi no ay otra diferencia entre los ministros del demonio sino las diferencias das maneras que el demonio (sic) tienen para engañar y contraer su familiaridad con los hombres: de manera que aquel será mas nigromántico que mas familiaridad tuviere con el demonio y mas siguiere y cumpliere su voluntad y no por saber mas artes o letras como es en las ciencias verdaderas.²⁴

A história da necromancia está no limiar entre a História da Magia e a História da Feitiçaria. Por isso mesmo, a necromancia se define como uma magia expúria, não autorizada, ligada à morte e ao diabo. Magia expúria, pois, em tese, se opunha à Magia Natural. A Magia Natural que se não era considerada inofensiva, era tolerada, pelo seu caráter de descoberta das correlações ocultas às quais os homens poderiam ter acesso através do conhecimento de rituais, elementos, objetos e letras, todos combinados. A magia necromante era considerada antinatural e por isso também diabólica, uma vez que separava o homem de Deus (no sentido de *diabolos* sendo o contrário de *símbolos*, em suma, aquele/aquilo que separa o humano de Deus) e que é antitético à sua vontade (no sentido grego de *satanás*, aquilo/aquele que se opõe a Deus).

²⁴ CASTAÑEGA, Fr. M. de. *Tratado muy sutil y bien fundado de las supersticiones y hechicerías*. Logroño: Casa de Miguel de Eguía, 1529, Fols. 12v.-13r. A numeração foi dada a partir da página de rosto substituída no documento a que tivemos acesso uma vez que a original havia sido arrancada.

Entretanto, o que era considerado natural muitas vezes era ignorado como tal pelos inquisidores. Muitos destes fatos, considerados então supersticiosos, eram incluídos no rol da censura institucional refletida na opinião de inquisidores e qualificadores e, a partir de determinado momento, pelo *Índex Librorum Proibitorum*.

Um dos exemplos mais comuns do controle inquisitorial sobre o que se considerava possivelmente supersticioso era o uso de certas ervas cuja eficácia era mencionada tanto através do aprendizado entre praticantes quanto em sua presença em livros considerados científicos.

Don Miguel Francisco de Pedregosa, havia consultado o livro de Pedacii ou Pedanii Dioscórides Arnazabei, certamente *De Materia Medica*, em alguma versão das cópias realizadas a partir da versão de Andrés Laguna, amplamente difundida na Península Ibérica, para realizar certo tipo de aviamento mágico

dicho Sánchez, pero creído por este reo, y dicho Clavero, que le instaron mucho para que les enseñase dicho sitio donde había estado con dicha mujer, y prosiguiendo con dicha ficción los llevo a él y se les señalo, y este reo propuso algunas dudas sobre que el había mirado en Dioscorides y no había encontrado con tales yerbas.²⁵

Os inquisidores tinham conhecimento de que algumas ervas possuíam propriedades medicinais consideradas naturais. Mesmo assim, em vários casos de cura supersticiosa, para controlar a prática da feitiçaria e da necromancia, em diversas sentenças, havia a ordem dos inquisidores para que não se praticassem mais curas ainda que fossem com ervas naturais.²⁶

Outro exemplo mais concreto relacionava-se às obras de magia que transitavam no limite tênue entre os dois lados da fronteira entre a Magia Natural e a Necromancia. O livro de Enricus Cornelius Agrippa Von Neddeshheim *De Occulta Philosophia* pode ser considerado um bom exemplo. O livro é dividido em várias partes, sendo a primeira delas intitulada Magia Natural. A despeito do título, esta primeira parte do livro contém elementos considerados passíveis de censura, particularmente os trechos nos quais se

²⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 422r. Causa de Don Manuel Francisco de Pedregosa.

²⁶ Várias sentenças possuem esta ressalva. Cf. AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 90v.-95v. Causa de Juan Francisco de San Agustín.

dedica a instruir seus leitores na confecção de encantamentos, venenos, perfumes, defumações e defumadores, filtros e anéis²⁷, matéria semelhante à que se encontrará também nas versões da *Clavicula Salomonis* mencionadas nas causas inquisitoriais.

Os homens praticantes de necromancia, denominação de inquisidores e qualificadores, mantinham uma relação com a tradição de prática de magia em três campos diferentes: através da própria religião vigente, a cristã católica nos exemplos contidos na Bíblia e assim através da imagem que criaram acerca de alguns dos mais conhecidos magos da Antiguidade, através das proibições impostas a diferentes práticas da magia pela Igreja em diferentes papéis, escritos e fórmulas, e através de escritos mágicos, livros, panfletos e pequenos textos que circulavam em quantidade e variedade significativas o bastante para que certas fórmulas, cerimoniais, receitas e objetos fossem difundidos de maneira numerosa entre os praticantes de magia enredados pela Inquisição.

A magia da Idade Média criou seu próprio corpo de imagens e concepções a respeito da Antiguidade. Esta imagem da antiguidade idealizada pelo seu poder mágico de operar coisas impossíveis, que conciliava rejeição pelos seus valores religiosos e o desejo do seu poder de operar a magia, fosse ela diabólica ou não, estava presente nas principais representações que, mais tarde, dariam origem a alguns livros de magia mais conhecidos na Europa. Os epítetos destas representações, com efeito, foram os magos que E. Butler chama de “homens santos judeus”²⁸, personagens com capacidades mágicas extraordinárias – dentre os quais Salomão –, e os magos considerados herdeiros desta tradição oriental – especialmente, Cipriano de Antioquia, o mago –, que depois será conhecido como São Cipriano.

A imagem do “homem santo judeu” ou do “Rei Judeu” criou uma série de representações de poder mágico bastante significativas na Baixa Idade Média que daria uma peculiar interpretação a diferentes trechos do primeiro testamento.

O Rei Salomão ou *Sulaiman* na tradição islâmica foi figura conhecida e cultuada em suas variadas representações. A lenda de Salomão se desenvolveu sobre pautas bastante diferentes. A imagem do Rei sábio e as representações que giravam em torno de si fizeram de Salomão prisioneiro desta figura. De qualquer maneira, nos primeiros

²⁷ AROZENA, B. P. de. “Introducción”. In: AGRIPPA VON NEDDESHEIM, Enricus Cornelius. *De Occulta Philosophia. Libro Primero. Magia Natural*. Madrid: Alianza Ed., 1992, p. 16.

²⁸ Cf. BUTLER, E. M. *El Mito del Mago*. Madrid: Cambridge University Press, 1997, p. 48 et seq.

relatos da vida de quem seria um mago destacado (Sobretudo em Reis e Crônicas) não existe alusão de que praticara qualquer tipo de magia, apesar de sua figura se ver envolvida em uma aura de mistério. Filho menor de David e Betsabá fora designado por seu pai como seu sucessor (porque o Senhor o amava).²⁹ Após sufocar a rebelião de seu irmão mais velho, Adonias, que exigia para si o trono real, e depois de haver sido proclamado e ungido Rei por seu pai já agonizante, Salomão se transformou em soberano de Israel e casou-se com a filha do faraó. Conta-se, então, que foi nesta ocasião que o Senhor lhe apareceu em um sonho e lhe disse: “Peça-me que a ti será dado”. Salomão pediu “um coração sábio e prudente” e foi atendido, já que Deus lhe dissera: “por não ter existido outro como a ti, nem depois de ti outro se levantará”. E como não havia desejado nem riquezas nem honrarias, estas lhe foram presenteadas como recompensa: “haverá entre os reis outro como a ti em todos os teus dias” e “como nunca existirão os reis que haviam sido antes de ti, nem terão os que venham depois de ti”, fora-lhe revelado em profecia.³⁰

A esta cena transcendental na experiência de Salomão seguira-se o conhecido arbítrio das duas prostitutas que proclamavam ser mães do mesmo filho. Na dúvida a respeito da maternidade entre as duas, que teriam tido filhos ao mesmo tempo, Salomão pediu uma espada para que o menino fosse cortado ao meio, e que cada parte fosse dada a uma daquelas mulheres. Comovida, a mulher que não se conformava por ter seu filho morto e ter tomado o filho vivo da outra, revelou sua mentira e promoveu assim o reencontro da verdadeira mãe com seu filho.³¹ Pouco depois haveria outro testemunho da sabedoria e conhecimento de Salomão

E Deus deu a Salomão a sabedoria e prudência muito grandes, e grandeza de coração, como a areia que está à beira do mar. E era a sabedoria de Salomão maior que a de todos os filhos do Oriente, e que toda a sabedoria do Egito... e sua fama chegou a todas às nações à sua volta. E compôs três mil provérbios, e seus cantares foram cinco mil. Também dissertou sobre as árvores, desde o cedro do Líbano até o hissopo que nasce no muro. Também dissertou sobre os animais, sobre as aves, sobre os répteis e sobre os peixes. E para ouvir a sabedoria de

²⁹ SAMUEL 12, 24.

³⁰ REIS 3, 5.

³¹ REIS 3, 16-28.

Salomão vinham de todas as vilas e povos de todos os Reis da Terra, onde havia chegado sua fama e sua sabedoria.³²

Algumas realizações de Salomão foram realmente surpreendentes e a comoção causada por suas riquezas e por sua glória foram simbolizadas na construção do templo. Com a ajuda de Hiram de Tiro, foram reunidos os materiais, a mão-de-obra e os tesouros e depois de sete anos de trabalho, a obra ficou concluída em toda sua suntuosidade. Em sua ausência, um exército de espíritos substituiu este e seus trabalhadores, sinal de seu poder sobre os espíritos e a magia.³³ A Arca da Aliança teria sido depositada no santuário e o templo dedicado ao Senhor. Terminada a cerimônia, Salomão teve a segunda visão na qual a promessa de uma futura glória para ele e seu povo eram acompanhadas por graves advertências contra o culto aos deuses. A detalhada descrição que se segue trata da construção de seus palácios e de seu trono inigualável. Talvez por isso mesmo, aqui aparecem os primeiros indícios do desvio de Salomão da virtude em direção apenas rumo à cobiça e ao mundano.

Há outras descrições no livro de Reis que demonstravam a suposta riqueza e opulência de sua época: “nos tempos de Salomão, a prata era tão comum quanto as pedras existentes”. O episódio do teste da sabedoria de Salomão pela Rainha de Sabá para provar o Rei com perguntas difíceis demonstrava ainda sua superioridade sobre todos e a reputação de sabedoria, riqueza e glória do Rei em seu auge. Em especial, demonstra também, metaforicamente, a superioridade do homem sábio sobre uma mulher em sua composição anímica mais profunda e espiritual. Em outras palavras, reforça naturalmente a superioridade do homem sobre a mulher e da sabedoria do mago sobre os ardis femininos.

Mais tarde, contudo, as mulheres levariam a sua suposta pureza etérea e espiritual a um triste fim. Entre as setecentas mulheres que, junto com trezentas concubinas, formavam o harém do Rei, havia muitas estrangeiras que adoravam a deuses de outras terras e assim haviam se apartado do “Senhor”; os deuses eram Astoret, a deusa dos sidônios, Milcom (ou Moloc), o deus dos Amonitas e Quemosh, ídolo de Moab. Foram construídos para eles altares em locais elevados, incensos foram queimados em sua homenagem e foram realizados sacrifícios a estes e outros deuses.

³² REIS 4, 29-34.

³³ BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 59.

Salomão, por este motivo, parece perder seu império sobre Edom antes de morrer e “descansar com seus pais”.³⁴ Estas mulheres estrangeiras, que provocaram o desejo do sábio Rei e pelas quais havia se apaixonado perdidamente, causaram sua ruína, ainda que seu fim segundo as fontes bíblicas tenha sido omitido propositalmente.

Outro corpo de fontes, baseado em contos, lendas, fábulas e poemas, costura algumas das representações que teriam mais impacto para formação de uma imagem cristalizada dentre suas concorrentes.³⁵

A chegada de um menino de nateza real, cujo nome significava “apacível” foi precedida de uma anunciação de tipo clássico; sua infância se viu ameaçada por Belzebu e uma sabedoria sobrenatural se manifestou nele a partir de um juízo extraordinário quando tinha apenas três anos; dita sabedoria continuou se manifestando durante toda sua infância e adolescência em forma de perguntas e respostas aos mais velhos. A iniciação combinada com uma tentação ou prova se produz quando o Senhor aparece a Salomão em um sonho e lhe pede que escolha um desejo.

Este corpo de lendas acrescenta o anel mágico, cujas quatro pedras preciosas outorgavam poder ao Rei poder sobre os ventos e as forças da natureza, os pássaros, as feras, os homens, os espíritos terrenos e celestes ou infernais. Assim, se viu transformado, em apenas uma noite, no mago mais poderoso que o mundo jamais havia conhecido, e passou a representar seu rito de iniciação, segundo Butler, “o desejo-sonho do primitivo curandeiro”.³⁶ Esta iniciação dava origem a um conflito entre a sabedoria e o poder. O anel de Salomão simplificava todas as tarefas milagrosamente: os espíritos malignos que impediam a construção do templo foram colocados a favor de sua construção. Aqui, o então líder de tais espíritos ou gênios – jihns –, Asmodeu, mais tarde conhecido como um dos diabos da mais alta corte infernal, e adversário de Salomão, foi submetido pelo poder do anel e obedecia às ordens do Rei. Seus poderes fizeram, então, erigir o palácio de Salomão e seu trono. Entretanto, a peça que os demônios pregariam em Salomão revela o importante papel dos textos e livros a partir de então para a magia dos homens: os demônios haviam enterrado secretamente, sob o trono de Salomão, os livros de magia através dos quais, pelos rumores que os próprios demônios fariam correr, o rei teria praticado magia negra para atingir seu fim.

³⁴ BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 58.

³⁵ FLEG, E. *Life of Salomon*. London: V. Gollancz, 1929, Apud BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 60 et seq.

³⁶ BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 61.

A fábula atesta, com fim moralizante, que o conhecimento de Salomão não o fazia feliz e tampouco e sua sabedoria em excesso não lhe conferia um conhecimento absoluto de tudo, cercado-o de uma glória quase cegadora portadora de insatisfação e infelicidade. Além do mais, o amor e a morte estavam fora de seu controle, o que inferia que a magia também possuía suas limitações.

Além deste conjunto de representações, os mais comuns ainda eram o desafio à sua sabedoria pela Rainha de Sabá e sua constante busca pela sua sabedoria. Neste conjunto, o desejo pelas mulheres teria sido também sua ruína. Asmodeu, em nome desta mesma luxúria, havia pegado seu anel mágico e atirado no fundo do mar, tomando sua forma. Relegado à pobreza, teria se arrependido, segundo a tradição talmúdica, e então recuperado seu anel no ventre de um peixe. Poderoso novamente, e consciente de sua lição, Salomão prendeu Asmodeu e os demônios em uma redoma e, fechando-a com seu anel mágico, atirou-a no fundo do mar.

O fim de sua vida permaneceu desconhecido com algumas menções a respeito da destruição do templo e de sua posterior reconstrução final segundo a tradição judaica o que lhe traria uma aura de herói. Na tradição cristã, morreu como pecador. Na tradição corânica, Salomão aparece como o homem sábio em seu último truque mágico. Próximo da morte rogou ao Senhor que mantivesse oculto seu destino com relação a Asmodeu, para que terminasse a construção do templo. Tendo sido concedido seu desejo, Salomão morreu em pé apoiado em seu bastão e Asmodeu só descobriu sua morte mais tarde quando um verme roeria seu cajado e seu corpo inerte cairia no chão. Em algumas representações, o templo terminou de ser construído ato seguido a esta descoberta, e em outras, teria permanecido sua construção incompleta.

Poucas figuras tiveram a repercussão de Salomão com relação à prática da magia. O número e a variedade das fontes a respeito de suas representações – A Bíblia, o Talmud, o Corão, As mil e uma noites, a grande profusão de poemas persas e turcos, o Testamento de Salomão, a *Gesta Romanorum* e a *Clavicula Salomonis* medieval – compõem uma série numerosa de fontes, mas seguramente pode-se concordar com E. M. Butler ao afirmar que as representações de Salomão ilustram o panteão da magia como “umas das estrelas fixas mais brilhantes em seu firmamento”.³⁷

³⁷ BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 60.

Estas representações alimentaram, então, diversas lendas a respeito de “seus espúrios livros de magia”. Segundo alguns, posteriormente, teriam sido “descobertos” pelos demônios debaixo de seu trono e circularam com o nome de Salomão a partir de então. Outras versões dão conta de que o mesmo Salomão queimara seus livros de magia antes de sua morte; mais exatamente, atirou seus livros às chamas, ainda que estas tenham se negado a consumir os trechos bíblicos dos Provérbios, do Eclesiastes, e do Cântico dos Cânticos. Dos três livros de magia que teriam ardido nas chamas, dois teriam sobrevivido até hoje, ou ao menos, diz-se que teriam sobrevivido:

E esta chave de Salomão abria todos os tesouros das artes mágicas. E este anel de Salomão continha todos os gestos pelos quais se submetem os espíritos. E o testamento de Salomão nomeava cada um dos homens dos demônios e recitava todos os conjuros e feitiços que faziam ao entrar ou sair, que os expulsavam ou provocavam seu rancor.³⁸

Segundo Flavius Josephus, não fez senão legar sua obra mágica, que foi praticada em seu tempo

Deus também lhe capacitou para aprender a arte de expulsar os demônios, uma ciência útil para os homens. Também compôs encantamentos para aliviar as enfermidades. E ensinou a forma de utilizar exorcismos, pelos quais se expulsam os demônios, de forma que não voltem nunca mais; e este método curativo manteve uma grande vigência até os nossos dias; porque vi a certo homem de meu próprio país, cujo nome era Eliezer, libertar pessoas endemoniadas na presença de Vespasiano, e a seus filhos, a seus capitães a uma multidão inteira de soldados.³⁹

³⁸ FLEG, E. *The Life of Salomon*. London: V. Gollancz, 1929, pp. 225-226. Apud BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 64.

³⁹ FLEG, E. *The Life of Salomon*. London: V. Gollancz, 1929, pp. 218-219. Apud BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 64.

O temível perigo espiritual latente em todos os tipos de magia, o culto aos falsos deuses ou a adoração ao demônio conformam as sombras que as Escrituras e partes da tradição judaica e das autoridades da Igreja projetaram sobre a figura de Salomão. Esta sombra, posteriormente considerada luminosa, envolveu-o na radiante névoa da magia para as gerações posteriores.

Outro dos mais conhecidos magos na Baixa Idade Média, talvez pela difusão da *Legenda Áurea*, tenha sido Cipriano de Antioquia. As lendas de São Cipriano e Santa Justina foram muito populares nos séculos XIV e XV, ao que pese as referências a que deram origem, as formas principais de representação demonstram *per se* como eram relacionadas com a figura de Simão o Mago. É certo de que muito do que se conhece a respeito de seus poderes mágicos anteriores à sua conversão foram apenas elementos complementares que deixariam o episódio de sua conversão mais surpreendente e, nas palavras de Butler, “quem, quase com segurança, dificilmente viveu fora das páginas da fábula”⁴⁰ e cuja conversão teria sido um prêmio pela Igreja na luta simbólica entre a magia e o milagre medievais.

Segundo algumas representações da Idade Média, Cipriano fora iniciado desde cedo nas religiões místicas de Apolo, Mitra, Deméter e Dionísio, havendo realizado muitas viagens e estudado magia no Egito. A *Legenda Dourada* interpretou estas iniciações como uma forma de consagração ao diabo realizado por seus pais quando tinha apenas sete anos. Possuía fama de dominar os elementos, a demonologia, tinha o dom da profecia e o poder de invocar espíritos infernais. Tinha também o poder de transformar a si mesmo e a outros em pássaros e feras. Era, evidentemente, adepto da necromancia, e também praticante de uma magia proibida, já que eram atribuídos a ele sacrifícios de vítimas humanas e acusações de praticar cesárea em várias mulheres. Entre outros poderes, possuía também o dom de invocar a chuva como os *tempestarii*.⁴¹ Com tantos poderes, Cipriano assumiria uma missão que havia lhe encomendado seu amigo Aglaidas: que Cipriano abrandasse o coração da virgem Justina a quem Aglaidas pretendia se casar. Todavia, Justina já havia se convertido ao cristianismo e em conseqüência havia abraçado uma vida de castidade.

⁴⁰ BUTLER, E. M. *Idem*, p. 122.

⁴¹ BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 122.



Aqui os Reis da Antiguidade são apresentados em Majestade com trajes medievais. Cada um deles tinha a função de responder às perguntas a respeito do passado, do presente e o futuro. Dentro do sistema de correlações advindo da Antiguidade, cada um dos Reis correspondia a um planeta, a um signo, a um elemento e a um campo ou situação de vida. Acima à direita, o Rei Salomão. *Libro de Juego de las suertes*, de Lorenzo Spirito. Valencia, 1528.

O dom da castidade havia, então, conferido a ela, um poder sobrehumano, que se manifestava após a virgem fazer o sinal da cruz. Seu poder havia ficado tão conhecido que uma moça chamada Tecla, a exemplo de sua forma de vida conseguindo os mesmos poderes que Justina, havia conseguido dobrar violentamente a golpes um de seus pretendentes. Cipriano então utilizou seus dons sobrenaturais: invocou um demônio, ao qual explicou o caso e o motivo para o qual recorreria a ele. Após a explicação, o demônio invocado garantiu um sucesso rápido para o seu pedido e resolução da questão. Disse o diabo naquela ocasião que

Transformei-me em apóstata de Deus [disse o espírito maligno com jactância] por obediência de meu pai, enviei a confusão aos céus, fiz cair os anjos das alturas; enganei a Eva; privei Adão das delícias do paraíso; ensinei a Caim a matar seu irmão; manchei a terra de sangue; fiz crescer espinhos e cardos; reuni multidões; causei adultérios; ensinei o povo a fazer um bezerro; instiguei a crucificação de Cristo; fiz tremer cidades; derrubar muros; dividi casas. Havendo feito tudo isso, como não vou ter poder contra ela? Toma este filtro e regue [rocía] a casa da donzela desde fora, e o espírito de minha mãe se introduzirá nela e imediatamente dará ouvidos às suas palavras.⁴²

Não contavam Cipriano e o diabo que, diante do seu exército, o poder de Cristo era insuperável. A donzela enfrentou os diabos com diferentes orações e o sinal da cruz vencendo todos eles e finalmente seu representante mais ilustre, “o príncipe de todos eles”. A Legenda Áurea mostra, em tons dramáticos, os sofrimentos que não apenas a donzela, mas toda Antioquia teve de suportar por isso

E, então, com o consentimento de Deus, foi fustigada a lâminas e febres. E o demônio matou muitos homens e feras, e lhes obrigou a dizer que eram demoníacos, e que uma grande mortalidade assolaria toda Antioquia se Justina não concordasse em se casar e tomar a Cipriano. Após o qual, todos aqueles que estavam enfermos e

⁴² PALMER, P. M. & MORE, R. P. *The Sources of Faust Tradition*. New York, 1939, p. 45 et seq. Apud BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 124.

languideciam por conta de algum mal se jogaram à porta do pai e dos amigos de Justina, pedindo a gritos que se casasse com ele e livrasse a cidade do grande perigo. Justina rechaçou com firmeza e todos a ameaçaram. Ao sexto ano daquela mortandade, rezou por eles e deu fim àquela pestilência.⁴³

Em vista do número de mortos, fora uma lástima que não oferecesse suas orações no início da epidemia. O desesperado esforço de Cipriano e Aglaidas por aproximar-se de Justina adotando uma forma feminina, ou inclusive, ornitológica, estava naturalmente destinado ao fracasso, como a fracassada tentativa do demônio de fazer Cipriano acreditar que havia persuadido a virgem, aparecendo ante o amante enlouquecido e tomando sua forma física. Logo que Cipriano pronunciou o nome da donzela, o pretendido súcubo sumiu como fumaça. A história termina com um confronto – esperado diga-se de passagem – entre o mago e o espírito malévolo

Profundamente envergonhado, o demônio apareceu ante Cipriano. Cipriano lhe disse: você foi conquistado por uma menina. A que poder obedece a sua vitória? O demônio disse: não posso dizê-lo porque vi um sinal que me encheu de temor. Por isso retrocedi. Eu te conheço. Jure-o e eu to direi. Disse Cipriano: Por que queres que eu jure? O demônio disse: Pelos grandes poderes que me assistem. Cipriano disse: Pelos grandes poderes, não me apartarei de ti. Armandose de valor, o demônio disse: Vi o sinal do crucificado e tremi cheio de temor. Então disse Cipriano: É o crucificado mais poderoso que tu? O demônio disse: É mais poderoso do que tudo. Porque por qualquer erro ou qualquer coisa que façamos aqui receberemos uma recompensa no mundo que virá. Porque há um tridente de bronze e foi aquecido e está colocado no pescoço do pecador; e assim com o de fogo os anjos do crucificado lhe conduzem ao tribunal e julga cada qual segundo suas obras. Cipriano disse: Apressar-me-ei, portanto, em me fazer amigo do crucificado para ser objeto de tal castigo. O

⁴³ PALMER, P. M. & MORE, R. P. *The Sources of Faust Tradition*. New York, 1939, p. 45 et seq. Apud BUTLER, E. M. *Ibidem*, pp. 124-125.

demônio disse: Me fizeste um juramento e agora rompes tua promessa? Cipriano disse: Te desprezo e não temo teus poderes.⁴⁴

E assim, segundo fazem crer as representações criadas a partir de Legenda Áurea, Cipriano de Antioquia, o mago, se transformaria em São Cipriano, convertendo-se e queimando seus livros de magia. Segundo alguns relatos, ele e Santa Justina se elevaram à santidade; terminaram ele como bispo e ela como fundadora de um convento. Outras versões dão conta de que ambos foram perseguidos, torturados e finalmente decapitados como cristãos.

Apesar de serem coroados como santos mártires, Santa Justina e São Cipriano não são exatamente figuras “edificantes”. Cipriano, por exemplo, parece saber precisamente de que lado espiritual deve colocar-se quando rompe com o espírito malévolos ao qual havia jurado fidelidade. Além do mais, toda a batalha que poderia resumir um combate do cosmos, entre o bem e o mal, se transformou em uma história de sedução amorosa com um inevitável uso de filtros mágicos. Assim, as implicações trágicas deram lugar a uma trama amorosa⁴⁵ e nos temas que lhe são caros: o interesse amoroso e a relação frustrada e manchada pelas noções de castidade de Justina

“E o demônio lhe disse: E que significam as palavras de Deus quando diz: Crescei-vos e multiplicai-vos e enchei-vos a Terra? Assim, pois, bela irmã, creio que se persistimos na virgindade faremos vã a palavra de Deus (...)”⁴⁶

Tanto Salomão quanto Cipriano têm em torno de suas representações certas faculdades e características que compuseram textos e livros mágicos da Baixa Idade Média: ambos passaram a ser considerados praticantes de necromancia, ambos controlavam o diabo ou os diabos, e utilizam seus poderes em seu favor – ainda que no caso de Salomão, Asmodeu fosse algo diferente de um demônio em sua acepção cristã–,

⁴⁴ PALMER, P. M. & MORE, R. P. *The Sources of Faust Tradition*. New York, 1939, p. 49 et seq. Apud BUTLER, E. M. *Ibidem*, pp. 125-126.

⁴⁵ Cf. ROUGEMONT, D. de. *El Amor y Occidente*. Barcelona: Kairos, 2010, e ROUGEMONT, D. de. *Los Mitos del Amor*. Barcelona: Kairos, 2009.

⁴⁶ PALMER, P. M. & MORE, R. P. *The Sources of Faust Tradition*. New York, 1939, p. 54 et seq. Apud BUTLER, E. M. *Ibidem*, p. 126.

ambos possuíam proteção contra inimigos, os dois possuíam sorte em momentos decisivos, e no caso de Salomão, seu poder era ainda maior dado o harém que possuía, coisa que Cipriano não conseguiu ter para si.

Circulando pela Europa, criados dentro da tradição cristã, tais textos se difundiriam pela Europa marcando a forma de praticar magia que serviria de referencial para os homens hereges. A produção e circulação destes textos são fundamentais para compreender quais as relações das práticas heréticas do centro da Europa, difusor destas representações, e as da Península Ibérica, receptora de tais textos e representações.

Os textos

Os textos mágicos da Baixa Idade Média são resultado de um duplo processo. Por um lado, são o sinal mais aparente da compilação de um conhecimento prévio, que fora transcrito em papiros, códices, cartas e livros. Por outro lado sua história é marcada também pelas diversas leituras, apropriações e reapropriações que o texto sofreu com o passar do tempo.

Quem quer que utilize a categoria herança com relação a estes textos pode estar cometendo um grave equívoco. Em sua maioria os textos mágicos foram produzidos dentro da própria Igreja por religiosos que queriam se esconder sob o anonimato dos magos antigos que possuíam fama por suas realizações. Estas realizações, conhecidas como vimos através da Bíblia Hebraica e outros textos cristãos da Antigüidade, seriam plasmadas em receitas, fórmulas e experimentos cuja origem seria legitimada por sua falsa autenticidade e autoria, situadas em uma Antigüidade imaginada e portadora de poderes mágicos sublimes. Sobre a autoria, vale lembrar que, além de sua autenticidade duvidosa, muitos destes textos eram manuscritos produzidos em tempos posteriores aos que realmente indicam em seus frontispícios, capas ou folhas de rosto.

Uma conhecida versão da *Clavicula Salomonis*, comercializada nos dias atuais como uma cópia de 1641⁴⁷ é, na verdade, um manuscrito copiado por Jean Deglatigny de Rouen, colecionador de manuscritos antigos do século XIX, bibliófilo e diplomata do governo francês. A assinatura na capa do manuscrito revela uma semelhança bastante

⁴⁷ Cf. ANONIME. *Clavicula Salomonis*. Barcelona: Editorial Humanitas, 2010.

grande com a letra do corpo do texto a ponto de inferir que se trata de um manuscrito produzido de próprio punho por Jean Delatigny.

Mais ainda, a regularidade do texto na organização de suas linhas e o estilo estético do livro, revelam que a obra fora produzida no mínimo no século XVIII, já que os textos dos séculos XVI e XVII possuíam um caráter de improvisado e irregularidade na escrita que não estão presentes na uniformidade do texto encontrado. Finalmente, o estudo apurado de Robert Mathiesen sobre as diferentes edições da *Clavicula Salomonis*⁴⁸ revela que a única versão anterior aos séculos XVIII e XIX do texto está em língua latina, o que pode servir de referência para concluir que o texto só pode ser posterior ao que foi datado. Como se vê, a datação e autenticidade dos textos mágicos é uma barreira a ser transposta com todo cuidado caso se queira estudar com seriedade a história dos textos mágicos na Europa.

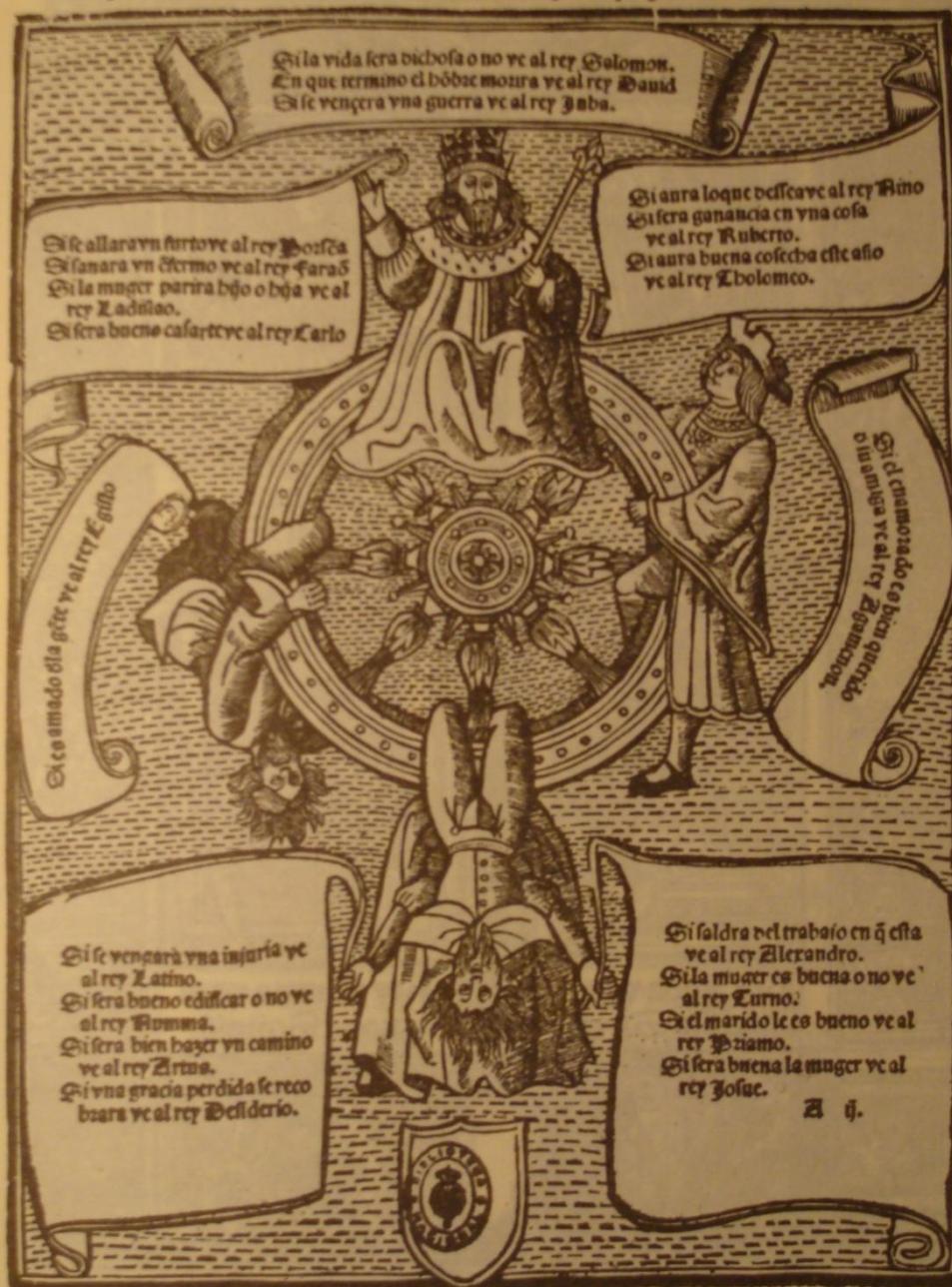
Tendo em mente a investigação da historicidade de produção destes textos e livros mágicos, podemos refletir a respeito de sua suposta produção, circulação, possibilidade de posse, apropriação e consumo.

O primeiro dos textos atribuídos ao Rei Salomão foi o *Testamento de Salomão*. Escrito em grego e sem datação precisa – provavelmente escrito entre os primeiros cinco séculos da era cristã – provavelmente teve sua origem na Babilônia ou no Egito. Os trechos dos papiros mais recentes datam do final deste período o que contribui na referência destes textos. Não há evidência, como inferem alguns especialistas, de que este texto em sua versão grega possua relação com qualquer texto mais antigo como, por exemplo, os livros judaicos de Salomão. O testamento basicamente repete a versão na qual os demônios constroem o templo sob seu comando. Nesta versão, porém, quem presenteia o Rei com o anel mágico, após suas inúmeras súplicas é o anjo Micael que o recebera de Deus. Encravado em sua superfície está o selo de Salomão que possui o poder de comandar distintos entes, e que, mais tarde, fora transferido para todos os livros que a ele se referem, e que dentre inúmeras variantes, podem ter a forma de pentagramas, hexagramas ou símbolos circulares com estas e outras referências. Algumas versões do texto possuem palíndromos que datariam do período romano, já que muitos coincidiam com inscrições de mesma datação encontradas em Pompéia. Os mais freqüentes eram assim dispostos

⁴⁸Cf. MATHIESEN, R. “The Key of Salomon: Toward a Typology of the Manuscripts”. SOCIETAS MAGICA. Issue 17, Spring 2007, pp. 01-10.

Estas son las veinte Preguntas sobre que se fundaron todas las
Respuestas deste Libro. Y quanto en el mundo se puede preguntar.

fo. II.



A referência ao mundo antigo está presente em vários livros mágicos. Nesta gravura do século XVI, quatro Reis da Antiguidade são representados em imagem, além de outros dezesseis mencionados nos bandos laterais da *Roda da Fortuna*. São eles que atendem às necessidades e curiosidades daqueles que consultam o *Libro de Juego de las suertes*, de Lorenzo Spirito. Acima de todos, dentre os reis judeus, está inscrito o nome do Rei Salomão, que dirá ao consulente *si la vida sera dichosa*. Valencia, 1528.

SATOR

AREPO

TENET

OPERA

ROTAS

Mais tarde, estas inscrições teriam sido substituídas pela frase PATER NOSTER inscrita duas vezes e arranjadas em forma de cruz, o que sugere uma asserção posterior e uma cristianização do texto mágico. Em muitas igrejas do Oriente Próximo, uma ou mais palavras de diagramas deste tipo teria sido dadas aos pastores na cena em que visitam o menino Jesus.⁴⁹ Através do poder do anel, trinta e seis ou mais demônios foram invocados e se identificaram Salomão demonstrando seus poderes maléficos e como poderiam ser, eles mesmos, controlados através de certas palavras.⁵⁰ No Gênesis, quando Deus cria o mundo, ao soltar a primeira letra que cria simultaneamente todas as coisas incluindo o Universo e a Terra, demonstra o poder não apenas das letras em si mesmas, mas também de seqüências de palavras e de letras.⁵¹ Cada seqüência e cada palavra, então, possuiria uma energia própria, que acompanhada da forma correta de pronunciar, poderia imitar o ato da criação e controlar qualquer coisa inclusive as forças do mal. Então o demônio chamado *Autothith* provocador de rancores e conflitos poderia ser banido novamente de onde teria vindo caso fossem escritas as letras *Alpha* e *Omega*, que simbolizam o início e o fim. Outro deles *Agchonion* explicou que ficava junto aos trapos dos bebês – provavelmente sujos – causando suas travessuras e sua inquietude. Ele contou a Salomão que diminuía de tamanho se fosse pronunciada a palavra “Lycurgos” de forma que ela diminuísse conforme fosse repetida. Assim, por similaridade, ele diminuiria também: “Lycurgos-ycurgos-curgos-yrgos-gos-os”. Uma vez conseguido este conhecimento com os próprios demônios, Salomão, como já dito, trancou alguns deles em vasos como gênios e outros foram colocados para trabalhar na construção do templo. As demais representações já são conhecidas: a paixão pela mulher estrangeira, o sacrifício aos Deuses, a construção dos altares, os sacrifícios.

O texto, entretanto, termina com a declaração de Salomão de que havia escrito tal texto para o benefício de outrem que podem ser inspirados e prevenidos por este

⁴⁹ DAVIES, O. Ibidem, p. 13.

⁵⁰ DAVIES, O. Ibidem, p. 13.

⁵¹ GÊNESIS 1, 1-11.

conhecimento, advertidos pela máxima que acompanhava sua última queda: “Que você encontre sua honra para todo o sempre”.

Não há dúvida que os textos que originaram o testamento foram utilizados como depositários de conhecimentos mágicos e não apenas como portadores de uma mensagem edificante. Segundo Owen Davies, uma versão da British Library inclui notas adicionais de seu dono para que quem tivesse acesso ao livro pudesse ter facilidade em praticar exorcismos.⁵²

A lista de demônios e de seus poderes vai aumentando em asserções posteriores e durante a Idade Média outros textos com a autoria de Salomão foram surgindo pouco a pouco. Alberto Magno no século XIII já havia afirmado que cinco livros de necromancia tinham como autor o Rei Salomão naquele período.⁵³ Uma das características deste tipo de textos mágicos é o que conceituo como “textos gemelares”. Além da indiferenciação da autoria e dos temas, apesar de suas diferentes origens e os contextos nos quais foram criados, aos poucos, certamente por conta da amálgama das práticas mágicas que se combinavam e recombinaavam. Pela própria forma como se combinavam e eram confeccionados os códices, muitos destes escritos foram se justapondo, combinando e finalmente misturando com o passar do tempo.

Outro texto da família dos textos salomônicos que teria uma vida promissora seria o *Almandal* cujas versões conhecidas em Alemão e Latim datam do século XV. O título deste *in-folio* para invocação ritual dos anjos vem de uma palavra arábica que se inscrevia nos altares no quais eram gravados os nomes divinos e os selos de Salomão com um punhal de prata.

Para aumentar a curiosidade do leitor, e para que os magos que realizassem tais rituais de forma a conseguir atingir os visitantes corretos, o *Almandal* possuía descrições das possíveis representações dos anjos. O anjo de segundo céu, por exemplo, se revelaria como uma criança de três anos em uma radiante roupa vermelha, face, mãos coradas com o vermelho do divino amor e com uma coroa de rosas. A representação vinha acompanhada de um sentimento: o mago deveria ficar tomado de amor e afeição e impressionado pelos poderes angélicos de uma amizade redentora.

⁵² DAVIES, O. *Ibidem*, p. 14.

⁵³ DAVIES, O. *Ibidem*, p. 14.

O conjunto de escritos conhecido como *Ars Notoria*, como era conhecido o título de outro volume de textos da família salomônica, apesar de condenado por alguns comentadores medievais, era mais um texto de magia benigna do que propriamente um texto necromante ou um texto mágico. Sua lógica era baseada na passagem de Crônicas, 2, da Bíblia Hebraica, na qual Salomão roga a Deus por conhecimento e sabedoria

Já que me fizeste rei de um povo tão numeroso quanto o pó da terra, dá-me sabedoria e conhecimento para que eu possa governá-lo. Se não for assim, como poderei governar este eu grande povo: Deus disse então a Salomão: Visto que você pediu sabedoria e conhecimento para governar o meu povo, de quem eu fiz você Rei, em vez de pedir riquezas, bens, ou honras ou a morte de seus inimigos, ou a vida longa, eu lhe darei a sabedoria e o conhecimento. E lhe darei também mais riquezas, bens e honras do que qualquer outro Rei teve antes de você ou terá depois.⁵⁴

Segundo Davies, teriam sobrevivido algumas cópias, das quais, as conhecidas e datadas de períodos entre 1300 e 1600, contém orações de apoio aos caldeus, símbolos e figuras geométricas que Deus revelara a Salomão através dos anjos em uma noite enquanto rezava. As apropriações deste texto em formas experienciais ou ativas poderiam fazer o monge medieval ou moderno, a exemplo de Salomão, conseguir conversar com os anjos, com os santos, com Cristo, e os impulsionava para que possuísse tais conhecimentos e os animasse a conseguir alcançar o conhecimento divino associado às artes liberais verbais, – gramática retórica e lógica –, e matemáticas –, aritmética, geometria, astronomia e música.⁵⁵ A primeira versão impressa em Latim data de 1600 e não possui nenhuma nota marginal de nenhuma espécie, o que comprova que este tipo de texto era usado para fins religiosos e, sobretudo, extáticos, e não como meio para obter riquezas.

Finalmente, o mais difundido conjunto de textos cujas representações e rituais se referem à figura de Salomão são as *Clavículas Salomonis*, Clavícula de Salomão ou Chave de Salomão que pode ser considerado um texto mágico. As primeiras versões

⁵⁴ DAVIES, O. Ibidem, p. 14.

⁵⁵ DAVIES, O. Ibidem, p. 15.

conhecidas são do século XV escritas em grego e trazem como títulos Tratado Mágico de Salomão ou Pequeno Tratado de Toda a Arte da Higromancia encontrada por muitos trabalhadores e pelo Sagrado Profeta Salomão. No século seguinte, quando traduzido para o Latim e para o Italiano, o termo *Clavícula* foi introduzido. Apesar de algumas versões mencionarem sua suposta origem hebraica uma única versão hebraica conhecida surge apenas depois do século XVII, o que significa que fora vertida para aquele idioma posteriormente.⁵⁶

Tal qual já dissemos, a *Clavícula* é um conjunto de textos que possuem em comum temas como a invocação e o comando dos Anjos das Trevas, rituais e símbolos para promover o bem estar pessoal e espiritual – com significado diferente como veremos no caso dos réus da Inquisição –, amarrar e desamarrar pessoas – na linguagem espanhola da época *ligar e desligar personas* –, defender-se dos inimigos e puni-los, tornar-se invisível e proteger-se de roubos e ladrões.⁵⁷

Os escritos cujas informações são mais imprecisas daqueles que estamos rastreando aqui são justamente os que compõe o conjunto de textos d’*O livro de São Cipriano*. Uma versão bastante duvidosa sobre sua origem é citada por Maria de Jesus Torquemada.⁵⁸ Segundo ela, o conjunto de textos que daria origem ao que conhecemos como os São Ciprianos, ou na Espanha popularmente chamados de *Ciprianillos*, teriam tido sido escritos no ano 1001. Segundo sua versão, um monge alemão chamado Johannes Sulfurinus que teria sido bibliotecário no Mosteiro de Brooken na atual Alemanha. Segundo esta versão, em uma noite de tempestade, em meio a uma terrível tormenta, o monge resolveu invocar o diabo cuja existência duvidavam os autores de distintos volumes que havia manejado o religioso. Com efeito, o diabo teria aparecido, entregando-lhe como prêmio pelo valor que tinha demonstrado em sua invocação um livro que seria o chamado “catecismo das ciências exatas e secretas”.⁵⁹ O volume em questão estava escrito em pergaminho virgem e em caracteres hebraicos, pois segundo havia dito o diabo, era o mesmo Cipriano, um grande mago da Antiguidade que lhe havia confiado tais segredos. Havia nascido de família de pais ricos e poderosos e praticara artes mágicas até os trinta anos nos quais ele também lhe aparecera para dizer que sua magia nada podia contra a Majestade de Cristo com o qual romperia

⁵⁶ MATHIESEN, R. Idem, p. 03, texto e tabela.

⁵⁷ DAVIES, O. Ibidem, p. 15.

⁵⁸ TORQUEMADA, M. de J. *La Inquisición y el Diablo*. Supersticiones en el Siglo XVIII. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2000, p. 61 et seq.

⁵⁹ TORQUEMADA, M. J. Idem, p. 62.

posteriormente até ser martirizado, como uma variante da versão que vimos anteriormente. O livro então possuía propriedades mágicas, pois apesar do monge ignorar os caracteres hebraicos, podia compreender por milagre tudo quanto neles estava escrito. Ademais, tal pacto não poderia ser revisto pois uma vez descartado o livro, logo em seguida voltava às mãos de seu dono. Era inconsumível em meio ao fogo e indelével ao molhar de suas páginas. E mais fantástico ainda, o livro era invisível aos olhos daqueles que não fossem o seu próprio dono. Ante tão excepcional presente, Johannes havia lhe dado o nome de “Tratado completo da verdadeira magia ou tesouro do feiticeiro”.⁶⁰ Provavelmente, como veremos em seguida, primeiramente o texto era bastante simples e, a ele, foram sendo incorporados outros trechos com diferentes receitas e conjuros rudimentares, bom como noções simplificadas de astrologia.

Em suas páginas, pelo menos na versão a que teve acesso Maria de Jesus Torquemada, o texto dá notícias dos melhores lugares para invocar o demônio, como por exemplo uma montanha na qual corra um rio em suas adjacências. Não havendo tais condições, o demônio poderia ser invocado nas proximidades de um rio onde existissem quatro caminhos entrecruzados pelo rio que fossem em direções opostas, a conhecida “encruzilhada” onde se faziam oferendas a Hécate na Antigüidade. Também aconselhava que, se existisse a necessidade dos demônios serem invocados em uma casa, o ritual deveria ser realizado em um cômodo sem objetos santos em religiosos. Recomendava, ao contrário do que muitos magos cesaraugustanos tinham como prática, retirar todas as relíquias, escapulários, imagens, crucifixos e outros objetos sagrados. No caso dos padres, indicava que tirassem todos os paramentos para que os rituais fossem levados a cabo.

Um dos autores a tratar do tema da relação entre superstição, práticas mágicas e textos foi o arquivista e historiador Bernardo Barreiro de Vázquez Varela em seu *Brujos y Astrologos de la Inquisición de Galicia y el famoso libro de San Cipriano* publicado pela primeira vez em La Coruña em 1885.⁶¹ Em seu texto, Bernardo Barreiro analisa as causas da inquisição de Santiago de Compostela para demonstrar que muitos réus praticantes de magia conheciam o livro de São Cipriano e se utilizavam de suas práticas e cerimônias. Em suma, de alguma maneira, o São Cipriano era conhecido e utilizado em certa escala para realização de feitiços, invocações e proteções na Galícia nos

⁶⁰ TORQUEMADA, M. J. Ibidem, p.62-63.

⁶¹ VAZQUEZ VARELA, B. B. de. *Brujos, Astrólogos de la Inquisición de Galicia y el famoso libro de San Cipriano*. Prólogo de M. Curros Enríquez y Carlos Alonso del Real. Madrid: Akal Ed., 1982 (1885).

séculos XVI e XVII. No final de sua obra, Barreiro anexa junto à sua análise o suposto livro utilizado pelos réus encontrado em suas pesquisas no Archivo Histórico Nacional de Madrid. Há, no entanto alguns problemas com relação ao documento exposto por Barreiro e análise por ele realizada para chegar às relações estabelecidas entre o texto encontrado e as menções sobre ele mencionadas nas causas dos réus na documentação inquisitorial de Santiago de Compostela. Bernardo Barreiro não levou em consideração duas importantes críticas à documentação analisada. Os textos mágicos invariavelmente correspondem ao seu estatuto de produção e utilização. Em outras palavras, os diferentes textos mágicos constituem em uma “mentalidade artesanal”⁶² daqueles que dele se apropriavam. As formas de apropriação mudam conforme as necessidades dos que praticantes, dos espaços de prática, e das necessidades ou demandas que os praticantes possuíam. Ainda sobre o estatuto destes textos, as formas de apropriação e a função que os textos tinham determinavam a sua forma, seu suporte, modificavam seus conteúdos, eram cortados, reduzidos e amalgamados. Logo, diferentes textos poderiam ser considerados um São Cipriano, mas certamente o São Cipriano.

Utilizar como documento uma versão de qualquer texto mágico impresso no século XX a título de comparação com os depoimentos dos réus da Inquisição dos séculos XVI e XVII é no mínimo uma impropriedade metodológica. A saída para este impasse será ver na documentação, a partir das práticas consideradas necromantes pelas vozes de inquisidores e réus, que mencionam textos e livros mágicos, alguns dos quais já foram citados na sessão anterior como *Clavicula Salomonis* e o São Cipriano.

Em primeiro lugar, a versão encontrada por Bernardo Barreiro é sumária e possui apenas alguns fólhos, o que concorda com o que os documentos da Inquisição consultados nos informam. Sua estrutura é composta de cinco capítulos com poucos fólhos. Após uma seqüência de comentários e proêmio, o capítulo I e II trata de um breve prelúdio. O capítulo II é uma ode ao Rei Salomão na versão mitológica que já citamos anteriormente. Os seguintes, III, IV e V tratam respectivamente da varinha misteriosa, do misterioso círculo cabalístico e chamamento do Imperador Lúcifer que pefazem não mais que 15 páginas. A única versa paginada da documentação possuía 18 páginas o que pode aproximar a versão cesaraugustana com a galega.

Já o *in-folio* citado por Torquemada é um documento com inúmeras asserções posteriores. Em segundo lugar, o diabo com maiúscula nunca poderia ter surgido no

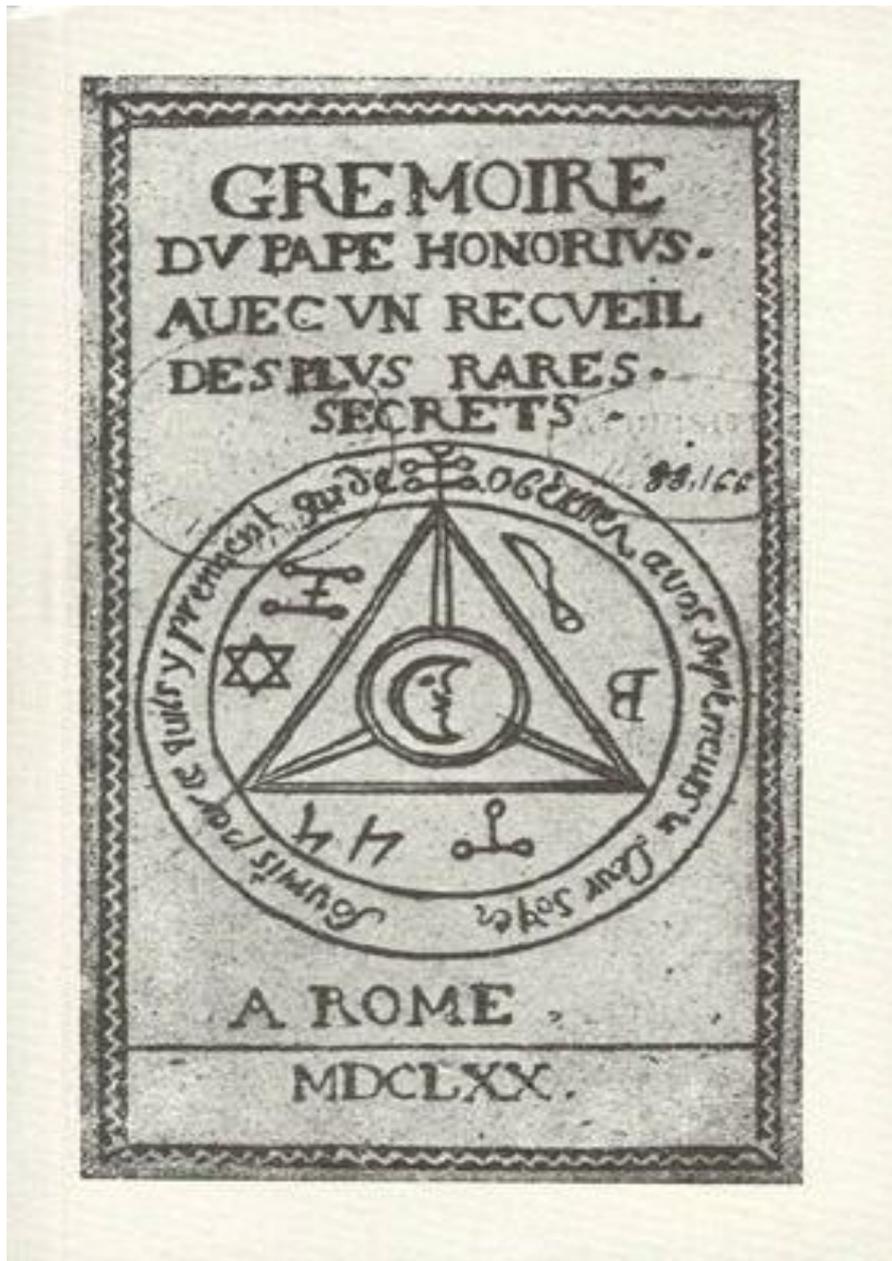
⁶² Cf. FLORES ARROYUELO, F. *El Diablo en España*. Madrid: Alianza Ed., 1985. *passim*

século XI por um motivo muito simples: a versão de Barreiro diz textualmente “*Emperador Lucifer*”, ou seja, a “estrela da manhã” ou o “anjo caído”. Outros textos medievais, provavelmente parentes do *Ciprianillo* na versão encontrada por Barreiro, que considero autêntica, são versões bastante mais sofisticadas de livros de invocações de anjos, como o *Liber de Angelis, Annulis, Karecteribus & Imaginibus Planetarum* de Osbern Bokenham, um monge agostiniano do século XV, teólogo dos conventos de Stoke Claire, Suffolk e provavelmente Cambridge.⁶³ Tais textos estão no limiar da transição entre uma magia de invocação de anjos, e uma magia diabólica, mas todos os “diabos” que aparecem são da Bíblia Hebraica: Baal, Avel, Dariel, Troion, Orion, o que comprova que o “Cipriano” de Torquemada, senão é posterior, possui inúmeras alterações.

Assim, provavelmente, baseado na crítica da versão de Torquemada na autenticidade da versão de Barreiro, o conjunto de textos que compõe o Cipriano possuiria uma parentalidade com os livros de invocação angélica do século XV em uma versão bastante mais simplificada e criada apenas para realizar os feitiços como se encontra nos réus da inquisição e não na busca especulativa do conhecimento como no *Liber Angelis*.

A partir da Baixa Idade Média, tanto as versões da *Clavicula Salomonis* quanto as versões do *Ciprianillo* se difundiram em um movimento que Owen Davies conceituou como a “popularização dos textos mágicos”. De um conhecimento localizado e especializado, a partir de conjuntos de textos em línguas antigas, haverá uma mudança de paradigma. Os textos passarão a ser copiados, e diminuídos e traduzidos em língua vulgar, transformando-se em manuais ou receitas mágicas para os fins mais diversos e imediatos. O centro da Europa, uma das fontes para distribuição destes textos a partir do século XIII, fez chegar à Península Ibérica versões variadas destes textos levadas pela fronteira com a França e os difundiu também a partir dos mosteiros aragoneses.

⁶³ LIDAKA, J. “The Book of Angels, Rings and Characters and Images of the Planets: Attributed to Osbern Bokenham”. In: FANGER, C. *Conjuring Spirits*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1992, pp. 32-75.



Grimório do Papa Honório (Frontispício) (c. 1670). Há inúmeras versões do texto e sabe-se que o livro possuía grande circulação na Europa. No centro, um exemplo de círculo utilizado para as experiências mágicas necromantes também chamados de “selos”.

As superstições

Se como nos revela Franco Cardini citando Lynn Thorndyke, as bruxas e feiticeiras não possuíam bibliotecas⁶⁴, os feiticeiros e outros praticantes de magia carregavam consigo ‘textos’ ou ‘livros’ e se utilizavam deles de inúmeras maneiras. Assim, haverá sempre mencionada na documentação uma variedade de documentos, papéis de livros que muitas vezes não trazem qualquer descrição de seu conteúdo. Muitas vezes são apenas mencionadas algumas de suas características mais sumárias, e de maneira indireta, como na causa da Antonio Filleras, clérigo francês preso pela Inquisição de Zaragoza em 1559, que abjurou *de vehementi* e foi suspenso de suas ordens e recluso *ad arbitrium* em seu monastério. Sua causa menciona que “estava com certa pessoa que lhe mostrou certos conjuros de necromancia e outras coisas que pareciam ser heresia manifesta”. Outras menções a estes documentos são mais explícitas como na causa de Pedro Cortes, moinheiro francês, com o qual uma testemunha disse ao Santo Ofício “havia visto o réu com um livro de círculos e rodas”.

A menção de réus franceses na Inquisição cesaraugustana carregando textos e livros França em direção à Aragão é um dos exemplos que estabelecem, em definitivo, a origem destes textos era o lado francês da fronteira pirenaica. Gerónimo Nadal de Ligarte prognóstico de Cariñena de 37 anos, réu da Inquisição de Zaragoza, preso e processado por necromancia e invocação de demônios, perguntado sobre como havia conseguido o texto mágico que possuía

“(…) respondió (...) este reo [que tenía] unos papeles que decía era la clavicula salomonis y que trastadava della un conjuro para traer familiares y que tenía unos libros escritos en ellos las manos y rayas (...)”.⁶⁵

Além do mago conseguir os textos para si próprio, alguns deles realizavam encomendas a outros homens que mulheres que sabiam que poderiam passar a

⁶⁴ CARDINI, F. *Magia, Brujería y Superstición en el Occidente Medieval*. Barcelona: Península, 1982, p. 73.

⁶⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 645 r. Causa de Gerónimo Nadal de Ligarte.

fronteira. Fray Joseph de Jesus Maria, religioso Agostiniano nascido em Lisboa, havia dito que em certa ocasião no caminho de Benasque

“(…) fue a dicha ciudad y en el camino poso en un castillo donde estaba una mujer española que se llamaba Doña Ines Pinos la cual no supo que iba a Tolosa le encargo que de allá le trayese una Clavícula de Salomón por que había días que la deseaba (…)”.⁶⁶

Para concretizar a encomenda, Fray Luis

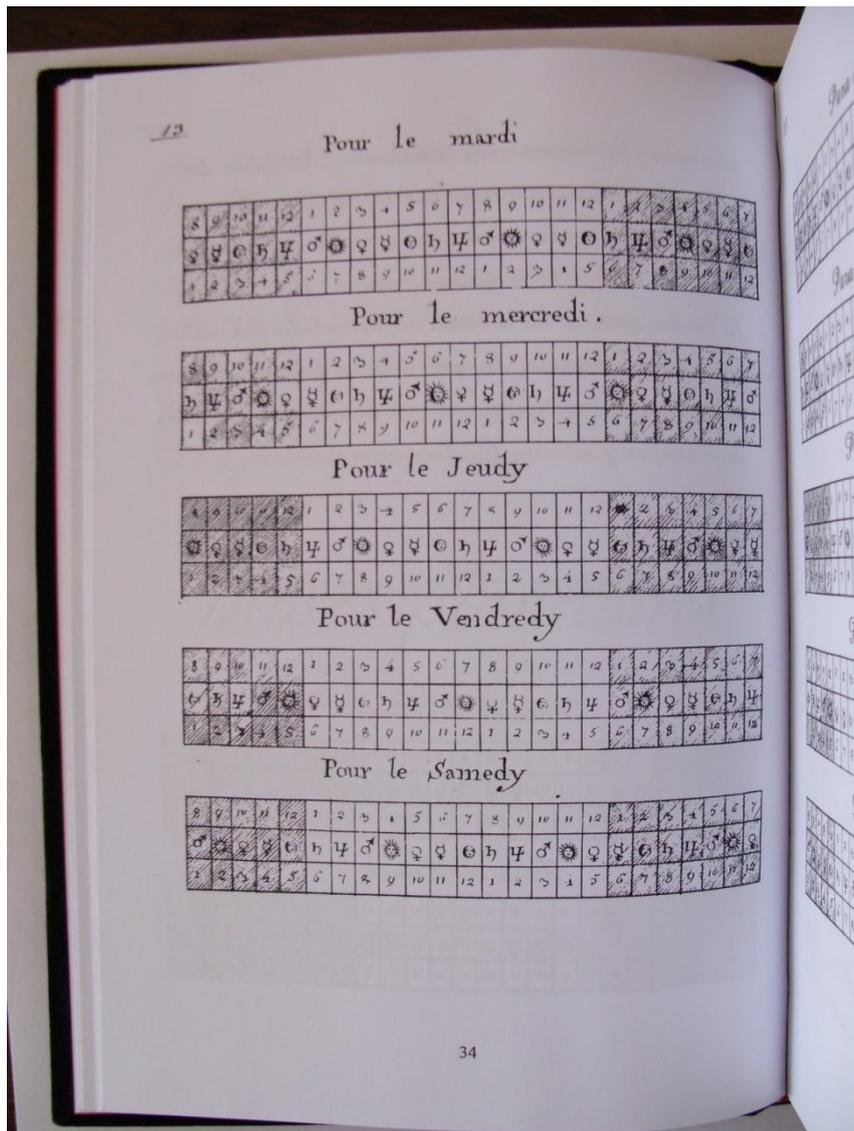
por no tener dineros la dio una sortija de diamantes, para que la compraba [sic] y que la compro en Tolosa y trajo a dicha doña Ines y que en dos /o/ tres días estuvo en dicho castillo vio dicha clavicula aunque no la acabo de leer por no entender algunos términos de ella y que el fin para que quería Doña Ines era para hacer dineros con lo que se contenía en la dicha clavicula y este le dicho que de lo que de ella se contenía se dava a entender que si era verdad los medios que allí decía respondia conseguir adquirir riquezas y que era materia para muy de espacio que el reo la traería a España para verla de propósito y que la avisaría de lo que le parecía.⁶⁷

Desta forma, Dona Inés também havia conseguido o livro mágico na esperança de angariar riquezas como Fray Luis; só não contava com o fato de que o religioso não conseguisse lê-lo por inteiro, pulando provavelmente partes relevantes do texto. Havia dito também Fray Luis

*compró para la dicha Doña Ines una tabla que también entregó que tenia por titulo **tabua mirabilis ad conoscendum planetas qui dominatur inquo [ninquo] cunque mensis.***

⁶⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 13 r. Causa de Fray Joseph María de la Concepción.

⁶⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 13 r. Causa de Fray Joseph María de la Concepción.



ANONIME. *Les Clavicules de Salomon*. Diz-se edição faccimilar de 1641, mas provavelmente foi produzida no século XIX. Manuscrito de Deglatigny de Rouen. Barcelona: Humanitas S. L., 2010, p. 34 (p. 13 do manuscrito).

Fica patente no documento que a tal Dona Ines nunca existiu e que Fray Luis estava mentindo por dizer que

él no haberla [Clavicula Salomonis] traído antes había sido temer que dicha Doña Ines viéndose sin la Clavicula y el dinero entendiese que había tenido trato doble con ella hasta que había reconocido que era primero su conciencia y que así lo entregaba con efecto e que o fazia pois habiéndola mirado y visto en ella cosas atrozes y tan ajenas de lo que un católico deba observar le había causado horror y que así la traía al Santo Oficio.⁶⁸

Os papéis mágicos eram vistos muito mais como referências do que propriamente como manuais utilizados para praticar magia. Apesar de possuir um universo considerado limitado, as improvisações, inversões e criações a partir dos textos mágicos exprimem muito da relação dos magos com os textos que carregavam.

A relação mais direta era a fabricação de sortijas, cédulas, nóminas, cartas de toque, cartas de resguardo y daño, e outros objetos mágicos como ricamente nos informa Fernando Bouza utilizando expressão corrente na boca de inquisidores e notários⁶⁹ no espaço entre a “corte e a aldeia”.⁷⁰

Uma descrição sobre as chamadas *nóminas* pode ser encontrada no *Ordinari Manual per als curats*, impresso por Benet de Tocco como Bispo de Vic na Cataluña demonstra através de sua tentativa de reconduzir à liturgia oficial quase todas as práticas mais arraigadas. No manual podem ser encontradas afirmações como esta

“Pequen, los que en tal y tal oracions aporten en nominas ab esperança que no han de morir a mala mort ni en mans dels enemichs, y que abans de morir sabran la mort”.⁷¹

⁶⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 13 v. Causa de Fray Joseph María de la Concepción.

⁶⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 680r. Causa de Christobal Cisneros. “(...) desterrado perpetuamente de todo este Reino de Aragón, e por oito anos da cidade de Córdoba, e lugares de Monovar, e Elche, e da Vila de Madrid, com oito léguas de perímetro (...)”.

⁷⁰ BOUZA, F. *Corre Manuscrito. Una Historia Cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001, pp. 93-108.

⁷¹ BOUZA, F. Idem, p. 97.

Ainda que naquele momento, em 1568, se considerasse pecado confiar em que não se morreria desastrosamente ou mesmo que se conheceria o momento da morte com antecipação pelo simples fato de levar sobre si uma “oração” ou “nomina”, a pujança do que Bouza chama de “escritos espirituais ou de orientação mágica” resistiriam às investidas da Inquisição e investidas pastorais.⁷² Por isso mesmo, nos manuais de casos de confissão, dentre suas inumeráveis matérias sobre as quais se devia fazer um exame de consciência, podiam ser encontradas as seguintes perguntas “se usou nômimas ou papéis ou outras coisas supersticiosas” no que se relacionava ao exame do primeiro mandamento.⁷³

Em sua *Reprobación de las Supersticiones y Hechicerías*, de Pedro Ciruelo assinalava o quão era entendida a crença de que levar sobre si uma destas pequenas cédulas, pois “não se há de abrir nem ler, porque logo perde a virtude e não se aproveita. A nômima então funciona para os mais diversos fins como uma imposição de escritura em sua função mágica, substituta mãos, como uma escritura sagrada. Sua função mágica remetia às relíquias chamadas *santos de tocar* que, em forma de vultos ou pequenas estampas, eram colocadas sobre as partes doentes para que fossem curadas.⁷⁴

As chamadas *letanías* como a *Letanía* de Zaragoza chamada de *Letania imbiada por el Papa León III al Emperador Carlo Magno, el cula pidio remedio contra la peste*, que era *um papel impreso em cuartilla que no tiene mas que una llana* possuía extraordinários efeitos benéficos tal qual indica seu título *Su Santidad le mandó que todos truxessen sobre si estos santos nombres serían libres de todo mal contagioso*. A *Letanía* possuía a seguinte estrutura

Letanía enviada por el Papa León III al Emperador Carlo Magno, el cuál pidió remedio contra la peste. Su Santidad le mandó que todos que truxessen sobre sí estos santos nombre [sic] sería libres de todo mal contagioso <<**Jesus Redemptor Miserere nobis. Santa Maria ora pro nobis. Santa Ana ora pro nobis. Santo Antonio ora pro nobis. San Nicolás ora pro nobis. San Bernardo ora pro nobis. San Sebastián ora pro nobis. San Christóval Ora pro nobis. San Gerunde ora pro nobis. San Silvestre ora pro nobis. San Adrián**

⁷² BOUZA, F. Ibidem, p. 97.

⁷³ BOUZA, F. Ibidem, p 97.

⁷⁴ BOUZA, F. Ibidem, p. 98.

ora pro nobis. San Roque ora pro nobis. San Macario Ora pro nobis. Es menester dezir a honra y gloria destos santos nombres ocho dias contínuos treze padresnuestrs y treze ave marías em tres capillas de la Virgen María, em cada uma. Y todos aquellos que hicieren esta devoción no enfermarán ni morirán de peste (por la gloria de Dios) y está aprobada em muchos lugares donde hubo peste contagiosa>>.⁷⁵

Em tempos difíceis, de carestia, e peste, como o século XVII cesaraugustano, alguns dos próprios qualificadores do Santo Ofício se encarregaram de propor que pudessem circular, pois “havia de ser grande consolo na confiança de que os doutos soubessem explicar seu verdadeiro sentido aos iletrados que a portassem”.⁷⁶ Em que pese esta informação, as *letanías* seriam condenadas como vãs e supersticiosas por estes mesmos qualificadores.⁷⁷

Outro tipo de relíquias ou *papelillos* eram as *cartas de resguardo y daño*. Um exemplo deste tipo de talismã foi produzido por Madalena Fuster chamado *resguardo contra daños e enemigos*. Denunciada à Inquisição de Valência em 1647, que permite comprovar que o oral, o visual e o escrito não se separavam neste tipo de escritos, tais como os textos mágicoss salomônicos ou cipriânicos concentravam-se em uma forma de expressão peculiar de realidade naquele período. A carta de resguardo é descrita assim pelo notário da Inquisição

un pliego de papel escrito de mano con muchas cruces, cuyo principio es ELIAM +, ABAT +, etc., y acaba en remissionem peccatorum y a la segunda oha pintadas todo gênero de armas y a la fin el nombre de la persona diciendo *propitius esto mihi peccatori*.⁷⁸

⁷⁵ AHN, Sección Inquisición, Legajo 4331, exp. 10. “Para la remisión de la Letanía de Zaragoza a Madrid. Apud BOUZA, F. Ibidem, p. 103, nota 69.

⁷⁶ BLAZQUEZ MIGUEL, J. *Huete y su tierra: un enclave inquisitorial conquense*. Huete: Ayuntamiento de Huete/Librería Anticuaria Jerez, 1987, p. 91. Apud BOUZA, F. Ibidem, p. 103.

⁷⁷ BOUZA, F. Ibidem, p. 103, nota 71.

⁷⁸ AHN, Sección Inquisición, Legajo 4485, exp.1. Apud BOUZA, F. Ibidem, p. 104.

Os qualificadores classificaram o escrito como irreverente pelo fato de que, também como em muitos textos mágicos

este papel es sospechoso de superstición conocida y de maleficio y que por estar lleno de lugares de la scriptura mezclados con figuras y caracteres no conocidos imprecando males y daños a sus enemigos y bienes para si, conjurando las armas y otras cosas para que no le hagan daño.⁷⁹

Mas nada seria mais importante que as recitações organizadas para serem lidas muitas vezes sussurrando para escapar da compreensão dos inquisidores e da população em geral. A pronúncia não era realizada em voz alta, a não ser em ambientes reservados e na presença da clientela simbólica para a qual feiticeiros e feiticeiras produziam tais artefatos.⁸⁰

Mas o uso deste tipo de recurso atravessava a sociedade e possuía uma grande amplitude. Um caso curioso é o do Capelão Mor de Felipe II em Portugal, Jorge de Ataíde, quem enviara a uma parente sua a Condessa de Atalaia umas “manilhas”, que eram pulseiras de prata feitas com moedas nas quais mandou gravar

“†DIA† B† S. ABN†† S† H† CEBE† R† S” “†ZDI A† BI† Z† SA B† ZQ F † BE † RS†”.⁸¹

Como afirma Fernando Bouza citando o mesmo documento de maneira jocosa, os tais saudáveis efeitos de portar sobre si tais abracadabras de orfebre se indicam com toda simplicidade: para gases e desconfortos intestinais.⁸²

⁷⁹ BOUZA, F. Ibidem, p. 104.

⁸⁰ Discordando da visão de BOUZA, F. Ibidem, p.104, em sua afirmação de que “A carta de Magdalena Fuster é uma soma de figuras com texto escrito para ser lido em voz alta”, os documentos da Inquisição mostram que a tentativa de disfarçar as recitações mágicas era constante entre quem os pronunciava.

⁸¹ Biblioteca de Ajuda, 51-II-42, Número 74. Apud BOUZA, F. p. 104. Outro exemplo, desta vez tratando do próprio Rei Felipe II, será citado no próximo capítulo quando tratarei das relíquias e *ex-votos* relacionados à cura depositadas no altar das relíquias do El Escorial.

⁸² AHN, Sección Inquisición, Legajo 4485, exp.1. BOUZA. Ibidem, p. 104. Grifo em negrito do autor.

As cartas de resguardo e daño, as nóminas e demais cédulas para tocar y traer, nas palavras de Fernando Bouza, ilustravam uma dimensão criativa da escritura em si mesma⁸³; mais que isso, iluminavam ao seu redor também as dimensões deste tipo de escrito poético em suas diversificadas apropriações e usos.

A relação com os textos não era apenas de produção de posse e de toque. Uma curiosa receita para apropriação mágica do texto forneceu Felipe Estanga, natural e vizinho de Zaragoza, que havia recebido um livro de Diego Insauce, que sabia como conseguir ter acesso carnal com outra pessoa, impedimento que seria retirado desde que

y que dicho Diego Insauce dijo a este habra ocho meses con ocasión de hablar con personas ligadas que no podían tener acceso carnal que le querían dar un secreto con que se quitaba dicho impedimento y que con efecto le entrego un pergamino que presento en cuatro dedos en cuadro como columnas que empieza omnia sunt jacta y que para conseguir dicho efecto se había de escibir sobre una Talbilla de plata y que se había de empezar a escribir en lo domingo y lo demás se le había echar vino blanco sobre lo escrito y borrado con el vino y bebérselo y que luego se le había ejecutar los otros dos días siguientes en la misma conformidad y beberse el libro y con aquello se conseguiria el estar desligada la persona y que el reo no habia hecho la experiencia.⁸⁴

A conquista dos poderes mágicos se consumia literalmente através da tinta de caneta sorvida com vinho branco por sobre os escritos desejados. Mesmo o ritual deveria seguir um protocolo com data, horário e outros elementos que se subordinavam à função que a feitiçaria teria, neste caso, conseguir os favores sexuais de certas mulheres, ainda que isso não fosse comum entre os homens e seus objetivos com a prática da feitiçaria.

Outo caso era de Isabel Martinez y fuertes, que dizia possuir poderes mágicos necromantes. Estando na casa de certa pessoa e prometendo curá-la de certo mau que possuía, Isabel havia levado um cricifixo que colocara no peito do doente e que, de

⁸³ BOUZA, F. *Ibidem*, p. 107.

⁸⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 15r.-15v. Causa de Felipe Estanga.

repente, sem mais ver o crucifixo, estava sobre a enferma um papel e que de dentro do papel havia saltado um sapo. A narrativa segue dizendo que três homens necromantes, que também estavam ali para ajudar a curar a doente,

iban a hacer hechizos a la dicha casa y que sacaron sangre al testigo del lado izquierdo y escribieron en unas letras en unos papeles y dijeron que iban hacer con ellos unos hechizos y que la rea y los dicho hombres nigrománticos invocaron a los diablos para que viniesen y dice que se escuricio todo allí adonde estaban.⁸⁵

Uma vez em posse dos textos e livros mágicos era a hora de escolher os objetos e prepará-los para os fins desejados. O principal manancial de consagração dos objetos utilizados em tais rituais estava mais próximo do que se imaginava.

A crença de que os objetos de devoção, rituais e de culto da Igreja Católica, muito especialmente os objetos utilizados na missa possuíam poderes mágicos colocava a igreja como um pólo de atração de toda a sorte de praticantes de magia que gravitavam em torno destes padres do clero secular, coroinhas, ajudantes laicos e outros membros que participavam da vida cristã.⁸⁶

A necromancia por si só demandava um número grande de objetos necessários para realizar os rituais relacionados a cada demanda de seus praticantes. Os objetos deveriam possuir um caráter de sagrado associado à sua posse ou ao seu poder, e também por isso a água benta, a hóstia, o relicário, as vestes sacerdotais entre outros objetos eram importantes com a finalidade de sacralizar muitos dos objetos e dos atos.

A produção de círculos mágicos era muito comum e possuía inúmeros fins. Martín de Sosín, clérigo presbítero racionero de 40 anos, abjurado *de vehementi*, suspenso de suas funções e proibido de exercer os sacramentos por dez anos e recluso em um convento pelos primeiros três havia sido acusado de utilizar objetos consagrados pertencentes à missa para consagrar diferentes objetos. O processo se iniciava na celebração, lugar no qual

⁸⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 96r.-97v. Causa de Isabel Martinez y Fuertes.

⁸⁶ THOMAS, K. *Religion and the Decline of Magic*. London: Penguin, 2007, p. 27-57.

ayudando a misa a este reo vio que puso dos ostias en la parena una grande otra chica y que la consagró y consumió la grande y la pequeña y volvió a la sacristia y la puso entre otras dos formas metidas en el diurnal las había llevado fuera de la iglesia consigo diciendo la había de llevar siempre para librarse de mucho mal.⁸⁷

Aqui, os objetos consagrados por si sós já adquiriam um estatuto especial de proteção mágica contra malefícios, inclusive na prática do próprio ato mágico. Depois de “atesourar” a hóstia consagrada, continuou em seu ritual para produzir os pergaminhos nos quais se desenhavam os círculos mágicos depois de realizar a missa

y que diciendo esta [otra] misa saco de los corporales unos pergaminos. el segundo testigo presbitero dice que dos veces este reo en compañía del testigo estando en una ermita se habia puesto el reo sobrepellis. y esto la había bautizado con agua bendita y unos pergaminos redondos y los habia ungido con oleo santo y hecho los exorcismos del manual que se hacen cuando bautizan a una criatura racional diciendo yo le baptizo en nombre del padre y del hijo y del espiritu santo y que estaban escritos los pergaminos con caracteres y que decia [esterra] que alli quedavan bautizados y consagrados los dichos pergaminos.⁸⁸ O estilo de artes e ofícios do réu é confirmado, neste caso, se esmerava bastante em fazer hechizos y conjuros y que se ejercitaba en este oficio.⁸⁹

Além disso foi preso e acharam em seu poder um livro escrito de sua lavra todo composto de conjuros e invocações de demônios e superstições e na primeira audiência que ele se teve reconheceu por seu o livro e havendo-lhe mandado qualificar o que nele se continha, e todos os atos supresticiosos e heréticos, e disse este réu presumia que havia sido preso por haver possuído uns papéis de feitiços que lhe havia dado a trasladar o último denunciante. Provavelmente, este livro poderia ser uma versão alterada da

⁸⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, fol 627 r. Causa de Martín de Sosín.

⁸⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 627 r. Causa de Martín de Sosín.

⁸⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 627 r. Causa de Martín de Sosín. Grifo meu.

Clavicula Salomonis, pois como nos informa Robert Mathiesen⁹⁰, as edições do livro apenas a partir do século XVII passaram a ostentar os círculos desenhados, o que supõe que além de ser uma cópia de segunda mão retirada de uma tradução a partir de uma versão latina, esta cópia fora realizada em versão que possuía o desenho dos círculos mágicos.

Gerónimo Nadal de Ligarte, o mesmo que fora encontrado com o livro com círculos e traços, havia sido estudante de direito e depois soldado em Flandres. Tivera uma denúncia contra si de que receberia de um amigo

*una sortija con que pudiese ver la persona que quisiese y preguntando el testigo al reo que que [sic] sortija era aquella respondió que era de un amigo suyo y tenia virtud que mirando con ella en el espejo se veria la figura de qualquiera persona que desease ver.*⁹¹

Além do anel – sortija que vem do latim *sorticulus*, de sorte e ao mesmo tempo o adorno que se leva nas mãos – o uso do espelho para ver o presente, o passado e o futuro era conhecido dos magos e objeto comum. A catoptromancia⁹² era comum em várias modalidades, aqui associada à feitiçaria e à predição do futuro. O uso do anel imita o poder do Rei Salomão que controlava Asmodeu e os diabos com um anel especial que possuía e cuja referência encontrou em um livro que a testemunha disse que viu que este réu tinha uns papéis que dizia era a *Clavicula Salomonis* e que copiava dela um conjuro para trazer familiares.⁹³ Gerónimo fora preso e contra si diziam que

tenía unos libros escritos en ellos las manos y rayas y declaración dellas y que decía tenía unas palabras que trayéndolas consigo no le podrían matar a puñaladas. las palabras eran **Vicit Leo de Tribu Juda** y que vio en su poder un libro con figuras para saber los sucesos que habían de tener algunas personas el segundo testigo dice que vio unos

⁹⁰ MATHIESEN, R. Op. Cit, *passim*.

⁹¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 645 r. Causa de Gerónimo Nadal de Ligarte.

⁹² INGELMO, J. L. G. Anexos. **In:** CIRUELO, P. *Reprovação de las Supersticiones y Hechicerías*. Edición, introducción y notas de José Luis Herrero Ingelmo. Salamanca: Diputación de Salamanca, 2003, p. 205.

⁹³ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 645 r. Causa de Gerónimo Nadal de Ligarte.

papeles y libros prohibidos deste reo en poder de un deudo del reo y que había oydo decir [primeramente] en Zaragoza donde este reo es muy conocido que leya la prexa en Francia y seis testigos dicen que es publica cosa y fama en Zaragoza y en Cariñena que este reo se ha ido a Francia y se había vuelto Luterano y estaba leyendo la prexa.⁹⁴

O réu obviamente negou dizendo que lia a sorte na França era falso porque ainda que tivesse estado na Francia e em Paris aquilo havia ocorrido algum tempo depois que saiu daquela cidade. Dizia também, que sempre viveu como católico e cristão e que havia sido soldado em Flandres servindo a Sua Magestade e que, como soldado, viveu sempre como católico cristão e reconheceu que os livros que estavam em seu poder eram seus. Disse também que havia se aproveitado deles muitas vezes para fazer prognósticos para alçar figura das cosas porvir.

Aquí além do objeto principal da *Clavicula Salomonis*, o anel de Salomão, que deveria ser produzido em condições especiais com metal precioso – prata, sobretudo, – há menção clara da natureza do texto e do seu uso.

A preocupação com a entrada de livros e idéias protestantes era evidente tanto por fronteira marítima quanto por fronteira seca. Neste caso, apesar de ser uma acusação de fundo, o crime de protestantismo foi relevante para a prisão de Gerónimo. Foram encontrados

en su poder muchos papeles y libros prohibidos en el catalogo que tratan de la quiromancia para adivinar por las rayas de las manos. y otra de la astrología judiciaria para alzar figura y pronosticar las cosas venideras que muchas son libres y que está prohibido por el mutriu de Sisto Quinto afirmar por los nacimientos cosas tocantes a lo que está por venir y a sucesos contingentes ocasos fortuitos o/ obras que dependen de la voluntad humana aunque digan que no lo afirman por cosa cierta.

⁹⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 645 r. Causa de Gerónimo Nadal de Ligarte.

Além disso, Gerónimo havia escrito um livro no qual dizia que

se le hallo un libro de su mano escrito y por el compuesto sobre el tañerse la campana de la villa queriendo probar que se tañe por la calidad que tiene el metal de la campana y no poderse tañer por milagro ni poderla tocar el demonio y en el dice algunas proposiciones.

Apesar da entrada de livros proibidos ser mencionada, muitas vezes a informação sobre suas características e seu conteúdo não mencionada com detalhes.

A posse ou uso de objetos dos mortos também era uma forma de atrair a sorte ou proteger-se dos inimigos como uma nomina com poderes dos mortos. Gracia Melero, mulher solteira de Zaragoza de vinte anos, havia sido presa pela Inquisição por que levava consigo um dedo e um pedaço de nó de enforcado porque lhe haviam dito que levandolo sería muito venturosa e teria muito dinheiro. A causa de Gracia é bem curta, mas aponta algo curioso: como aprenderá que o nó de enforcado poderia trazer bom alvitre se carregada junto consigo

“Habito y carcel por seis años y por los hechizos y comunicaciones que había tenido en cárcel azotada públicamente”.⁹⁵

Em suma, a ré havia aprendido nos cárceres da inquisição que o nó de enforcado era um objeto bom para ter sorte e também por ter aprendido provavelmente com um homem.

As informações contidas na causa de Ana de Yuso dão sinais de tal relação de aprendizado das mulheres com os homens. Gerónima de San Miguel, citada na causa de Ana de Yuso, havia certa ocasião solicitado a um gentilhombre

⁹⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 989, Fol. 191 v. Causa de Gracia Melero.

“(…) que iba con ellas que le cortase un pedazo de sogá /o/ un dedo de un ahorcado y teniendo ya la espada desenvainada para cortarlo llevo otro hombre y le estorvó (…)”.⁹⁶

A mesma Gerónima de San Miguel, de Zaragoza, viúva de Sebastián de Yllaca, de dezesseis anos, que pelo visto possuía um gosto especial por objetos de mortos, havia também certa feita procurado outro objeto digno de nota

por el mes de diciembre del año pasado de ochenta y cinco vino a denunciar que Ana de Juso le habia dicho que ella y una dueña suya llamada Maria de espinosa una noche entre onze y doce habian ido por la cabeza de un ahorcado y traidola a su casa habian hecho la [metal, mitad] polvos y mezclada con otros de [listra del altar] los teñia para darlos a los que entrasen en su casa para que qual fuese dellos querida.⁹⁷

A cabeça de morto, objeto citado como clássico na prática da necromancia antiga, aqui reaparece com uma nova roupagem: em sua justaposição com um objeto considerado sagrado como um pedaço do altar. Assim, os efeitos mágicos entre as relíquias e aras consagradas de um lado e os objetos dos mortos de outro, reforçavam-se mutuamente na construção do sentido do objetivo a ser conseguido com a feitiçaria.

Além destes objetos de seres humanos mortos, outros curiosos artefatos eram utilizados em complicadas fórmulas para resolver problemas cotidianos com animais mortos ou com sacrifícios animais. Pedro Cortés, francês residente em Bordon, Aragão, havia dado uma receita para invocar os demônios realizando um círculo com sangue de morcego. Se gabava dizendo que

en Septiembre de 1607 que por el mes de Febrero de dicho año le dijo este reo que tenía un familiar y no se aprovechaba del y que si quería le diese remedio para tener familiar se le daría y que le había dicho se

⁹⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 989, Fol. 261v. Causa de Ana de Yuso.

⁹⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 989, Fol. 261v. Causa de Ana de Yuso.

juntas con el cerca del lugar de manera que se oyesen las campanas y que tomase un murciélago y al primer toque de la Ave Maria había de degollar al murciélago y hacer cinco letras y círculos con la sangre e invocar los demonios que quisiese y se le aparecerían los demonios en un caballo y podía pactar con el demonio lo que el quisiese y que había dicho estaba su mano echar una fantasma y enfermedad adonde quisiese y así mismo dice que le vio un libro de círculos y ruedas.⁹⁸

Sacrificios de gatos también eram comuns e recomendados no caso da magia necromante, especialmente os gatos negros

“(...) y dice que vio este reo tenia un gato negro y le regalaba y preguntándole el testigo para que tenia aquel gato y le había dicho que para cocer parte del en mayo con unas habas y que puestas en la boca seria invisible (...)”⁹⁹

A magia consistia em matar o gato negro, arrancar-lhe a cabeça e plantá-la com feijões dentro. Germinados os feijões, se faria uma sopa ou caldo que poderia trazer o poder a quem os tomasse de permanecer invisível. No caso de Jusepe Fernandez, que havia aprendido a receita com o capuchinho Fray Martín Albalate, que havia, sem dúvida, retirado tal receita do *Ciprianillo*, os feijões eram consumidos como pílulas

que tenia dado Fray Martin de Abalate, Capuchino, (que fue preso y castigado) para atraer la voluntad de las mujeres; y que este reo había dicho sabía el modo de hacerse invisible, y que era bueno plantando una habas en uno de los días de la semana santa, en una orilla del mar, con un gato negro, y las habas producidas llevarlas en la mano y en la boca, al tiempo de hacerse invisible.¹⁰⁰

⁹⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 702 v. Causa de Gerónimo Nadal de Ligarte.

⁹⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol.632r. Causa de Pedro Cortés.

¹⁰⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 416v. Causa de Jusepe Fernandez.

Martín de Sosín trata assim sua relação com a magia, entre Deus e o Diabo

y confeso asi mismo que en otra ocasión habia dicho 25 misas a instancia de ciertos hechiceros y que despues de la consagracion habia dicho cierta oracion que los hechiceros habían dicho que nombro a los hechiceros en la misa y rogo les diese gracia para que invocando a los demonios alcansasen todo lo que pretendian y deseavan alcanzar con sus hechizos y que las había dicho y rogado en la misa a dios lo susodicho aunque sabia que era mal hecho porque le habían ofrecido los hechiceros le harian muy rico y afortunado.¹⁰¹

Pedro Rivera cairia nas malhas da Inquisição por ter usado um livro de São Cipriano. Na verdade, Pedro Rivera, menor, fora pego como cúmplice de sua tia Elena la Rosa, que o teria usado para ligar um homem. As improvisações com estes textos eram constantes e serviam sempre para substituir, marcar, cortar e incluir objetos ou papéis. A causa de Jusepe Fernandez, buscador de tesouros, também demonstra que foi utilizado para encontrar riquezas naquela ocasião. A descrição do texto é clara e diz que possuía dezoito folhas manuscritas em latim. E a descrição do livro segue dizendo serem as dezoito páginas *in-cuarto* com partes dos quatro evangelhos. Junto com outros objetos serviriam para invocar o demônio e conseguir descobrir os tesouros. Outro buscador de tesouros, Fray Vicente Ferrer, natural de Valencia, de 30 anos, preso pela inquisição por buscar tesouros, possuía um papel no qual lia os símbolos de Santo Atanásio e possuía na outra mão um pequeno livro semelhante ao do exemplo anterior, provavelmente, um *ciprianillo*

Fray Izquierdo y estando en dicha casa despues de haber cenado los dos con dos gitanos y un viejo y la dueña de la casa que de ningunos sabe el nombre veía con los gitanos el viejo Fray Izquierdo y la dueña a la bodega donde cavaron juntamente con un estudiante que no sabe el nombre el cual dice vio habiendo volvido a buscar su compañero que

¹⁰¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 628 r. Causa de Pedro Rivera.

hallo con una estola puesta que leia el símbolo de San Atanasio y tenia otro librico en las manos.¹⁰²

Quanto aos fins para os quais se praticava magia, eram variados e dependiam muito daqueles que a praticavam. De maneira geral, os rituais mágicos possuíam relação com as agruras cotidianas e com os problemas mais imediatos: dinheiro, curas, vantagens, proteção, futuro e paixões. Gerónimo Nadal de Ligarte disse ensinou a este réu que para ter prósperos sucessos em tudo o que desejasse e achar tesouros e alcançar mulheres e ganhar a vontade dos juízes e ganhar nos jogos.¹⁰³

Pedro Antonio Bernardo havia curado certa mulher da Vila de Bielsa que havia curado uma mulher a partir de meia hóstia que havia pegado, sendo que também praticava outros tipos de magia, uma das quais havia de ir buscar uma cruz e senão a achasse na porta de uma igreja, às doze da noite em ponto, em chegando a ela, lhe havia de dar três estocadas contínuas, e o réu as deu na porta de uma casa para mostrar-lhe, e havia também de dizer, “saia diabo que quero lhe falar” e, caso não saísse, havia de repetir até que saísse.¹⁰⁴

No caso de Juan Ruiz de Castelblanco, havia conseguido a oração de San Julián para descobrir o futuro

“(…) que se recitava y la oración in nomine Jesu omne genuflector. Celestium terrestrium et infernorum et confitetur eclesia y que haciendo una cruz con azeite con la palma de la mano de un niño virgen”.¹⁰⁵

Ainda com o menino sob seu comando, realizava outro ritual que complementava a oração

¹⁰² AHN, Sección Inquisición, Libro 992, Fol. 105 r.-105v. Causa de Fray Vicente Ferrer.

¹⁰³ AHN, Sección Inquisición, Libro 990, Fol. 627 v. Causa de Gerónimo Nadal de Ligarte.

¹⁰⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 417 v. Causa de Gerónimo Pedro Antonio Bernardo.

¹⁰⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 530r.-530v. Causa de Gerónimo Pedro Antonio Bernardo.

haciendo una cruz con azeite con la palma de la mano de un niño virgen decía el dicho niño señor San Julian buenas suertes echastes en el mar si buenas las hechastes ruego a vuestras santidad y virginidad y por la virginidad de la virgen Maria y por la mia ni alcanzeis gracia de saber la cosa asi como vos alcanzastes por ellos vitoria Adonai Savai Emanuel consedeme esta gracia fiat fiat fiat amen amen y aunque proseguí adelante la oración no se acordaba demás y que hizo algunas veces esta experiencia para saber cosas ocultas y hallar tesoros de todo lo cual había hecho larga relación poco después al comisario de este Santo Oficio de Monzon.¹⁰⁶

Para concluir, a necromancia que na Antigüidade relacionava-se a uma atividade divinatória com a invocação dos espíritos dos mortos é identificada a partir da Baixa Idade Média a uma forma de feitiçaria baseada na invocação do diabo ou pode-se dizer em uma forma de magia negra que, apesar das supostas oposições à chamada Magia Natural, possuía muitas correlações. Este tipo de prática mágica está relacionada à produção de textos que procuraram através dos exemplos das sagradas escrituras – sobretudo da Bíblia Hebraica – forjar formas de representação que, ao mesmo tempo que criavam uma Antigüidade de magos poderosos como a figura do Rei Salomão e de Cipriano, o mago – e atribuíam a eles a autoria de tais obras, escondiam as projeções que os criavam: as experiências mágicas que tinham na mentalidade medieval da luta na qual os grandes magos controlavam os diabos e os utilizavam a seu favor, e os santos livravam os cristãos de todo mal, intercedendo pelo bem coletivo, além de uma série de outros mecanismos revelados como ocultos pelos próprios diabos mas que na verdade eram baseados em textos de outras tradições como, por exemplo, as representações islâmicas da magia plasmadas pela policromia da visão cristã a respeito da magia que fazia parte, de alguma maneira, de seu próprio corpo ritualístico. Estes textos tiveram uma difusão a partir do centro da Europa e a partir de vários mecanismos de apropriação foram copiados, recortados, modificados e “gemelados”, inclusive com trechos curtos de textos do Primeiro e do Segundo testamentos tais como os salmos e outras fórmulas de relativa facilidade de memorização e familiaridade oral. Ao mesmo tempo em que se difundiam a se modificavam, estes textos também criaram uma memória própria que envolvia suas práticas desde as mais simples até as mais sofisticadas aderindo a

¹⁰⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 530r.-530v. Causa de Gerónimo Pedro Antonio Bernardo.

diferentes formas de expectativas dos que as praticavam e atendiam a diferentes objetivos relacionados sempre aos grupos sociais aos quais se relacionavam, aos interesses forjados pelos interesses daqueles que as praticavam: uma magia em sua maioria materialista, que visava conseguir os milagres que os santos não conseguiam a ser atendidos pelo diabo que poderia resolver o problema. Nada edificantes, estes homens que vivem no espaço entre seus dramas cotidianos e a simples curiosidade, se interessavam em proteger-se de seus inimigos e da morte, ganhar pleitos judiciais, possuir sorte em jogos de cartas, ganhar novamente seu dinheiro perdido em roubos, apostas ou trapaças, encontrar coisas perdidas, encontrar tesouros e riquezas, conhecer o futuro e, mais raramente, conseguir aplacar a dor ou obter a cura para males de saúde cotidianos, uma vez que os sistemas da cura considerados mais sofisticados estavam disponíveis apenas para alguns grupos sociais e não atendiam à maior parte da população reinol.

Este tipo de magia, relacionado com uma cultura de clérigos regulares como a dos capuchinhos, trinitários, dominicanos, agostinianos e sacerdotes, presbíteros, padres e auxiliares religiosos das Igrejas das Vilas e das Cidades, bem como as Catedrais, além de ser difundido por tais religiosos e forjar uma memória própria relacionada à magia masculina, ganharam primeiro as celas dos mosteiros e depois as sacristias das Igrejas. Lentamente, após esta difusão, estabeleceram uma porosa e tênue fronteira entre a feitiçaria e magia negra e as magias curativas, tanto pelos objetos de seu uso quanto pela clientela que aos magos acudia. Tanto um como o outro lado da fronteira fizeram gravitar em torno de si, como dois grandes campos simbólicos, outras práticas mágicas.

No caso da necromancia, a superstição com relação aos objetos dos mortos, a feitiçaria em suas vertentes não diabólicas, diabólicas e raramente a feitiçaria amatória, a adivinhação diabólica, o exorcismo não autorizado, a invocação de demônios familiares entre outras práticas são alguns exemplos deste campo simbólico. A astrologia em suas formas mais rudimentares, de quando em vez, articulavam as diferentes funções de outras magias do campo da necromancia, o que demonstra que as necessidades da magia em suas formas cotidianas diluíam sua presença tanto como instrumentalizadora das distintas formas de conseguir objetivos através da magia como com relação à sua influência como visão de mundo. Além de possuir poucos casos de réus na Inquisição cesaraugustana, a astrologia era uma forma de certa maneira isolada de suas outras formas o que reforça este último argumento.

Com relação às magias curativas, a adivinhação supersticiosa, o uso de rezas, orações, terços e outros objetos de devoção católica faziam parte do cotidiano dos hereges seus praticantes, mas seu circuito de ação era diferente dos feiticeiros e necromantes pela freqüência e objetivos de sua clientela, pelos seus objetos de uso. O discurso inquisitorial englobador das curas como supersticiosas e a ajuda do diabo em alguns de seus sucessos serão dois dos elos de ligação significativos que demonstram a tênue mas significativa linha que relacionava os dois campos da magia na Aragão do século XVII. Na opinião de Antonio de Torquemada, que apesar de escrever no fim do século XVI, opina sobre a necromancia, com marcada divisão entre “boa magia” e “má magia” semelhante à noção de magia presente em *Las Siete Partidas* de Alfonso X, que

No se puede negar haber esta arte de nigromancia, y que ha habido muchos que la han usado en los tiempos antiguos, así fieles como infieles, y otros que la usan agora [sic]: pero esta arte se puede ejercitar en una de dos maneras. La primera es natural: que se puede obrar con cosas que naturalmente tienen virtud e propiedad de hacer y obrar aquello que se pretende, así por virtud de hierbas y plantas y piedras y otras cosas, como por constelaciones y influencias celestiales; y ésta es lícita y se puede muy bien usar sin escrúpulo ninguno por la personas que alcanzaren y supieren los secretos que a otros son encubiertos. Y así es lo que dice Santo Tomás en el tratado que hizo **De ente & esentia**, aunque algunos dice no ser suyo, sino apócrifo, donde trae que Abel, hijo de Adán, hizo un libro de todas las virtudes y propiedades de los planetas, y conociendo [sic] que el mundo se había de perder en el Diluvio, metiolo en una piedra y cercola [sic] de manera que las aguas no pudiesen corromperla, para que viniese a ser notorio para todas las gentes. Esta piedra halló Hermes Trimegistro y quebrándola [sic] y viendo que el libro estaba dentro se aprovechó dél en muchas cosas; y viniendo después este libro al poder de Santo Tomás, dice que hizo algunas experiencias, entre las cuales fue una que estando malo y fatigándole [sic] las bestias que pasando por la calle hacían ruido, lo remedió con hacer una imagen conforme el libro decía; y enterrada en la calle, no tuvo poder bestia ninguna de pasar por ella, antes en llegando allí se paraban y volvían atrás, sin que nadie fuese poderoso para apremiarles

a hacer otra cosa. Y también cuenta de un amigo suyo que por el mismo libro hizo otra imagen, la cual, metida en una fuente, era causa de que todas las vasijas que tocaban en el agua se quebraban; esto era porque en el obrar de estas imágenes se guardaban ciertas horas y puntos y se tenía cuenta y razón para que los planetas pudiesen mejor influir en obrar aquello que parecía [sic] sobrenatural. Esto es todo lícito, qué no hay que alegar contra ello. La otra manera de nigromancia, o de magia, es la que usa y ejercita con el favor y ayuda de los demonios, lo cual vimos que ha muy grandes tiempos que se sabe y se ha ejercitado en el mundo; y de esto da testimonio la Sagrada Escritura así como los magos de Faraón, en el Testamento viejo, que competían con Moisés y Aaron, como en el Testamento nuevo y actos de los apóstoles, donde los tratan lo de Simón el Mago con el Apóstol San Pedro; y para satisfacer a nuestra voluntad la pregunta, habéis de entender que los demonios pueden ser comprimidos y apremiados por los ángeles buenos; y esto, por razón de la gracia que perdieron los unos y quedó en los otros; y también los hombres santos y religiosos, por virtud de las palabras santas y exorcismos ordenados por la Iglesia, atormentan a los demonios y los fuerzan a que salgan de los cuerpos donde entran y hagan otras operaciones.¹⁰⁷

E segue, definiendo a necromancia como a identificamos nos séculos XVI e XVII

Y dejando aparte los ejemplos que en el Testamento nuevo tenemos de lo que Cristo, como Dios que era, obraba con ellos, vengamos a los Apóstoles y a los Santos que en la virtud de sus palabras, y en nombre de Jesús, les hacían obedecer [sic] y cumplir lo que los mandaban; pero los nigrománticos, por sí, ni por sus palabras, o caracteres, o signos, no son poderosos para hacer que un demonio los obedezca, ni haga cosa ninguna por su voluntad, aunque ellos piensan lo contrario a esto. Y para que sepáis ser así, entended que ninguno puede usar ni ejercitar la arte de nigromancia, si no es habiendo primero hecho pacto y concierto tácito o expreso con el demonio, y los demonios que

¹⁰⁷ TORQUEMADA, A. de. *Jardín de Flores Curiosas*. Palencia: Simancas Editores/El Parnasillo, 2005 (1573), p. 181-184.

intervienen en estos conciertos, no son los comunes, por la mayor parte, sino de los superiores, porque entre sí guardan sus órdenes y grados de superioridad como lo dice Fray Francisco de Vitoria en la repetición que hizo de Magia, y esto es mejor para usar sus maldades; y así, dice Santo Tomás, algunos demonios son preferidos como principales para mandar a los otros; y los demonios inferiores se sujetan a aquellos que son más poderosos en fuerzas para ejercitar su maldad; conforme a esto, decían los judíos a Cristo que en nombre de Belcebú, príncipe de los demonios, obraba sus milagros. Desta manera, los nigrománticos o magos que están confederados con los príncipes y capitanes del ejército infernal, tienen siempre prontos y aparejados a los demonios inferiores para cumplir su voluntad; porque los más principales les apremian a que cumplan. Y en lo que habéis dicho que los demonios están encerrados o atados a una anilla o redoma, o en otras cosas, es un engaño común, que resciben [sic] los que tratan de esta materia, y que los mismos [sic] demonios los hacen entender, que la verdad de ello es que los demonios están donde quieren y como quieren, y por más lejos que se hallen el tiempo que son llamados o requeridos, en un instante vienen a estar presentes e responder. Los que como a familiares y que piensan siempre tenerlos consigo, les preguntan alguna cosa, y con esto traen engañados a los que presumen tenerlos forzosamente a su mandado, porque no proceden del poder ni de las palabras del nigromántico, ni de la potencia de los espíritus y demonios superiores y más poderosos que, como capitanes, mandan y gobiernan a otros; los cuales algunas veces también los fuerzan y apremian a estar ligados; pero es de presumir por su maldad que por su maldad que por la mayor parte de los que dejan en la libertad de lo que he dicho.

Esta opinión no es solamente de Santo Tomás, sino que de San Agustín, y de casi todos los Doctores que tratan de esta materia, en la cual no faltarán muy grandes particularidades que poder decir; pero dejemósllo [sic] por pasar a otras cosas que no son menos dignas de entenderse.¹⁰⁸

¹⁰⁸ TORQUEMADA, A. de. Idem, p. 183-184.

O certo é que, concordando com José Antonio Maravall, assim como os necromantes, os feiticeiros e os encantadores tinham poder para alterar a realidade¹⁰⁹, tentativa constante em um mundo cada vez mais complexo, no qual a magia passava a disputar espaço com outras formas de interpretar e vivenciar o mundo.

¹⁰⁹ MARAVALL, J. A. *Utopía e Contrautopía en El Quijote*. Madrid: Visor, 2006, pp. 146-147. Biblioteca Cervantina “Don Quijote @400”.

2 – O Curandeirismo

*“Dos te lo han hecho
Tres te lo han de quitar
Son las tres personas
De la santísima trinidad
Y si mal fue visto
Antes de nacer Jesu Christo
Que si mal sea o no sea
Que este mal se vaya fuera
Porque Dios así lo quiso
Y que se vaya el mal y viva Christo”*
(Bendición popular para aojamiento)

Os sistemas da cura

Usos e costumes do curandeirismo herético

O ‘Lazarillo’ de Zaragoza e os identificadores de bruxas

A causa de Juan Tayan

Os sistemas da cura

O Rei Felipe II possuía para os cuidados com sua saúde, segundo Javier Puerto¹¹⁰, um verdadeiro exército à sua disposição. Somando-se médicos, boticários, sangradores, barbeiros e outros dedicados aos seus cuidados e da casa real mais de cem pessoas: setenta e nove médicos, trinta e dois cirurgiões e outros tantos designados para os cargos de boticários, ajudantes de boticários, destiladores e auxiliares de destiladores. Os chamados médicos de câmara possuíam um salário semelhante ao de cargos importantes como o de cronista real e coadunavam as tarefas de cura e assistência real com o atendimento privado. O fato de garantir a saúde do Rei, afinal de contas, garantia a idoneidade e confiança necessárias para atrair uma clientela não apenas boa como também necessária para receber uma quantia mensal que garantisse a continuidade de suas atividades e sua situação social.¹¹¹ Mesmo Felipe II havia herdado de Carlos V

¹¹⁰ PUERTO, J. *La Leyenda Verde*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 2003, p. 234.

¹¹¹ PUERTO, J. *Idem*, p. 234.

dezenove médicos a seu favor. Os demais ele mesmo havia contratado para seus cuidados.

Semelhante a outros movimentos de sistematização institucional, baseados no trinômio axiomático formado pela monarquia confessional, sistematização e organização das instituições reinóis, e pelo desenho doutrinário-religioso impulsionado pelo próprio Rei nos padrões do Concílio de Trento, a partir do governo de Felipe II haveria não apenas uma preocupação com a saúde real, mas a partir desta preocupação uma elaboração e fiscalização dos organismos de formação dos médicos, boticários e barbeiros cirurgiões que deveriam estar em número e competência suficientes para atender não apenas ao Rei, mas os súditos e demais membros da família real.

Algumas das bases institucionais para que estas demandas fossem atendidas, se já não haviam se cristalizado, compunham um quadro que ficaria cada vez mais exigente, dinâmico e complexo em termos de formação e demandas. A partir de 1548 e, portanto, da organização institucional da Casa de Borgonha, a atenção ao rei se organizaria em quatro espaços distintos: *La Casa Real*, *La Caballeriza Real*, *La Real Capilla* e *La Cámara Real*, respectivamente preocupados com a assistência material, deslocamentos e transporte, e cuidados pessoais com o corpo do Rei. Em termos sanitários e de cuidados com o Rei, a Câmara Real era responsável pelas vestimentas, asseio e saúde todos de responsabilidade do *Sumiller de Corps*, dos quais dependiam todos os súditos responsáveis pela saúde e higiene e todos os demais serviços de distinta ordem. Este esquema protocolar se reproduzia institucionalmente também para os cuidados com a Rainha e com os herdeiros a partir de certa idade.

A estrutura formada a partir de então foi se modificando ao longo do século XVI com pequenos ajustes e apontamentos feitos pelo Rei. Uma instituição formada a partir de 1477 o Real Tribunal del Protomedicato, inicialmente era formado por médicos reais e encarregado de formar os serviços especializados, perseguir o exercício irregular das profissões sanitárias, arrecadar impostos e administrar em caráter e justiça neste campo. Acumulando um número cada vez maior de funções até regular todos os processos relacionados com os aspectos sanitários, a instituição se propagou também pelos territórios nos quais os *gremios* e as *cofradías* ocupavam estas funções, incluídos Aragón e Navarra.¹¹² Em 1563 se estabelecem as condições necessárias para que médicos, cirurgiões e boticários realizem exames ante o Tribunal del Protomedicato.

¹¹² PUERTO, J. Idem, p. 235.

Em 1588 Felipe II promove a primeira grande reforma do tribunal que passa de um caráter avaliador para um papel fiscalizador com maior poder de controle e com critérios melhor definidos, assim como outras instituições no mesmo período como a Inquisição, as Ordens Religiosas, e o espírito reformador imposto pela catequese nas suas diversas vertentes, inclusive através do trabalho dos *Index Librorum Prohibitorum*.¹¹³

Entretanto, os limites eram sempre tênues entre a ciência e a superstição, o benefício e o malefício, as práticas assistenciais curativas consideradas autorizadas e as não autorizadas. Os castelhanos, e não seria arriscado dizer os aragoneses também, tanto os que viviam em pequenas aldeias quanto os moradores de Toledo e Madrid, possuíam algum tipo de vínculo com a figura régia do Rei. No século XVI, a natureza deste vínculo estava fortemente influenciada pela política religiosa do monarca e de sua própria religiosidade.¹¹⁴ “Por isso mesmo”, expressava o Rei Felipe II em carta de 7 de Janeiro de 1569, “os habitantes de qualquer aldeia lhe faziam estar a par da posse de relíquias ou de fatos sobrenaturais supostamente ocorridos em seus *pueblos*.”¹¹⁵ Entre as obrigações reais também a de visitar santuários, o que reforçava tais laços entre a soberania régia e uma religiosidade praticada fora dos espaços palacianos.

Como se vê, o mesmo Rei que havia nascido, segundo Manuel Fernández Álvarez, após 1520 e já via o mundo de uma maneira distinta de seus antepassados, acreditava no poder das relíquias para cura de seus filhos e acumulava grande quantidade de *ex-voto*, demonstrando o poder sobrenatural incrustado em sua forma de viver o catolicismo.¹¹⁶

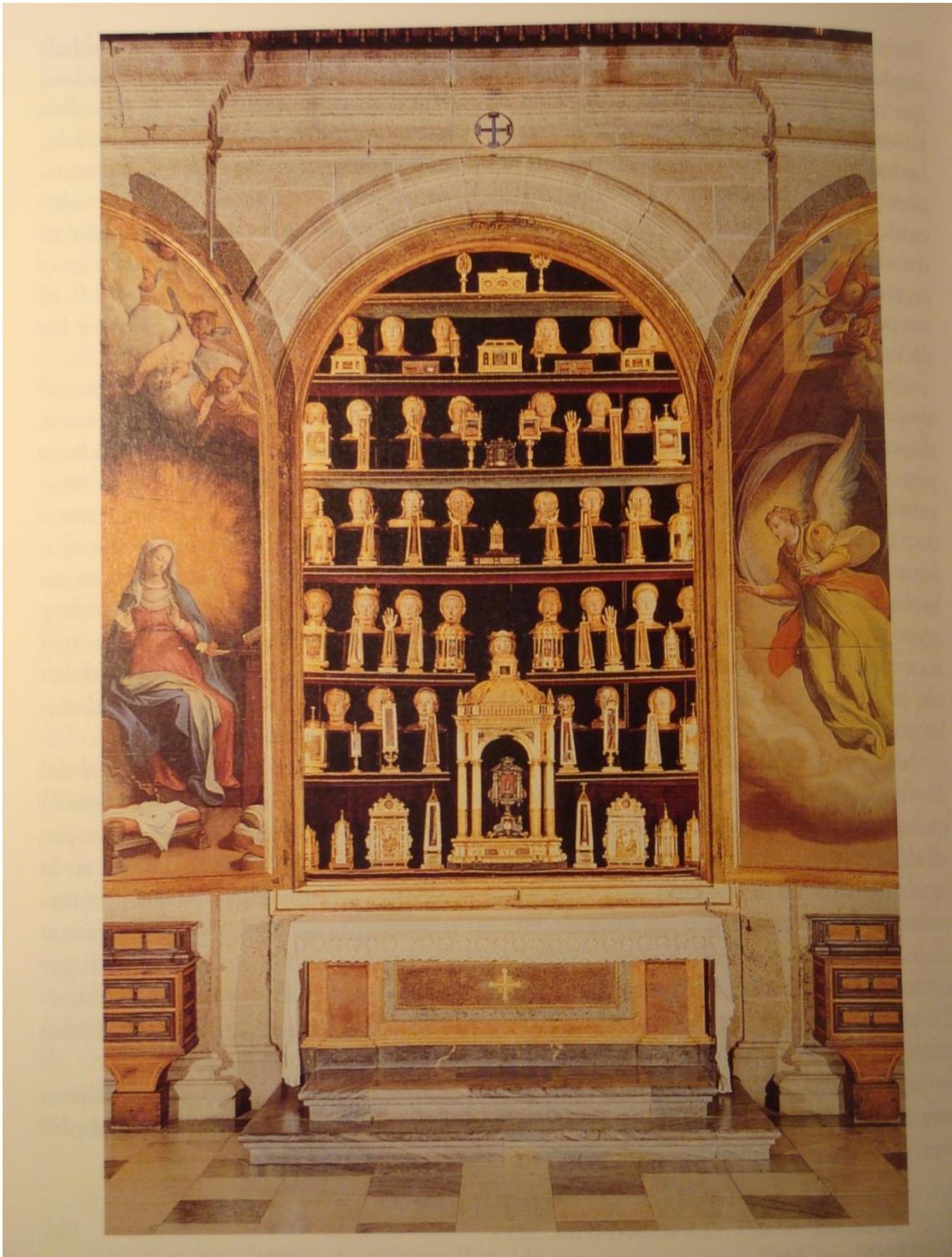
Do outro lado da fronteira, o lado dos praticantes de magia, havia também uma experimentação quase científica, fosse pela distorção do que se considerava ciência, fosse pela apropriação de elementos considerados científicos para a época. Don Miguel Francisco de Pedregosa, presbítero natural de Alcalá de la Reina em Jaén e residente em Zaragoza, em meio à sua pletera de objetos mágicos utilizava uma edição de

¹¹³ MARTÍNEZ MILLÁN, J. “En busca de la ortodoxia: El Inquisidor General Diego de Espinosa”. In: MARTÍNEZ MILLÁN, J. *La Corte de Felipe II*. Madrid: Alianza Ed., 1994, pp. 189-228. Ver especialmente p. 200 et seq.

¹¹⁴ WILLIAM, A. & CHRISTIAN, J. R. *La Religiosidad local en la España de Felipe II*. Madrid: Nerea, 1981, p. 188, Citado em PUERTO, J. Idem, p. 329.

¹¹⁵ PUERTO, J. Ibidem, Idem.

¹¹⁶ RODRÍGUEZ ALVAREZ, M. *Felipe II y su Tiempo*. Madrid, Espasa-Calpe, 2007.



Altar de relíquias do San Lorenzo “El Escorial”. Além de simbolizar a devoção de Felipe II, revelava também muito de sua crença no caráter mágico dos *ex-voto* e de outros objetos com poderes mágicos como demonstra a figura. Extraído de PUERTO, Javier. *La Leyenda Verde. Naturaleza, sanidad y ciencia en la corte de Felipe II*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 2003, p. 292.

Dioscórides para consultar se determinadas ervas eram adequadas para realizar um ritual de busca de um tesouro. Tal Miguel Francisco:

y este reo propuso algunas dudas sobre que él había mirado en Dioscórides y no había encontrado con tales yerbas y que lo había preguntado a algunos boticarios y dicho Sánchez le sacó de sus dudas fingiendo pareció que quería, y que este reo, y dicho Clavero, hicieron varias e exquisitas diligencias para buscar todas las hierbas y demás cosas requeridas.¹¹⁷

Muitas vezes, utilizando-se de objetos semelhantes aos da feitiçaria pura e simples, o curandeirismo utiliza seus próprios métodos, possui funções próprias e constitui um circuito de atuação autônomo e ao mesmo tempo dependente entre todos os campos citados anteriormente. Complexo, este circuito possui afirmações, negações e tensões que estabelece com a necromancia, feitiçaria e outras práticas mágicas. Ao contrário de Enrique Perdiguero¹¹⁸, a intenção é compreender quais eram os atores de tais demandas em caráter de exceção e quais as negociações, recursos, mediações e tensões entre tais atores dentre os considerados curadores aqueles que os procuravam na busca da solução de suas aflições, relação sempre vigiada por olhos inquisitoriais e por outros organismos de controle das relações de assistência e cura com a criação do Protomedicato Régio castelhano por Felipe II em 1564.¹¹⁹

A iniciação dos curandeiros muitas vezes acontecia casualmente e não durava durante muito tempo¹²⁰, fosse pela necessidade de sobrevivência que os empurrava para ganhar algum dinheiro ou comida, fosse por vocação ou por simplesmente ver os diferentes exercícios da cura como uma ocupação ou vocação. No caso de Gabriel Monteche que, ainda que alegasse ter praticado algumas curas, curiosamente usava o ofício de saludador como disfarce para ganhar dinheiro enganando as pessoas, um saludador de Valencia havia dito que ele possuía tais poderes e o investiu de tal ofício dando-lhe uma oração e dizendo que com ela poderia empreender tal ofício curando de mordida de cães raivosos. A partir de então e durante dezesseis anos até ser denunciado

¹¹⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 422 r. Causa de Don Miguel Francisco de Pedregosa.

¹¹⁸ PERDIGUERO, E. "Protomedicato y Curanderismo". DYNAMIS, 1996, 16, pp. 91-108.

¹¹⁹ PERDIGUERO, E. Idem, p. 107. DOCTOR, A. F. "El control de las profesiones sanitarias en Aragón: el Protomedicato y los Colegios". DYNAMIS, 1996, 16, pp. 173-185.

¹²⁰ LÓPEZ TERRADA, M. L. "Las prácticas médicas extraacadémicas en la ciudad de Valencia durante los siglos XVI y XVII". DYNAMIS, 2002, 22, p. 19.

à Inquisição, Monteche havia observado como trabalhavam os saladores para empreender falsamente aquele e outros ofícios a partir da observação dos trejeitos dos saladores profissionais mais solicitados e confiáveis. Andrés Mascarón, sapateiro e no começo de sua vida e depois cocheiro, que se intitulava, “salador e adivinhador”, desde os doze anos de idade, praticava curas pois dois saladores haviam identificado nele o poder de curar e haviam dito que tinha virtude para “saludar”, e curar de raiva, por possuir a roda de Santa Catarina debaixo da língua, porque eles haviam lhe dito que como era sétimo filho varão de sua mãe poderia fazê-lo, e que lhe ensinaram o que havia de fazer para curar de raiva.¹²¹ Em seguida lhe ensinaram a oração de investimento de tais poderes

criatura de Dios en alabanza de la santísima trinidad, Padre, Hijo y Espiritu Santo tres personas y uno solo dios verdadero; en nombre sea de Dios, y de la Virgen Maria, Señor San Pedro, Señor San Juan, San Cosme y San Damian, San Gregorio, San Agustin, Santa Barbara, Santa Orosia, Christo Vence, Christo Reina, Christo de todo mal te defienda, asi como esto es verdad, alabada sea la santísima trinidad, y les manda decir tres pater noster, y tres avemarias y los bendice, y los sopla lo cual hace con todos los que llegan a el asi sanos como enfermos, y que también bendice el pan, y la sal, el agua diciendo en nombre del Padre, del Hijo, y del Espiritu Santo, Señora Santa Quiteria libra de mal a quien comiere este pan, y sal, y le hecha del agua bendita.¹²²

Além de contar com todos os santos e principalmente Santa Quitéria, defensora dos males da raiva, outros sinais de distinção eram utilizados por tais curandeiros. O mesmo Gabriel Monteche, observador deste signo de distinção entre saladores havia feito em si próprio a roda de Santa Catarina tinha em um braço a Roda de Santa Catarina e em outro uma cruz os quais se havia feito com uma agulha para dar a entender que havia nascido com elas e que as mostrava a muitos para que acreditassem que tinha virtude.¹²³ O padre Benito Antonio Feijoo em seu *Teatro Critico Universal* também conhecia tal artifício para identificar um salador, que funcionava como um

¹²¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 619r. – 620v. Causa de Andrés Mascarón.

¹²² AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 619r. – 620v. Causa de Andrés Mascarón.

¹²³ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 467v. – 470r. Causa de Gabriel Monteche.

símbolo legitimador, um texto vivo que identificava seu conteúdo de forma imediata a quem o visse

sentir es que ni curan supersticiosamente ni lícitamente, ni por virtud sobrenatural ni natural ni diabólica...las notas que muestran de su virtud, esto es, la rueda de Santa Catalina en el cielo de la boca, y la imagen de un crucifijo debajo de la lengua, todo es mera impostura, pues bien considerado, no se ve en ellos otra cosa que los lineamentos naturales, o de las venas, que concurren debajo de la lengua, o de las prominencias que hay en el cielo de la boca.¹²⁴

Juan José Venegas trazia consigo um crucifixo grande que trazia no peito, e de que dizia que tinha graça particular de Deus para *saludar*, além de outros poderes relacionados tradicionalmente aos curandeiros.¹²⁵

Pablo Borao se identificava como autorizado para curar pois possuía un Cristo no céu da boca, na mão direita a Roda de Santa Catarina e nas costas un quadro onde figurava a Santíssima Trindade como a conhecem.¹²⁶

Outros sinais de distinção também eram usados para legitimar o trabalho de curandeirismo.

Pedro Bergues acreditava possuir os poderes para curar pois havia nascido na sexta-feira santa e como indica o documento a crença do poder pela semelhança difundia a crença do dom de distinção por tal nascimento

dijo que la había dicho cierto hombre de dicho su lugar que había conocido un hombre que curaba las cuartanas con bocados de pan partidos en su boca soplándolos al modo de los saludadores y dándolos al enfermo y que si dicho Pedro había nacido en viernes santo como había nacido dicho hombre, podría curar como él, y que también había sabido que este deposante, que nació en día de viernes

¹²⁴ FEIJOO, Benito Jerónimo, *Teatro Crítico Universal*. Madrid: BAE, vol. 141, pp. 279-281.

¹²⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 298v. Causa de Juan José Venegas.

¹²⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 996, Fol. 257 v. Causa de Pablo Borao.

santo y con eso persuadidole que también curaría en dicha forma y con efecto había ejecutado el remedio.¹²⁷

Francisco Casabona, que también usava o nome de Sebastian Ferrer, de 21 anos de idade, havia se apresentado na vila de Pueyo como saludador com uma cédula do Santo Ofício às autoridades da vila que mais tarde o denunciariam à inquisição. Assim como Monteche, Casabona utilizou um sinal de distinção para obter vantagens que poucas pessoas teriam na época, solicitando

dicen que por el mes de Mayo de 1623 fue este reo al dicho al dicho lugar del Pueyo, y represento ante ellos jurados y justicia, y les dijo que era saludador, y les presento unas letras, y patente diciendo le eran concedidas por los inquisidores de Aragón para usar el arte de saludador, y les requirió les diesen favor, y ayuda para ejercitar el oficio de saludador, y le diesen de comer y cabalgadura para ir a otro lugar y creyendo los testigos que las hojas y letras eran verdaderas las obedecieron, y juntaron publico consejo, y que estando junto el consejo entro este reo, y allí públicamente presento dichas letras diciendo que si los jurados, y el consejo no hacían lo contenido en ellas incurrirían en indignación de los inquisidores, y caerían en penas, y censuras a ellos reservadas, y amenazándoles les dijo que el haría contra los jurados y consejo avisándoles de renitentes, y de personas, que acudían poco al servicio del Santo Oficio de la Inquisición sino las cumplían, y creyendo el Consejo y Jurados al reo y que las dichas letras eran del Santo Oficio obedeciéndolas les dieron de comer un día e una noche, y a dos hombres que consigo llevaba, y le dieron cabalgadura y dinero para ir a otro lugar.¹²⁸

A identificação por aqueles que recorriam aos seus serviços era fácil não só por sinais corporais, documentos e características físicas, mas também de comportamento. Segundo disse à Inquisição Garbriel Monteche, aproveitando para beber mais do que costume por se identificar como tal, dizia que os saludadores “de ordinario bebem muito

¹²⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 231v. Causa de Pedro Bergues.

¹²⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

e assim dizem depois de haver bebido mais do que convêm”.¹²⁹ Mais adiante, como se verá, Juan Tayan, saludador e curandeiro de Baço entre outras enfermidades, havia se identificado ele próprio a um possível comensal, observando o problema e em seguida solicitando ao doente que fosse curado.¹³⁰

Apesar de muitas das funções mágicas serem complementares, algumas delas exerciam predomínio simbólico sobre outras. A identificação dos curandeiros como saludadores era a mais comum. O verbo saludar vem de *salutatis* e portanto é o ato da cura por aquele que se intitula como tal. Os saludadores eram simplesmente aqueles que diziam curar com recursos mágicos de diversos aspectos e com uma pletora de objetos, amuletos e relíquias. Entre outras funções associadas aos exercícios da cura estão também os chamados santigüadores, pilmadores e herbolarios.

Os *santigüadores* eram conhecidos por benzer e utilizar palavras, salmos, nóminas e orações para curar quem os procurava. Pedro Antonio Bernardo, clérigo racionero beneficiado na Vila de Bielsa, preso pela inquisição em 1693, havia sido denunciado de *santigüar* após entregar certas mulheres que ele opinava eram bruxas. Como vingança, havia sido denunciado, além de buscar tesouros, que

“(…) había usado de la oración de San Antonio de Padua, para los mismos enfermos de lombrices, y que había dicho a cierto rector, haría dar a una enferma, agua después de haber purificado el cáliz (…)”.¹³¹

Martín Ezquerria, lavrador de 55 anos morador de Colungo, acusado de feitiçaria, tinha também o dom de

por un ensalmo que sabia para matar lombrices y que lo explico largamente con los individuos a quien lo había aplicado a los buenos

¹²⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 467v. – 470r. Causa de Gabriel Monteche.

¹³⁰ AHPZ, Sección Inquisición, noticias sueltas de la causa de Juan Tayan. *Passim*.

¹³¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 417v. Causa de Pedro Antonio Bernardo.

efectos y que se le había enseñado un sacerdote había enseñado había años y mando y por eso usándolo con buena fe y sin malicia.¹³²

O curioso é que um lavrador como Ezquerra ensine um religioso a curar através de *ensalmos* e orações. A circularidade do aprendizado das práticas mágicas obedece à faz com que este tipo de aprendizados sejam ensinados e aprendidos entre diferentes indivíduos e grupos sociais.

Geralmente, os *ensalmadores* possuíam uma rotina de tarefas e práticas mágicas baseadas na devoção de algum tipo de santo, muitas vezes em correspondência com suas histórias de vida que eram utilizadas como representação de similaridade para curar tal ou qual mal do corpo ou da alma.¹³³ Cada tipo de devoção, cada tipo de Santo, correspondia a uma forma de cura e a um mal específico. Santa Catarina, Santa Quitéria, Santo Antônio, Santo Agostinho, Santa Orosia e mesmo São Cipriano eram alguns dos mencionados em tempos difíceis. Conforme a invocação e a prece também eram solicitados a Virgem María, Jesus Cristo sempre em sua forma de poder mágicos chamado de *Santo Christo* e a Santíssima Trindade.

Os herbolarios eram os conhecedores de ervas e fabricantes de remédios líquidos mágicos, beberagens, chás e defumações. Muitas vezes estes eram confundidos também com os chamados *pilmadores*. Os *pilmadores* eram fabricantes de emplastros feitos com ervas muito utilizados para erupções cutâneas, dores musculares, ossos quebrados e outros males conhecidos não só daqueles que curavam, mas também daqueles que procuravam os curandeiros.

As fronteiras entre estas práticas mágicas não eram nítidas e mesmo entre o campo dos curandeiros e o campo dos magos os limites demonstravam mais do que uma negação uma interdependência. Pablo García, lavrador de Santa Cruz de Noguerras de 70 anos, que

[sabía] leer e escribir havia leído y dicho la oración de San Cipriano.¹³⁴ Tal reza habría más de veinte años que entre los papeles de su padre ya difunto halló un libro impreso en el cual estaba la

¹³² AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 206r.-206v. Causa de Martín Ezquerra.

¹³³ THOMAS, K. *Religion and the Decline of Magic*. London: Penguin, 2007, p. 133 et seq.

¹³⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 305 r. Causa de Pablo García.

oración de San Cipriano la cual copió de su mano por parecerle devota e pía.¹³⁵ Contou também que había usado de dos años a esta parte de dicha oración, por que antes alguna vez le decía que había ido al lugar de Luezma, llamado de una mujer casada que nombró, y dicho la dicha oración a um hijo de ella por três veces por haber hallado assi advertido en el referido libro, y con esto mejoro el niño y preguntado si hacía más que leer la dicha oración tres veces y si usaba alguna otras ceremonia dijo que no.¹³⁶

A simbiose seletiva que separava as práticas assistenciais curativas de outras não relacionadas à cura também não é diretamente identificada com a realização de benefício ou malefício. Na mesma proporção também não se dividia entre os santos e Jesus Cristo de um lado e o Diabo de outro. Gabriel Monteche que dizia ser curandeiro

declarava donde estaban las cosas hurtadas y pedidas y dice que tratando con el dicho reo de diferentes cosas y diciéndole como curaba enfermedades por ensalmo y sabia adonde estaban las cosas hurtadas y perdidas le había dicho y confesado estando solos que el tenía un demonio familiar que por tener hecho pacto con el le decía donde estaban las cosas hurtadas y perdidas y quien las había hurtado y que curava diversas enfermedades por que el mismo demonio familiar le decía la calidad de las enfermedades y con qué yerbas las curaría y que el demonio le traía de cualquiera parte que quería las hierbas para curar.¹³⁷

Mesmo os praticantes de outros tipos de magia que se identificavam como curandeiros característicos não conseguiam disfarçar sua falta de conhecimento sobre os rudimentos básicos dos curandeiros. O mesmo se pode dizer da Inquisição, sempre atenta a tais personagens como Pedro Solón, natural de Alfamén, professor de esgrima que ensinava sua arte em diversas vilas de Aragão e praticava diversas formas de feitiçaria. Quando perguntado sobre suas artes mágicas, que incluían a invocação de

¹³⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 305 r. Causa de Pablo García.

¹³⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 305 r. Causa de Pablo García.

¹³⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 467v. – 470r. Causa de Gabriel Monteche.

demônios, a adivinhação de animais, objetos e pessoas perdidas além da expulsão de espíritos malignos, Solón declarava que aquilo nada tinha a ver com a Inquisição, pois era saluador, acreditando que livrando as pessoas de inconvenientes como espíritos perturbadores e ruídos assustadores que assombravam as casas, poderia ser considerado saluador.¹³⁸ Mais adiante, Solón confessa o verdadeiro motivo pelo qual declarava ser saluador, quando após declarar que tinha o poder para fazer chover seis *cahices*¹³⁹ de trigo, mas não o fazia pois tinha medo do Santo Ofício. A atitude de Solón revela mais que medo, uma hierarquização entre os diferentes tipos de práticas mágicas e uma relativa tolerância com relação aos curandeiros e saluadores de maneira geral. Era de conhecimento do Santo Ofício que muitas vilas autorizavam a atuação de curandeiros *sin recibir sueldos* para tal.¹⁴⁰

Um possível conflito acirraria ainda mais o conflito de competências já estabelecido entre as diferentes justiças com relação aos crimes relacionados à magia.

Usos e costumes do curandeirismo herético

Muitos destes curandeiros identificavam claramente quais os seus métodos e com quais recursos contavam para realizar curas e outras práticas. As elencadas por Cirac Estopañan demonstram que além das curas supersticiosas ordinárias como saluador, santiguar, e pilmar, outras já demonstravam o caráter complexo que unia práticas dos saluadores e dos magos em geral. Muitas delas alimentam o equilíbrio entre um grupo e outro de supersticiosos e criam uma relação mago-curandeiro, sobretudo o desaojamiento, deshechizamiento, a desligadura e a identificação de bruxas.¹⁴¹

¹³⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 505 v. Causa de Pedro Solón.

¹³⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 505 v. Causa de Pedro Solón. “Cahiz: Medida que equivalia entres os séculos XIII e XV na seguinte referência: 1 cahiz, 4 robos – 1 robo, 4 cuartales – 1 cuartal, 4 almudes. Uma conca de trigo meio arrobo. Uma carga de trigo 6 robos. Uma carga de cevada ou aveia quatro robos. As medidas variavam de região para região: 200 cahices de trigo de Zaragoza perfaziam 320 de Navarra, ou seja, as medidas eram tidas por comparação. Cf. YANGUAS MIRANDA, J. *Diccionario de Antitgüidades del Reino de Navarra*. Pamplona: Imprenta de Francisco Erasun, 1840, Tomo II, p. 708 et seq.

¹⁴⁰ LÓPEZ TERRADA, M. L. Op. Cit. p. 119.

¹⁴¹ CIRAC ESTOPAÑAN, S. *Los procesos de hechicerías en la Inquisición de Castilla la Nueva*. Madrid: CSIC/Instituto Jerónimo Zurita, 1942, pp. 88-104.

Pode-se considerar uma polarização entre os gêneros masculino e feminino guardadas as particularidades de cada um deles em número de seus praticantes. Neste sentido, se o *aojamiento*, o *hechizamiento* e a *ligadura* eram práticas mágicas tipicamente femininas, seus antagonistas eram praticados neste caso por homens, exercendo uma clara diferenciação com relação a estas personagens. Note-se que, apesar disso, esta polarização não é nítida e definida, permanecendo ainda dubiedade entre benefício ou cura e malefício.

Além dos vários tipos de cura praticados, muitos hábitos podem identificar os curandeiros heréticos. Muitos eram conhecidos por localizar objetos perdidos e pessoas desaparecidas. O mesmo Pedro Solón dizia que qualquer um poderia procurá-lo pois

cuando hurtasen alguna mula o otra cosa tomase una bacía y pusiese en ella un cantaro de agua y en ella una pluma y señalase nuevos caminos y allí hiciese algunas rayas hiciese ciertas letras y metiese la mano en la tierra y ofreciese el alma al diablo y le diese que le adevinase aquel hurto.¹⁴²

Os processos curativos empírico-creenciais envolviam um complexo número de objetos em coleção considerados poderosos para realizar curas mágicas. A escolha dos objetos, o uso, a função, o local de uso, a dosagem exata – nos casos em que as curas se revelavam como experiências quase galênicas – eram essenciais para que o curandeiro se estabelecesse sua posição com relação aos circuitos conhecidos de cura, fosse reconhecido ou legitimado por sua clientela simbólica e, sobretudo, para que a cura pudesse ter alguma possibilidade de concretização.

A água em suas diversas formas era fundamental para realizar as curas e outros rituais mágicos, por vezes improvisados, por vezes bastantes complexos. Em muitas ocasiões, para não dizer em quase todas, a água era benzida, modificando-se apenas a forma de sua consagração ou imposição do poder mágico. Em algumas ocasiões, o próprio curandeiro, acreditando ter poderes para realizar tal ritual, realizava atos performáticos como sinais da cruz ou imposição das mãos ao que, ato seguido, dizia que água estava apta para proteger, curar ou realizar outros prodígios. Em outras ocasiões,

¹⁴² AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 506 r. Causa de Pedro Solón.

água era conseguida nas Igrejas, em pias batismais – que eram literalmente despedaçadas para uso como amuletos ou em outros diversos feitiços, assim como pedaços dos altares, disputados literalmente a tapa entre os magos e feiticeiros – ou em outros locais como procissões e missas. Mais ainda, em outras ocasiões, a água considerada pia, santa, mágica ou terapêutica era conseguida em locais considerados mágicos como rios, fontes, corredeiras e riachos – *ríos, fuentes, arroyos*. Uma imagem muito comum entre os curandeiros eram as *cantarillas de agua, vasos, vasijas* e outros objetos nos quais água era depositada nos rituais.

Gabriel Monteché em uma mistura de improvisação, sangria e número performático dizia curar de raiva rompendo a pele e chupando o sangue daqueles que possuíam raiva. Ele mesmo havia declarado à Inquisição que colocava um verme destes os quais nascem nos pinheiros dentro de sua boca e dava a entender a alguns que estavam contaminados por cães raivosos e que se lhe haviam engendrado em um lado um verme e que ele era saludador e que o tiraria e fazia com que um cirurgião rompesse a pele tirando-lhe um pouco de sangue e depois o colocava em uma bacia de água e misturada a ela punha o verme que tinha na boca e como saía misturado com o sangue que havia chupado entendiam e acreditavam que ele o havia tirado do corpo do homem.¹⁴³

Além da água, o ar era empregado através do sopro, prática muito comum entre os curandeiros. O sopro era utilizado de várias maneiras e empregado em diversas regiões do corpo. Pablo Borao que segundo o Santo Ofício possuía a profissão de exorcista, mas também dizia ser saludador, afirmava que poderia identificar as mulheres espiritadas e, ainda que não as curasse, realizava algumas bênçãos e lhes soprava na cara. Muitas delas diziam inclusive que o sopro poderia ter tido algum efeito maléfico, acusando-o de ter realizado algum feitiço amatório. Em outras ocasiões, o sopro adquiria um caráter mais impactante pela teatralidade da reunião coletiva. Andrés Mascarón, após solicitar que todos se reunissem na praça de Bielsa, disse que curaria a todos homens e mulheres e, enquanto realizava suas curas, dava-lhes um cristo para beijar e depois os soprava.¹⁴⁴ Este tipo de gesto não possuía um forte impacto do ponto de vista da crença daqueles que recorriam aos curandeiros, mas também reforçava a fama daqueles que curavam e viviam de tal mister como indica sua causa tinha pública e

¹⁴³ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fols. 467v. – 470r. Causa de Gabriel Monteché.

¹⁴⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 619 r. Causa de Andrés Mascarón.

notória fama, por parte dele como curandeiro e adivinhador, por parte da Inquisição como praticante de atos escandalosos, supersticiosos e malsonantes.¹⁴⁵

O largo emprego de ervas naturais na cura de problemas cotidianos plasma sem dúvida este tipo de prática que muitas vezes demandava o controle da inquisição pelo menos em âmbito profissional ou nos casos em que o tribunal suspeitava de algum tipo de estafa ou abuso. Muitas das causas apontam para tal controle, com o pedido final da Inquisição que assim se refere nas sentenças: que não cure mais nem com o auxílio de ervas naturais.¹⁴⁶

A saliva era um elemento fundamental como vetor terapêutico e como profilático das moléstias mais comuns para a época a ponto de na cidade de Valência, durante alguns anos, fossem realizadas provas para admissão de saladores tendo como referência curar um cachorro raivoso apenas com a saliva.¹⁴⁷ Pedro Bergues, basco Francês, natural de Uigorra em Beárn, e residente em Zaragoza, dizia curar a febre quartã com três pedaços de pão partidos em sua boca e assim os dava aos enfermos.¹⁴⁸ O mesmo fazia Josepe Bernues de Graos, que dizia curar febres “tercianas” e “quartanas” com uma variante do uso da migalha de pão que beirava à feitiçaria

que curaba las tercianas calenturas y quartanas cortándoles uñas de manos y pies y poniéndolas entre un migaxar de pan diciendo (...) y dichas mujeres que a todas tres curó el reo cortandoles las uñas de las manos y pies y puestolas entre un mexar de pan tierno y llebadoselo consigo y añasen las dos menores que dijo se había de poner aquello en un rincón detrás de la puerta y que como se fuese se conto se le quitarían las tercianas.¹⁴⁹

Em algumas ocasiões, o uso de certos elementos como a saliva revela a fronteira tênue entre a feitiçaria, o curandeirismo e a pura e simples enganação alimentada pela credulidade popular. Pablo Borao afirmava ser salador e se jactava de possuir virtude em sua saliva para curar todas as doenças e que com efeito a havia utilizado para curar

¹⁴⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 619 r. Causa de Andrés Mascarón.

¹⁴⁶ Cf. Anexos: Réus da Inquisição de Zaragoza no Archivo Histórico Nacional (Madrid).

¹⁴⁷ LOPEZ TERRADA, M. L. Op. Cit., p. 119.

¹⁴⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 231 v. Causa de Pedro Bergues.

¹⁴⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 997, Fol. 267 v. Causa de Josepe Bernues.

diferentes doenças, sendo que alguns haviam se curado, outros não.¹⁵⁰ Aproveitando-se da situação de fragilidade e credulidade dos que acreditavam em suas curas, sobretudo as mulheres neste caso, utilizava-se de sua saliva de diversas maneiras. Certa ocasião, dizendo curar uma garota espiritada, havia lhe pedido um beijo em uma ocasião em que dizia estar curando e que na maioria das vezes solicitava ficar à sós com as mulheres. Sua audácia iria ainda mais longe quando, ao tentar “curar” a filha de Don Braulio Carnicer, homem importante e conhecida autoridade local na qual, justificando que estava enfeitiçada

“(…) había hecho una cruz en la barriga (...) habiendosela untado primero primero con aceite y que la cruz le habia hecho con la lengua diciendo (...) habia hecho el reo dichas cruces en diferentes ocasiones”.¹⁵¹

Para alguns curandeiros o conceito de “bem” e de “mal” tornava-se acorde com as circunstâncias e, neste sentido, o saluador poderia também se considerar um elemento da providência divina ou um agente do bem social que providenciava que certos padrões morais ou sociais considerados desviantes fossem corrigidos na tentativa de serem bem vistos pela população, mas sobretudo por sua clientela simbólica, o que nem sempre funcionava. De uma maneira “torta”, Pablo Borao acreditava fazer o bem para certas mulheres, a quem atendia com a “graça” do aborto. Dizia publicamente que

hacía mal parir solo con la señal de la cruz y unas palabras que decía a muchas mujeres de diferentes estados y que afeándole como perdía tantas almas, un sacerdote, dijo el reo eso es menos inconveniente, que no el que pierdan el la reputación algunos conventos de religiosas que estaban preñadas, y que preguntándolas como lo ejecutaba y en que se convertía el preñado respondió (...) que haciéndoles levantar las faldas, y hechandoles la bendición y que lo que mal parían se convertía en agua.¹⁵²

¹⁵⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 996, Fol. 257 r. Causa de Pablo Borao.

¹⁵¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 996, Fol. 257 r.-257 v. Causa de Pablo Borao.

¹⁵² AHN, Sección Inquisición, Libro 996, Fol. 257 v. Causa de Pablo Borao.

É digna de nota a relação de cumplicidade estabelecida entre os curandeiros e sua clientela através de um discurso próprio. Deste discurso, faziam parte os acordos estabelecidos entre os curandeiros de uma maneira geral e sua clientela, muitas vezes estabelecidos por sua fama pública e notória de praticar curas em geral ou curas específicas. Jusepe Bernues curava apenas *calenturas, fiebres tercianas y cuartanas*.¹⁵³ papéis nos quais eram carregadas suas nominas. A fabricação de nominas era um caminho entre objetos e discursos no curandeirismo herético. Elas tinham várias funções como proteger de doenças ou males de uma maneira geral, estabelecer rituais de cura entre outras funções.

O ‘Lazarillo’ de Zaragoza e os identificadores de bruxas

Alguns dos curandeiros mencionados auto-intitulavam identificadores de bruxas. Com razão, Maria Tausiet assinalou que os homens saludadores-identificadores de bruxas estabelecem uma relação de reciprocidade e rivalidade com as mulheres praticantes de feitiçaria e bruxaria.¹⁵⁴ Entretanto, esta relação está constituída para além da complementaridade e da negação recíprocas entre curandeiros e bruxas, e demonstra tensões sociais que vão para além do campo da magia. Revelam também as necessidades sociais das atividades curativas não autorizadas cujos atores ultrapassam a alcunha de pícaros.¹⁵⁵

Vista mais de perto, a causa de Francisco Casabona também conhecido como Sebastián Ferrer revela as tensões que envolviam a tentativa de controle da Inquisição, os pretensos saludadores, as situações nas quais ganhavam seu sustento e como interagiam com as populações crentes representadas pelas testemunhas na causa do curandeiro. Chama a atenção, ao contrário de outros curandeiros, sua idade de vinte e um anos ao contrário de outros curandeiros mais velhos encontrado dentre as causas de Zaragoza.

¹⁵³ AHN, Sección Inquisición, Libro 997, Fol. 268 r.-268v. Causa de Josepe Bernues.

¹⁵⁴ TAUSIET, M. *ABRACADABRA OMNIPOTENS*. Madrid: Siglo Veintiuno, 2007, p. 133 e pp.140-141. Ver também BRIGGS, R. *Witches and Neighbours. The Social and Cultural Context of European Witchcraft*. London: Blackwell, 2002.

¹⁵⁵ A historiografia já demonstrou, ainda que em outros espaços e tempos, a relação entre os identificadores de bruxas e a perseguição às bruxas. BRIGGS, R. DILLINGER, J. CARO BAROJA, J. Indiretamente, mas também relacionado ao tema DAVIES, O. e GASKILL, M.

Sua atividade principal era passar de uma vila à outra solicitando estada, comida, dinheiro e cavalo passando de uma vila à outra apresentando seus serviços e poderes e usando sua fama para sobreviver. Algumas das vilas pela quais passou foram as de Pueyo, Panticosa, Sallen, Yuso, Yesera e Biescas aproveitando-se dos desaforamentos em atenção a uma vigilância sobre a operação de certas bruxas.

A prática comum de Casabona era chegar nas vilas e dirigindo-se às autoridades nomeava-se como saludador e em seguida pedia apoio para sua atividade

fue testificado por 17 testigos varones mayores cinco en el lugar de Pueyo, y los tres de ellos justicia y jurados del dicho lugar del Pueyo en las montañas de Jaca contestes, dicen que por el mes de Mayo de 1623 fue este reo al dicho al dicho lugar del Pueyo, y represento ante ellos jurados y justicia, y les dijo que era saludador, y les presento unas letras, y patente diciendo le eran concedidas por los inquisidores de Aragón para usar el arte de saludador, y les requirió les diesen favor, y ayuda para ejercitar el oficio de saludador, y le diesen de comer y cabalgadura para ir a otro lugar y creyendo los testigos que las hojas y letras eran verdaderas las obedecieron.¹⁵⁶

A cédula que Casabona portava e que mais tarde se descobrirá falsa tinha o seguinte conteúdo

Mandamos a cualesquiera comisarios, familiares, rectores, vicarios, justicias y jurados de todo el Reyno de Aragón, por mandado que nosotros los Inquisidores de la Santa Inquisición, y Ciudad de Zaragoza damos fe, como hemos examinado a Sebastián Ferrer de todas cuantas cosas en esta Santa Casa se sabe, y así mandamos a cualesquier comisarios familiares y justicias, y Jurados del Reino de Aragón que le ayuden y favorezcan al dicho Sebastián Ferrer saludador natural de la ciudad de Huesca, su data a 29 de Julio de 1608 con unas firmas que dicen yo Don Fernando de Santos Inquisidor mayor del Reino de Aragón firmo y hago fe Yo Pedro de Salas oyente de esta Inquisición firmo y hago fe Francisco Gómez

¹⁵⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

escribano Real de la Santa Inquisición de todo el Reino de Aragón, y estaban con un sello de dichas letras.¹⁵⁷

A tensão pode ser notada quando mesmo acreditando na cédula que teria sido emitida pelo Santo Ofício, o Consejo de Villa é convocado para deliberar a respeito do tema, envolvendo inclusive alguns dos homens que haviam testemunhado contra Casabona. A reação de Casabona foi se adiantar perante tal reunião tendo uma reação defensiva diante de tal atitude

y juntaron publico consejo, y que estando junto el consejo entro este reo, y allí públicamente presento dichas letras diciendo que si los jurados, y el consejo no hacían lo contenido en ellas incurrirían en indignación de los inquisidores, y caerían en penas, y censuras a ellos reservadas, y amenazándoles les dijo que el haría contra los jurados y consejo avisándoles de renitentes, y de personas, que acudían poco al servicio del Santo Oficio de la Inquisición sino las cumplían.¹⁵⁸

Diante de tais ameaças, mesmo diante das desconfianças e da atitude suspeita do falso curandeiro, o Consejo de Villa resolveu aceder a auxiliar Casabona

y creyendo el Consejo y Jurados al reo y que las dichas letras eran del Santo Oficio obedeciéndolas les dieron de comer un dia e una noche, y a dos hombres que consigo llevaba, y le dieron cabalgadura y dinero para ir a otro lugar.¹⁵⁹

Seguindo seu caminho em direção à Vila de Pueyo, repetiu o mesmo procedimento dizendo que havia sido autorizado pelo Santo Ofício para exercer sua profissão através de uma cédula que apresentava publicamente

en el dicho lugar de Pueyo, ejercito su oficio de saludador saludando toda la gente ganados y averíos suplantándolos, y diciendo una oración cuando los saludaba, y que no se apercebia lo que decía, y que

¹⁵⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

¹⁵⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

¹⁵⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

daba a entender a todos los hombres, y mujeres que saludaba que tenia virtud para curar de la rabia, y preservar no le tocasse el mal y el cuarto testigo dice que en la dicha ocasión fue este reo a casa del testigo con uno de los dicho jurados, y le dijo era saludador, y le requirió en nombre de los inquisidores y en virtud de unas letras que llevaba diciendo eran de los inquisidores las cuales mostro al testigo que so pena de quinientos escudos fuese al lugar de Sallen en su compañía.¹⁶⁰

As orações em voz baixa eram muito comuns entre os saludadores e outros curandeiros, mas causava bastante desconforto entre a população em geral a condenação de parte da população e dos inquisidores.¹⁶¹ Com relação à população, despertavam o temor de que a operação mágica não surtisse efeito, não tivesse os princípios ou protocolos necessários a eficácia desejada ou mesmo que não fosse realizada com o devido zelo e fé. Com relação à inquisição, sempre ressabiada sobre aqueles que se intitulavam saludadores, a preocupação era com os fins pelos quais atuava e quais palavras dizia. O controle da palavra determinava também o conteúdo manifestamente herético.

O universo de palavras conhecido por Casabona não deveria ir além do conhecido pela linguagem comum de seu tempo e o que havia aprendido em sua própria experiência de vida junto a outros saludadores. Para poder enganar as autoridades de Pueyo, procurou alguém que soubesse ler e escrever e que, além disso, garantisse autenticidade para as curas que produzia. Um notário poderia dar maior veracidade à identificação de bruxas que procuraria produzir

y el testigo temiendo incurrir en la pena, y creyendo que las letras eran del Santo Oficio se fue con el camino de Sallen, y del camino se volvió el testigo a su casa y dentro de tres horas se volvió el reo en busca del testigo, y trujo consigo a un notario, y tomo juramento al testigo en presencia del notario, y le dijo en virtud de las letras y comisión que le habían sido concedidas por el Santo Oficio.¹⁶²

¹⁶⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

¹⁶¹ Ver también AHN, Sección Inquisición, Libro 996, Fol. 255 r. Causa de Pablo Borao, AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 42 v. Causa de Juan de Layos. AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 52 r. Causa de Juan de Peralta.

¹⁶² AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

A partir da entrada desta nova personagem, o notário, que ele dizia ser do Santo Ofício, mas que era apenas um notário segundo o que o próprio notário declararia aos inquisidores, é que Casabona solicita à autoridade da Vila que diga os nomes de todas as mulheres que eram consideradas bruxas da seguinte maneira

y dentro de tres horas se volvió el reo en busca del testigo, y trujo consigo a un notario, y tomo juramento al testigo en presencia del notario, y le dijo en virtud de las letras y comisión que le habían sido concedidas por el Santo Oficio, y le había mostrado le quería dijese todo lo que supiese contra dos mujeres que le nombro, en razón de los que habían hecho contra la mujer del testigo por haber sospecha que eran brujas y dice el testigo que viéndose oprimido con el juramento, en nombre del Santo Oficio dijo lo que de las tales mujeres sabia de sospecha de brujas escribiendo el notario, y habiéndole mostrado a este testigo la deposición que hizo, ante notario por mandado deste reo en nombre del Santo Oficio, reconoció ser la misma que hizo contra las mujeres que tenían opinión de brujas.¹⁶³

O que ele havia feito na verdade é solicitar um notário da Vila de Panticosa viesse a Sallen para anotar os nomes das mulheres indicadas por aquela autoridade, fato que consta no depoimento do notário interrogado pelo verdadeiro Santo Ofício

el quinto testigo es el notario ante quien paso la dicha deposición y dice los primeros de Junio de 1623 este reo le dijo estando en el lugar de Panticosa en casa del testigo precedente, que como persona publica recibiose la deposición del testigo precedente en virtud de unas letras que le mostro del Santo Oficio contra unas mujeres del dicho lugar que estaban en opinión de brujas, y que el reo tomo juramento, al testigo precedente de decir verdad en fuerza de la comisión que decía tenia la Inquisicion y que hizo su deposición el testigo; y habiéndosele mostrado a este testigo, dijo que era la misma que como notario recibió del testigo precedente en presencia del reo que se la hizo recibir en nombre del Santo Oficio y en el lugar de Panticosa le

¹⁶³ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

testifican tres testigos los dos contestes jurados de dicho lugar dicen que un día del mes de Junio de 1623 este reo les presento unas letras o patentes otorgadas en su favor de los inquisidores de Aragón en que se mandaba le diesen ayuda y lo necesario, de comer y cabalgadura para usar el oficio de saludador, y que vistas dichas letras, y oídos los requerimientos que les había para que hiciesen lo contenido en dichas letras, y le diesen favor y habida para hacer el oficio el oficio de saludador, y de comer lo que fuese necesario a él y a los que llevaba en su compañía, y cabalgadura y dinero para pasar a otros lugares persuadidos a que las letras eran verdaderas, se dispusieron a hacer lo que dicho reo saludador les pedía dándole el favor necesario, de comer, de beber, y cabalgadura para pasar a otro lugar y dineros para el camino, y que saludo en dicho lugar de Panticosa a los hombres y mujeres, y a los ganados y uno de los dichos dos testigos del lugar de Panticosa dice le pidió este reo le diese nomina por escrito de todas las mujeres del lugar para señalar las que eran brujas, y el testigo no se la quiso dar.¹⁶⁴

Chegando à vila de Bubal, as intenções de Casabona ficam claras com relação à Inquisição, aos Estatutos de Desaforamiento e à vigilância exercida sobre a bruxaria no período mencionado. Chegando àquela localidade, ocorreu que

requiriéndoles les diesen todo favor y ayuda, y que llegados a un lugar llamado Bubal le hizo el testigo asentase por escrito todas las mujeres que le nombrase porque todas eran brujas, y que escribió algunas, y que pareciéndole mal ceso de escribir, y que después el reo le dio al testigo unos papeles escritos en ellos los nombres de muchas mujeres para que los entregase al justicia de la Valle de Tena [sic], y en dicho papeles estaban entregadas las mujeres de los lugares que habían andado, y las que parecían brujas las señalaba con una cruz y que estos papeles le entrego el testigo por orden del dicho reo al dicho justicia. y examinado el justicia dice que el testigo precedente le entrego unos papeles escritos en ellos nombres de muchas mujeres de algunos lugares, y algunas señaladas con unas cruces, diciendo que las

¹⁶⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

de las cruces eran brujas, y que este reo se los había dado para que se los entregase, y dice este testigo justicia que el reo le dijo quería dar vuelta para todos los lugares de aquellas montañas para saber que mujeres eran brujas, y que le enviaría memoria de las que lo fuesen para que las castigase conforme los estatutos, y así le envió las dichas memorias, y habiéndoles mostrado al testigo precedente, y a este justicia las memorias de la mujeres de los lugares que anduve el reo, con las señales de cruz de las que eran brujas, y dicen son las mismas que este reo hizo, y les entrego para que las castigasen con sola la aserción suya de que eran brujas Asimismo le fue mostrada a los testigos cuando le ratificaronla en ellos contenidas.¹⁶⁵

Sem os *Estatutos de Desaforamiento* não seria possível que Casabona exercesse seu mister e, mais ainda, sem que fosse homem isso também não seria possível. Assim, um triplo estatuto ganha sentido graças à perspicácia de sua ação e a percepção de um ambiente favorável: o ambiente de atenção com relação às bruxas¹⁶⁶, sua condição privilegiada de gênero e o uso do poder da Inquisição em favor de si próprio.

Com relação à origem da suposta cédula, mais tarde, em interrogatório no Santo Ofício, Casabona confirmou muitas partes da colcha de retalhos que constituía sua vida que em muito recorda o *Lazarillo de Tormes*. Desde os oito anos de idade, residindo em Zaragoza, passou a servir um soldado chamado Morales, cabo de esquadra de um capitão chamado Felipe de Vera, andando com ele um ano e meio antes de embarcar para Cartagena. É seguro dizer que Casabona seguiu Morales pela difícil condição de sobrevivência, pela falta de alternativas e pela pouca idade, constituindo as curas além de um meio de vida, uma forma de aprendizado e contato com o mundo. Mais tarde, uma vez em Cartagena e seguramente próximo da morte, Morales dá a cédula do Santo Ofício – chamada também por Casabona de *provisión* – dos inquisidores de Aragão ao pupilo dizendo-lhe que, desde que “mudasse” o seu nome para Sebatián Ferrer, nome que constava na cédula, poderia conseguir com ela o que comer em qualquer lugar

¹⁶⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

¹⁶⁶ Os conceitos de “bruxomania” mencionado por Gustav Henningsen ou mesmo de “caça às bruxas” já largamente revisto criticamente pelos estudos mais recentes a respeito dos processos de bruxaria relacionados às diferentes regiões do S.I.R.G. são inapropriados tanto no que diz respeito à especificidade peninsular e regional, quanto pela sua inadaptação por terem ficado datados no espaço e no tempo. A este respeito, ver: HENNINGSEN, G. *El Abogado de las Brujas*. ANKARLOO, B. & CLARK, S. *History of Witchcraft and Magic in Europe*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 2006, Vol. IV. *passim*

saludando animais e pessoas. O mais interessante é que Morales protagoniza uma espécie de investidura que revela um aspecto bastante importante da vida, das crenças e dos poderes de Casabona. Morales, segundo o que revela Casabona, havia dito Morales que

por parecerle que tenia gracia de saludar por haberle visto en Huesca entrar en un horno por una torta estando caliente el horno, y curar una mujer que tenía un grande mal mas había de seis años saludándola diciendo una oración, y santiguándola, y diciéndole hiciesen decir tres misas.¹⁶⁷

Pela forma como recebeu dita investidura, é seguro dizer que nem mesmo Casabona conhecia os limites entre a sua crença nas curas que realizava e o meio pelo qual garantia sua sobrevivência. Depois de ter se despedido de Morales, Casabona iniciou sua vida itinerante passando por vários Reinos como os de Valencia, Aragón, Navarra, e Cataluña, tendo passado também aos Reinos da França, Itália e Sicília. Mais uma vez a França é citada como um dos possíveis locais de peregrinação e atividades de Casabona, insistindo talvez na idéia de que aquelas terras poderiam ser um local de aprendizado, de lucros e de realizações mágicas como vimos em outras oportunidades.

Outro identificador de bruxas preso pela inquisição cesaraugustana foi Juan José Venegas¹⁶⁸, mourisco batizado na Catedral de Toledo pelo Arcebispo daquela cidade, que também utilizava um nome fictício – Juan de la Cruz – nascido em Constantinopla enredado pela Inquisição por seu caráter itinerante semelhante ao de Francisco Casabona. Além de sua cruz no peito como já dito anteriormente, Venegas também dizia que estava aprovado pela Inquisição para exercer seu ofício e ainda complementava dizendo *que era Inquisidor y que conocía las brujas*¹⁶⁹ e que havia descoberto em Zaragoza uma mulher tida por bruxa e havia avisado a Inquisição de tal fato.¹⁷⁰ Para confirmar sua informação, que dava como certa e verdadeira a quem dissesse, como quando em certa ocasião, perguntado como poderia comprovar tal fato,

¹⁶⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 680v. – 686v. Causa de Francisco Casabona.

¹⁶⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 298v.-299v. Causa de Juan José Venegas.

¹⁶⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 299r. Causa de Juan José Venegas.

¹⁷⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 299r. Causa de Juan José Venegas.

argumentava que “ela era tão bruxa quanto ele cristão”.¹⁷¹ Além disso, dizia também que curava mulheres “espiritadas”. As chamadas mulheres espiritadas eram conhecidas por supostamente estar possuídas pelo demônio e geralmente acudiam às procissões, sobretudo as de Santa Orosia, que segundo se conhecia, livrava as mulheres daquela condição. Assim, todos os anos, muitas mulheres consideradas espiritadas manifestavam aquela hierofania contorcendo-se em meio a terços, homens e mulheres que seguiam pelas ruas de Zaragoza.¹⁷² Sobre a primeira delas não há muita informação a não ser a sua declaração dizendo que, por considerá-la espiritada, havia dito que a levaria para o Santo Ofício. Sobre a segunda, uma garota – *muchacha espiritada* –, havia dito que *había hecho bajar a los demonios al tobillo del pie y los había atado allí, y que tenía gracia para y potestad sobre los demonios*.¹⁷³ Como se verá com maior detalhe, o tema do controle dos demônios é bastante recorrente entre os homens praticantes de magia e possuem estatutos específicos de instrumentalização, manutenção e funcionamento. Sobre as espiritadas, menciona ainda uma terceira mulher para a qual, com a finalidade de expulsar os demônios, havia dado a ela o Santo Cristo de bronze que levava consigo para que ela o adorasse e havia então mandado os demônios para que “subissem para cima” e perguntando-lhes como se chamavam haviam respondido o primeiro que se chamava T. e o outro P. e os havia esconjurado em nome da paixão de Cristo, a Virgem de Montserrat, São Cosme e São Damião e outros muitos santos.¹⁷⁴

Continuando no ato performático, disse que havia adivinhado uma mulher que a *quem faltava seu achaque*, e que então havia colocado o santo cristo em sua cabeça e em frente a ela uma bacia com água que havia benzido e uma bolsa cheia de “reliquias” e havia dito que, se quisesse, mataria todos os demônios com um só sopro. O ato de expulsão possui forte conotação teatral e servia não apenas para aquela que Venegas considerava espiritada como também para os demais que assistiam a tudo ou que de alguma maneira ficariam sabendo depois do ocorrido.

Após passar pela Inquisição havia abjurado *de Levi* e proibido de exercer tal mister bem como de utilizar outras curas.

As fronteiras entre os identificadores de bruxas e os saladores em determinados momentos passam a se confundir como por exemplo no caso de Mosen

¹⁷¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 299r. Causa de Juan José Venegas.

¹⁷² GARI LACRUZ, Á. Op. Cit., p. 155 et seq.

¹⁷³ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 299r. Causa de Juan José Venegas.

¹⁷⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 299r. Causa de Juan José Venegas.

Domingo Sardera y Arcayne, que poderia ser enquadrado tanto como saluador, quanto como diz o mesmo documento como “exorcista abusivo”. O clérigo presbítero da Vila de Lesera de 69 anos fora enredado pelo Santo Ofício por “empregar exorcismos em sua própria casa” e, além disso, dizia que “curava pessoas enfeitadas e embruxadas”.¹⁷⁵ Para isso, solicitava dos seus pacientes – termo utilizado no documento – mexas de cabelo e aplicava unguentos e remédios em suas cabeças além de ser famoso exorcista conhecido na Vila de Lesera. No início não havia aceitado tal cargo, mas posteriormente começou a receber as mexas de cabelo e faixas e outras peças de roupa além de outras jóias e objetos que passaria a recusar pois segundo seu julgamento aquilo era supersticioso. Chamado à Inquisição, Mosen Domingo havia dito que nada mais havia feito a não ser o que *Santa Madre Iglesia* permitia como utilizar o ritual romano em algumas pessoas que o procuravam.¹⁷⁶ Sua fama começou a aumentar a ponto de em certa ocasião

habia recibido varias cartas en el discurso destes años de enfermos de lugares de este Reino, dandole cuenta de los accidentes que padecian /o/ si sospecharian que era maleficio y él no les respondia que procurasen ponerse en gracia de Dios Nuestro Señor y de la Virgen Santísima su Madre y al glorioso San Jose.¹⁷⁷

Mais à frente o motivo pelo qual havia sido acusado pelo Santo Ofício na boca de uma mulher sua denunciante

dicho hombre [quien exorzizaba fingiendo ser el reo y pidiendo intereses] era el que tomaba los cabellos y fajas, y otras prendas de los enfermos dandoles a entender que era el reo y el que les decía que estaban hechizados o tomados de ojo y que les mostraria em redoma /o/ bacia de água la personas que les habían hecho el daño, con las demas circunstancias que se le imputaban al reo, de que como dejaba dicho no se acordaba.¹⁷⁸

¹⁷⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 331r. Causa de Mosén Domingo Sardera y Arcayne.

¹⁷⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 331r.-332v. Causa de Mosén Domingo Sardera y Arcayne.

¹⁷⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 332v. Causa de Mosén Domingo Sardera y Arcayne.

¹⁷⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 332v. Causa de Mosén Domingo Sardera y Arcayne.

Apesar de alegar inocência perante a Inquisição, Mosen Domingo acabou *abjurando de levi* e teve de parar de confessar mulheres naquele então.

Os identificadores de bruxas, os saladores e os exorcistas heréticos possuíam, portanto, um campo comum de atuação no que respeita às características do que se considerava ser saudável. A saúde possuía também uma dimensão moral na qual embusteiros como Casabona ou exorcistas como Domingo Sardera atuavam para conseguir sustentar-se de seu mister. Entretanto, haviam pessoas que, se não eram curandeiros tradicionais à primeira vista, mas que pela crença daqueles que os frequentavam, se não possuíam poderes de cura, se faziam crer a partir dos relatos da inquisição como o soldado-curandeiro Juan Tayan.

A causa de Juan Tayan

A causa de Juan Tayan demonstra como os saladores circulavam livremente por terras aragonesas, possuíam um campo de atuação diferente dos praticantes de feitiçaria e necromancia apesar de guardar algumas semelhanças.

Juan Tayan tinha 37 anos e já havia sofrido, como muitos outros homens, nas guerras ocorridas dentro e fora da Península Ibérica. Natural da vila de Binacet em Huesca e morador da vila de Monzón desde a derrota definitiva de sua vila nas Guerras da Catalunha, Juan Tayan praticava o curandeirismo como meio de sobrevivência. Não só o conteúdo de sua causa, mas as condições em que transcorreu seu processo são marcados pela rebelião catalã, que faz o inquisidor mencionar a certo ponto, em carta anexada à sua causa que

“En el 19 de este mes recibí el despacho de Vuestra Ilustrísima y por no haber aquí notario para trabajarlo ni poderlo traer de los lugares ver más por ocasión de que los soldados alojados ni quietan a los caminantes lo he diferido hasta hoy que habiendo venido a esta villa Joseph Costran lo he trabajado con él y remito a Vuestra Ilustrísima la información que va con esta en conformidad de lo que me manda holgar haber acertado a servir a Vuestra Ilustrísima a quien [grandemente mostro] con los acrecentamientos que deseo con monición y Dez a 26 de 1647.

Mesmo assim, em outra carta acrescentada também à causa de Tayan se pode comprovar quais os objetivos dos inquisidores em seu trabalho de interrogatório e o que buscavam supostamente

En carta del 29 pasado hoy dia de la fecha y habemos sentido suma al suceso por lo que el tribunal estima tan buen ministro y habiendo visto lo que dice en ella ha parecido examine en forma estando para ello trayéndolos a su casa a la [solina] Fon de Vila y a Juicio a Madrid su marido molinero acerca de la causa que Juicio tara hizo al dicho Juicio a Madrid con el en mostramiento que el hizo para el dolor de bazo que tenia haciendo declaren todas las circunstancias que pasaron que oraciones y palabras dijo y se hizo algunos caracteres en dicha ocasión y si con el susodicho o con otras algunas personas lo ha hecho entrar cuantas veces han sido y con que personas lo ha usado examinándolas asi mismo y a los contestes que dieren lo cual se hara con todo el recato brevedad y secreto posible y hecha la información poniendo esta por cabeza nos remitiría que para ello le damos poder y comisión en forma dada en Real Palacio de la Aljafería de Zaragoza a 4 de Diciembre de 1647.

Em certa ocasião, encontrou o moinheiro Juan Amad, testemunha do processo do Santo Ofício aragonês contra si, com o qual teria se encontrado na vila de Barbastro. A expressão usada por Amad para descrever o encontro é que ele teria ‘topado’ com o saludador naquela ocasião, muito provavelmente por Tayan notar um possível comensal. Ao notar que seu baço estava muito aumentado, Tayan, nas palavras da testemunha, alegou que tinha pena de sua situação e que poderia curá-lo caso desse o que ele lhe pedisse. A cura de regiões como baço não é comum entre os curandeiros sendo, como anteriormente referidas, curas relacionadas à raiva, cicatrização de feridas, mordidas de cães e outros problemas cotidianos com os quais o curandeiro sabia que poderia fazer frente. Esta é uma estratégia para fugir do Santo Ofício, criando uma cura alternativa às do circuito conhecido pelos inquisidores e ao mesmo tempo situando-se um degrau acima do conhecimento popular dos problemas mais comuns, em suma, uma área da crença e do conhecimento livres de desconfianças para conseguir assegurar o seu trabalho. Estabelecido o contrato entre os dois pelo qual Juan Amad disse que lhe satisfaria muito bem, imediatamente Tayan le pediu *que le diese pan tres misas a real y*

medio cada una, en reverencia de la Santisima Trinidad ao qual o moinheiro aceitou prontamente dando o combinado ao saludador depois do que voltou à sua vila natal. Transcorridos seis ou oito dias se encontraram novamente na vila de Mozón à qual Tayan se dirigiu para cumprir sua parte no acordo para a qual necessitou um pouco de *gramen*. Com a erva, uma vez próximos da casa de Amad, Juan Tayan deu início a um curioso ritual com requintes de especialista no qual colocou a erva na horizontal entre os dois pés do moinheiro e depois, com a ponta da navalha, cortava-a no comprimento exato no qual pisava enquanto sussurava uma oração em voz baixa, depois da qual pedia para que a cada oração o benzido rezasse três pais-nossos e três ave-marias. Enquanto pisava sobre o *gramen* e rezava os pais-nossos e ave-marias, nove no total, Juan Tayan prosseguiu na operação de corte da erva e depois colocou-a sob os pés do moinheiro enquanto fazia cruces com a mão sobre os pés e sobre o baço do benzido, ao qual recomendou, após terminar sua operação, que levasse entre as carnes e a meia as ervas que havia cortado.

Uma das perguntas dos inquisidores chama a atenção pelo zelo e preocupação demonstrados com a atividades lícita da medicina pela qual zelavam perguntando para as testemunhas *si sabia que alguna persona hubiese hecho cura /o/ curas fuera del orden de medicina o cirugia*¹⁷⁹, demonstrava que a Inquisição fiscalizava as atividades curativas e tomava partido dos médicos e cirurgiões.

Explicou em seguida, usando uma expressão corrente entre os feiticeiros praticantes de malefício, que *“así como se secase el gramen se secaría el bazo”*. Certamente a preocupação dos inquisidores teve fundamento pelo uso da expressão ‘secar’, como na causa de Juana Nuñez Dientes, conhecida feiticeira toledana, temida por secar seus desafetos, em especial mulheres concorrentes amorosas ou mesmo desafetos fruto de desavenças e traições. Mas há um caso mais próximo que uma as duas pontas, a da preocupação dos inquisidores com relação à qualificar que tipo de magia praticava Juan Tayan. Andrés Ibañez, lavrador de Peralexos, de 50 anos de idade, havia comparecido ante o Santo Ofício para declarar, entre outras práticas supersticiosas, que tentado pelo diabo e apaixonado por uma mulher tinha tanto desejo de estar com ela que ao cabo de três ou quatro anos que lhe havia durado o desejo, em muitas ocasiões, procurou saber algum feitiço para fazer com toda a determinação com o fim de conseguir seu intento e que como não sabia não o havia realizado. Mais tarde,

¹⁷⁹ AHPZ, Sección Inquisición, Notícias da causa de Juan Sayan, Doc. 124-16, Fol. 4 r.

sabendo que alguém havia dito que “*habiendo oido de era bueno para hacer mal a cualquiera persona*” pegar uma calça da pretendida e amarrar-la e colocá-la em uma parede e que com aquilo a enfeitiçada *iria secando* aos poucos, realizou tal feitiço ao qual sobreveio não a realização de seu desejo, mas a morte da mulher que, segundo a testemunha não sabia se havia morrido por estar doente ou pelo que o feiticeiro havia realizado.

O *gramen* (*Triticum Repens*) também chamado de *dente de cão* (*chiendent*) era conhecido desde a antiguidade como erva de Saturno e de Marte, planetas relacionados à guerra. A sua “prima” mais comum encontrada em Aragão é a *Elymus Repens*, mais conhecida como *espiguilla*. A erva só poderia ser esta na medida em que o *gramen* é cumprido o suficiente para que fosse colocado embaixo dos dois pés abertos para que fosse cortado conforme indica sua primeira causa. Segundo o mito antigo contido nas diferentes versões de *Emblemata*, de Andrei Alciato, o Senado Romano concedeu a Fabius uma coroa de ramos desta gramínea, quando conseguiu por suas táticas de ataques sucessivos derrotar os Cartagineses e Aníbal. A cotovia esconde seu ninho por baixo dos seus ramos, que, tal qual se diz, protege seus filhotes e por isso é considerada abençoada e benfazeja. Esta gramínea era consagrada a Saturno e Marte, e Glaucus, filho de Polybius, segundo a crença, se tornava um deus quando a comia. Ainda segundo a transcrição do emblema, justamente esta proteção e segurança foram indicadas pelos seus nós laçados: esta planta, a grama-de-dedo, possuía muitos poderes. Por todas estas propriedades, esta erva é conhecida popularmente ainda hoje na Espanha como “Erva-de-Soldado” por ser conhecida por sua ampla gama de propriedades terapêuticas: diuréticas, anestésicas, relaxantes e cicatrizantes. Um conhecimento que, sem dúvida, fora passado por gerações e conhecido pela oralidade pelo curandeiro.

Por ter sido soldado nas guerras da Catalunha e por esta erva estar relacionada a uma tradição muito antiga associada aos militares e à cultura da guerra podemos inferir que este conhecimento circulou entre os participantes da guerra a ponto de Tayan conhecê-la e utilizá-la em sua nova ocupação.

Em seguida, o inquisidor, preocupado em buscar feitiçaria e necromancia entre as práticas do curandeiro, geralmente praticadas por homens, questiona Juan Amad se havia visto Tayan *hacer algunas figuras /o/ caracteres /o/ otras cosas esta traza y si*

*sabia que había hecho otras curas, y si lo había oído decir a otras personas respondió a que respondeu: no sabe otra cosa ni más de lo que había dicho y declarado.*¹⁸⁰

Vendo as boas intenções do saludador em sua atividade, o homem solicitou que também curasse sua filha pois ela estava com mesmo mal o que o documento descreve assim

Y que después de lo dicho teniendo una niña de menos de dos años con el mismo mal hizo Tayan para remedio de ella arrancar gramen y llevándolo a casa del deposante lo puso en tierra y sobre el hizo poner el pie izquierdo de la dicha niña y sobre el hizo lo mismo que con el dicho deposante haciendo decir los padrenuestros y avemarias a la madre de la niña y mujer del testigo mientras el decía oraciones y hacia las cruces y haciendo que que le pusiesen el gramen cortado debajo el pie otros siete días y se lo pusieron y lo llevo y dijo también que después había curado este testigo del bazo pero no su hija.¹⁸¹

A causa de Juan Tayan não possui sentença, mas permanece a ambigüidade de suas duas curas, uma das quais funcionou e a outra não. Mais do que isso, a forma como Tayan abordou seu cliente demonstra, mais que uma demonstração de livre disposição e desprendimento, uma tentativa de sobrevivência. Esta tentativa se relacionava, como se viu, com as experiências adquiridas pelo réu em seus anos de vivência nos quais descobriu o uso de ervas diuréticas, neste caso, o gramen. Uma situação típica de um curandeiro em estado de sobrevivência, e um homem pobre e sua filha recorrendo aos médicos dos infamados, os únicos que auxiliavam em uma realidade sem assistência terapêutica de nenhuma natureza para os não privilegiados.

Os limites entre as práticas médicas e práticas curativas nos séculos XVI e XVII em Aragão eram estabelecidos tanto pelas demandas daqueles que não tinham acesso à práticas curativas privilegiadas, quanto pelas instituições que, uma vez criadas, passaram a tentar estabelecer tais limites. Estas práticas curativas “extra-acadêmicas”, como são chamadas por Maria Luz López Terrada, também por si sós estabeleciam suas semelhanças e diferenças com relação a outras práticas mágicas como a feitiçaria e a necromancia. Os objetos para realização das curas, por exemplo, revelavam muito a

¹⁸⁰ AHPZ, Sección Inquisición, Noticias da causa de Juan Tayan, Doc. 124-16, Fol. 4 v.

¹⁸¹ AHPZ, Sección Inquisición, Noticias da causa de Juan Tayan, Doc. 124-16, Fol. 5 v.

respeito do tipo de cura que saludadores, pilmadores, ensalmadores e outros curandeiros praticavam demonstravam esta linha sutil entre a feitiçaria e o curandeirismo que, se fazia parte da visão dos inquisidores sob a ótica herética da superstição por um lado, fazia parte da crença daqueles que as realizavam.

Os identificadores de bruxas, aproveitando-se de uma onda de perseguição e uma situação de exceção nas montanhas aragonesas passaram a atuar como agentes ativos na busca de supostas bruxas, o que polarizaria ainda mais as posições entre certos hereges curandeiros e as mulheres de uma maneira geral. Naquelas situações ficara evidente que a “fraude” e a “estafa” faziam parte da sobrevivência de tais “curandeiros”. Entretanto, nem mesmo tais agentes históricos, como fazem comprovar suas próprias declarações ao Santo Ofício, sabiam ao certo se possuíam tais poderes de cura, fazendo seguir o fluxo de sua vida até serem presos e interrogados.

A causa de Juan Tayan demonstra que, além de um controle da inquisição sobre as práticas curativas autorizadas, estas atividades eram exercidas por homens que muitas vezes não tinha mais perspectivas de um trabalho físico e que se viam obrigados a exercer uma atividade assistencial para conseguir sobreviver.



“Gramen”. *Emblemata* de Andrea Alciato. Paris, 1584. Extraído de <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/>



“Gramen”. *Declaración magistral sobre los emblemas* de Andrés Alciato. Nájera, 1615. Extraído de <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/>

3 – As Terras Inventadas: os tesouros

Buscadores de tesouros ou “Tesoreros”

A causa de Don Juan Antonio del Castillo y Villanueva

Buscadores de tesouros e “Tesoreros”

Minha avó Josepha, andaluza de Villaricos, nascida em 1905, sempre dizia que *enterrar el dinero no es cosa buena, no trae buena suerte*. Fosse como fosse, o tesouro poderia ser descoberto por alguém que não fosse aquele que o enterraria ou poderia desaparecer misteriosamente de alguma maneira. Este ditado, muito conhecido pelos espanhóis, sobretudo do sul, comprovava o costume de enterrar as economias em lugares recônditos, inversão da famosa prática renascentista de caçar tesouros. Apesar de ser um costume muito antigo, ainda no século XX, em algumas regiões da Espanha os tesouros encantados ainda fascinavam as pessoas através de fragmentos de histórias contadas de boca em boca, por contos passados de geração em geração ou mesmo costume adquirido com o habito: enterrar como os mouros para proteger as riquezas conseguidas. De alguma maneira, a memória coletiva preservou a idéia básica do tesouro escondido pronto para ser encontrado, seja na sua afirmação na memória coletiva, seja pela seu duplo inverso através do costume de colocar o dinheiro no buraco.

A busca de tesouros revelava muito a respeito dos desejos de seus praticantes, como a projeção nas práticas mágicas dos seus desejos mais prementes. Ao mesmo, tempo, revelava também criação de uma imagem idealizada do passado. Neste caso, o passado recriado era o da ocupação islâmica e porque não dizer da convivência com os mouriscos que reavivavam a todo tempo este mito de origem da ocupação do sul dos territórios Ibéricos. Um passado mais próximo do que a antiguidade da necromancia e que sem dúvida garantia a sensação de maior credibilidade com relação a este tipo de magia, mas não certamente, com relação aos seus resultados como veremos mais adiante. Muitos acreditavam na crença de que muitos árabes, antes de partir para o desterro, após a conquista e domínio dos territórios ocupados pelos árabes, e por serem impedidos de levarem consigo suas riquezas haviam-nas deixado, enterradas, em lugares incógnitos. Estes lugares, segundo a crença de magos, “tesoreros” e

“embusteros”, homens e mulheres que queriam encontrar tais tesouros, não estavam apenas enterrados, submersos ou escondidos, como também protegidos por encantamentos e feitiços, na maior parte das vezes com guardiões encantados ou diabólicos.¹⁸²

A tais feiticeiros e necromantes cabia não apenas encontrar estes tesouros através de complicadas fórmulas mágicas, como também anular os feitiços que os protegiam para conseguir alcançar suas riquezas. A magia masculina, tipicamente materialista e preocupada com questões mais prosaicas como o dinheiro, a proteção contra inimigos, a invulnerabilidade com relação a tiros ou facadas, a proteção contra inimigos e a vitória em litígios judiciais contra outras pessoas, tinha em um de seus pontos centrais a preocupação em conseguir dinheiro e enriquecer sem trabalhar. Talvez fosse esse o sonho de qualquer homem do período, ainda mais quando a carestia, a pobreza e as limitações institucionais ou culturais se revelavam cada vez mais prementes e aterradoras. A magia, neste sentido, transformava-se em uma espécie de compensação simbólica para um desequilíbrio considerado natural na sociedade do Antigo Regime.

A busca de tesouros está intimamente relacionada à necromancia, à feitiçaria e à invocação de demônios. Esta prática inusitada possuía ampla tradição em várias regiões da Europa e sua prática foi identificada também nos Estados Unidos na Idade Moderna.¹⁸³ Rafael Martín Soto chega a dizer que os séculos XVII e XVIII espanhóis constituíram-se como períodos de “febre do ouro” dada a quantidade de prisioneiros da Inquisição pegos por esta transgressão supersticiosa em algumas regiões. No tribunal de Granada, foram contabilizados 69 casos dos quais 75% eram homens.¹⁸⁴ No tribunal de Zaragoza, o número de causas é mais significativo pelo sentido que adquire dentro da dinâmica das práticas mágicas que pelo número de pessoas que a praticavam em comparação com o total absoluto de réus homens.

O primeiro passo era averiguar onde poderia haver um tesouro. Para isso, um dos praticantes realizava uma consulta divinatória na qual se invocava um núnene (espírito ou mais comumente um demônio). Dentre os mais comuns estavam os da

¹⁸² MARTÍN SOTO, RAFAEL. *Magia y Vida Cotidiana. Andalucía (Siglos XVI-XVIII)*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2008, p. 307.

¹⁸³ Por questões de prazo, não foi possível incorporar duas obras recentes e importantes para o estudo da busca de tesouros na Europa e América. DILLINGER, J. *A Magical Treasure Hunting in Europe and North America*. London: Palgrave, 2011, e DYM, W. A. *Divining Science: Divining Science: Treasure Hunting and Earth Science in Early Modern Germany (Studies in Central European Histories)*. London: Brill, 2010.

¹⁸⁴ MARTÍN SOTO. *Idem*, p. 306.

catoptromancia ou da onicomancia ou qualquer outro método divinatório que utilizasse uma superfície reflexiva (lua, água, azeite, unha, entre outros) a figura dos espíritos ou diabos aos quais se interrogava o lugar onde estaria enterrado o tesouro. Além da superfície reflexiva ou junto com ela, eram utilizadas ânforas, copos ou ampolas com água nos quais se podiam ver os diabos ou espíritos.

Este tipo de magia era de feição coletiva e não individual, e geralmente reunia pelo menos dois participantes, ainda que fossem sempre encontrados em grupos maiores com pelo menos quatro pessoas, em sua maior parte homens. A participação de mulheres era rara e limitada, em geral, com apenas uma participante, caracterizando assim esta magia, no caso aragonês, como tipicamente masculina.

Não raro nos casos divinatórios era necessária, do mesmo modo como nos casos em que se buscavam outros objetos perdidos, de uma criança virgem, menino ou menina, que estavam envolvidos com ritual, em muitos casos, segurando a ampola onde se teria a sorte da adivinhação. Era proibida no ambiente a presença de mulheres grávidas, ainda que este não seja um elemento constante em tais ocasiões. Rafael Martín Soto diz que nem sempre o espírito dizia a verdade, posição bastante moderada com relação ao fenômeno se tomados como exemplos os casos encontrados no Tribunal de Zaragoza. Nos casos aragoneses, quase nunca as consultas se concretizavam ou davam informações verdadeiras. Na maior parte das vezes davam pistas falsas a respeito da localização daqueles objetos e das formas rituais de encontrá-los.

Com o fracasso das buscas ou com a constatação de que os rituais eram ineficazes, que as pistas eram falsas ou que o local era falso, as conseqüências poderiam ser basicamente quatro: a) a dissolução do grupo formado para a busca dos tesouros e o conflito entre seus elementos que geralmente chegava às raias da Inquisição; b) maior coesão do grupo entre aqueles que acreditavam em encontrar um tesouro e continuariam a buscá-lo em outros sítios; c) uma parte do grupo persiste na busca de tesouros, enganando outra parte do grupo; d) alguns dos elementos, que efetivamente não acreditavam nem em tesouros, nem em magia, conseguiam algum tipo de vantagem sobre outra parcela do grupo que enganada com a fuga dos primeiros.¹⁸⁵

¹⁸⁵ ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008, p. 173-191. Quando Elias se refere às formas de figuração social no tempo, menciona que sua plasticidade e potencial de maleabilidade só podem ser vistos a partir da própria historicidade ou material social analisados pelo cientista na construção de uma objetividade. Entretanto, Elias nega o esquema do desenvolvimento “linear” e “sucessório”, apresentando como referencial, inclusive neste caso, para um desenvolvimento histórico baseado em uma possibilidade múltipla de desenvolvimento destas diferentes figurações.

Apesar deste esboço no qual se vislumbram diversas situações-modelo retiradas das próprias relações de causas de Zaragoza, muitas dinâmicas ultrapassam por sua especificidades estas descrições. Apesar de diferentes grupos se sucederem na mesma tentativa, cada qual guardava sua especificidade.

A primeira cumplicidade importante evoluiu o réu Joan Vicente, presbítero beneficiado da Igreja de San Pablo de Zaragoza natural de Perpignan na França e outros dois homens mencionados nas notícias de sua causa: Jerónimo de Valdenieso, tecedor de panos e empregado de Joan Vicente, e Miguel Sánchez, notário.¹⁸⁶ Este processo expõe mais uma vez os elementos fundamentais típicos do circuito simbólico da magia masculina: a França como elemento de referência para os textos mágicos ou mesmo como terra mágica, os textos ou livros mágicos, sem os quais nenhum tipo de ritual era realizado e a participação de um clérigo uma vez que muitos dos objetos mágicos eram procedentes da Igreja ou tinham algum tipo de consagração cristã.

Joan Vicente dizia possuir vários livros de invocações dentre eles a *Clavicula Salomonis*, considerada a chave de toda a arte da necromancia. Possuía confiança total em tais livros para conseguir seu intento, relação demonstrada por sua intimidade com tal obra, com a qual “dizia conversar constantemente e que dizia responder em seu ouvido aquilo que pedia”.¹⁸⁷ Assim, acreditando que tal livro poderia realizar seus desejos, convencia também outros de que poderiam obter vantagens da mesma maneira. Dentre os muitos objetivos que o livro poderia fazer alcançar, Joan Vicente usaria a *Clavicula* para *conjurar un spiritu o spiritus (...) para que viniese (...) y les trujiese moneda*.¹⁸⁸ Assim convenceu a mais dois homens para realizar as cerimônias, uma das quais se chamara “*cercos general*”. Para isso, todos os envolvidos haviam jurado sobre uma hóstia consagrada *de tener secreto y verdad entre ellos y de no descubrirse unos a otros*.¹⁸⁹ Como de costume, os rituais envolviam uma série de protocolos complicados que envolviam objetos singulares e difíceis de serem conseguidos com uma pretensa pureza para amplificação dos resultados e proteção contra espíritos indesejáveis ou intercorrências que impedissem que o experimento acontecesse perfeitamente. A preparação fora procedida da seguinte maneira

¹⁸⁶ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, Doc. 21-2, Micro. 91/4.

¹⁸⁷ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fol. 71v.

¹⁸⁸ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fol. 71v.

¹⁸⁹ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fols. 63 e 39.

Primeramente se ha de preparar y hacer en ciertos puntos y horas las cosas siguientes: Primeramente se han de hacer vestidos blancos y nuevos sin servir para el maestro y discípulos que han de entrar en el circulo, sobre lo cual se han de coser la candarías o pentaculas que para lo dicho antes se han de hacer. Y en la dichas vestiduras blancas, y en los calzones del mismo lienzo se han de hacer para ponérselos maestro y discípulos, unos caracteres y señales (...) y se han de hacer zapatos de cuero blanco, en los cuales se han de hacer señales o caracteres pintados con la pluma de ansarón, se han de decir estas palabras: arboy, narboy, nasay (...) y después se ha de templar la dicha pluma con un cuchillo aparejado de esta manera, que el mango sea blanco o negro, que sea templado con sangre del dicho ansarón en el cual cuchillo se han de escribir ciertos señales de la Clavicula contenidos con una aguja de hierro, la cual aguja se ha de hacer en cierto punto y hora y dia, y sobre ella se han de decir ciertos salmos (...) y en los dichos zapatos blancos se han de escribir los dichos señales con la dicha pluma y tinta exorcizada.¹⁹⁰

O novo tinha um sentido de puro, de importância do novo e do virginal neste tipo de ritual. Por isso mesmo, tudo neste tipo de ritual deveria possuir a aura do objeto manipulável e, portanto, os participantes também realizavam determinadas práticas com este fim, o da purificação para manipulação subsequente. Nenhum dos objetos deveria ser utilizado anteriormente e cada um dele deveria ser criado apenas para o único fim de realizar um único e específico ritual.

Manifestando também esta pureza, segundo nos informa Maria Tausiet, alguns dos objetos como os pergaminhos ou outros itens eram feitos a partir de animais jovens ou mesmo de fetos vivos ou mortos.¹⁹¹ Os animais mais comuns com os quais se realizavam tais feitiços para busca ao tesouro eram cachorros, cabritos ou bezerras. Não raro a pele era retirada de animais abortados, mas muitas vezes o sacrifício e a extinção da pela faziam parte do ritual. Além disso havia um segredo científico autorizado pela experiência, segundo o qual a utilização da pele de animais jovens, além do simbolismo do puro e *renovatio*: o pergaminho de melhor qualidade, o da vitela, se tratado da maneira apropriada, não absorvia a tinta profundamente nem tampouco borrava os

¹⁹⁰ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fol. 67v.- 68r.

¹⁹¹ TAUSIET, M. Idem, p. 49.

desenhos neles escritos. Desta forma, os desenhos mais delicados eram feitos em pergaminhos de vitela, pois conservavam melhor as propriedades dos escritos e das pinturas e iluminuras.¹⁹² Além disso, como pude observar em arquivos espanhóis, havia uma seleção das diferentes peles para confecção de livros, sendo os couros mais grossos utilizados para as capas de alguns dos livros resumo da Inquisição de maior porte e as peles provavelmente para os documentos mais delicados.¹⁹³

Entre outros objetos, também eram necessários punhais, espadas, hastes, velas e substâncias aromáticas benzidas, panos de fio fino além de um turíbulo para aspergir cada um dos objetos da invocação. Joan Vicente guardava todos os objetos em sua casa e, mais tarde, em um armário na própria Igreja em Zaragoza, mesmo lugar em que guardava suas vestimentas. Além disso, guardados os objetos em tal lugar, poderiam ser benzidos, aspergidos e defumados com incenso de igreja, além de serem acrescidos de todos os outros apetrechos comuns deste tipo de ritual. Os punhais e as espadas foram encomendados ao *puñalero* da Calle Mayor, tido como mestre, um homem chamado Joan, cujo negócio ficava na Calle Mayor no caminho de quem se dirigia à Igreja Nossa Senhora del Pilar de Zaragoza.¹⁹⁴

los cuchillos eran de esta manera: uno grande, de dos tajos, y escrito en el de tinta vermeja [sic] estos nombres: alfa et Omega y unos nombres de Dios que no se acuerda. Y tenía las cachas negras, escritos en ellas ciertos caracteres, apuntados primero con aguja y después cubierto con tinta bermeja [sic]. Y el otro cuchillo más pequeño que este y escrito como este (...) Y el otro cuchillo era más pequeño que ninguno de los arriba y así escrito como los de arriba. Y el cuarto cuchillo era más pequeño que ninguno de los dichos de arriba y era delgado y hecho de las cuatro esquinas y no más grande que un peine.¹⁹⁵

As quatro espadas haviam sido elaboradas cuidadosamente conforme forjadas, seguindo as instruções dos réus segundo constava em sua versão da *Clavicula*, ou seja,

¹⁹² TAUSIET, M. Idem, p. 49, nota 26.

¹⁹³ Um dos exemplos na pesquisa de arquivo é AHN, Sección Inquisición, Libro 1234. Miscelánea de documentos de la Inquisición. A capa é nitidamente feita com couro de res adulta e conserva grande número de pelos em sua capa.

¹⁹⁴ TAUSIET, M. Idem, p. 50.

¹⁹⁵ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fol. 4.

com sangue de um ganso grande e o suco da *Sanguesorba*, uma planta de aspecto avermelhado

Mando a Espinosa, sastre, que matase una perra preñada y que desolase los perricos del cuerpo (...) para hacer pergaminos y así los cobró del dicho Spinosa. Y estos pergaminos, con otros pergaminos de cabritos abortados, los llevó (...) al pergaminero Lucas para que hiciese pergaminos para hacer experimentos diversos y así los hizo dicho pergaminero.¹⁹⁶

Outro dos importantes elementos era o anel que fora produzido de maneira parecida com os punhais e as espadas:

un anillo hizo hacer [sic] (...) el cual hizo uno llamado Pedro (...) que vive en la Calle Mayor (...) era anillo de Salomón, que servía para dominar os espíritus y era de plata (...) y se hacía de hacer como lo dice el libro de los anillos y hacer entre una y dos después del medio día, que en este tiempo reina Mercurio.¹⁹⁷

As velas foram enviadas a Miguel de Soria por *Frei Castanyeda, de la val de Gistain, la cual eran de Sanz de Rogel, notario de la dicha val*. Os defumadores foram providenciados pelo notário em pessoa, segundo o documento, Miguel de Sanchez comprou muitos materiais para defumações na casa de Arrobia. Uma vez todos os materiais providenciados, Valdenieso levou-os à casa de Joan Vicente e ambos colocaram tudo em uma arca, e subiram tudo a uma câmara. Pouco depois, Joan Vicente se encarregou, ele mesmo, de traçar os caracteres nos punhais e demais cortantes, utilizando para isso *bermellón*, uma tintura comum encontrada para vários fins, e algumas agulhas que havia conseguido em Perpignan, na França:

El dicho Mosen Juan, en cierto día, y en cierta hora en el dicho experimento especificada [sic], con unas agujas que tenía, las cuales dijo que las había traído de Perpinyan, hizo ciertas letras en los mangos de los cuchillos y las llenó [inchió] de rojo [vermejo] con una

¹⁹⁶ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fol. 8.

¹⁹⁷ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fol. 8.

pluma que había tomado de un ansarón que había de ser limpia y que no hubiese servido a cosa ninguna.¹⁹⁸

As últimas providências, depois de exorcizar ditos elementos, era benzer e consagrar os elementos. Para isso, havia um ritual apropriado com certos salmos, ditos e orações e depois algum rito consagratório final, como um número determinado de missas, neste caso, nove missas. E mais uma vez, Joan Vicente tomava a frente de todos os preparativos:

dicho sobre los cuchillos, sobre el rojo [bermejón], sobre los sahumerios y sobre los dichos pergaminos y turíbulo (...) unos salmos en el dicho experimento especificados (...) con un estola al cuello [pescuezo] (...) y también después sobre una cañas (...) y sobre unas vergas, las cuales cañas y vergas el dicho mosen Joan y este confesante las fueron a cortar a una mañana en cierto día y en cierta hora, y las cortaban en una cuchillada, según el dicho experimento estaba contenido. Y se habían de decir sobre todo lo sobredicho (...) ciertas oraciones y ciertas misas.¹⁹⁹

Segundo Foster Butler e Christopher Hoper, a relação com os números era também importante nos rituais deste tipo: quatro necromantes, quatro espadas, quatro punhais, quatro *cazouletes* para as defumações, nove missas. O quatro refletia o quadrado e a cruz, formas perfeitas e carregavam consigo todo o simbolismo da terra. O nove simbolizava o espiritual e o celeste, o triplo ternário da perfeição.²⁰⁰ Formando par com os elementos quaternários do simbolismo terrestre e complementando a idéia do nove celestial, os números rituais formavam a perfeição hermética: “O que está em cima é igual ao que está embaixo; E o que está embaixo é igual ao que está em cima”.²⁰¹ A relação entre o círculo e o quadrado, entre o quatro e o nove, se relacionam também

¹⁹⁸ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fol. 16.

¹⁹⁹ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, fol. 16.

²⁰⁰ HOPPER, F. *Medieval Number Symbolism. Its sources, Meaning, on Thought and Expression*. New York: Columbia University Press, 1938 e BUTLER, C. *Number Symbolism. Ideas and forms in English Literature*. London: Routledge, 1970. Citado em TAUSIET, M. Idem, p.53.

²⁰¹ TAUSIET, M. Idem, p. 41, YATES, F. *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*. São Paulo: Pensamento, 1995, AGRIPPA VON NEDDESHEIM, E. C. *De Occulta Philosophia. Libro Primero. Magia Natural*. Organização e preparação editorial de Bárbara Pastor de Arozena. Madrid: Alianza Ed., 1992.

com as tarefas relacionadas à preparação do ritual: Joan Vicente responsável pelos aspectos espirituais e Jerónimo de Valdenieso com os objetos e vetores materiais.

Entretanto este ritual não chegaria a termo pela disputa entre os membros que iriam realizar tal ritual e pela ação do Santo Ofício que prendeu, processou e condenou à morte todos os envolvidos no caso. No *Libro Verde de Aragón*, consta a execução em efígie de Joan Vicente, fato que mostra que seu processo não foi levado até o final. Joan Vicente e outro de seus cúmplices fugiram dos cárceres secretos da Inquisição e sua condenação só pode realizar-se em estátua como mencionado segundo consta no *Libro Verde de Aragón*.²⁰² Como última notícia, depois de sua fuga, restou uma carta de um dos inquisidores ao fiscal do Santo Ofício anexada à notícia de seu processo datada de Outubro de 1514

Ya sabeis como Mosén Joan Vicente procede en Roma muy reciamente y en verdad que me pesa de quan mal hacen en aquella corte de Roma las cosas de la Inquisición. Nuestro Señor lo provehera algún día, pero entretanto es menester que nosotros nos ayudemos de los que pudiéremos para defender la honra de Dios.²⁰³

Outras notícias aparecem no processo de Joan Vicente a respeito de outros praticantes de magia. No testemunho de Miguel de Soria, o qual disse que antes de morrer, *disse que queria descargar su conciencia de todo lo que se acordaba, asi de si [sic] como de otras personas*, há menção de outros praticantes de magia. Segundo Tausiet, e concordando o argumento de Richard Kieckheffer, segundo o qual a necromancia estaria relacionada a um estrato do clero secular que vivia de práticas mágicas não autorizadas e praticadas em segredo²⁰⁴: Mosén García, que junto com Miguel de Soria e Jorge Rodas *tenían concierto de (...) hacer algunos experimentos y hallar tesoros*, o mosén Exe, que havia benzidos alguns pergaminhos para o “*cercos general*”. Ainda segundo depoimento de Jerónimo de Valdenieso, um monge conhecido como Fray Miguel Calderer havia realizado certos experimentos escritos em

²⁰² COMBERSURE THIRY, M & MOTIS DOLADER, Á. *El Libro Verde de Aragón*. Zaragoza: Certeza, 2003, p. 215. A informação é confirmada na edição já consagrada pela tradição historiográfica espanhola de CAGIGAS, I. de las. *El Libro Verde de Aragón*. Madrid: Compañía Ibero-Americana de Publicaciones, S.A., &c., 1929, pp. 125 e 131.

²⁰³ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, folio anexo ao documento.

²⁰⁴ KIECKHEFFER, R. *Magic in Middle Ages*. London: Cambridge University Press, 2005, p. 151 et seq.

pergaminhos virgens, que posteriormente haviam sido perfumados, além de consagrar para Joan Vicente um anel e algumas velas. É citado ainda o nome de Fray Ullate, outro monge da ordem dos predicadores, que havia rezado três missas sobre alguns pergaminhos nos quais havia escritos alguns nomes escritos na *Clavicula*.²⁰⁵

O caso de Joan Vicente, analisado por diversos historiadores como William Monter, María Tausiet – texto com o qual dialoguei até agora e do qual me apropriei em parte –, entre outros, marca uma forma específica de busca de tesouros que marca o Século de Ouro. Todas as prescrições são seguidas mais ou menos à risca, os tesouros são buscados em grupos em sua maioria formados por homens, com a presença de um ou mais religiosos, geralmente da esfera mais baixa da Igreja, geralmente com a presença de uma mulher como apoiadora de tais eventos fornecendo objetos ou servindo de anteparo em situações específicas dos rituais com a crença coletiva de que tais rituais poderiam funcionar.

Com o passar do tempo, uma mudança sensível começa a ocorrer, sinal dos tempos que a Espanha atravessava e também reflexo de como o século XVII verá e estruturará a busca de tesouro em suas formas mais diversas. Muitas coisas passam a mudar na forma de realizar a busca, no interesse dos agentes, na crença destes agentes e em seu número e, por fim, nos locais de busca.

Alguns casos ainda foram importantes para compreender esta mudança: Jerónimo Juan Ferrer e Luis da Gama e Vasconcelos.

O lisboeta Luis da Gama e Vasconcelos tinha para cada ocasião uma magia diferente para cada necessidade. Com a idade de 24 anos, ainda jovem, tinha uma resposta para, curas, amuletos contra objetos penetrantes, beberagens e outros artigos mágicos como desenfeitiçamentos, com confidenciara a Pedro Harriendo em conversa que chegara a testemunho da Inquisição e, finalmente, para encontrar tesouros.²⁰⁶ Obviamente, Luis da Gama implicou uma série de pessoas que acreditaram que poderia encontrar um tesouro – no mínimo cinco homens, que são os que depõem contra ele especificamente sobre os tesouros, em um total de vinte e três entre homens e mulheres – e assim partiram acreditando em tal arte. O procedimento era mais simplificado, uma vez que Dom Luis era um improvisador

²⁰⁵ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, folio anexo ao documento.

²⁰⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 992, fol. 125r. Causa de Luis da Gama e Vasconcelos.

“(…) y por cinco varones mayores de edad de haber buscado en un monte un tesoro y haber hecho un conjuro con una vela hecha con sayno de hombre algalia incienso y otros materiales que no declararon (…)”.²⁰⁷

Parte da improvisação tinha em conta o uso de um virgen, no caso um menino, mas como improviso, junto com o livro de conjuros, inseparável artigo de todos os magos e feiticeiros, adotou a seguinte estratégia ingênua para enganar os demais com a promessa da riqueza

valiendose de un muchacho que tenía la vela entretanto que el dicho Gama leía en un papel los conjuros y decía algunas palabras que no entendían asegurándoles que en el lugar donde cavaban si se apagaba la vela era señal que allí estaba el tesoro la cual se apagó dos veces.²⁰⁸

O resultado era o mesmo de todas as vezes: buscaram, y *sin embargo no hallaron el tesoro*.²⁰⁹

Várias cumplicidades se sobrepuseram na busca de tesouros escondidos. A última delas rastreada pelo Santo Ofício no século XVII envolveu os réus Jusepe Fernandez²¹⁰, Pedro Antonio Bernardo²¹¹, Don Miguel Francisco de Pedregosa²¹², Juan Clavero²¹³, Christobal Cisneros²¹⁴, Francisco Urraca²¹⁵, Juan de Puey²¹⁶, Bernardo Cortada²¹⁷, Juan de Ricarte²¹⁸, Tomas Urraca²¹⁹, María Diescas ou Viescas²²⁰ e Vicente Saraso²²¹ um dos seus casos mais emblemáticos e revela que tipo de crenças e dinâmicas sociais estavam envolvidas neste tipo de magia.

²⁰⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 992, fol. 124v. Causa de Luis da Gama e Vasconcelos.

²⁰⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 992, fol. 125r. Causa de Luis da Gama e Vasconcelos.

²⁰⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 992, fol. 125r. Causa de Luis da Gama e Vasconcelos.

²¹⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 416r.-417 v. Causa de Jusepe Fernandez.

²¹¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 417v.-420r. Causa de Pedro Antonio Bernardo.

²¹² AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 420r.-424 v. Causa de Don Miguel Francisco de Pedregosa.

²¹³ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 424v.-427r. Causa de Juan Clavero.

²¹⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 680r. Causa de Christobal Cisneros.

²¹⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 680v. Causa de Francisco de Urraca.

²¹⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 680v. Causa de Juan de Puey.

²¹⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 680v. Causa de Bernardo Cortada.

²¹⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 681r. Causa de Juan de Ricarte.

²¹⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 681v. Causa de Tomas Urraca.

²²⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 400v.-403v. Causa de Manuela de Diescas.

²²¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 681v. Causa de Vicente Saraso.

Depois de algumas ocasiões nas quais diferentes grupos de homens e mulheres buscaram sem sucesso as riquezas escondidas em muitos lugares aragoneses, começou a correr em Zaragoza a notícia de que nos restos do Castelo de Miranda havia um tesouro enterrado. Os rumores surgiram a partir do que falavam a respeito de Manuela de Diescas ou Viescas, menina italiana de 13 anos presa pela Inquisição cesaraugustana em 1692.²²² Manuela dizia ser uma *zahorina* como menciona a própria documentação. Uma informação rara consta em sua causa: a forma como havia tido os primeiros sinais de seus poderes:

estando en casa de sus padres, fue a coger unas ramas de leña y le salió una culebra, y que oyó una voz, que le decía no se espantase, que no le haría mal la culebra, y que estando en esta ciudad se habían aparecido dos figuras la una en forma de ángel, y la otra un mancebo vestido de ángel, y que se quería saber lo que se haría en cualquiera parte por oculto que fuese, le harían dicho rezase doce padres nuestros, y doce ave marías, doce salves y que dijese doce veces alabado sea el santísimo sacramento, y que lo había experimentado luego y que en esta ciudad se le habían aparecido cuatro figuras en forma de ángeles y que en la dicha Iglesia del Carmen calzado de dicha cruz donde se confesaba, se le habían aparecido dos figuras de ángeles y la dijeron que la darían muchos dineros.²²³

Como no caso dos curandeiros, a iniciação teve relação com uma opinião externa, ou uma investidura, neste caso, da própria mãe. A memória de suas primeiras imagens de tenra idade se confundiam com as sugestões da mãe, que identificara tais poderes

“(…) y que había oído a su madre que había nacido esta rea, en Lunes, /o/ Viernes Santo y que era zahorina, **y que se acordaba confusamente** (...)”.²²⁴

²²² AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 400v.-403v. Causa de Manuela de Diescas.

²²³ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 400v.-401r. Causa de Manuela Diescas.

²²⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 401r. Causa de Manuela Diescas. Grifo meu.

A partir desta memória confusa, e pelo que se lembrava Manuela Diescas, começaram a se manifestar continuariam a se manifestar seus poderes assim descritos

*y que había oído a su madre que había nacido esta rea, en Lunes, /o/ Viernes Santo y que era zahorina, y que se acordaba confusamente, que siendo de cuatro años tenía miedo de entrar en la Iglesia porque veía bajo tierra, los cuerpos de los difuntos, que estaban enterrados, pero siendo de mayor edad y que siendo de mayor edad no los veía y que habiéndole dicho el sacristán de dicho convento los evangelios nueve días por si tenía algún impedimento en la vista el primero día en dicha Iglesia, vio un difunto de la manera que los vio cuando tenía cuatro años y al día siguiente vio dos difuntos.*²²⁵

Assim como havia visto os defuntos enterrados embaixo da igreja, um discurso que parecia garantir a autenticidade dos poderes da *zahorina*, também começou a ver tesouros, o que chamou a atenção de algumas pessoas e difundiu as supostas visões a respeito de riquezas que ela teria visto

*vió un difunto de la manera que los vio cuando tenía cuatro años y al día siguiente vio dos difuntos, y que había visto bajo tierra, un tesoro en que cavaron hombre que nombro sin hallar cosa alguna, en la víspera del Señor San Bartolomé Apóstol.*²²⁶

A partir de então, sabendo da notícia – *consideración de ser tenida esta rea por zaori [y] buscada como tal*²²⁷ –, alguns religiosos interessados mais nos poderes de Manuela que propriamente em censurar sua vidência começaram a arrebancar em torno de si candidatos a realizar mais um circulo mágico para descobrir os tesouros.

Mais uma vez, três homens amigos de Jusepe Fernandez e mais um que traria importantes objetos da França dentre eles livros mágicos com instruções de como conseguir os tesouros participariam daquele ritual. Além dos três mais um mouro vindo do norte da África, um *zahorí*. Em sua origem etimológica, a palvara *zahorí* vem de *zahuari* que significa geomântico, e depois foi relacionada ao adjetivo *azuaharah* que se

²²⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 401r. Causa de Manuela Diescas.

²²⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 401r. Causa de Manuela Diescas.

²²⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 401r. Causa de Manuela Diescas.

referia ao planeta Vênus.²²⁸ Na tradição astrológica medieval, planeta Vênus se relacionava com as faculdades telúricas, com a terra e com o concreto havendo por correspondência havia uma ralação com a geomancia em suas várias formas. Por isso mesmo, mais do que isso, o *zahorí* era conhecido por possuir uma faculdade especial: enxergar através de superfícies planas desde que não estivessem cobertas com um pano azul.²²⁹ Essa necessidade de aglutinação de objetos e idéias mágicas está presente nas diferentes formas de magia variando suas situações.

O *zahorí* costumava ser um homem, como Antón Lozano, *tesorero* profissional preso e processado pela inquisição que utilizava um terço para identificar tesouros escondidos e que, em certa ocasião, havia encontrado mil escudos que, obviamente, ninguém viu sinal de tais moedas.²³⁰ A convicção na existência dos tesouros era tão grande por parte daqueles que acreditavam em Lozano que, frente ao desaparecimento das “três tachos de dinheiro”, afirmou que “já haviam mudado de tal lugar os tachos”.²³¹ Ainda que uma ou outra mulher dissesse que possuía tais poderes e Manuela de Diescas dizia possuir estes poderes, eram vistas com muita desconfiança. Este tipo de sentimento torna o caso mais peculiar por ser o *zahorí* uma mulher jovem.

Cada uma das pessoas daria uma contribuição específica. Os dois franceses, trazidos por Don Miguel Francisco de Pedregosa do outro lado da fronteira para a Espanha, carregavam consigo os textos da *Clavicula Salomonis*, um texto com conjuros de São Cipriano, provavelmente uma parte do que hoje se conhece como o *Libro de San Cipriano* com dezoito páginas e um livro de Enricus Cornelius Agripa além de outros papéis soltos como era de costume pelos magos de então que cuja descrição comum era com círculos, caracteres e rodas. O *Ciprianillo* possuía dezoito folhas manuscritas a que chamavam de *exconjuro*. Havia também um livro chamado *Ripanegra* que segundo Pedro Antonio Bernardo, ao ser colocado no chão, abriria a terra e mostraria a localização dos tesouros.²³²

De qualquer maneira, além das referências constantes ao sabá que ocorreriam, entre outros sítios limítrofes, nas terras francesas, mais uma vez se afirmavam como um

²²⁸ TAUSIET, M. Idem, p. 67, nota 76.

²²⁹ LEA, H. Ch. *História de la Inquisición Española*. Madrid: Fundación Universitária Española, 1983, Vol III, p. 574-575.

²³⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 993, fols. 57v.-59r. Citado em TAUSIET, M. Idem, p. 67, inclusive nota 75.

²³¹ TAUSIET, M. Idem, pp. 67-68.

²³² AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 419r. Causa de Pedro Antonio Bernardo.

lugar mágico e de autêntica referência para aqueles que pretendiam obter textos mágicos ou objetos de poder supersticioso ou sobrenatural.²³³ Além dos textos e papéis, uma pletora de objetos e ervas foram utilizados: uma vela branca feita cera de círio pascal e com remate vermelho, velas verdes, um punhado de erva, algumas varinhas de avelã e de louro, duas *honras* de incenso – provavelmente de igreja –, duas de mirra, e duas de ouro – dividido em oito dobrões – estes três últimos para atrair o dinheiro, *lignum crucis*, um crucifixo, a peneira, e as tesouras. A *zahorina* encontraria o lugar com a ajuda dos homens franceses, dos textos estrangeiros trazidos por eles e as demais parafernalias. Segundo informa a Inquisição, estavam envolvidas nesta cumplicidade dezessete pessoas, das quais aparecem apenas onze presas e processadas em diferentes situações.

O procedimento começou quando Jusepe Fernandez e seus cúmplices se dirigiram ao Castelo de Miranda onde, após uma invocação um “homem” ou “fantasma” que disseram havia parecido como o demônio e que, para proteger o tesouro havia tentado empurrar os três presentes “barranco abaixo” de forma a proteger o tesouro. Para controlar a situação lançaram mão dos objetos acostumados na mão de um sacerdote dom Miguel Francisco de Pedregosa que havia trazido água benta – com a qual aspergira o buraco no qual se procurariam os tesouros -, e estola para proteger e santificar o celebrante, as varinhas de avelã e oliva, cera de círio pascal para fazer uma cruz com sua cera, incenso e mirra e ouro como os elementos que haviam dado pelos reis magos na visita que fazia a Jesus Cristo na natividade – para que o tesouro literalmente nascesse da terra tal qual a figura do Cristo – além de dobrões de ouro dispostos em círculo para atrair por semelhança as riquezas procuradas e atados em cruz com a cera do círio pascal e, finalmente, os textos do *Ciprianillo*, da *Clavicula*, e de *Agrippa* para recitar as fórmulas acostumadas além de trechos da Bíblia – os quatro evangelhos, do Segundo testamento – em papéis soltos.

Reunidas pessoas, objetos e textos o grupo procederá, liderados por Jusepe Fernandez e Miguel Francisco de Pedregosa, da seguinte maneira:

lo ejecutaron este reo y los demás camaradas en dicho castillo, haciendo una crucecita de cera, que la quemaron con dichos doblones, que se presumió llevaron dichos franceses, y dicho sacerdote con

²³³ Sobrenatural no sentido etimológico latino – *supernaturalis* –, ou seja, aquilo que está para além do alcance e explicações das razões naturais.

vestiduras sacerdotales después de haber dicho misa que la oyó este reo, hecho agua bendita en dicho círculo, e incienso con dicho incienso, y mirra, y dicho las letanías y que en dicho Círculo había entrado este reo, con dicho sacerdote, y hasta siete personas cómplices y que este reo alumbraba, con un cirio de un palmo de largo, y que había hecho un pentáculo triangulado, con seis cruces alrededor. y dentro una cruz, y unas letras en latín que decían Algas. con unos círculos, con los nombres, de Miguel, Gabriel, Sachiel, y cuatro estrellas hacía cuatro partes del mundo, conforme advierte el dicho libro de Cornelio Agripa, y este reo lo ejecuto repetidas veces con dicho sacerdote, quien tomo una espada de palo en la mano, que estaba escrita por ambas partes.²³⁴

O presbítero então, investido de seus poderes passou a agir então utilizando alguns objetos que havia levado para o local onde, em tese, estaria o tesouro

y el sacerdote exconjurar y bendecirle, con agua bendita puesto sobrepeller y estola, a la una de la noche a las cuatro partes del mundo, y escribir en dicho círculo alfa y omega, y otras palabras dos días antes de haber celebrado la misa, y que también se había de celebrar tres misas del espíritu santu y en ellas decir el pasio, y el sacerdote ayunase dichos tres días que las celebrase a pan, y agua y este reo referio hacerlo así, y celebros tan solamente una misa, en la iglesia del lugar de Alfocea, y por que le ayudo el vicario del, no dijo el pasio, ni prosiguió en las otras misas por no ser descubierto.²³⁵

Pedregosa tinha que conseguir consagrar os objetos mágicos que usaria com seus demais cúmplices primeiro no Castillo de Miranda e depois em outra localidade na qual buscariam outro tesouro. Mais uma vez se escolhiam e colocavam os objetos, se faziam as inscrições e se esperavam homens supostamente autorizados a ajudar na busca de tais riquezas: os franceses. Moedas, textos e outras parafernalias foram assim dispostos:

²³⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 421r. Causa de Miguel Francisco de Pedregosa.

²³⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 420v. Causa de Miguel Francisco de Pedregosa.

y que este reo con dichos franceses, fue a dicho sitio señalado donde hicieron tres círculos, uno mayor que otro, y pusieron una vela encendida, compuesta con cera, incienso, y mirra, que bendijo antes este reo, por un misal, puesta sobre la gitanilla [sitánilla] una estola, y nueve doblones, y entraron cinco personas y este reo con la alba, y estola, y dijo el exconjuro de San Cipriano, y otro manuscrito que le dieron dichos franceses, y acabados dichos exconjuros, había caído un papel que decía Audite, Gaudite, Prompto, y ellos dijeron que no había que aguardan, que aquel papel había enviado de Francia, su superior, y que guardaba a entender era necesario volver a Francia y que viniesen dos caballeros que sin dificultad descubrirían el tesoro, y este reo había ido a Francia para traerlos, y ofrecieron venir, y este reo, se volvió a esta ciudad y después salió al camino a recibirlos y fue con ellos a dicho sitio y monte, donde estuvieron durante tres días y uno de estos rezava estando arrodillado en tierra, por unas oritas tres veces en cada día, y este reo con roquete y estola, con un hisopo tomava agua bendita, y exconjurava dicho puesto donde decían estaba el tesoro, teniendo una cruz en la mano, e [sic] hizo dichos exconjuros por un libro manuscrito que copio este reo y se quedo con el, y contenía parte de la Clavicula de Salomon, y sería de dieciocho hojas, y in-cuarto, en que se contenía la oración de San Cipriano, y los cuatro evangelios en latin, que dijo en pie hacia las cuatro partes del mundo, y al empezar se arrodillaba, y proseguía en pie, cuya función duraba una hora cabal.²³⁶

Muitos dos objetos da missa foram apropriados para este ritual, tais como o incensário, a cruz, a água benta para purificar os lugares nos quais se realizaria o ritual. E prossegue descrevendo a busca, na qual

y uno de dichos franceses incensava, con una cazolilla que tenia fuego con incienzo que hechava en ella, y no se descubrió cosa alguna, y que este reo había repetido lo mismo, en la bodega de la casa de la viuda

²³⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 420v. Causa de Miguel Francisco de Pedregosa.

de Joseph Tudela diciendo el dicho exconjuro de San Cipriano por tres días en cada uno tres veces y el dicho francés incensava, en que cavaron, e hicieron un hoyo grande, [sic] y en el hecho este reo agua bendita, por que dijo la zaori Manuela de Diescas estaba el tesoro ya solo un palmo, bajo tierra, y que una cuba, llena de vinagre se había movido haciendo gran ruido, y levantándose del sitio donde estaba.²³⁷

Mais uma vez, nada havia sido descoberto. Mas Miguel tinha interesse em que os demais participantes do círculo continuassem a participar daquelas empreitadas e teve uma idéia que iria prolongar um pouco mais a dependência dos outros membros: arrumar um suposto segundo lugar e uma boa justificativa para uma nova caça ao tesouro. E foi o que ele fez não se sabe bem se com Jusepe Fernandez ou não

confesando los del dicho Castillo de Miranda y el de dicha bodega de la casa de Tudela, y que tenían liga para descubrir los tesoros entre diecisiete personas españoles y franceses que nombró, la ida a Francia, y leído en el libro Clavicula, para que no había usado del, en 17 de Mayo de 1692, sobrevino otra testificación, de un sacerdote de Auditio contra este reo, de algunos de los hechos referidos, y en 5 de junio de 1693 por cinco testigos formales de haber concurrido en la víspera de San Juan, del año 1692 en casa de Don Juan Clavero en donde presumían que en la bodega de ella había un gran tesoro, oculto encantado, y de haber dicho este reo en dicha ocasión que en el Reino de Granada había muchos tesoros ocultos.²³⁸

Para dar certo tal ardil, Miguel Francisco, como padre, sabia muito bem que alguns artificios deveriam ser utilizados. A busca noturna poderia facilmente enganar a todos com alguma mentira que dissesse. Os livros, o ambiente, o lugar que ele muito bem conhecia completava toda a farsa que desejava

²³⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 421r. Causa de Miguel Francisco de Pedregosa.

²³⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 421r. Causa de Miguel Francisco de Pedregosa.

se delato de ellos diminuto, alentándoles a descubrir el de dicha bodega, y que tenia pasta de Agnus bendecida por Inocencio un diezmo que que llevaba consigo, y la mostro, y un manual romano, o, libro de exconjuros, y una estola blanca, y convinieron este reo y sus complices, en bajar antes de las doce de la noche, de dicha víspera de San Juan, uno de ellos a dicha bodega, y estar en ella una hora, y después bajaría otro y que este reo había dicho estaría junto a dicha bodega, con roquete, estola, agua bendita, y el dicho libro de exconjuros, o, manual por si salía algun duende, o, otra cosa, en dar voces el que estuviese en la bodega, el bajaría, y con sus exconjuros la haría templar y que antes de bajar les previno habían de hacer, la protestación de la fe, y decir luego que se les apareciese alguna cosa, que quieres que pides, que buscas y que uno de los que bajaron a dicha bodega a las tres de la mañana apago las luces de los candiles que había en ella, y empezó a gritar fuego bajaron este reo, y complices.²³⁹

Uma vez no escuro, na bodega que havia dito poderia haver algum tesouro – ou duende como cita ele próprio em depoimento ao inquisidor –, mostrou-se espantado ao dizer que havia visto uma moura encantada

que se le había aparecido una mora, y dicho no era tiempo de descubrir el tesoro que buscaba y que se había de hacer en el primer mes que hubiese R. y aunque dudaron si los engañara, llegaron a creer era cierto, y acordaron volver en el mes de Septiembre, que era el primero que venia con R. y parece que fue embuste todo lo que dijo dicha persona, que fue Joseph Manuel Sanchez.²⁴⁰

Colocando a culpa no dono do local no qual haviam buscado o tesouro, o religioso poderia se safar da Inquisição e passar a culpa adiante, coisa que não convenceu muito os inquisidores, que descobriram inúmeras pessoas mais na cumplicidade de Miguel Francisco de Pedregosa, Jusepe Fernandez e Juan Clavero.

²³⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 421r. Causa de Miguel Francisco de Pedregosa.

²⁴⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fol. 421v. Causa de Miguel Francisco de Pedregosa.

Pedregosa seria gravemente repreendido como informa a sentença de sua causa bastante extensa por sinal. Os demais Jusepe Fernandez e Juan Clavero tiveram abjuração, desterro. Juan Clavero, como assinalava sua sentença, não tinha dinheiro nem para pagar a multa estipulada pelo Santo Ofício, o que demonstra por qual motivo havia tentado transformar sua pobreza em riqueza.

A causa de Don Juan Antonio del Castillo y Villanueva

Entre 1674 e 1692 um conhecido astrólogo, misto de *'mago a lo culto'*²⁴¹, adivinho erudito, prestigeador, “Astrólogo judiciario famoso” havia sido denunciado à inquisição de Zaragoza. Seu nome: Don Juan Antonio del Castillo y Villanueva, natural de Zaragoza e morador da cidade de Azurara, no próprio Reino de Aragão²⁴², cujos *'padres, y abuelos y demás colaterales habían sido y eran christianos viejos e infantones e ninguno de ellos preso ni penitenciado por el Santo Oficio ni él lo había sido antes'*. Coincidência ou não, uma marca já pesava em seu destino mesmo que não o soubesse. Em seu nome, um parentesco, ainda que apenas simbólico, com uma das personagens mais conhecidas da magia européia: Arnaud de Villeneuve. Denunciado por trinta e seis testemunhas ao longo de todos estes anos – e segundo o Santo Ofício suas denúncias teriam ocorrido ao longo dos anos 1674, 1677, 1682, 1688, 1690, 1691 e 1692 – teve proibidos de serem impressos seus calendários e de realizar predicções pela Inquisição cesaraugustana. Insatisfeito pela proibição da impressão de seus calendários, em 2 de Outubro de 1676, Don Juan Antonio escreve para o Santo Ofício contestando tal proibição, o que lhe custaria uma nova advertência lembrando que teria “a mesma pena, de excomunhão maior, e Duzentos Ducados” de multa, à qual respondeu que obedeceria.

Entretanto, segundo informa o próprio Santo Ofício, em 23 de Setembro de 1677 o Santo Ofício descobre que Don Juan Antonio trabalhava à revelia de seu compromisso firmado de forma que

²⁴¹ O conceito é de CARO BAROJA, J. *Vidas Mágicas e Inquisición*. Madrid: Istmo, 1992, vol 1, p.

²⁴² AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fols. 414r.-416v. Causa de Don Juan Antonio del Castillo y Villanueva.

en casa de un impresor se tubo presunción, de que tenia para imprimir un pronóstico para el año siguiente de 1678 con nombre supuesto y que era escrito por este reo y el tribunal retuvo el original sin permitir que se imprimiese, y para el año de 1682 compuso este reo dos pronósticos, uno con su nombre, y otro sin autor y otro para el año de 1692.²⁴³

Don Antonio Possui com os impressores uma intimidade digna de nota. Papéis tão suspeitos como seus calendários, cuja identificação tenta esconder sobre o artifício do anonimato para não ser preso pelo Santo Ofício na seriam coisa de pouca importância. Mais interessante ainda é perceber a necessidade da impressão de tais folhas manuscritas que, como se verá, terá ainda outros motivos.

É curioso notar como há um hiato nas impressões dos tais calendários, já que possuíam características de efemérides astrológicas, sendo impressos ano após ano com previsões de sucessos e insucessos, acontecimentos importantes e previsões com traços “proféticos”.

A falta de alguns anos de impressão pelo réu é conhecida no ato da primeira monição do réu, na qual esclarece que

respondió que presumía seria por que los inquisidores de este tribunal que nombro le habían nombrado no imprimiese pronósticos, que obedeció por entonces, y que después habiendo entrado otros inquisidores por el año 1686 jurgo había espirado aquel mandato, y dio orden al impresor que nombro para que obtuviese licencia al tribunal, para imprimir el pronóstico que había hecho para el año 1687. Y por no habérsela dado no se imprimió, y después este reo había compuesto otros pronósticos para los años 1690, 1691, 1692, 1693, sin imprimirlos, y que también presumía se podía haber originado su prisión de los juicios que había hecho sobre las navidades del Rey nuestro Santísimo Señor Emperador y sus hijos y de otras personas, y que había hecho otros juicios, sobre las cosas perdidas, y hurtadas usando de la astrología natural, hieronsele la su monición y no dijo mas, En 13 del dicho mes de 2ª Audiencia, ordinaria, y 2ª

²⁴³ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 414r. Causa de Don Juan Antonio del Castillo y Villanueva.

monición y dijo que por el año de 1675 a petición de su alteza, había escrito una pronosticación para el año 1676, en que partió su Alteza a ser primer ministro en Madrid y se la remitió.

Neste trecho já fica comprovada uma primeira estratégia do réu para burlar a proibição do Santo Ofício: fazer os calendários manuscritos, o que demonstra que nesta forma objetiva suas atividades poderiam continuar ocorrendo. Neste sentido, o manuscrito simbolicamente é mais importante que o impresso pois além de possuir uma difusão maior, poderia ser protegido da censura. Neste caso, ao contrário do que a vista contemporânea a respeito do texto sugere, o manuscrito nesta historicidade é mais valioso sem dúvida nenhuma.

Não há como comprovar, mas após tantas denúncias ao Santo Ofício, certamente não seria seguro permanecer no mesmo vilarejo no qual vivia e no qual poderia continuar sendo denunciado. Don Juan Antonio era conhecido pois segundo nos informa, o original de tal trabalho, “*Manuscrito que repartió y pidió que remitiesen a Madrid*”, sendo que, por sua fama, se sabe que “*a este reo como a oráculo acudían varias personas a que les adivinase las cosas que les habían hurtado de que hacia oficio y se hacía pagar por ello*”.²⁴⁴ Anteriormente utilizei a palavra ‘trabalhava’ é bastante adequada para descrever suas atividades.

Os dons e a as artes de Don Antonio ultrapassavam e muito as práticas mágicas mais simples e demonstrava elaboração pelo que descreve os objetos achados e utilizados pelo réu

y dio a ciertas personas un papel con unos círculos y guarismos **y que este reo del libro Malleus Maleficarum saco una receta para conocer a las brujas [grifo meu]** y uso de ella , y que este reo tenía varios libros de astrología y la esfera, o, globo y el crédito de adivinador prediciendo el día, y hora, en que les habían faltado, o, hurtado los géneros de varias cosas dando señas de los agresores de los hurtos y se ponía a mirar en uno como mapa, y en un cuadrito pequeño de mala figura, y tenía su estudio lleno de libros, y algunos prohibidos. Y una rueda como una bola, tapada, por encima con un

²⁴⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 414r. Causa de Don Juan Antonio del Castillo y Villanueva.

lienzo y dentro de la rueda muchas figuras al modo a [Intericos] y en cuatro libros abiertos sobre una mesa en que estaba dicha bola, había unos círculos; y que este reo había hecho un amatorio de estatuas de cera , con el carácter de la luna, y de Venus en el signo de Geminis y de Virgo a fray Matheo de Albalate un capuchino, quien lo efectuó de su consejo y le enseñó este reo al dicho religioso el [acto] de quiromancia de que vio dicho religioso, y también este reo, quien le explico al mismo religioso las horas planetarias, por **el libro de esphera Picolomini [grifo meu]** de que también vio el dicho religioso, y del libro del Ilustrísimo Arnaldo [de Vilanova?] que tenía este reo, que copio dicho religioso, los sigilos, y repartió entre otras personas.

Além de trabalhar como buscador profissional de objetos perdidos, Don Juan Antonio era um leitor de livros, e tinha seu estudio cheio de livros, alguns deles proibidos. Uma informação importante denotada pela quantidade e pelas características dos livros encontrados em seu estúdio e sobre sua mesa.

O primeiro livro citado no trecho é o *Malleus Maleficarum*, conhecido como o primeiro grande manual da caça às bruxas escrito por Institor e Sprenger, editado pela primeira vez em 1484 e autorizado pela conhecida Bula *Summis Desiderantis Affectibus*. A versão citada pelo notário, entretanto, menciona que o Don Antonio o possuía e que dele *saco una receta para conocer a las brujas*. Além de possuir conhecimentos de leitura, provavelmente deve tê-lo lido para compreender como identificar uma bruxa, mas em parte alguma parece haver uma caça às bruxas. Um identificador de bruxas apenas? Ou um caçador? Certamente o fato de distinguir as bruxas das demais pessoas demonstra no mínimo que havia um sentimento de necessidade de se defender das bruxas. E ainda mais: além de se defender, a menção do *Malleus Maleficarum* também demonstra uma complexidade que se manifesta em uma diferenciação entre um astrólogo e uma bruxa, para a Inquisição ambos ao lado do Diabo, para Don Antonio, em lados opostos dos mesmos tipos de práticas sociais: as práticas mágicas.

Além do *Malleus*, são citadas também duas obras, uma relativamente conhecida à época e outra menos conhecida. O primeiro autor é Arnaud de Villeneuve, conhecido

magos e astrólogos medievais cujas obras eram controladas pelos diversos Índices da Inquisição²⁴⁵ e relativamente conhecidas em terras espanholas.

O segundo livro, mencionado no documento como *libro de esfera Piccolomini* provavelmente estaria se referindo a algum dos escritos de M. Alessandro Piccolomini (1508-1578) que dentre outros textos teria escrito uma famosa paráfrase ao texto de Aristóteles conhecida como e escritos sobre filosofia natural intitulados *Della filosofia naturale*. A posse dos livros de Piccolomini revela que Don Juan Antonio era um conhecedor do latim e do grego, pois vários dos comentários de Piccolomini eram nestas duas línguas. Mas como saber qual dos escritos de Piccolomini estava sobre a mesa? Provavelmente, seria o livro *De La Sfera del Mondo di M Alessandro Piccolomini libri quattro, nouamente da lui emendati, & dimolte aggiunti in diversi luoghi largamente ampliati De le stelle fisse del medesimo autore libro uno, com Le loro fauole, figure, nascimenti, & nascondimenti da lui nouamente rieduto, & corretto*, editado em italiano no século XVI com edição conhecida, sendo que neste caso a manuseada é de 1561.²⁴⁶ Mas ainda não seria este texto que comprovaria os conhecimentos de latim e grego de Don Antonio, já a esta altura possuidor de diversos livros considerados heréticos.

O terceiro e importante livro, sobretudo para esta pesquisa é o *Clavicula Salomonis*. Texto produzido entre os séculos XIII e XIV ganhou grande popularidade entre os magos europeus a partir da Baixa Idade Média e de maneira geral e homens aragoneses entre os séculos XVI e XVII. Don Juan Antonio seria mais um a possuir um exemplar cujo formato e conteúdo são desconhecidos – pois não há nenhuma referência no documento que diga qualquer informação a este respeito – indica, no entanto, o conhecimento das práticas mágicas indicadas no livro – necromancia – como cita o próprio documento. As múltiplas referências, formatos e suportes complicam o trabalho de pesquisa sobre os usos da *Clavicula Salomonis*, mas algumas pistas são concretas o bastante para que se possa avançar com segurança em relação a algumas conclusões.

²⁴⁵ Sobre Arnaud de Villeneuve em terras espanholas, ver VILANOVA, Arnaldo de. *Escritos condenados por la Inquisición*. Introducción, Traducción y notas de Elena Cánovas y Félix Piñero. Madrid: Editora Nacional, 1976.

²⁴⁶ PICCOLOMINI, M. A. *De La Sfera del Mondo di M Alessandro Piccolomini libri quattro, nouamente da lui emendati, & dimolte aggiunti in diversi luoghi largamente ampliati De le stelle fisse del medesimo autore libro uno, com Le loro fauole, figure, nascimenti, & nascondimenti da lui nouamente rieduto, & corretto*. Giovanni Varisco & compagni, 1561. Disponível em <http://dar.bibalex.org/webpages/mainpage.jsf?PID=DAF-Job:199346&q=> acessado via Blackberry em 30.05.2011 às 18h15m.

Don Antonio possuía alguns conhecimentos, pelo menos de latim, segundo o que demonstram as versões que circulavam da Clavícula na Europa daquele então. A maior parte daqueles textos eram em latim e a única versão francesa encontrada é do século XVII e apenas um texto foi encontrado para quinze em latim em período igual ou semelhante.²⁴⁷ No Clavícula, Don Antonio poderia tomar proveito das horas auspiciosas relacionadas aos planetas para efetivar determinadas práticas mágicas relacionadas à astrologia. Como se vê, a base do procedimento era provavelmente a conjunção astral, cujo complexo quadro era dado pelo livro de Sfera e que se prestava a alguns atos de feitiçaria mencionados no documento, incluídos aqui as adivinhações de objetos perdidos.

Os textos de *Enricus Cornelius Agrippa [Von Neddeshheim]* (1486-1535) que também foram encontrados com Don Juan Antonio possuíam censura prévia nos índices, Agrippa possui diversos textos sobre diversos assuntos, todos eles vistos como uma proibição explícita.

O controle de textos e objetos, com relação às causas de homens praticantes da magia era de fundamental importância, chegando inclusive a serem os livros considerados como réus *strictu sensu*.²⁴⁸ A causa de Don Antonio mostra a importância de tais livros heréticos considerados aqui, de modo que quando *'fuese preso en cárceles comunes de este Santo Oficio, sin comunicacion, y con embargo de bienes de donde se siguiese con causa con el hasta la definitiva, y que al tiempo de efetuarse su prision, reconociesen sus libros y papeles y los instrumentos que tuviese para el vis de la astrologia judiciaria, y que todo lo que de ellos restase se acumulase a su proceso'*. Os livros provavelmente quais foram considerados heréticos, a julgar pelas instruções e qualificação à qual foi submetido.

Os objetos também eram suspeitos de heresia e se sabia *'que este reo tenía varios libros de astrologia y la esfera, o, globo y el crédito de adivinador prediciendo el día, y hora, en que les habían faltado, o, hurtado los géneros de varias cosas dando señas de los agresores de los hurtos y se ponía a mirar en uno como mapa, y en un cuadrito pequeño de mala figura, y tenía su estudio lleno de libros, y algunos*

²⁴⁷ MATHIESEN, Robert. "The Key of Solomon: Toward a Typology of the Manuscripts". SOCIETAS MAGICA. Issue 17, Spring 2007, pp. 01-10.

²⁴⁸ PINTO CRESPO, Virgilio. *Inquisición y control ideológico en la España del siglo XVI*. Madrid: Taurus, 1983, p. 29.

prohibidos'. Para aquele então, o réu possuía vários artifícios, segredos e dons expressos por toda a pletora de itens relacionados em sua causa com o objetivo de praticar a magia.

Ainda suas idéias e práticas, Don Juan Antonio conhecia outro réu preso pela inquisição, um frade franciscano chamado Mateo Albalate com o qual havia trocado aprendizados e informações sobre magia. Frei Mateo havia ensinado a Don Antonio de forma *que este reo había hecho un amatorio de estatuas de cera, con el carácter de la luna, y de Venus en el signo de Geminis y de Virgo a fray Matheo de [Albacete] en capuchino, quien lo efectuó de su consejo*. Em troca, Frei Mateo *le enseñó este reo [Don Juan Antonio] al dicho religioso el [acto] de quiromancia de que vio dicho religioso*. E as trocas de ensinamentos continuaram entre os dois, depois que *'copio dicho religioso, los sigilos, y repartió entre otras personas'*.

Qualificado como desobediente, pertinaz, *'injurioso grandemente e irreverente'*, foi também qualificado pela posse de livros proibidos pela bula de Pio V, pela contra possuidores de livros proibidos e como embusteiro muito pernicioso e escandaloso na República Cristã por ser Astrologo judiciário famoso e por isso acusado segundo a bula de Xisto V e Urbano VIII contra a astrologia judiciária, encerrando ainda a qualificação de sua causa sendo considerado como *sortílego jactancioso con unas observancias y con el vio el arte de la quiromancia, por [avido] y con enseñanza sospechoso de leve, y con gran presunción a sortílego heretical, y de pacto explicito y comercio con el demonio*'. Ainda depois de revista sua qualificação, foi acusado também de ser muito suspeito de que usava artes cabalísticas e de que havia *'usado el libro manuscrito en octavo, de ser sectario a la herejía a Pelagio'*, reafirmando *'ser sospechoso de levi de tener pacto explicito e comercio con el demonio'*.

No final do processo, Don Juan Antonio teve como sentença

que a este reo en la sala del tribunal, a puerta abierta, delante de veinte y cuatro personas, eclesiásticas y seculares, se le leyese su sentencia con meritos, abjurase de levi, fuese gravemente reprehendido, advertido y conminado y privado del uso de la astrología en ninguna forma, ni en la permitida y se le recogiesen todos los libros que se le habían hallado y fuese desterrado de esta corte, esta ciudad y lugar de Azuara y ocho leguas en contorno por seis años en 20 de Mayo se

ejecuto asi, y se le dio audiencia , del secreto, y aviso de cárceles y fue despachado.

A busca de tesouros em terras aragonesas comprova que o uso da *Clavicula Salomonis* e do Livro de São Cipriano, de origem francesa, serviam para conjurar os diabos ou encontrar outros seres encantados como a moura de Miguel Francisco de Pedregosa na tentativa de compensar uma realidade bastante dura na qual a aparência servia quase como um objetivo existencial. Basicamente, a busca de tesouros que envolvia pessoas de todos os tipos de profissão e servia de pólo aglutinador social baseado em um interesse já individual e pouco relacionado com a busca de conhecimentos como a própria origem dos livros que serviam de base a tais rituais estruturava. Demonstrava inclusive a ponto de um individualismo nascente no qual a estafa e a vantagem individual predominavam sobre qualquer noção ilusória de magia ingênua. Bom para aqueles que lidavam com a magia de maneira descrente, ruim para aqueles que realmente acreditavam no pote de ouro embaixo da terra. Além disso, mais que um caráter mágico renascentista, a busca de tesouros constituía-se como uma magia da Baixa Idade Média deslocada de sua historicidade, baseada em mitos que pouco a pouco iriam morrendo à medida que as moedas da Espanha iriam se transformando de dobrões de ouro em *vellón* de cobre.

Don Juan Antonio del Castillo y Villanueva é uma espécie de arquivo vivo de muitas das práticas mágicas de homens em Aragão. A análise de sua causa remete a inúmeros circuitos de conhecimento, de vivências e práticas mágicas, sobretudo aquelas que se utilizam de textos. Tido como uma referência importante, forneceu textos para muitos outros homens interessados em buscar tesouros e praticar outros tipos de magia que não os elaborados como ele. Quase todas as magias requeriam objetos para serem realizadas, mas nem todas necessitam de textos. Outra questão importante é que muitos destes homens desconhecidos podem nos ensinar como lidavam com estes objetos e textos e quais suas relações com a função social da magia e os sentidos que ela adquire vinculada a objetos e textos.

4 – Ele está no meio de nós: o Diabo

A máscara sem rosto: as representações

A “Práctica de Conjurar” de Fray Luis de la Concepción

O diabo manifestado: as possessões

O diabo caçado: as práticas exorcistas como heresia

O diabo que obedece: os demônios familiares

A máscara sem rosto: as representações

A figura do mal com maiúscula, como Satã, o Satanás opositor ou o Diabo no singular, seria no mínimo uma impostura e no máximo uma inadequação para a realidade aragonesa dos séculos XVI e XVII. Dizer que estas referências relacionam-se com uma ‘concepção do mal’ é menos apropriado que dizer que se trata de uma ‘concepção de mal’ como algumas outras presentes também nas bocas e nos corações dos homens com os quais teremos contato à frente. Encontrar-se com eles, os supersticiosos, e seus espíritos familiares, será descortinar, na penumbra, presenças afeiçoadas de auxiliares amigos, prestimosos como irmãos, e sempre presentes na vida cotidiana destes homens e mulheres.

Além disso, encontrar o diabo será também conhecer se a relação entre os homens e os diabos era verdadeiramente uma relação de pretensos homens livres e uma figura diabólica disposta a tudo para conseguir fazer cair na tentação cada vez mais homens e mulheres. Em direção à sua ruína e à ruína da República Cristã, considerar se estes mesmos homens e mulheres também tinham os diabos como figuras do mal é outra pergunta pertinente neste mesmo contexto.

Interrogar sobre o diabo será também, ao mesmo tempo, encarar a face de horror daqueles que gemem e se contorcem possuídos pelas forças do mal, contra os quais a invectiva de exorcistas oficiais e não oficiais, bem como a dos simples caçadores de diabos, luta para manter sua suposta paz.

Ao mesmo tempo, energúmenos, exorcistas heréticos, padres sem licença e padres de paróquia eram vistos como inimigos pelas instituições da igreja e vigiados por esse motivo. Os inquisidores e parte da população ledora, difusores de rudimentos dos aspectos particulares pertencentes principalmente aos manuais de exorcismo autêntico, considerava-os como praticantes não autorizados do controle e do uso das forças do

mal. A convivência destes diferentes mundos e situações de maneira contínua e simultânea marca a presença da concepção de mal dentre estes atores sociais.

A contraposição entre um “Diabo”, com maiúscula, e seus sequazes ou meros simulacros “diabos” com minúscula, seria um tanto quanto mecanicista e artificial. Mais ainda, neste mesmo sentido, seria dizer que o primeiro seria representativo do mal e os demais, quando não estivessem na função de auxiliares do primeiro, se manifestariam como inofensivos artífices da realização de desejos cotidianos, do ridículo do drama protagonizado pelas personagens estudadas ou mesmo o derrotado em uma seqüência de história cujo enredo, o sentido e a moral já se sabe o fim: a vitória do bem no fim dos tempos. Não há, neste sentido, “demonologia maior”, fruto de uma ‘cultura douta’ de uma “demonologia menor”, fruto do ‘folclore’ e das ‘crenças populares’: se é que existem as duas convivem em um ambiente complexo e simbiótico no qual todos os diabos parecem dançar juntos de mãos dadas.²⁴⁹

Todos os diabos trabalhariam juntos, pois como anjos caídos dos céus, junto com Lúcifer, estariam à espreita de algum trabalho mais necessário ou de alguma honraria do Príncipe dos infernos, *El capitán*, ou de outros dos diabos da alta cúpula infernal.

Na teoria antes exposta por Fray Antonio de Torquemada, os diversos diabos possuem não só gradações, mas também uma hierarquia onde os mais poderosos fazem os menos poderosos obedecerem

y así, dice Santo Tomás, algunos demonios son preferidos como principales para mandar a los otros; y los demonios inferiores se sujetan a aquellos que son más poderosos en fuerzas para ejercitar su maldad; conforme a esto, decían los judíos a Cristo que en nombre de Belcebú, príncipe de los demonios, obraba sus milagros. Desta manera, los nigrománticos o magos que están confederados con los príncipes y capitanes del ejército infernal, tienen siempre prontos y aparejados a los demonios inferiores para cumplir su voluntad; porque los más principales les apremian a que cumplan.

Carmelo Lisón-Tolosana nos fala sobre as representações do século XVI a respeito das “grandes batalhas”. As visões de batalhas corporais eram inúmeras em um

²⁴⁹ DELPECH, F. Idem, p. 100. Delpech critica os estudos da história do diabo baseadas na dicotomia “cultura erudita” e “cultura popular”.

período de intensas guerras nas quais a Espanha se envolveu. Don Jerónimo Del Barrionuevo que havia escrito seus *Avisos*, no tomo II descreve um destes episódios fantásticos e críveis:

A las 12 de este salieron una mañana de Badajoz tres hombres con sus mujeres y otros dos muchachos, y a cosa de media legua, yendo entre dos valles, vieron salir por la mano derecha um ejército de caballería y infantería tocando alarma, y por la mano izquierda outro ejército que hacía lo mismo. Todo esto en el aire, oyendo cajás, trompetas, mosquetería y artillaría, y vieron que se embistieron los unos contra los otros, y que estuvieran peleando mas de um gran cuarto de hora, cayendo unos y levantando otros; y finalmente todos juntos se lês desaparecieron em um instante. Es cosa cierta.²⁵⁰

O próprio Maquiavel em *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, como nos conta Armando Maggi, teria visto no céu um duelo no céu. Segundo Maquiavel, citando fontes coetâneas, nos céus da Cidade de Arezzo havia uma pletora de “inteligências” no ar arregimentadas em forma de exércitos que lutavam entre si e avisavam um perigo vindouro: a invasão de Carlos VIII da França à Itália em 1494.²⁵¹ Este tipo de representação manifestava divinatoriamente um porvir próximo ou distante: a guerra mais próxima ou o juízo final.

Associadas a um milenarismo latente, as representações destas guerras entre homens pronto seriam transplantadas para o campo religioso no qual se converteriam em uma batalha entre o bem e o mal. Os jesuítas, muito por conta deste campo de representações, foram chamados de “Exército de Cristo” tal a sua quantidade e fidelidade à causa cristã. A posição de Torquemada se insere no debate a respeito da existência do diabo e formas poderia tomar. Este debate não só especulou a respeito das formas do diabo como também alimentou seu grande número de representações alargando o que então se supunha saber a seu respeito.

²⁵⁰ BARRIONUEVO, D. J. *Avisos de Don Jerónimo Del Barrionuevo*. Tomo II. Madrid: Atlas, 1969. Apud. LISÓN-TOLOSANA, C. *La España Mental. El Problema del Mal: demonios y exorcismos en los Siglos de Oro*. Madrid: Akal Ed., 2004, p. 91.

²⁵¹ MAGGI, A. *In Company of Demons*. Chicago: University of Chicago Press, 2006, p. vii.

A forma da guerra era uma maneira dispor os diabos, que eram enumerados, esquadrinhados e hierarquizados. Os diabos estariam espalhados por toda parte, sobretudo por esta grande noite na qual ninguém sabe exatamente o que acontece.²⁵²

A existência de seres maléficos não é questionada ou colocada à prova de qualquer maneira e quando colocada tinha na Inquisição de Zaragoza um de seus paradeiros. Juan de Escala, notário de Benabarre de 38 anos, fora denunciado à Inquisição por um amigo por ter se envolvido na seguinte situação:

estando el testigo con el reo y los otros dos testigos en el lugar de lusas en casa del reo una noche después de cenar hablando de diferentes cosas el testigo dijo al reo, que a como le había de pagar la madre del testigo dos hanegas de trigo que le había prestado el año antes y respondió el reo que a catorze sueldos la hanega le dijo el testigo que el infierno no se había hecho para los asnos.²⁵³

Continuando a discussão, Juan de Escala esclarece bastante a respeito da opinião de muitos homens a respeito do céu e do inferno, dos pecados e de seu horizonte de expectativa relacionado à salvação

dicho reo dijo que no había infierno y que quien les hacía creer que había infierno, y el testigo le dijo si eso es no quiero hacer buenas obras sino darme buen tiempo y el reo volvió a decir que no había fuego ni si sabía que hubiese infierno y que ninguno por pecador que fuese iba al infierno sino que todos gozaban de Dios y era en esta forma que quien menos pecados tenia estaba mas cerca Dios, y que quien mas tenia estaba mas lejos y gozaba menos de Dios pero que todos gozaban de Dios por sus grados y que dijo que asi mismo en dicha conversación que las criaturas que no tienen uso de la razón como una que tenia delante de año y medio aunque entreviesen bautizadas no iban al cielo ni gozaban de Dios sino que iban al imbo [sic].²⁵⁴

²⁵² BAROJA, J. C. *Las Brujas y su Mundo*. Madrid: Alianza Ed., 1992, p. 100.

²⁵³ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 583 v. Causa de Juan de Escala.

²⁵⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 991, Fol. 583 v. Causa de Juan de Escala.

Não se pode afirmar que esta fosse a visão geral de todos os homens praticantes de magia nos séculos XVI e XVII, mas é razoável supor que algumas destas idéias estava plasmadas entre seus praticantes: de que Deus, como potentade, estaria próximo de todos dependendo de seu comportamento e que haveria um espaço neutro – neste caso que deveria ser o purgatório – e não curiosamente o “limbo” para o qual as criaturas “sem razão” iriam “por não ter juízo”. A hierarquização, presente nas representações renascentistas do céu e do inferno também é mencionada pelo réu ainda que de forma *naify*, na qual há apenas uma lugarização da salvação e não do inferno e do pecado.

O diabo estava em todas as partes. Se não há como classificar o Diabo como figura única e coerente e dizê-lo como masculino, a maioria de suas aparições sempre ocorriam evocando uma função de masculino²⁵⁵. Apesar de ser conhecido como uma criatura, fumaça ou uma forma instável da existência, diferentes manifestações do diabo ou de seres maléficis variavam em gênero, em número e grau. Em gênero, de maneira literal, pois se o diabo podia tomar a forma de homem ou de mulher, geralmente era tomado, chamado, invocado e nomeado como homem. Como arquétipo do masculino, eram solicitados para os males em geral – para tirá-los e para infligi-los –, para trazer os seres amados, para curar doenças, para encontrar tesouros e para prever o futuro como já dissemos nos capítulos anteriores. Em muitas das gravuras dos séculos XVI e XVII, ao representá-lo negro, peludo e com asas, o diabo sempre ostenta um grandioso pênis que quando não ereto, é grande o suficiente para ser notado.²⁵⁶ Em várias ocasiões recebem nomes masculinos bem populares, a maioria deles de homens, prática freqüente segundo atestam os processos inquisitoriais. “Peregrinillo raro o grande, Capitán, Cochero, Patilla, Pateta, Pero Cuartos, Pérez Mascaron, Pedro Botero” ou mesmo ainda “pelos epítetos de chirigoso, garroso, picarillo, bullaqué, barroque (...)”.²⁵⁷

Outros nomes e apelidos aparecem nas obras *Relación y autos del pleito que el cura de Madrilexos tubo con el demonio sobre que este saliese del cuerpo de una criatura* e na comédia *El pleito que tuvo el diablo con el cura Madrilejos* escritas em

²⁵⁵ TAUSIET, M. “Avatares del mal: el diablo en las brujas”. In: TAUSIET, M. & AMELANG, James S. (orgs.). *El diablo en la Edad Moderna*. Madrid: Ediciones Marcial Pons, 2004, p. 46.

²⁵⁶ MIDELTON, T. & ROWLEY, W. *The World Toast at Tennis*. London, 1620, Frontispício. Reproduzido em SUMMERS, M. *The History of Witchcraft and Demonology*. New York: Dover Publications, 2007, p. 09.

²⁵⁷ PEDROSA, J. M. “El diablo en la literatura de los siglos de oro: de máscara terrorífica a caricatura cómica”. In: TAUSIET, M. & AMELANG, J. S. (orgs.). *Idem*, p. 87.

conjunto por Luis Vélez de Guevara, Francisco de Rojas Zorrilla e Antonio Mira de Amescua, na qual a figura do diabo aparece assim

La propia Catalina Díaz Rogela firma un poder en Abril de 1604, donde declara que ‘de más de cuarenta años a esta parte he sido afligida y molestada de espíritus’ (f. 36v.), y otros documentos lo confirman: un testigo declara que habló varias veces en latín (f. 50v.), mientras el cura Juan Garcia presta declaración diciendo que le dio mojicones (f. 60v.) y recoge el nombre de los demonios que se encontró: Asmodeo, Barrabás, Satanás, Belzebú, Capitán, Cayfás, Sordillo, Modorrón, Zamarrón, **Brazos de Hierro [grifo meu]**, Pelón, Soplón, el citado Pantalón, Orejón, Galfarrón (ff. 64r-64v), la lista se amplía un poco más adelante con los nombres Melón, Manazas, Ojazos, Mentecato, Revoltoso, Ventoso, Lanón, Dragón, Culebrón, Serpiente, Serpiente Oscura, Abejón, Moscón, Cascarrión, Trillón, Piernas Gordas, Brazos de Lana, Caxcón, Montañés, Bozón, Deseo, Robador de Buenos Deseos, Narigón, Dentón, Soplón [sic], Malvado Uñas Largas, Botador, Joro, El Tierto, Espíritu fetidísimo, Infernal y el citado **Ropasuelta [grifo meu]** (f. 181). Brazos de hierro, el Mudillo, el Corcovadillo (un demonio alarconiano), Zumba, Pies de cabra, Malhado, Dragón sin pies, Tragahombres, Serpentín y Vaciabotas.”²⁵⁸

Toda esta legião de nomes com os quais se designava o demônio tinha também seu interesse lexicográfico na medida em que demonstravam defeitos que os humanizavam. Muitas destas referências sinalizam para uma atenuação do papel terrífico, composto essencialmente pelos apelidos, que garantem o anonimato e os diminutivos que diminuem no significante sua potência mágica ou maléfica.²⁵⁹

Na “diabologia²⁶⁰”, o grau de poder e malefício enumera, hierarquiza e divide os diabos.²⁶¹ E além da hierarquização, há também o espaço simbólico e a função ocupada

²⁵⁸ MADROÑAL, A. “Lenguaje e historia: el pleito que tuvo el diablo con el cura Madrilejos” (1ª ed. 1652). In: CASTILLA PÉREZ, R. & DENGRA, M. G. (orgs.) *La teatralización de la historia en el siglo de Oro español*. Granada, 2001, p. 335, Citado em PEDROSA, J. M. “El diablo en la literatura de los siglos de oro...” In: TAUSIET, M. & AMELANG, J. S. (orgs.). Idem, p. 88. Grifos do autor em negrito.

²⁵⁹ DELPECH, F. Idem, p. 107.

²⁶⁰ RUSSEL, J. B. *Mephistopheles. The Devil in the Modern World*. Ithaca: Cornell University Press, 1990, p. 12.

²⁶¹ DELPECH, F. Idem, p. 118.

por cada um deles.²⁶² Em muitas fontes, estes lugares podem se expressar como trabalhos relacionados ao cotidiano (ferreiro, ourives, etc.)²⁶³ sendo que esta última função, em castelhano chamada de *platero*, guarda em si um trocadilho: *platero* pode ser também um burro velho – chamado assim por sua pelagem branca – recordando uma vez mais toda a ligação do diabo com a figura do asno ou do burro que teve grande repercussão na Antiguidade, sobretudo romana e na Idade Média.

Para Antonio de Torquemada, tais figuras possuíam posições e qualidades no qual se diz que além de um ofício, cada qual possuía uma qualidade relacionada aos elementos naturais:

- en la suprema región del aire, los demonios del fuego, que casi no actúan en el mundo, dada su cercanía a respecto al cielo
- en la media región del aire, los demonios que actúan sobre las incidencias meteorológicas
- en la tierra, los demonios que actúan tentando los humanos en sus pasiones y ambiciones
- en las aguas, los demonios que producen fenómenos relacionados con las fuentes, lagos, ríos y mares
- en las cuevas, los demonios que causan temblores y persiguen a mineros y excavadores de pozos
- en los abismos, los demonios encargados de atormentar las almas de los condenados.²⁶⁴

A relação entre diabos ‘maiores’ e diabos ‘menores’ também possui correspondência com dois arcabouços narrativos e experienciais que marcam o fundo destas crenças: esta ambivalência de estatuto, de função e de representação, os menores relegados às figuras folclóricas relacionadas ao campo das fábulas e ao imaginário infantil e os maiores ligados à seriedade dos estudos teológicos, ao dogma da queda e aos debates e referências bíblicas.²⁶⁵

²⁶² DELPECH, F. Idem, p. 119.

²⁶³ SANZ, C. G. “El diablo en el cuento folklórico”. In: TAUSIET, M. & AMELANG, J. S. Idem, p. 150.

²⁶⁴ TORQUEMADA, Antonio de. *Jardín de Flores Curiosas*. Salamanca, 1570. Citado em PARDO TOMÁS, José. “Diablos y diabluras en la literatura de secretos”. In: TAUSIET, M. & AMELANG, J. S. (orgs.). Idem, p. 309-310.

²⁶⁵ Sobre o debate ver CLARK, S. “Brujería e imaginación histórica: nuevas interpretaciones de la demonología en la edad moderna”. In: TAUSIET, M. & AMELANG, J. S. (orgs.). Idem, p. 21.

Não bastasse a múltipla referência de nomes e significados, a conhecida aparição como o *gentilhombre* da capa negra que aparece em meio à penumbra, representação que aparece com frequência no imaginário europeu em várias regiões, sobretudo nos processos de feitiçaria e bruxaria femininas, atesta esta íntima relação entre masculino e as representações diabólicas no imaginário europeu:

Así en muchas ocasiones lo vemos como un caballero; en un caso, incluso, como un caballero <<muy guapo>>; y en otro, como <<un señor muy aseñorado>>, pareciendo en dos textos (hay que señalar para su boda) vestido de etiqueta. En cuanto a su vestimenta, lo hallamos una vez vestido de negro, y en dos ejemplos mucho más explícitos, como señor con capa fumando un gran cigarro (en un caso con capa negra y otro con capa verde). La imagen del diablo fumando parece, pues, una de las más extendidas y la encontramos de nuevo en una de las versiones en la que nuestro personaje pide fuego para encender un pitillo. También reforzando la imagen de Caballero o de gran señor que nos sugiere su puro, se le caracteriza en un caso por sus bigotes, y en tres más por su gran barba, que en una ocasión es de plata.²⁶⁶

Outro caso curioso é da possessa Catalina Ruana, processada pelo Santo Ofício de Granada, que dizia

“(…) que el demonio le aparecia con cierta frecuencia con disitntas apariencias; unas veces en forma de um soldado muy atractivo, y otras como un hombre sin rostro (...)”.²⁶⁷

O caso mais curioso é o da representação do diabo que aparece na causa de Henrique Bombal Polus, soldado de Berna na Suíça, o diabo é assim caracterizado

y que un dia antes de lo referido, yendo este reo a casa de dichas personas hallo cerrada la puerta y dijo que mientras tanto se había ido

²⁶⁶ SANZ, C. G. Idem, p. 141.

²⁶⁷ AHN, Sección Inquisición, Granada, Legajo 1952, Exp. 4K, causa 27, 1630, Citado em MARTÍN SOTO, R. *Magia e Vida Cotidiana. Andalucía siglos XVI-XVIII*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2008, p. 62.

a la Plaza de Santa Engracia de esta ciudad muy triste y allí se le habia aparecido el diablo en un mulo bestido de capitán polaco y le habia dicho que estaba triste.²⁶⁸

Há também diferenças entre a posição, o acesso e a influência do demônio sobre o corpo humano, todas questões muito bem delineadas em debates e tratados renascentistas, como por exemplo, a divisão entre possessão e obsessão

“(…) En un poseso el diablo está dentro y en un obseso fuera. En un poseso el diablo habla, piensa, y agita al poseso, y a un obseso, le atormenta, le sitia y no le da un momento de descanso (…)”²⁶⁹

Os casos de possessão diabólica se tornam fenômeno cotidiano naquela Espanha atingindo não raro os grupos não privilegiados, pelo menos aos olhos de testemunhas da época. As instituições responsáveis pela guarda e proteção desta parcela da população – conventos, irmandades e orfanatos – se vêem seriamente atingidos por tal onda de acosso.²⁷⁰ Um dos casos mais conhecidos na Espanha foi o do Convento de San Plácido (Monasterio de la Encarnación) ocorrido em 1628 em Madrid no qual teve lugar uma possessão coletiva de 26 internas.²⁷¹

Há também aqueles que, considerados númenes sem lugar, poderiam ajudar aos seres vivos de onde estivessem. As chamadas almas do purgatório eram um bom exemplo disso e segundo Agustina, processada pelo Santo Ofício Zaragozano em 1646

“(…) con la boluntad de Dios y de las ánimas del purgatorio, le haria que quisiese con [sic] (…)”.

A variação de número aparece em alguns documentos. Em grande número, como em um caso de possessão, no qual, os diabos, segundo sua declaração para o Santo Ofício

²⁶⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 992, fol. 650 v. Causa de Henrique Bombal Polus.

²⁶⁹ COLLIN DE PLANCY, M. *Diccionario Infernal*. Madrid: Magalia, 2000, vol. II, p. 228, citado em MARTÍN SOTO, R. *Idem*, p. 61.

²⁷⁰ MARTÍN SOTO, R. *Idem*, p. 51.

²⁷¹ Cf. PUYOL BUIL, Carlos. *Inquisición y Política en Felipe IV. Los procesos de Jerónimo de Villanueva y las monjas de San Plácido*. Madrid: CSIC, 1993.

“Y que habia saludado una muchacha espiritada y que habia hecho bajar a los demonios al tobillo del pie y los habia atado alli y que tenia gracia y potestad sobre los demonios”.²⁷²

Outros espíritos sem lugar ou com uma classificação desconhecida para a época são mencionados tais como na obra do Frei Ioseph de Naxara intitulada *Espejo Mystico en el que el hombre interior se mira practicamente ilustrado para los conocimientos de Dios y el ejercicio de las virtudes* (Madrid, 1672).²⁷³ Naxara, frade capuchinho e conhecido missionário exorcista que teria ido à América e África, cita em sua obra um caso singular de possessão. Os relatos escritos transformados em instruções de exorcismo tiveram como base experiências vividas pelo próprio autor. Um dos casos seguramente mais curiosos a respeito da possessão demoníaca coloca o diabo como mensageiro da morte vivido assim por Naxara

Hallandome en la Corte, pocos años ha, me llevaron à nuestro convento de Santo Antonio, vna Moza endemoniada y para que la conjurase. El motivo que tuvo fue pasar ya por cierta Iglesia [...] y entrar à hazer Oracion, y hallarla con vn desmayo sin saber que estaba endemoniada porque aunque la avia conjurado tres años a temporadas, no se avian manifestados los demonios, y averme pedido una Persona virtuosa que estaba alli que le dixesse los Evangelios [...] y despues de algunos dias de conjuro, inquirendo la causa porque avian entrado en aquel cuerpo [...] tomaron motivo los demonios para manifestarse y dezir lo que dixeron contra su voluntad.²⁷⁴

E continua mencionando como se comunicava com o espírito que possuía a tal mulher

²⁷² AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol 279 r. Juan José Venegas

²⁷³ LISÓN TOLOSANA, C. *La España mental: el problema del mal. I. Demonios y exorcismos en el Siglo de Oro*. Madrid: Akal Ed., 2004, p. 143. O título da edição de Naxara e outras informações adicionais foram complementados com pesquisa no site da Biblioteca Nacional da Espanha: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgisirsi/jU530iWOj5/BNMADRID/290083984/123> consultado em 06.08.2009.

²⁷⁴ NAXARA, I. de (Fr.). *Espejo Mystico en el que el hombre interior se mira practicamente ilustrado para los conocimientos de Dios y el ejercicio de las virtudes*. Madrid: por Lucas Antonio de Bedmar, a costa de Mateo de la Bastida, 1672, pp. 110 e ss. Citado em LISÓN TOLOSANA, C. *La España mental: el problema del mal. I. Demonios y exorcismos en el Siglo de Oro*. Madrid: Akal Ed., 2004, p. 143 e ss.

Has de saber que esta Moca es de las montañas, ha algunos años que esta en Madrid, y vn hermano suyo casado en tal Lugar (diziendolo) llebado de su maldad, y fiado en la asistencia de esta, se vino de su tierra dexando en ella quatro hijos muy pequeños, y à su Mujer preñada sin el menor socorro, ni consuelo, con pretexto de que venia a Madrid como otros muchos de su tierra vienen; y estan [...] Sacó de casa de sus padres una Moca donzella con quien vive amancebado tres años ha, de que noticiosa su Muger, y falta de el sustento necesario a sus hijos, por parecerle que esta hermana es la parte mas principal pues no solo no le corrige como hermana mayor, sino que la abriga, de que recibe grande pena, y desconsuelo.

A esta pena, desconsuelo, y necesidad, se siguen comunmente las maldiciones del corazon airado, en todas las que experimentan, y en aquella pobre muger es continuo, como también el pedir à Dios la venganza del agravio que su cuñada le haze en atención à èl [hermano], permitiò y determinò su Magestad castigarla, dándonos a nosotros los demonio licencia para ello.

Sobre quando e como o demônio teria entrado na moça citada por Naxara, o texto segue dizendo:

Hallamos la ocasión baxando vna noche sola a vna cueba: Ocasionamosla vn espanto vun espanto: perdio el sentido en èl y entramos diez legiones. Tres años ha que la atormentamos de varias maneras, y aunque la han conjurado en San Blàs y el convento donde asiste, en la Iglesia que la encontraste, no nos hemos descubierto hasta ahora, y ahora importa poco el hazerlo, porque mientras no se quiten los impedimentos para que este hombre que te he dicho, vaya a hazer la vida con su muger, no es la voluntad de Dios que salgamos.

O mais estranho da narrativa é ver como agem as duas personagens a respeito do possuído e diante de uma situação sem igual: exorcista e exorcizando tratando de temas afins de maneira similar:

Instele con preceptos para que dixesse lo que embaracaba, para tratar del remedio, à que respondiò, echa de ai essa gente, que solo à ti te lo

tengo de dezir; pedi à muchos Religiosos que alli estaban que saliessen fuera, dexando solos conmigo; bolvio à dezir que los echasse: Respondile, que no, porque la decencia pedia que se quedasen alli por ser muger aquella, y estar ellos apoderados de su cuerpo, y que nol era justo el que saliesen todos, y yo quedase solo con ella: Condescendio con lo que dixere, aprobando mi parecer limitandole à que quedasse solo el Padre Vicario del Convento, que estaba allí, dizendo por su nombre; pues quede solo contigoo el Vicario Fray Pablo de Hita.

E continua tratando o númene, a esta altura com relativa familiaridade, ouvindo palavras surpreendentemente distantes de uma encarnação do mal²⁷⁵:

“Ruego al lector dilate aquí el discurso, por no detenerme yo, y mire la cautela con que habla el demonio quando ha de publicar defectos, aunque eran casi públicos (...)”.

Outro ponto importante com relação à presença e às características do diabo é a questão do pacto implícito e do pacto explícito com o demônio, debate que se relaciona diretamente com as questões da *dulia* e da *latria*, ou seja, da imposição e da veneração. Augustina, processada pela inquisição de Zaragoza em 1646, teve como acusação principal o estabelecimento do pacto implícito com o demônio.

A invocação ou a relação com diabo é uma relação lingüística por excelência.²⁷⁶ Figura controvertida é através da linguagem escrita que suas manifestações acontecem, seja pela identificação pelo seu nome, seja pela relação de poder e confiança estabelecida com os energúmenos. Tal é o caso de Tomás Bonifant, processado pelo Santo Ofício por proposição herética pela invocação do diabo.²⁷⁷ Em tal processo, Tomás Bonifant

²⁷⁵ LISÓN TOLOSANA, C. Op. Cit., p.144. Tolosana diz textualmente: “Este inciso que copio, curiosa mistura de didatismo, persuasão e fantasia, converte o diabo em emissor de uma mensagem moral, em anjo bom na realidade”. A crítica à noção de realidade de Naxara é complicada se levarmos em consideração que se cita seu próprio texto sem levar em consideração o conjunto de seus pensamentos e, mais ainda, as concepções de espírito, númene, e outros entes abstratos presentes no cotidiano do autor. O fato de pertencer a uma ordem católica não nega uma possível crença em espíritos ou similares. Vale lembrar ainda que o misticismo é proeminente na tradição franciscana.

²⁷⁶ MAGGI, A. *In the company of demons*. Chicago: University of Chicago Press, 2006, p. 16.

²⁷⁷ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Tomás Bonifant (1509), Carpeta. 28-1, Doc. 20-14.

“(…) que jugando un día en su casa y perdiendo con enojo del juego le oyo dezir // reniego de la puta judía de la virgen maria y del putito judío de jesu christo y tomo al diablo por señor y a dios por enemigo y que eso le oyo dezir por una vez no mas (...)”.²⁷⁸

E continuou dizendo que

“(…) que muchas veces jugando y renyendo con su muger ha dicho despues de dios y decir de dios y con enojo que y que algunas vezes lo decia con el corazon y no por la boca y despues en la (...)”.²⁷⁹

Além da relação íntima entre proposições e sexualidade²⁸⁰, uma terceira categoria poderia ser relacionada a estas duas: a figura do diabo.

A relação entre animais e as bruxas é mediada pelas representações do diabo. Essas representações do diabo tratam sem dúvida das questões dos animais ligados à ele no imaginário de época, o poder de transformação dos magos e bruxas e uma certa animalidade ligada à sua figura.

Vários animais foram associados ao diabo. Em uma realidade urbana como na Zaragoza renascentista, os animais domésticos sempre estavam relacionados às invocações diabólicas e outros tipos de feitiço. No caso de Augustina, já mencionada acima, um dos testemunhos havia relatado que:

Item que en otra ocasión dijo dicha rea a cierta persona que si sabia de un gato negro que daría un real de aocho por el y que cortada la cabeza y metidas dos abas en los ojos y otras dos en las orejas y dos en las narices y una en la boca y enterrada en un [huerto] con estiercol y dando despues a comer dichas habas al dicho su amigo despues de florecidas se moriria por ella y se casaria con ella.²⁸¹

Outra variante foi praticada por Antonio García Renón, um soldado de Murcia, processado pela inquisição que havia aprendido de um tal Vitorino, mestre nas artes

²⁷⁸ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Tomás Bonifant (1509), Carpeta. 28-1, Doc. 20-14, f. 20 r.

²⁷⁹ AHPZ, Sección Inquisición, Idem, Idem.

²⁸⁰ SCHWARTZ, S. *Cada um na sua lei*. Tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico. São Paulo: Cia. das Letras, 2009, p. 42, p. 50 e ss.

²⁸¹ AHPZ, Sección Inquisición, Proceso de Augustina (1646), Doc. 124-9, fol. 27 v.

ocultas, receitas semelhantes. Para conseguir a faculdade de estar invisível, deveria ser seguido o mesmo procedimento, com a extirpação da cabeça e depois dos olhos, o enterramento da cabeça com as sementes de favas dentro, a germinação e para que desta vez se conseguisse o objetivo desejado, os feijões deveriam ser colocados dentro da boca.²⁸² Em outra delas o gato deveria ser crucificado vivo [pasmе!] em uma cruz de madeira de cedro e depois frito em óleo fervente para o que o rituante pudesse conseguir estabelecer um pacto o diabo ou os diabos. Depois de ouvir um suposto estrondo, ou seja, a explosão do conteúdo fervente pelo calor, o pactuante deveria pronunciar as palavras de aceitação do suposto pacto. Uma vez frito, o gato deveria ser destrinchado e desossado para que, um a um, os ossos pudessem ser atirados ombros atrás com os pedidos auspiciosos até que o demônio dissesse um ‘está bem’ sinal da conclusão da aceitação.²⁸³

Parece mesmo que a figura diabólica depende deste estilo vacilante para que possa existir, mantendo uma contradição em termo como natureza, ou seja, uma indefinição *per se*.²⁸⁴

Ao refletir tantas e tão variadas características, de curador, vaticinador, promovedor de riquezas, detetive de achados e perdidos, adivinho, amaldiçoador, corruptor entre outros, o diabo acaba, como figura do imaginário, permanecendo em uma espécie de zona neutra do imaginário. Com mais poderes que muitas das orações rogam, com mais incumbências e poderes do que muitos santos, suas representações e símbolos o colocam em um lugar confortável no qual não possa ser incomodado. Os traços humanos que carrega não só atestam estas características como também as reforçam, engendrando um elo de intimidade entre suas representações e aqueles que o invocam ou mantêm com ele relações. Talvez por isso exista uma figura diabólica relacionada a espaços imaginados novos como o purgatório, zona neutra intimamente relacionada às demandas da burguesia. Seria o diabo uma figura relacionada a alguma demanda burguesa?

Opinião do motivo pelo qual as mulheres são mais suscetíveis às artes do demônio, segundo López de Corella em *Secretos de Philosophia...*

²⁸² AHN, Sección Inquisición, Llerena, Legajo 3728, exp. 161, (1774), citado em MARTÍN SOTO, R. *Magia e Vida Cotidiana...*, Ibidem, p. 84.

²⁸³ MARTÍN SOTO, R. Idem, p. 86.

²⁸⁴ DELPECH, F. Ibidem, p. 117.

La soledad, si no de hombres de mucha constancia y prudência, siempre suele causar ruines efectos; porque allende que da tristeza, como está relatado, da buena oportunidad para que Satanás entre a usar de su inicua arte. Conforme lo cual bien dice Séneca que la soledad nos incita a todos los males. Y conforme a esto dice que las mujeres, pues tienen menor fortaleza, huyan de la soledad; y si acaso les acontece estar solas, procuren que el diablo no las halle desocupadas.²⁸⁵

López de Corella justifica a fraqueza das mulheres, o que faria com que tivessem tratos com o demônio com maior facilidade. Este tipo de afirmação possui longa tradição e polêmica que concorda com muitos outros tratados de medicina e mesmo com a idéia do pecado original do primeiro testamento. O que chama mais a atenção é que o homem é colocado como um ser mais resistente às artes diabólicas, o que o diferencia da mulher a ao mesmo tempo o coloca como alguém, senão à altura, que pode controlar, solicitar e indagar a figura demoníaca.

Entretanto, a causa de Andrés Ibañez, lavrador de Peralexos, de cinquenta anos de idade, demonstra que o diabo possuía o poder de atrair sexualmente homens e mulheres. Disse à inquisição por “*descargo de sua consciência*” que desde os dez ou doze anos de idade, o diabo o havia tentado para que

y que de un año a aquella parte le había dejado la imaginación de lo referido y se hallar aqueto = y que siendo de edad de diez o/ doce años le tento el diablo y en dicho lugar le metio a una gallina su miembro genital todo en el culo de ella y le tubo dentro como el tiempo que tardo a uno en andar doce o trece pasos y no se acordó si se metio o no dentro de dicho vaso ni tampoco si fuera de el y le parecía no se meteria y en la poca edad que entonces tenia y no sabia que persona alguna lo viese lo susodicho no que lo supiese mas que sus confesores.²⁸⁶

²⁸⁵ LÓPEZ DE CORELLA, A. *Secreto de Philosophia, Astrologia y Medicina y de las quatro Mathematicas ciencias, divididos en cinco quinquagenas de preguntas*. Zaragoza, 1547. Citado em PARDO TOMÁS, J. Idem, p. 316.

²⁸⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 11v. Causa de Andrés Ibañez.

Na seqüência de tais atos condenáveis de sua causa, o mesmo Andrés relata que anos depois havia sentido desejo por certa mulher e que

y que habría 20 años poco mas /o/ menos que estando enamorado de una mujer tenia tanto deseo de gozarla que en el termino de tres /u/ cuatro años que le duro el deseo en muchas ocasiones saber algun hechizo para hacer lo con toda determinación para con seguir su intento que como no lo sabia no había hecho solo que habiendo oydo de era bueno para hacer mal a cualquiera persona el coger una calza de ella atarla y meterla en una pared y con aquello se iria secando la persona por quien lo hacia y que cojio la calza una calza de la dicha mujer de quien era enamorado y le ato y puso en una pared con animo de hacerla mal enojado con ella por que no había querido condescender con su gusto y que da allí a un año y mas se murió la dicha mujer no sabia si por lo que este había hecho /u/ por lo que ella enferma y que no dicho palabra ni hizo ceremonia alguna con la dicha calza mas de lo que el levaba dicho_ y que habría año y medio que queriendo mantener acto con una mujer y no pudiendo le había dado tanta rabia que se volvió a Dios y le dicho que Dios le hacia mas agravio que ningún hombre del mundo pues le quitava la potencia para poder tener acto con aquella mujer y que por espacio de un cuarto de hora repitió lo susodicho muchas veces con mucha ira conra Dios – y que habría el mismo tiempo le sucedió lo mismo con otra mujer queriendo tener acto con ella y no pudiendo y que era la verdad.²⁸⁷

Obviamente as mulheres eram mais sucetíveis aos acoessos do diabo, mas cada qual também tinha o seu palpíte a respeito do diabo e de suas formas. Os aspectos de inversão da realidade e de misoginia também estavam presentes na blasfemia de Guillén de Tolosa, cristão-velho glutão e jogador que em certa ocasião havia dito que

fue testificado por su mujer y suegra de que el primero dia de cuaresma de 1602. Comiendo una tortilla de torreznos y reprehendendole por ello dijo que no era pecado que mayor pecado

²⁸⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, fol. 12r. Causa de Andrés Ibañez.

era dejarlo perder porque dios nos habia criado la cuaresma sino el papa para comer y gastar tanto pescado como habia y que diciendole que tomase bulas dijo que no aprovechavam que si entendiera que aprovechaban las tomara pero que no era sino engañadinos para que tener el rey con que pagar los soldados aunque despues fue reprehendido por ello de un hijo suyo las tomo y de haber dicho tratado de la confesión sacramental que buen recado tendria el pecador sino confesase todos sus pecados al confesor y asi el no confesaba en el salmo que habia y que reñiendo a la dicha su suegra porque iba a missa todos los dias que no eran de fiestas dijo que dios no tomaba placer en que se rogasen mucho que tanto provecho hacian dos /o/ tres pater noster como oír una misa y que los clerigos no estaban siempre rogando a dios que mas pecadores eran que nosotros y que el sabia un punto mas que el evangelio y encantar lobos para que no hiciesen mal en la bula /o/ o ganado encomendandose tres veces al diablo tomandole por padre y a la diablesa por madre: renegando a dios Nuestro Señor y de su bendita madre y que todas las veces que encantaba daba a el diablo una prenda/ un cristiano viejo contesta en lo de las bulas que no hablase nada y que era un papelon y en lo de renegar a dios y de su bendita madre y tomar al diablo por padre y a la diablesa por madre.²⁸⁸

Como “diablo” ou como “diablesa”, certo é que a figura diabólica estava presente em diferentes lugares e se manifestava de diferentes formas e distintas ocasiões. Em forma de gato, cão, como gentilhomme ou mesmo em suas formas consideradas menores como trasgos e duendes, os homens passaram a relacionar-se com as manifestações do mal de diferentes maneiras. No caso dos homens, seja através de manuais de exorcismo, seja através dos textos mágicos, os homens do renascimento passaram a ter uma verdadeira obsessão por controlar os diabos e cololá-los a seu serviço. Um dos instrumentos conhecidos para levar tal idéia a efeito era o Manual de exorcismo de Fray Luis de la Concepción. Veremos a partir de agora como um manual de exorcismo poderia servir também como instrução para invocação de diabos.

²⁸⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro Fols. 16r-16v.

A “Práctica de Conjurar” de Fray Luis de la Concepción

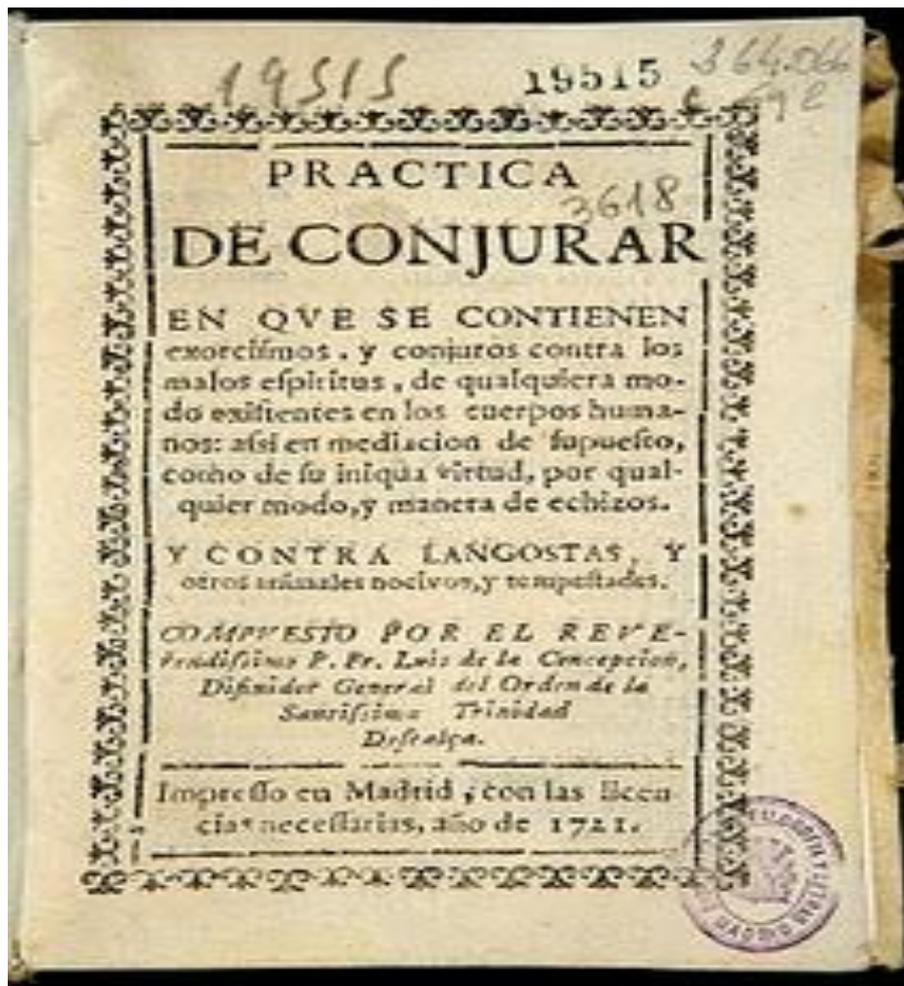
O texto de *Práctica de Conjurar En Que Se Contienen exorcismos, y conjuros contra los malos espíritus, de qualquiera modo existentes en los cuerpos humanos: assi en mediación de supuesto, como de su iniqua virtud, por qualquier modo, y manera de hechizos* ao que se segue um subtítulo *Y Contra Langostas, Y otros animales nocivos, y tempestades* é um documento muito importante compreender a relação entre homens, mulheres e diabos na Espanha aragonesa do século XVII. Atribuído a Fray Luis de la Concepción, Geral da Ordem dos Trinitarios descalços, teria sua redação concluída em fins do século XVII e sua primeira aparição data de 1670 aproximadamente.²⁸⁹

A epígrafe *Impreso en Madrid con las licencias necesarias, año de 1721* certamente deixa dúvidas com relação ao processo censório do texto e sua circulação. Em meio às instruções e recomendações do ato do exorcismo, muitos aspectos que revelam fins diferentes dos recomendados pela Igreja com relação aos diabos como se verá.

Inicialmente, o texto esclarece muito sobre a relação entre os religiosos e os diabos: como se dava a relação entre ambos? Qual a concepção que os padres exorcistas, os que enfrentavam satã diretamente, possuíam a respeito dos diabos? O que exatamente significava o exorcismo? Em seguida, esclarece ainda sobre o papel de homens e mulheres e sua relação com o diabo: qual a relação de poder estabelecida ou engendrada pelo ato do exorcismo? Qual a influência que a noção dos exorcistas exercia sobre a idéia de invocação, controle e comando dos diabos? Em qual lugar simbólico a mulher se encaixava neste caso? O texto de Fray Luis esclarece muito ainda sobre os exorcismos em Aragão, uma vez que alguns exemplos utilizados pelo autor se referem a casos em vilas nos Pirineus aragoneses. Neste sentido, Fray Luis exerce o papel de “intermediário cultural”²⁹⁰ criando um texto que reflete sua função pela experiência que diz ter. O próprio texto ganha este mesmo status por esclarecer todas estas questões situando-se em um campo de força entre religiosos e não-religiosos, mulheres homens, possuídos e diabos.

²⁸⁹ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. *Práctica de Conjurar En Que Se Contienen exorcismos, y conjuros contra los malos espíritus, de qualquiera modo existentes en los cuerpos humanos: assi en mediación de supuesto, como de su iniqua virtud, por qualquier modo, y manera de hechizos*. Edición Facsímil del impreso en Madrid, con las licencias necesarias, 1721. Valladolid: Maxtor, 2009. O texto facsímil foi comparado com edições do século XVII encontradas on-line e não difere delas em absolutamente nada. Podemos dizer que, quanto à datação o texto é autêntico, correspondendo ao período de produção indicado na obra aqui consultada.

²⁹⁰ VOVELLE, M. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp. 207-224.



Práctica de Conjurar de Fray Luis de la Concepción. Madrid, 1721.

O grande valor do tratado de Fray Luis é que trata do tema do exorcismo como uma prática. Em suas palavras,

Muchos años ha, que repetidas veces he estado casi determinado a poner por escrito los conjuros, y modo de conjurar; que para enseñanza mia, tanto y tan graves, asi antiguos como modernos han dado a la estampa: y otras tantas me ha parecido cosa superflua. Porque estudiado con toda atención, y cuidado la doctrina, y advertencias, que algunos de ellos latísimamente nos han dejado; juzgue, por superfluo este trabajo. Y esto es lo que muchas veces, y en otras tantas ocasiones he respondido. No valió esto; porque unos decían era especial gracia, que Dios había querido darme. Otros, que la experiencia me había enseñado mucho. No negando esto último, respondí a lo primero; que si era especial gracia, mal podía yo comunicarla, y asimismo, participarles el conjuro, con las

circunstancias todas (siendo muchas contingentes) quien pide y debe ejecutarse. Pues tal conjuro (aunque en la forma dicha hecho) no puede inducir por efecto, la comunicación de dicha gracia, **gratis** [sic] supuesta. Con esto recurrieron a la experiencia. Y aunque es verdad que me ha enseñado mucho; alegue lo primero, que a ella debe anteceder el estudiar muy bien todas las materias, que conducen a todas tres Teologías; pues, respecto de todas ellas, pretende la diabólica astucia, ya con capa de virtud, ya fin de ella, introducir engaños, causas, temores; y en consecuencia entibiar la viva fe, confianza y fiducia con que los ministros de Christo deben ejercer, y ejecutar obra de tanta caridad.²⁹¹

A idéia primordial é socorrer os párocos no ato de exorcizar que, segundo o especialista, seria transmitido na tentativa de resolver muitos problemas que ocorriam em circunstancias contingentes com as quais aqueles que lidam com os exorcismos deveriam se preocupar. Em outros trechos do tratado, Fray Luis demonstra um certo ceticismo com relação aos debates teológicos e qual a sua eficácia na prática exorcista cotidiana.

Antes do texto propriamente dito, a primeira pergunta sem a qual todas as outras não podem ser respondidas é “Como se conhecerá ser o inimigo demônio de exercício; e não outra coisa, que induza a irregularidade alguma?” Em uma primeira e imediata resposta, diz que “Aqui vem bem o que se costuma dizer: Preso por mil, preso por mil e quinhentos. Ainda que para mim, hei de tomá-lo como se segue: prenderam-me por quinhentas no primeiro, e no segundo por mil” ao que o autor atribui a cautela da prudência para analisar cada caso.²⁹² Nada mais cauteloso que uma advertência sobre as advertências.

À mensagem irônica de cautela se segue a resposta propriamente dita.²⁹³ Nela, o frade diz ser a pergunta pertinente uma vez que, segundo sua experiência, não poucas pessoas, tanto homens como mulheres, em todos os estados, eram acometidos pelo “comum inimigo da linhagem humana”. Logo a seguir, alerta os leitores que, apesar de muitos serem os possessos, nem todos eram tentados por diabos, e que muitos indicavam estes falsos casos como legítimos fenômenos de exorcismo, o que indicava

²⁹¹ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. A-A2.

²⁹² CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. A3-A3v.

²⁹³ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. A3v.

uma falta de cuidado e um exagero por parte daqueles que identificavam tal fenômeno, seja do ponto de vista de sua autenticidade, seja do ponto de vista de suas características. Em outras palavras, o fenômeno da existência dos diabos e da possessão eram mais comuns em número pela falta de prudência na análise da autenticidade de cada fenômeno por párocos e padres exorcistas do que se supunha. Além disso, dizia ele, que a diferenciação entre as afecções dos muitos trabalhos que a cada dia se experimentavam e um exorcismo comprovado demonstra já que nem tudo era possessão diabólica como em tempos anteriores. Mesmo assim, insiste Fray Luis que algumas vezes havia visto pessoas fidedignas e confiáveis ministros de cristo exercerem a prática exorcista mesmo sem que existissem nenhum fundamento em tal ato.²⁹⁴

Já entrando definitivamente em considerações mais concretas, o frade responde sobre como identificar uma possessão autêntica que necessitaria de um exorcismo utilizando o argumento “das quase espécies de demônios”. As “quase espécies” seriam estados da alma ou da percepção relacionados a uma possessão. O primeiro deles é daquela pessoa que se declara possuída, dizia Fray Luis, que comumente vêm a cifrar-se naquelas ações das materiais potências e sentidos que ocorrem na pessoa atormentada. Fossem as demais ações causadas pela suposta e violenta assistência do demônio, que naturalmente são ilícitas por ditas potencias e sentidos. E muitas das vezes se conhece isso por suas ações de falar, comer, olhar, etc.²⁹⁵ A dificuldade segundo Fray Luis neste caso é diferenciar quais estão realmente sendo acossados pelas forças diabólicas e quais não estão. Diz ele que uma das maneiras pelas quais as pessoas são acometidas pelas forças do mal são as que se entregam voluntariamente ao demônio em tudo, tanto com relação às potências da alma como nas potências do corpo e dos sentidos.²⁹⁶ E complementa que o problema é anterior: mesmo se olhado com atenção, a suposta entrega voluntária aos diabos é já algo não natural. Mas a chave da interpretação neste caso está na diferenciação entre a simulação de uma possessão e uma possessão legítima, as quais podem ser identificadas por olhos atentos. Segundo Fray Luis

Como al contrario, si una persona se finge endemoniada, por más que quiera ostentarle tal en dichas, y otras acciones; si con cauteloso

²⁹⁴ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. A4.

²⁹⁵ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. A4v.-A5. A partir da página A4v. não há paginação, o que requereu seguirmos com o mesmo critério – que se estende de A5até A8v. – em seqüência até a página B que segue no mesmo esquema até B4 quando começa o texto das advertências antes do tratado.

²⁹⁶ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. A5v.

cuidado se miran, y examinan, conocerse ha no son del demonio, sino de su depravada, y con cautela fingida voluntad. Y todo lo hasta aqui referido he visto, y experimentado muchas vezes; y no pocas en presencia de gravísimas personas, y de toda excepciõ [sic]. Y despues de aver con cautela examinado dichas acciones, en orden a si son fngidas, dándoles por causa, no la ficción, sino una veheméntísima aprehensión, confessaron dichas personas haberle fingido endemoniadas, o por excusarse de trabajar, sin peligro de ser castigadas, ò [sic] porque les negaron algo, que mucho deseaban; ò [sic] por otros respectos y fines que no digo.²⁹⁷

A análise de Fray Luis é a de um expectador privilegiado com relação às causas de um suposto fingimento de uma possessão diabólica. Anteriormente já havia mencionado que “a diferenciação entre as afecções dos muitos trabalhos que a cada dia se experimentavam e um exorcismo comprovado demonstra já que nem tudo era possessão diabólica”. A falsa possessão, desta maneira, é utilizada para conseguir escapar destas “novas afecções do trabalho” por “desculpa para não trabalhar sem serem castigados [sic]” o que revela que pessoas consideradas possuídas deveriam ser vistas em primeiro lugar como suspeitas de uma transgressão social – a vagabundagem – e portanto vistas com desconfiança antes de tudo, mesmo antes de serem exorcizadas. É preciso também que haja muita cautela, uma vez que ditas pessoas sabem fingir muito bem a ponto de enganarem pessoas distinguidas em matéria de possessão que com as quais “tudo o que até aqui foi referido foi visto, e experimentado muitas vezes; e não poucas em presença de gravísimas pessoas de toda exceção”, mas que em outras ocasiões haviam sido enganadas, mesmo sendo respeitadas e possuidoras de todo o conhecimento a respeito de tal tema. Assim mantém-se a idéia de que a desconfiança é a melhor conselheira, de que quase nunca a esta altura é possessão e de que muitas destas supostas pessoas que se declaram possuídas na verdade o fazem por motivos de forma alguma relacionadas a crenças religiosas e sim a motivos mundanos.

O segundo estado descrito a seguir é o da obsessão propriamente dita ou “*obsessos*”. Nestes casos, as quase espécies de demônios “*aora esten los demônios dentro del cuerpo, ò arrimados, siendo su asistencia suposital; vel imediacione suppositi, y no de solo su iníqua virtud, y poder. Y estos suelen hablar, y hazer otras*

²⁹⁷ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. A5v-A6v.

demonstraciones, forçados de las palabras y poder de Christo".²⁹⁸ Os diabos não chegam a tomar conta do corpo daquele que é possuído, mas ficam arrimados (encostados literalmente) ou dentro do corpo, mas diz que sua presença é suposta. Aqui, Fray Luis deixa entrever uma primeira peculiaridade de seu texto. Aqueles que são investidos por Cristo têm o poder de fazer o demônios falarem e fazer outras demonstrações. Neste caso, a palavra 'demonstrações' trata tanto das peripécias do diabo no ato do exorcismo como também trata do pretense poder que o exorcista possuiria sobre os diabos. A pode-se notar ainda que os diabos obedecem àqueles investidos por Cristo.

A *Práctica* tem a forma e a função de um manual de exorcismo que indica todos os atos necessários desde a entrada no local do exorcismo, todos os atos e palavras necessários e, sobretudo, todas as precauções exigidas do exorcista *ex-officio*. Antes de chegar ao texto latino do ritual propriamente dito, o tratado possui um prólogo do qual parte foi citada anteriormente justificando a existência da obra e uma série de dezenove advertências.

A primeira advertência diz respeito ao exorcismo como ato de caridade e para isso a recomendação é de que *en este ministerio se quisiere ocupar, no le ha de tomar, ni tener, para, por èl, sustentarse; sino solo por el amor de Dios, y del próximo, y ostentar el poder de Christo bien Nuestro [sic]. No es menester, para probar esta verdad, mas razón que las dichas palabras suenan*".²⁹⁹

As recomendações fazem menção à existência dos exorcistas profissionais. Por todo o dito anteriormente, pela confusão entre fingimento e possessão e mesmo pela confusão entre doença e possessão demoníaca, é que um espaço era deixado para a atuação de exorcistas profissionais.

A segunda advertência diz respeito à formação dos párocos nos rudimentos desejados pela igreja, mas que não raro eram alcançados pela deficiente formação na qual *Los que en dicho ministerio se han de ocupar, han de saber muy bien hablar latin, cuando mas no sea, para que la persona atormentada sino sabe latin, y entiende de algo de lo que el exorcista dice en latin macarrónico [sic] (como suele decirse) no tenga fundamento (lo que se sigue de nadie lo juzgo) para fingir obstentando la falsa asistencia del demonio*".³⁰⁰

²⁹⁸ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, p. A6v.

²⁹⁹ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, p. 03.

³⁰⁰ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. 03-04.

Esta recomendação é curiosa pois parece que a língua por excelência para falar com o demônio é o latim. Todos os conjuros mais solenes e recomendações aos diabos bem como muitas das passagens do texto são latinas. Mais adiante, em um caso de possessão o diabo responde seu nome em latim: se identifica como *Dux hijatensis*.³⁰¹ A fidedignidade da possessão, portanto, passa por um ato lingüístico que comprova a autenticidade de tal fato já que muitos dos pretensos candidatos não possuíam qualquer conhecimento de latim. Em suma, se o diabo não conhece latim, essa língua é que estabelece a comunicação.

A terceira recomendação se refere aos bons hábitos cotidianos do exorcista. Segundo o manual deve ter em vista que

si la asistencia del mal espiritu (hora sea en mediacion de supuesto, ò de su maligna virtud la qual comúnmente es por echizo) no consta con claridad, ni según muy probable opinión, no se ha de hazer el conjuro, sino debaxo de condición, aplicando siempre medios para conocer la verdad. Estos son principalmente el confesarse, y comulgar muy à menudo, y aun cada dia à temporadas, como dos o tres vezes, por nueve días; exercitandose [sic] en repetidos actos de Fè, Esperança, y Caridad, de humildad, obediencia y sufrimiento, y de las demás virtudes, contràrias a los defectos, y siniestras inclinaciones de persona atormentada. Por que con semejantes exercicios, lo comum es irritarse el demonio, y venir à manifestarse; ò no pudiendo sufrir la pena, que le causa tan santo exercicio, irse, y apartarse de todo punto, sin mas conjuros. Esto me ha enseñado repetidas vezes la experiencia. Y en quanto al aplicar la quotidiana comunión en la forma dicha, conducen, no poco, aquellas misteriosas palabras del Espiritu Santo.³⁰²

O exercício dos santos sacramentos e das virtudes da igreja tinham como objetivo preparar para o exorcismo. Ao mesmo tempo, as admoestações revelam uma preocupação com o cumprimento dos rudimentos da fé cristã, muitas vezes não praticados pelos padres.

³⁰¹ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, p. 17.

³⁰² CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, p 17 e ss.

A advertência número quatro diz respeito às precauções quanto ao ambiente e o número de pessoas no ato de exorcizar, quando o exorcista *especial cuidado debe tener (...) en no conjurar a persona alguna atormentada del demonio, habiendo otra, ò otras presentes, asimismo atormentadas, Porque suelen los enemigos atormentar entonces à estas; para efecto de dilatar la cura y estorvar al que conjura. (...)*

A advertencia número cinco trata da inteligência do diabo, quem pode enganar quem conjura que deve estar armado de boa teologia *muchisimas veces que si el exorcista examina entonces e conjura diabólicas respuestas; según buena Teologia, y en lo torcido y falso se contradize con evidentes razones. (...)*

Caberia então a quem conjura pegar o diabo em contradição a partir do uso da Teologia.

A advertencia de número seis diz ao exorcista para que tenha postura firme e resoluto e não se entregue a possíveis risos dos possíveis presentes, o que poderia desconcentrar o exconjuro.

A advertencia número sete fala sobre a identificação do demônio. Diz Fray Luis que é fundamental que o diabo se identifique para que o exorcista então ordene suas penas para que depois o diabo seja exconjurado de vez, sob pena de permanecer dias, meses e até semanas no corpo do energúmeno.

E segue Fray Luis revelando segredos práticos ao exorcista: que o exorcismo apenas deveria ser realizado dentro das Igrejas – advertência IX –, como deveria se portar o exorcista caso o diabo não quisesse dizer o seu nome – advertência IX –, entre outras muitas até finalmente a recomendação dezoito, na qual Fray Luis Recomenda que tratem os fiéis com cuidado mesmo que estivessem possuídos e que reafirmassem com dureza as penas infligidas aos diabos reiteradamente repassando todo o ritual.

Muitas destas recomendações e exemplo da número nove e número sete eram seguida à risca, como vimos anteriormente, pelos praticantes de magia negra, o que comprova que este manual era utilizado às avessas. A consagração dos objetos mágicos na missa ou a invocação de diabos – a postura do invocador – são aqui representadas de maneira didática de forma que o clero secular, com uma formação bastante rudimentar, pudesse se apropriar e transformar em receitas mágicas.

Após todas as advertências, de modo bastante minucioso e cuidadoso, Fray Luis cita todas as *letanias* em latim para que os exorcismos fossem levados à cabo. O que

chama a atenção é que as letanias são aparentadas das orações encontradas na Península Ibérica como as de Santa Marta ou outras nas quais Deus e o diabo estão presentes.

No final de sua obra, antes de alguns pormenores finais e últimas advertências, Fray Luis narra seus casos pessoais de exorcismo nos quais havia conseguido lidar com as hostes infernais.

Fray Luis menciona que a Inquisição o havia mandado para controlar um surto de possessões demoníacas que acontecia nas montanhas aragonesas, mais precisamente nas Montanhas de Jaca, em Tramacastilla e no Vale de Tena, um dos lugares onde foram aplicados os *Estatutos de Desaforamiento* e grande repercussão pelo surto de caça às bruxas no século XVII.

No primeiro caso, diz ele, estando na Igreja da Vila de colocando a estola em uma senhora possuída por Lúcifer, ordenou ao padre de dita Igreja que em nome de Cristo, da Santa Mãe Igreja Católica, do Santo Tribunal em nome dele e do reverendo que todos os diabos presentes se manifestassem sem machucar pessoa alguma. O efeito de tal orden foi bastante assombroso segundo a narrativa de tal religioso

Apenas lo anunció el cura, quando repentinamente, mas de doscientas mujeres las mas doncellas, fueron levantadas al aire, que casi tocaban la bóveda de dicha Iglesia, girando por el aire con tanta decencia assentadas como cuando estaban antes de dicho precepto y maldición (Dejo de referir el temor de muchos) los golpes con que las manos de dichas mujeres, daban los demonios en las gruesísimas paredes de la Iglesia, sonaban tanto, como si dicha Iglesia fuera toda de tablas. Los alaridos, y voces horrendas como sus autores.³⁰³

E o espetáculo da possessão coletiva continuava, com a senhora que portava a estola falando com a voz da estrela da manhã, ordenava os demais espíritos novamente que subissem pelo ar pessoas e bancos. E em uma disputa entre o padre Lúcifer por um banco e por uma bancada, o banco ficou em suspenso no ar! E continua, dizendo que o ruído era tão grande e infernal que o Inquisidor disse ao padre exorcista para que parasse. Ato seguido, Lúcifer falando pela mulher possuída disse: *quieres, que yo les mande, que callen?* Então Fray Luis ordenou que em nome do Senhor Sacramentado ao

³⁰³ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Ibidem, p. 144.

“Dragão Infernal” que baixasse tudo quanto havia colocado no ar, primeiro os bancos – inclusive o que estava no ar – e depois as pessoas, “criaturas racionales”, sem machucar ninguém. Depois da ameaça, começaram a baixar os bancos e as pessoas e as mulheres, voltando aos seus mesmos lugares! E depois do ocorrido, demonstrando todas as maravilhas de suas receitas exorcistas, Fray Luis narra que a comoção foi geral levando os presentes às lágrimas. Por isso mesmo, exorta em seguida aos leitores a seguirem no camino edificante do bem e da correção em boa propaganda em forma de texto exorcista

Quien, a vista de maravillas tantas, no había de interrumpir en lagrimas? Estas fueron tantas, en todas personas, que allí asistían que al paso de ellas, crecia en todos la firme fe, y confianza en Christo Sacramentado, que los había de librar de tan gran calamidad, y aflicción, como la que les causaba el ver a sus hijas atormentadas por el demonio; no perdonando aun a los domesticos animales de sus casas como gallinas, y otras aves, y animales cedosos. Lo cual digo por haberlo visto. Viendo pues los enemigos atajados, y más confusos, por la intensa devoción de aquella gente, al Santísimo Sacramento, inventó su rabiosa astucia de destruir los frutos de la tierra, termino de aquella villa, y lugares circunvecinos, como en el siguiente caso se declara.³⁰⁴

O segundo caso narrado por Fray Luis os diabos tomaram o ar e começaram a *dar voces* começando a fazer ruídos tratando-se por nomes e apelidos, alguns dos quais coincidentemente – ou não – mencionei no início deste capítulo: Roberto, Capitán, Escritano, Barrabás, Lúcifer, Capitanillo. Uma vez vistos no ar diziam uns para os outros

llenemos el aire de vapores, y humedades, y forjemos gran multitud de piedra, que destruya de todo punto todas las cebadas, trigos y otros frutos deste termino que ya estaban para que, dentro de pocos días, los cogiesen sus dueños.

Aquí, de forma bem didática, Fray Luis retorna ao tema do malefício relacionado às plantações e animais, foco recorrente quando se tratava de malefício e

³⁰⁴ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. 149-150.

sobretudo de bruxaria. Em seguida, ainda didaticamente, solta uma pérola dizendo que em se tratando de demonios parecia ser coisa rara atacar plantações como haviam mandado e, em seguida, menciona: dandolhes Deus sua licença. Aquí também retorna o tema da onipotência divina, inclusive sobre os demonios, onipotência que permitiria que o mal fosse instrumento do bem total e supremo.

Logo em seguida à ordem dos demônios que voavam pelos céus, uma nuvem negra se aproximou daquela vila e o estrondo que causaram assustaram muitos moradores. Viram no céu, então, muitas pedras de granizo que caíam sobre as plantações, arruinando as plantações de trigo e outros alimentos. Surge então a “Rainha dos Anjos” em socorro de Fray Luis, que também de modo muito didático, com os exconjurios do religioso, conseguirá debelar as nuvens que não fariam cair uma pedra sequer.³⁰⁵ Aquí, além de atentar contra os diabos, a função do texto é também demonstrar que além do pai, a “mãe de Deus” está a postos para socorrer qualquer pessoa, inclusive os mais desavisados. Tanto assim que, surpreendentemente, surge uma figura inusitada como cita o trecho a seguir:

ya se ve la gente que habría a ver las maravillas, y poder de Christo Señor Nuestro Bien Sacramentado, pues nos saltó de allí un Luterano, que viendo lo que ya digo, se hechó a los pies del Señor Inquisidor, pidiendo perdón de sus errores, y como oveja perdida volvió al gremio de nuestra Santa Madre Iglesia Católica.³⁰⁶

O último e terceiro caso acometeu o confessor e as beatas da Igreja que ali compareciam para se confessar e comungar com o padre. Conta-nos Fray Luis que, vendo os diabos que a maioria das mulhere e outras pessoas pias compareciam à Igreja para comungar, passaram a acosar seis mulheres ao mesmo tempo. Logo em seguida aos tormentos, os diabos passam a empurrar as mulheres que chegam à beira do penhasco dos Pirineus a ponto de cair. Então, mais uma vez, a *Reina de los Angeles* e *Christo Nuestro Señor* chegam em socorro de todos e então mulheres e homens voltam com seus pés à terra.³⁰⁷

Os três temas acima, a missa, as pragas e a conversão, e a confissão eran temas recorrentemente tocados após o Concílio de Trento que tentava a todo custo amarrar tais

³⁰⁵ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. 153-154.

³⁰⁶ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. 153-154.

³⁰⁷ CONCEPCIÓN, FR. LUIS DE LA. Idem, pp. 155-160.

mecanismos de adesão e controle da Igreja. De maneira bastante sutil, Fray Luis aponta aos membros da Igreja, uma vez que tal manual era carregado por tais pessoas, a pesar de ser bastante conhecido, que aqueles que não praticassem os sacramentos certamente sofreriam nas mãos do diabo.

A última parte do manual relaciona as rezas e exconjuros com os casos citados como pragas e pessoas possuídas além de algumas outras advertências como citadas as primeiras.

O mais espantoso é que um manual como o de Fray Luis fosse apropriado pelos religiosos para invocar os demônios e controlá-los, ao contrário do que se propunha seus objetivos. O manual de Fray Luis, do ponto de vista de outros libros mágicos, parece ainda mais didático no que diz respeito ao uso de objetos e paramentos cristãos usados para controlar o demônio. Mais ainda, descreve situações, recomenda lugares e artefatos e ainda fala sobre o comportamento de energúmenos e diabos. De alguma maneira, o manual de Fray Luis aponta para um caminho do meio entre os grandes e antigos textos mágicos e os papéis utilizados por buscadores de tesouros, invocadores de demônios e exorcistas não autorizados.

O diabo manifestado: as possessões

Didaticamente, após todas as recomendações e dos conjuros propriamente ditos, Fray Luis menciona três casos de possessão ocorridos na Villa de Tramacastilla, entre as montanhas de Jaca, mais precisamente no Valle de Tena. Os casos que se seguem exemplificam o trabalho do exorcismo e são complementados pelo misterioso caso supostamente provocado por Agueda Samacio, a parteira de Ejea de los Caballeros.

Um curioso caso de possessão é atribuído à ré Agueda Samacio, parteira, acusada pelo crime de feitiçaria, natural de Ejea de los Caballeros (Zaragoza)³⁰⁸.

Após uma disputa pelo uso do forno coletivo da vila e de um conflito com guerra de pedaços de pão e torta entre algumas mulheres, uma delas teria passado mal e a outra teria sido possuída por um espírito. A denunciante de Agueda Samacio ao Santo Ofício, Isabel Ferrer, teria acordado

³⁰⁸ AHPZ, Sección Inquisición, Legajo 124-4, fol. 1r.

“(...) con grandes aflurones y passiones al estomago pribada de sus sentidos por grandes rato [sic] (...)”.³⁰⁹

Com a suspeita do mal feito por Agueda Samacio, Isabel fora à casa da denunciada para dissuadi-la a reverter o processo que a deixara doente, com a ameaça de que “faria contra ela o quanto pudesse”, segundo palavras do próprio documento. Após a ameaça de Isabel Ferrer, Agueda teria lhe dado

“(...) unos cabellos en la mano y llegando a la dicha denunciante le dixo tome estos cabellos y calle los cuales cabellos tomo la dicha denunciante (...)”.³¹⁰

A partir de então, segundo a narrativa do notário, diz Isabel Ferrer que

con ellos [cabellos] havia confirmado la mala sospecha que tenia la dicha denunciada porque los cabellos no podian tener virtud para curarla, antes vien que lo tenia por hechizo y assi que haviendo formando grande escrupulo la denuncio.³¹¹

Após este testemunho, outra citação breve confirma que, quando da guerra de pedaços de torta e pão próxima ao forno, confirmou que havia passado mal como a anterior,

“(...) fue una de las tres que comio en el orno de la tarta que les hiço la dicha, le dixo que nunca mas desde el dia que comio la tarta havia tenido salud”.³¹²

O testemunho que segue o de Isabel Ferrer é o de seu marido Francisco de las Fillas, lavrador, que impressiona pela riqueza de detalhes e o arcabouço simbólico contido em sua descrição. Como descrito pelo notário, Francisco de las Fillas teria dito que sua mulher havia confirmado a versão de que tinha certeza da causa do mal que lhe acometia

³⁰⁹ AHPZ, Idem, fol. 3v. Proceso de Agueda Samacio.

³¹⁰ AHPZ, Idem, fol. 4r. Proceso de Agueda Samacio.

³¹¹ AHPZ, Ibidem, fol. 4r. Proceso de Agueda Samacio.

³¹² AHPZ, Ibidem, fol. 4v. Proceso de Agueda Samacio.

su muger sin estar outra persona alguna con los dichos le dixo dicha su muger que ya sabia quien le havia dado el mal que padecia porque se lo havian dado con un bocado de torta en el orno de la corona de la dicha villa de Exea y que la denunciante le pregunto a dicha su muger quien te lo a dado y ella le respondió que no se lo podia decir y dexado esto assi.³¹³

Em outra ocasião, segundo a narrativa do notário, o marido disse que

estando en la cama aquella con el denunciante, el mal y el accidente que le acostumbraba y con el esfuerço que la dicha su muger le hacia y acosa del dicho mal cayo de la cama y principio dicha su muger a dar voces y a ellas se lebanto el dicho denunciante y viendola siquiese tentandola la hallo tendida en tierra y la llebanto y puso sobe la cama y tenendola del vrazo principio de nuevo a dar voces y entre otras dixo Agueda me ha dado poder para hecharla de la cama avajo y estas razones las dixo tres vezes consecutivamente.³¹⁴

Logo após o marido confirma a versão da esposa a respeito do recebimento do cabelo por Agueda Samacio, após o que o marido diz que

“(...) dicha su muger dixo al denunciante estos cabellos Francisco dicen son algun hechizo y el denunciante respondió a mi tambien me lo parece (...)”.³¹⁵

O testemunho de Francisco de las Fillas no mesmo processo confirma que uma das denunciantes, Jusepa Aybar, que também comeu da mesma torta que sua mulher, teria morrido pouco tempo depois, em Outubro de 1645. O fato é mencionado de maneira isolada, mas intencionalmente em meio a outras informações que incriminam a ré, o que leva o leitor a relacionar a morte daquela mulher com algum tipo de malefício provocado por Agueda Samacio.

³¹³ AHPZ, Ibidem, fol. 5v. Proceso de Agueda Samacio.

³¹⁴ AHPZ, Ibidem, fol. 7r. Proceso de Agueda Samacio.

³¹⁵ AHPZ, Ibidem, Fol. 8r. Proceso de Agueda Samacio.

Entretanto um documento justaposto ao processo da inquisição possui um indica ser um mandato ora oferecido pela justiça eclesiástica para resolver o conflito na vila de Ejea de los Caballeros pelo arcebispo de Zaragoza Doutor Plano del Frago. Em outra situação, Agueda Samacio teria se negado a batizar um recém-nascido por alegar que não estava vivo. Segurando-a pelos braços, insistindo pela posição e pela não reação do recém-nascido, Agueda Samacio insistia que só poderia estar morto e que assim não o batizaria.³¹⁶ Outras situações são citadas pelos demais testemunhos, como um homem que teria queimado o próprio chapéu por acreditar que a bruxa poderia deixa-lo doente, uma mulher que acreditava que teria o seu leite do seio secado pela bruxa, entre outras realizações sobrenaturais presentes no documento.³¹⁷

Ao final do informe, Agueda Samacio é declarada excomungada pela Igreja e proibida de continuar a exercer seu trabalho como parteira. A última página do documento denota dois sentimentos. O primeiro, que o Santo Ofício não esteve e não investigou os crimes cometidos pela ré como desejado pela Igreja. Ao mesmo tempo, o parágrafo final do documento supõe que a pena imposta pela Igreja não seria suficiente para conter o desvio da crença e impedir a prática da parteira, a partir de então proibida. A sentença de Agueda Samacio infligida pela Justiça Eclesiástica foi a excomunhão maior e a obrigação de pagar cinqüenta escudos de multa.³¹⁸

O diabo caçado: as práticas exorcistas como heresia

Um dos ramos da popularização do exorcismo eram as práticas consideradas heréticas pelo Santo Ofício. Distantes ou próximas das práticas dos manuais de exorcismos ou de caça às bruxas, este tipo de prática era relativamente comum entre homens que acreditavam poderiam aliviar a vida de espiritados e *energúmenos*. Ainda que muitas vezes não existisse uma receita determinada, a necessidade continuava a solicitar que algumas pessoas se lançassem a tal tarefa.

Miguel Giral pastor, natural de Gomyde e morador de Tudela no reino de Navarra, apesar de ser considerado saludador, dizia *possuir virtud para sacar a los demônios de los cuerpos de los hombres*.³¹⁹ Estando uma vez na vila de Ansó, que

³¹⁶ É evidente que deve ser levado em consideração o filtro que a Inquisição impõe à leitura de uma determinada intenção no documento.

³¹⁷ AHPZ, Ibidem, Fol. 8r. e et seq. Proceso de Agueda Samacio.

³¹⁸ AHPZ, Ibidem, Fol. 8r. e et seq. Proceso de Agueda Samacio.

³¹⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 143r. Causa de Miguel Giral.

possuía também outros pretensos exorcistas³²⁰, ficara sabendo que certa pessoa estava espiritada ou *endemoniada* como cita o documento³²¹. Pediu então que *por amor de Dios três fagicos de leña y tres candelicas las cuales encendiesen en la capilla del Christo que esta en la iglesia Parroquial de Ansó.*³²² E continuava, solicitando que *de allí a un poco que las apagasen y que tomasen un poco de aceite de la lámpara de Nuestra Señora del Rosario en una candelilla y que asi los tres fagicos de leña como las tres candelas y escudilla se lo llevasen a la Cruz de las Eras hasta donde ponen de propia ciencia.*³²³ Algumas testemunhas haviam dito também que o exorcista havia pedido para que os feixes de lenha, as velas e o azeite fossem oferecidos em todos os altares da Igreja Paroquial de Ansó. Uma vez na Cruz de la Eras, o exorcista levou todos os objetos e encontrou um grupo de pessoas com a *pessoa espiritada*, colocou fogo no feixe de lenha que trazia e dividiu a vela em seis partes e com três *santigüou* três vezes ao espiritado dizendo

“(…) en nombre del padre, del hijo y del espíritu santo que reine en el cuerpo y en la alma del dicho espiritado y de todo género humano para siempre jamás amém (...)”³²⁴

Uma vez exorcizada ou benzida, Giral atirou as velas e a pequena vasilha ao fogo junto com uma roupa que no qual o espírito dizia estar impregnado e no qual estava o pretenso feitiço que possuía tal pessoa. Enquanto atirava a roupa ao fogo, depois de fazer a própria pessoa espiritada passar pelo fogo, dizia então mais uma reza repetindo a reza anterior e mandando que todos os presentes que rezassem Ave Marias e Salve Rainhas para que Deus e Nossa Senhora do Carmo.

Mais à frente, quando interrogado pelo inquisidor, Giral dizia *que tenía mucha devoción a la Virgen del Carmen y traía su escapulario muchos años y hacia por su intercesión había salido libre de muchos trabajos, y que ayunaba los miércoles y los sabados de 17 años a esta parte y que también tenía mucha devoción con la cruz y que le rezaba cada día la cuarta parte del rosario.*³²⁵

³²⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 998, Fols. 209r.-209v. Causa de Fray Domingo Lopez de Anso.

³²¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 995, Fol. 142v. Causa de Miguel Giral.

³²² AHN, Sección Inquisición, Libro 995, Fol. 142v. Causa de Miguel Giral.

³²³ AHN, Sección Inquisición, Libro 995, Fol. 142v. Causa de Miguel Giral.

³²⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 995, Fol. 142v. Causa de Miguel Giral.

³²⁵ AHN, Sección Inquisición, Libro 995, Fol. 142v. Causa de Miguel Giral.

Nesta ocasião revelou então que o homem identificado como espiritado, havia lhe dado uma cruz e, caminhando em direção ao calvário e depois de receber a cruz

y que el reo se aparto un poco y se puso de rodillas y empezó a llamar a la Virgen del Carmen pidiendola librase aquel hombre de aquel trabajo = y que volviendo a mirarle vio que ladrava como un perro y mando al demonio que saliese del en nombre de la Virgen del Carmen y en nombre de Jesús y el demonio le respondió que no podía mientras no quemaban el hechizo que había hecho una vieja tuerta bruja y que el hechizo estaba en unos manteles que habían servido en la comida de un bautizo.³²⁶

Concordando com a parte inicial do documento que indica que muitos dos denunciantes da inquisição haviam sido religiosos, o trecho a seguir deixa clara uma concorrência entre os religiosos instituídos e os exorcistas heréticos

“(…) y que habiendo llegado a esta ocasión algunos sacerdotes y empezado a conjurar al espiritado, el decía que traían poca fuerza diciéndoles algunos oprobios (…)”³²⁷

Miguel Giral, então, mandou que o diabo beijasse o crucifixo o que fez forçadamente. Após beijá-lo, mandaram os sacerdotes que o diabo abandonasse o corpo do espiritado, o que não aconteceu. Após a ordem de Miguel Giral, o diabo havia concordado, mas disse logo em seguida que *si había pero que en saliendo el reo del termino de Anso se volveria a el por no estar quemado el hechizo*”.

Três coisas chama a atenção na narrativa do exorcista. A primeira é que o diabo parece dar instruções exatas para como remover o feitiço que o amarrava ao corpo e que a correspondência entre diabo e exorcista só seria ativa se não fossem os padres instituídos que o expulsassem. Há uma linguagem e um código envolvidos que os padres não conheciam e fazia com que não tivessem tanta força.

Em segundo lugar, o exorcismo tinha um perímetro de funcionamento associado à presença do exorcista. Em outras palavras, os próprios padres de Anso não eram

³²⁶ AHN, Sección Inquisición, Libro 995, Fol. 144r. Causa de Miguel Giral.

³²⁷ AHN, Sección Inquisición, Libro 995, Fol. 144r. Causa de Miguel Giral.

capazes de exercer tal mister, tendo de vir alguém que tivesse um verdadeiro “dom” para este ministério.

Ao mesmo tempo, os mecanismos de apropriação também se faziam presentes com relação aos símbolos católicos, sobretudo com relação ao fogo. Giral havia utilizado o mesmo princípio do auto de fé para purgar os objetos amaldiçoados, coisa que apenas ele havia conseguido em comunicação com o demônio.

Assim, qualquer um que conhecesse um exorcista conhecido acudiria imediatamente a ele pois narrativas como esta eram conhecidas e, através da oralidade criavam uma demanda em torno de tais figuras, comprovada no início do documento quando Giral é procurado para exorcizar tal homem.

E continua em sua versão à Inquisição, declarando que

y que habiendo ido a un hermano del espiritado a buscar dichos manteles y habiendolos traído pregunto el reo al espiritu si eran aquellos y dijo que si con que los quemaron y que habiendo el reo hecho traer un poco de cera hilada encendio tres candelicas en reverencia de la trinidad encendido estas tres candelicas [diciendo] si acaso hay aquí algun hechizo sea quemado como se queman estas candelicas en nombre de la Santísima Trinidad a quien ofresco tres misas y hablando con los espíritus dijo pero salid de ahí y que habiendo terminado de quemar dichos manteles salió un fedor muy grande y dijeron los espíritus que aquel era el hechizo y que el se había dicho y en voz alta llamo la Virgen del Carmen pidiendo que aquel hombre quedase libre de los espíritus.³²⁸

Assim, tal qual um simulacro da Inquisição, Miguel Giral havia reproduzido o que um auto de fé realizava, apropriando-se de alguns de seus símbolos como o fogo e as rezas ainda que de maneira improvisada. Depois ainda, Giral contará como havia recebido um crucifixo que carregava e que, segundo ele, havia recebido de um Pelegrino e também contaria como havia sido encomendado à Virgem e à Jesus Cristo. Graças à sua devoção e às inúmeras menções à Virgem e à Jesus Cristo, Giral foia apenas advertido pelos inquisidores que enxergaram em sua prática não apenas algo

³²⁸ AHN, Sección Inquisición, Libro 995, Fols. 144r.-144v. Causa de Miguel Giral.

tolerável como também inserido nas práticas religiosas da época, já que estes hereges não acreditavam realmente estar cometendo algo proibido ou condenável.

O diabo que obedece: os demônios familiares

O controle dos diabos que davam origem a outras invocações, representações e outros tipo de vínculo com os diabos. Neste caso, os familiares, parentes distantes das divindades romanas que, absorvidos pelo cristianismo, transformaram-se diabos, continuariam a desempenhar o antigo papel dos *daimones* agora em um outro contexto.

Pedro Solón, professor de esgrima de Alfamén de 38 anos conhecia bem os chamados demônios familiares. Errante, Solón ensinava em vários *pueblos* de Aragón. Certa vez, conversando com certas mulheres na vila de Monzón, as quais haviam dito que tinham medo de viver em uma casa que possuía ruídos horríveis, Solón declarou que poderia resolver o problema. Por ser filho de *alfaquí*, segundo declarava, disse então que poderia solucionar o problema chamando seus amigos

llamaría a sus compañeros, y preguntándole quien eran sus compañeros, respondió que los demonios, que hacia venir cierto numero en una taza de agua y le dirían todo lo que quisiese saber y así sabia la causa de aquel ruido y lo remediaría, y que en Balaguer en casa de un amigo suyo familiar había sacado otro ruido, y que le había hecho parecer más de sesenta demonios y que había sacado muchos ruidos de casas.³²⁹

O que chama mais a atenção é a história que conta a respeito de outra ocasião e que havia feito coisa semelhante e na qual

“(…) y que había sacado muchos ruidos de casas, señaladamente de una casa que andaban con unas cadenas y que era el alma de un caballero que tenía mucho que restituir (...)”.³³⁰

Apesar de não saber bem o que teria de tirar de ditas casas, Solón sabia perfeitamente que os seus demônios familiares poderiam resolver o problema. Havia

³²⁹ AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 505v. Causa de Pedro Solón.

³³⁰ AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 505v. Causa de Pedro Solón.

pedido que *se le diese papel y tinta que escribiria ciertos albarancicos em latín y griego y que se habían de poner por los rincones de la casa donde era el ruido y que el llamaría a sus compañeros.*³³¹

A pesar de se orgulhar de tais poderes, Solón não sabia ao certo o que era, dizendo apenas que era saludador e que nada tinha a ver com a Inquisição, provavelmente com medo do questionamento das mulheres com as quais conversava.

Em outra conversa, mais ou menos na mesma época, havia dito que

En otra platica por el mismo tiempo dijo que en dos horas de tiempo haria venir cuanto demonios quisiese y sabia todas las cosas del mundo, y viendo triste a cierta mujer le dijo que no estuviera triste que juraba a dios que estava en su mano hacer llover aquella tarde seis cahices de trigo, pero que tenia miedo al Santo Oficio y otra vez le dijo vosotros tenéis mucha cuenta a los clérigos, y sois necios porque son unos borrachos, Desto tiene un testigo mujer de veinte ocho años.³³²

Mourisco de nascimento, consultado pela Inquisição, Solón não conhecia os rudimentos do catolicismo como fazer o sinal da cruz e as orações que de costume perguntava o Inquisidor e tratou então de dizer como havia aprendido a invocar tais demônios

había cinco años que un adevino que fue castigado por este Santo Oficio, es ya difunto, le enseñó a adivinar y se le dijo que tomase tres piedras tamañas como el puño y las pusiese en el suelo, y en cima de una silla una taza con agua en medio de las piedras y que llamase a Satanás, Barrabás, y Fogon, y metiese la mano en la tierra tres veces y alzase la cabeza y diese el alma os doy mientras tengo necesidad de adivinar, y que las piedras estaban para señalar que habia donde no habia piedra era señal que no habia nada, y que de esta manera habia dado tres veces el alma al diablo pero que luego se arrepentía.³³³

³³¹ AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 505v. Causa de Pedro Solón.

³³² AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 505v. Causa de Pedro Solón.

³³³ AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 506r.-506v. Causa de Pedro Solón.

Havia também uma outra forma de invocar o demônios *que también le enseño que pusiese el pie derecho en el aire, y el izquierdo en una silla y que diese cinco veces el alma al diablo.*³³⁴

A causa de Solón coloca em protagonismo diferentes temas: o poder mágico dos mouriscos, atestado pela produção de pergaminhos em letra árabe, a relação entre os diabos invocados por ele – que dominavam os “fantasmas” ou “almas penadas” -, o poder sobre os diabos, todos, temas que resumem a história de Salomão, os poderes da necromancia e a feitiçaria masculina.

Assim, o diabo servia como um elo de ligação entre os diferentes tipos de magia, fosse por ser marido das bruxas, seja por ser invocado, exorcizado, expulso e usado pelos homens que tinham em sua presença mais a força de uma potentade que propriamente as imagens e idéias do maléfico. Além disso, o diabo serve como cimento creencial, afirmando a imagem do homem como mago em suas diferentes vertentes, como necromante e descobridor de tesouros, como saludador e interferindo em outras formas variadas de magia constantes nos documentos da Inquisição de Zaragoza.

Presente em todos os lugares, o diabo mantinha suas inúmeras representações como uma constante presença entre os homens. Por isso mesmo, era receptor de todos os ódios cotidianos, como em uma blasfêmia proferida em uma mesa de jogo, ou mesmo para cobrar um empréstimo e chamar alguém de burro. Sua hierarquização, numeração, localização eram fruto da própria sociedade que lhe espelhava: cada qual tinha o diabo que merecia e poderia, a qualquer momento, ficar face a face com ele. Cada qual tinha também seu próprio inferno, para onde se dirigiam os ignorantes, diferente do céu e do limbo ou do purgatório.

Este diabo, que tinha características humanas, era também um pouco enfraquecido e também irônico, qualificado pelos invocadores como companheiros e pelos religiosos como “falso amigo”. Maiores, menores, pequenos e grandes, fumantes e não fumantes, com capa ou sem capa, tinha uma identificação imediata pelos admiradores e pelos acoçados.

O manual de Fray Luis de la Concepción, com forte influência da pedagogia tridentina, tentava demonstrar que o único caminho era uma vigilância cuidadosa e um

³³⁴ AHN, Sección Inquisición, Libro 988, Fol. 506r.-506v. Causa de Pedro Solón.

uso prudente das faculdades exorcistas. Entretanto, caminhando contra estas recomendações, muitos interessados em dominar os diabos utilizavam-no como verdadeiro manual de invocações. Os controladores, como Agueda Samacio – suposta – e Pedro Solón – autêntico – testemunhavam contra si quando o diabo entrava em cena, muitas vezes, à sua revelia. O diabo é assim: fazia o que queria, aparecia quando queria e insistia em refletir o interior dos homens e das mulheres.

5 – Considerações Finais

A magia masculina possuía diferentes formas de manifestação, dentre as quais a necromancia, o curandeirismo e a busca de tesouros. Todas estas formas de manifestação da magia possuíam, de maneira mais ou menos presente, alguma ligação com diferentes representações do diabo.

A raiz desta relação residia, em primeiro lugar, da própria construção da necromancia como uma mentalidade. Desde a Antigüidade, a invocação dos mortos era praticada e, lentamente, foi mudando suas características conforme foi sendo cristianizada. Pode-se dizer que, apesar da grande diferença entre a necromancia antiga e a necromancia diabólica, a materialidade dos protocolos utilizados nas práticas mágicas, bem como o forte interesse em ganhos mundanos através da própria crença no controle da realidade. Assim, criou-se uma dialética também identificada nesta mentalidade: a magia se tornou alimentadora das próprias crenças por possuir um forte caráter material e, por depender de objetos, livros e uma pleora de artefatos para sua realização, também fazia com esta mesma materialidade fosse sacralizada, possuidora de um poder temido e admirado pelos homens magos.

A Idade Média criou para si também uma imagem desta Antigüidade-referência na qual os grandes magos eram possuidores de prodígios irrealizáveis. Aqui, mais uma relação circular: os mitos do Rei Salomão e de São Cipriano, foram construídos por religiosos a partir de referências religiosas da própria magia, especialmente, por fontes e textos da Bíblia Hebraica e de outros textos cristãos a ela relacionados. Estes mitos deram origem a outros textos – *Clavicula Salomonis* e o Livro de São Cipriano –, mais tarde, também mitificados e que, se não eram considerados sagrados, eram amplamente utilizados como fonte de poder sobre a natureza, sobre a riqueza e sobre os homens.

Estes textos, que se difundiram pela Europa do Norte para a Europa do Sul, pela própria expansão natural do cristianismo católico, e pela relação de fronteira entre diferentes reinos, criou um verdadeiro corredor entre a França e a Espanha no qual circulavam homens praticantes de diversos tipos de magia que cruzavam a fronteira com textos, livros e objetos mágicos. Aprendendo com grupos afins, estes homens estavam dispostos a tudo para conseguir riquezas, proteção, sexo, amor, comida, invisibilidade e sobrevivência: aspergir sangue de morcego, utilizar pele de cadela prenha, enterrar uma

cabeça de gato com fava dentro dela para germinar, dar terra de cemitério de comer aos desafetos.

Estes objetos e textos criaram um campo de ação em volta do qual circulavam outros tipos de magia que utilizavam objetos ou protocolos análogos aos da necromancia.

Com relação ao curandeirismo, suas práticas ficavam do outro lado do muro com relação às magias consideradas diabólicas. Entretanto, sua relação ambígua com a necromancia se dava não apenas por ser uma forma de magia, mas também pelo fato de que a presença da invocação dos diabos para cura não era corriqueira. Fruto do espaço no qual a população, por tradição, transitava para acudir a diferentes formas de terapêuticas consideradas tradicionais, tinham em suas práticas o único recurso terapêutico possível para muitos. Essa clientela tinha pouca ou quase nenhuma informação sobre os procedimentos mágicos aos quais eram submetidos, funcionando algumas vezes e, em outras, transparecendo ser completamente falho. Neste *puchero humano*, a Inquisição colocava a mão para tentar discernir os falastrões, trapaceiros e desonestos que viam na população doente do corpo e da alma uma forma de sobreviver e compensar a desigualdade do Antigo Regime.

No caso da busca de tesouros, a relação com a necromancia é fática. O diabo é invocado para encontrar os tesouros e desencantar seus protetores, servindo aos homens em sua vontade de encontrar o que outros haviam deixado. Fortemente influenciada pela busca de ganhos sem trabalho, um traço marcante da magia masculina, a busca de tesouros teve uma relação íntima também com um período complicado com relação à pobreza e à riqueza. A magia, neste sentido, muitas vezes, era o único recurso.

As representações do diabo podiam ser similares entre aquelas relacionadas a homens e mulheres. Os homens, entretanto, como herdeiros da tradição eclesiástica do exorcismo difundido como nas ordens menores como um dos primeiros sacramentos para os jovens religiosos, se apropriariam de tais textos destinados a afugentar as hostes infernais para, justamente o contrário, invocá-los com os mais diversos fins, muitos deles dentro do grupo de objetivos já conhecidos anteriormente: vencer nos jogos, auferir riquezas, proteger-se contra os inimigos, conseguir mulheres entre outros. Mais que um inimigo e Deus, o diabo é o portador da verdade que os homens e mulheres dos séculos XVI e XVII não tinham acesso, tal qual o diabo de Vélez de Guevara ao abrir

milhares de casas e mostrar em cada uma delas o quanto havia para esconder em seu nome.

Mesmo o manual didático de Fray Luis de la Concepción, edificante para os padres que os liam constantemente e exortavam à comunhão, à frequência à missa e à confissão, marcos do Concílio Tridentino, servia como livro de invocação de demônios cujos ecos podem ser vistos nas mais variadas formas de magia, especialmente naquelas nas quais um padre está envolvido. O trecho sobre a busca de tesouros deixa este tipo de exemplo muito patente se examinadas todas as práticas mágicas e seus objetos de uso.

O próprio texto de Fray Luis demonstra um diabo irreverente, mordaz, capaz de mandar que o homem, no caso o padre, perdesse a compostura tão almejada pelos exorcistas. No caso das possessões, um diabo mais amdrontador para polarizar com os praticantes não autorizados de expulsão do demônio. No caso dos demônios familiares, uma presença marcante na vida daqueles que buscavam no diabo uma forma de ver a vida de uma maneira um pouco mais irreverente.

6 – Fundos Documentais e Referências Bibliográficas

6. 1. Suporte Documental

6. 1.1. AHN - Archivo Histórico Nacional (Madrid)

Sección Inquisición

Libros:

988, 989, 990, 991, 992 e 993, 994, 995, 996, 997, 998 (Relaciones de Causas)

6.1.2. AHPZ - Archivo Histórico Provincial de Zaragoza (Zaragoza)

Processos Inquisitoriais do Tribunal de Zaragoza (tal como conservados)

Processo de Diego Sánchez, AHPZ, 1497, Doc. 17-3 M. 90/6

Processo de Juan Garcés, 1497, AHPZ, C. 22-4, Doc. 17-7 Micro. 90/6

Processo de Narbona Darcal, 1498, AHPZ, C. 23-1, Doc. 18-1 Micro. 90/7

Processo de Florencia de Varo, 1505, AHPZ, C. 28-1, Doc. 20-1 Micro. 91/3

Processo de Tomás Bonifant, 1509, AHPZ, C. 28-1, Doc. 20-14, Micro. 91/3

Processo de Pedro Bernardo, 1510, AHPZ, C. 28-5, Doc. 20-18

Processo de Catalina Aznar, 1511, AHPZ, C. 28-6, Doc. 21-1, Micro. 91/4

Processo de Joan Vicente, 1511, AHPZ, C. 28-7, Doc. 21-2, Micro. 91/4

Processo de Dominga Ferrer, 1534, AHPZ, C. 31-2, Doc. 24-1, Micro. 92/2

Processo de Agueda Samacio, 1645, AHPZ, Doc. 124-4, Micro. 114/2

Processo de Agustina, 1646, AHPZ, Doc. 124-9, Micro. 114/2

Processo de Catalina de Baeza, AHPZ, Doc. 124-20

Processo de Juan Tayan, AHPZ, Doc. 124-16

Processo de Marta Morera, AHPZ, Doc. 124-17

6.1.3. BUZ - Biblioteca Universitaria de Zaragoza (Zaragoza)

“Instrvcion para los comissarios del Santo Officio, en las averiguaciones tocantes al crimen de Brujeria.” (c. 1669) Reprodução das *Instrucciones* de 29 de Agosto de 1614. MS, 104.

6.2. Referências Bibliográficas

AAVV. *Historia Del Cristianismo*. Granada: Editorial Trotta/Universidad de Granada, 2005. Três Volumes.

AGRIPPA VON NEDDESHEIM, Enricus Cornelius. *De Occulta Philosophia. Libro Primero. Magia Natural*. Organização e preparação editorial de Bárbara Pastor de Arozena. Madrid: Alianza Ed., 1992.

- AMOROS, José Luís. *Brujas, médicos y el Santo Oficio: Menorca en la época del Rey Hechizado*. Menorca: Institut Menorqui d'Estudios, 1991.
- ANDRÉS MARTÍN, Ofelia-Eugenia. *La hechicería en la literatura española de los siglos de oro*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2006.
- ANKARLOO, Bengt & CLARK, Stuart (orgs.). *Witchcraft and magic in Europe*. Pensilvania: University of Pensilvania Press, 2002-2006. Seis Volumes.
- APPS, Lara & GOW, Andrew. *Male witches in early modern Europe*. Manchester: Manchester University Press, 2003.
- ARRIETA GALLASTEGUI, Miguel I. *Brujas asturianas*. Gijón: TREA, 1995.
- ARNS, P. E. *A técnica do livro segundo São Jerónimo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- ATIENZA, Juan G. *Gu a de las brujas en España*. Barcelona: Ar n, 1986.
- BAILEY, Michael. *Battling Demons: Witchcraft, Heresy and Reform in Middle Ages*. University Park: Pennsylvania University Press, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. S tima Edi o. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARRY, Jonathan & DAVIES, Owen. *Palgrave Advances in Witchcraft Historiography*. London: Palgrave/Macmillan, 2007.
- BARSTOW, Anne Lewellyn. *Witchcraze. A new history of european witch hunts*. New York, Harper Collins, 1995.
- BEHRINGER, Wolfgang. *Witches and Witch-Hunts. A Global History*. Cambridge: Polity Press, 2006.
- _____. *Witchcraft persecutions in Bavaria: Popular Magic, Religious Zealotry and reason of State in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. *The Shaman of Oberstdorf: Chonrad Stoeckhlin and the Phantoms of the Night*. Charlottesville: Virginia University Press, 1998.
- BERMEJO BARRERA, José Carlos. *Mitolog a y Mitos de la Hispania Prerromana I*. Madrid: Akal Ed., 1994.
- _____. *Mitolog a y Mitos de la Hispania Prerromana II*. Madrid: Akal Ed., 2005.
- BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da Magia. Feiticeiras, Adivinhos e Curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- BEVER, Edward. *The realities of witchcraft and popular magic in Early Modern Europe. Culture, cognition and everyday life*. London: Palgrave/Macmillan, 2008.
- BLÁZQUEZ MIGUEL Juan. *Eros y tanatos: Brujería, hechicería y superstición en España*. Madrid: Arcano, 1989.
- _____. *Inquisición y brujería en la Vecla del siglo XVIII*. Vecla: Ayuntamiento de Vecla, 1984.
- BORDES, François. *Brujos y brujas. Procesos de brujería en Gascuña y en el País Vasco*. Madrid: Ediciones Jaguar, 2006.

- BOUZA, Fernando. *Corre Manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Ediciones Marcial Pons, 2001.
- _____. *Imagen y propaganda. Capítulos de Historia Cultural en el Reinado de Felipe II*. Madrid: Akal Ed., 1998.
- _____. *Papeles y Opinión. Políticas de Publicación en el Siglo de Oro*. Madrid: CSIC, 2008. Monografías. Numero 33.
- BRIGGS, Robin. *Communities of Belief Cultural and social tensions in early modern France*. Oxford: Oxford University Press/Clarendon Paperbacks, 2001.
- _____. *Witches and Neighbours. The Social and Cultural Context of European Witchcraft*. London: Blackwell Publishing, 2002.
- BUTLER, E. M. *El Mito del Mago*. Madrid: Cambridge University Press, 1997.
- CAMPAGNE, Fabián Alejandro. *Homo Catholicus, Homo Supersticiosus. El discurso antisupersticioso en la España de los siglos XV a XVIII*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2002.
- CARO BAROJA, Julio. “La Brujas de Fuenterrabia (1611)”. *Revista de dialectología y tradiciones populares* 3 (1947): pp. 189-204.
- _____. *Las Brujas y su mundo*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.
- _____. *Brujería vasca*. San Sebastián: Txertoa, 1980.
- _____. *Inquisición, brujería y criptojudasmo*. Barcelona: Ariel, 1974.
- _____. *Los pueblos del norte de la península ibérica*. Madrid: Barna, 1943.
- _____. *Vidas mágicas e Inquisición*. Madrid: Istmo, 1992. Dois Volumes.
- _____. *Las formas complejas de la vida religiosa (siglos XVI y XVII)*. Madrid: SARPE, 1985.
- CIRAC ESTOPÁÑAN, Sebastián. *Los Processos de hechicerías en la Inquisición de Castilla la Nueva*. Madrid: Dianas, 1942.
- CIRUELO, Pedro. *Reprovação de las supersticiones y hechicerías (1538)*. Edición de José Luis Herrero Ingelmo. Salamanca: Diputación de Salamanca, 2003.
- CLARK, Stuart. *Pensando com Demônios. A Idéia de Bruxaria no Princípio da Idade Moderna*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- _____(org.). *Languages of Witchcraft. Narrative, Ideology and Meaning in Early Modern culture*. London/New York: Mc Millan and St Martin’s Press, 2001.
- COHN, Norman. *Europe’s inner demons. The demonization of christians in medieval christendom*. Revised edition. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- _____. *Los demonios familiares de Europa*. Madrid: Alianza Editorial, 1980. (Trad. do item acima)
- _____. *The Pursuit of the Millenium*. Oxford: Oxford University Press, 1970.
- _____. *En Pos del Milenio. Revolucionarios milenaristas y anarquistas místicos de la Edad Media*. Madrid: Alianza Ed., 1989. (Trad. do item acima)
- CORBAIN, Alain (Ed.) *Historia del Cristianismo*. Barcelona: Ariel, 2004.

- CORDENTE MARTÍNEZ, Heliodoro. *Brujería y hechicería en el Obispado de Cuenca*. Cuenca: Disputación Provincial, 1990.
- CORONAS TEJADA, Luís. *Unos años en la vida y reflejos de la personalidad del "Inquisidor de las Brujas."* Salamanca: Instituto de Estudios Giennenses, 1981.
- COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de. *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*. Edición de Felipe C. R. Maldonado. Revisión de Manuel Camarero. Madrid: 1995. [1611]
- DARST, D. H. "Witchcraft in Spain: The Testimony of Martin de Castega's Treatise on Superstition and Witchcraft (1529)." *Proceedings of the American Philosophical Society*. 123, (1979), pp. 298- 322.
- DAVIES, F. T. "Magic and Witchcraft in Post-Medieval Spain." *The Rationalist Annual*. (1948): 57-66.
- DAVIES, Owen. *Grimoires. A History of Magic Books*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _____. *Popular Magic: Cunning-folk in English History*. London: Habledom, 2003.
- _____. *The haunted. A social history of ghosts*. London: Palgrave, 2009.
- DAXELMÜLLER, Christoph. *Historia social de la magia*. Barcelona: Herder, 1997.
- DEDIEU, Jean-Pierre. "The Inquisition and Popular Culture in New Castille." **In:** Stephen
- DEL RÍO, Martín. *Investigations into Magic*. Edition by Peter Maxwell-Stuart. London: Palgrave, 2009.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- _____. *La péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIII^e-XVIII^e)*. Paris: Fayard, 1983.
- DÍAZ-PLAJA, Fernando. *La vida cotidiana en la España de la Inquisición*. Madrid: EDAF, 1996.
- DIOSCÓRIDES, Pedacio. *Libro de los Venenos. Edición de Andrés Laguna impresa en Amberes en 1555, organizada y comentada por Antonio Gamoneda*. Madrid: Siruela, 1999.
- DUBY, Georges. & PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres*. Madrid: Taurus, 2006. Cinco Volumes.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, Mircea. *Occultism, Witchcraft and Cultural Fashions. Essays in Comparative Religions*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Magia e Oráculo entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FAJARDO SPINOLA, Francisco. *Hechicería y brujería en Canarias en la edad moderna*. Las Palmas: Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria, 1992.

- FANGER, Claire. *Conjuring Spirits. Texts and traditions of medieval ritual magic*. Pennsylvania: Penn State University Press, 1998.
- FEBVRE, Lucien. *El Problema de la Incredulidad en el siglo XVI. La religión de Rabelais*. Madrid: Akal Ed., 1993.
- FERNANDEZ NIETO, Manuel. *Proceso a la brujería: En torno al auto de fe de los brujos de Zugarramurdi. Logroño, 1610*. Madrid: Tecnos, 1989.
- FERREIRA, José Ribeiro & FERREIRA, Luísa Nazaré. *As sete maravilhas do mundo antigo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- FLORES ARROYUELO, Francisco. *El Diablo en España*. Madrid: Alianza Ed., 1985.
- _____. *El Diablo y los españoles*. Murcia: Universidad de Murcia, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Las palabras y las cosas. Una arqueología de las ciencias humanas*. Madrid: Siglo Veintinuno, 2009.
- _____. *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 2002.
- FRAZER, James. George. *La Rama Dorada*. Trad. de Elisabeth e Tadeo I. Campuzano. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- GARCÍA ARENAL, Mercedes. *Los Moriscos*. Madrid: Editorial Nacional, 1975.
- GARCÍA CÁRCEL, Ricardo. *Orígenes de la Inquisición Española. El Tribunal de Valencia (1478-1530)*. Barcelona: Ediciones Península, 1985.
- GARCÍA CÁRCEL, Ricardo (ed.). *La construcción de las historias de España*. Madrid: Editorial Marcial Pons/Fundación Carolina, 2004.
- GARCÍA HOURCADE, Juan Luis & MORENO YUSTE, Juan Manuel. *Andrés Laguna. Humanismo, Ciencia y Política en la Europa Renacentista*. Ponencias del Congreso Internacional (Segovia, 22-26 de Noviembre de 1999). Valladolid: Junta de Castilla y León, 2001.
- GARCÍA QUINTELA, Marco V. *Mitología y Mitos de la Hispania Prerromana III*. Prólogo de José Carlos Bermejo Barrera. Madrid: Akal Ed., 1999.
- GARI LACRUZ, Ángel. *Brujería e inquisición en el Alto Aragón en la primera mitad del siglo XVII*. Zaragoza: Diputación General de Aragón, 1991.
- _____. *Brujería e inquisición en Aragón*. Zaragoza: DELSAN, 2007. (Reedición do anterior)
- _____. “Variedad de competencias en el delito de brujería en Aragón (1600-1650)”. In: PÉREZ VILLANUEVA, Joaquín (org.) *La Inquisición Española: Nueva visión, nuevos horizontes*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1980. pp. 319-27.
- GASKILL, Malcolm. *Crime and Mentalities in Early Modern Europe*. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.
- _____. *Witch finders. A seventeenth-century english tragedy*. London: John Murray, 2006.
- GIL DEL RIO, Alfredo. *Inquisición y brujería*. Madrid: Casset, 1992.
- GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. (1989)

- _____. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- _____. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- _____. “O Inquisidor como antropólogo: Uma analogia e suas implicações”. In: *A Micro-História e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL/Bertrand Brasil, 1991, pp. 203-214.
- GIVRY, Grillot de. *El museo de los brujos, magos y alquimistas*. Barcelona: Martínez Roca, 1991.
- GUAZZO, Francesco Maria. *Compendium Maleficarum*. Edited with introduction and notes by Montague Summers. New York: Dover Publications, 1989.
- HALICZER, Stephen. *Inquisition and Society in the Kingdom of Valencia, 1478-1834*. Berkeley: University of California, 1990.
- _____. *Inquisition and Society in Early Modern Europe*. London: Croom Helm, 1987.
- HARRIS, Marvin. *Vacas, cerdos, guerras y brujas. Los enigmas de la cultura*. Madrid: Alianza Editorial, 1997.
- HENNINGSEN, Gustav. “El ‘banco de datos’ del Santo Oficio: las relaciones de causas de la Inquisición española (1550-1700)”. *BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA*, 174, pp. 547-570, 1977.
- _____. *El abogado de las brujas. Brujería vasca e Inquisición española*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.
- _____. & TEDESCHI, J. (orgs.) *The Inquisition in Early Modern Europe: Studies on Sources and Methods*. DeKalb: Northern Illinois University Press, 1986.
- IDOATE, Florencio. *La brujería en Navarra y sus documentos*. Pamplona: Disputación Foral de Navarra, Institución de Viana/CSIC, 1978.
- _____. *Un Documento de la Inquisición sobre brujería en Navarra*. Pamplona: Aranzadi, 1972.
- JIMÉNEZ MONTESERÍN, Miguel. *Introducción a la Inquisición Española. Textos básicos para el estudio del Santo Oficio*. Madrid: Editora Nacional, 1980.
- KAPPLER, Claude. *Monstruos, demonios y maravillas a fines de la Edad Media*. Madrid: Akal Ed., 2004.
- KIECKHEFER, Richard. *European Witch Trials. Their foundation in popular and learned culture (1300-1500)*. London: Routledge & Kegan Paul, 1976.
- _____. *Magic in middle ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. *Forbidden Rites. A necromancer's manual of the fifteenth century*. Pennsylvania: Penn University Press, 1998.
- KOSELLECK, Reihardt. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed-PUC Rio, 2006.
- KROFER, Hans. *Hechizos y sortelejos*. Barcelona: Editors, 1987.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. *História dos camponeses na França*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Dois Volumes.
- _____. *La bruja de Jasmín*. Barcelona: Argos Vergara, 1984.

- LEFÈVRE, A. *Satan. Estudios sobre el adversario de dios*. Barcelona: Editorial Labor, 1975.
- LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1999.
- _____. *Lo Maravilloso y el Cotidiano en el Occidente Medieval*. Barcelona: Gedisa, 2008.
- LEVACK, Brian P. *La caza de brujas en Europa Moderna*. Madrid: Alianza Ed., 1995.
- LEVACK, Brian P. *The Witchcraft Sourcebook*. New York, Routledge, 2006.
- LIDA DE MALKIEL, Maria Rosa. *La Idea de Fama en La Edad Media Castellana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LISÓN-TOLOSANA, Carmelo. *Brujería, estructura social y simbolismo en Galicia*. Madrid: Akal Ed., 1987.
- _____. *Las Brujas en la historia de España*. Madrid: Temas de Hoy, 1992.
- _____. *La España Mental. El Problema del Mal: demonios y exorcismos en los Siglos de Oro*. Madrid: Akal Ed., 2004.
- NALLE, Sara Tilghman. *Loco por Dios. Bartolomé Sánchez, el mesías secreto de Cardenete*. Cuenca: Fundación de Cultura Ciudad de Cuenca/Ayuntamiento de Cardenete, 2009.
- MACFARLANE, Alan. *Witchcraft in Tudor and Stuart England*. London, 1999.
- MAGGI, Armando. *Satan's Rethoric. A Study of Renaissance Demonology*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- _____. *In the company of demons. Unnatural beings, love and identity in Italian Renaissance*. Chicago: Chicago University Press, 2006.
- MALINOWSKI, B. *Magia, ciencia, religión*. Barcelona: Ariel, 1982.
- MANDROU, Robert. *Feiticeiros e Magistrados na França do século XVII*. São Paulo: Perspectiva: 1982.
- _____. *Possession et Sorcellerie au XVII^e siècle*. Paris: Fayard, 1979.
- MARTÍN SOTO, Rafael. *Magia y Vida Cotidiana. Andalucía (siglos XVI y XVII)*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2008.
- MARTÍNEZ, Elviro. *Brujería asturiana*. León: Everest, 1987.
- MARTÍNEZ MILLÁN, J. *La Corte de Felipe II*. Madrid: Alianza Ed., 1994.
- MARWICK, Max (ed.). *Witchcraft and sorcery*. Baltimore: Penguin Books, 1970.
- MATHIESEN, Robert. "The Key of Salomon: Toward a Typology of the Manuscripts". SOCIETAS MAGICA. Issue 17, Spring 2007, pp. 01-10.
- MESSADIE, Gerald. *História Geral do Diabo*. Lisboa: Europa-América, 2001.
- _____. *História Geral de Deus*. Lisboa: Europa-América, 2001.
- MICHELET, Jules de. *A Feiticeira*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MIDELFORT, Eric H. C. *Witch hunting in southwestern Germany (1562-1684). The social and the intelectual foundations*. Stanford: Stanford University Press, 1972.

- MONTER, E. William. *Frontiers of Heresy: The Spanish Inquisition from the Basque Lands to Sicily*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MORENO, Doris. *La Invención de la Inquisición*. Madrid: Editorial Marcial Pons/Fundación Carolina, 2004.
- MORGADO GARCIA, Arturo. *Demonios, magos y brujas en la España moderna*. Cadiz: Ed. Universidad de Cádiz, 1999.
- MUCHEMBLED, Robert. *La Sorcière au village (XV-XVIIIème siècle)*. Paris: Gallimard, 1991.
- _____. *L'Invention de l'homme moderne. Culture et sensibilités en France du XV au XVIIIème siècle*. Paris: Hachette, 1994.
- _____. *Prophètes et Sorciers dans le Pays-Bas (XV^e-XVIIIème siècle)*. Paris: Hachette, 1978.
- _____. *Culture Populaire et Culture des Élités dans la France moderne. (XV-XVIIème siècle)*. Paris: Flammarion, 1991.
- _____. *Le Roi et la Sorcière. L'Europe des bûchers (XV-XVIIIème siècle)*. Paris: Desclée, 1993.
- _____. *Société, Cultures et Mentalités dans la France moderne (XV-XVIIIème siècle)*. Paris: Armand Colin, 1994.
- _____. *Magie et Sorcellerie en Europe du Moyen Age à nos jours*. Paris: Armand Colin, 1994.
- _____. *Les Temps des Suplices. De l'obéissance sous les rois absolus (XV^e-XVIII^e siècle)*. Paris: Armand Colin, 1992.
- _____. *Una Historia del Diablo. Siglos XII-XX*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- _____. *Sorcière, Justice et Société aux 16^e et 17^e siècles*. Paris: Imago, 1987.
- _____. *L'Orgasme et L'Occident. Une histoire du plaisir du XVI^e siècle à nos jours*. Paris: Seuil, 2005.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. "Sexuality and Desire: The Witches of Castille". *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA*. 15, (1987-8), pp. 169-84.
- _____. *Universo Mágico e Realidade. Aspectos de um contexto cultural: Castela na Modernidade*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP, 1980.
- MUÑOZ CALVO, Sagrario. *Inquisición y Ciencia en la España Moderna*. Madrid: Editora Nacional, 1977.
- PALACIOS, Modesto Laza. *El laboratio de celestina*. Málaga, 1958.
- PEÑA SANTIAGO, Luís Pedro. *La Ruta de los brujos: Travesía insolita a través de Navarra, Guipúzcoa y Álava*. San Sebastián: Txertoa, 1986.
- PINTO CRESPO, Virgilio. *Inquisición y control ideológico en la España del siglo XVI*. Madrid: Taurus, 1983.
- PLADEVALL I FONT, Antoni. "Persecutió de bruixes a les comarques de Vic a principio del segle XVII". *MONOGRAFIES DEL MONTSENY*, 1, 1986.

- PUERTO, Javier. *La Leyenda Verde. Naturaleza, sanidad y ciencia en la corte de Felipe II*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 2003.
- PUYOL BUIL, Carlos. *Inquisición y Política en Felipe IV. Los procesos de Jerónimo de Villanueva y las monjas de San Placido*. Madrid: CSIC, 1993.
- QUAIFE, G. R. *Godly Zeal and Furious Rage. The witch in Early Modern Europe*. Beckenham: Croom Helm, 1987.
- REMY, Nicolas. *Demonolatry. An Account of the Historical Practice of Witchcraft*. Edited with introduction and notes by Montague Summers. New York: Dover Publications, 2008.
- RIVERA, Francesco. *Remei amatoris, pactes amb el dimoni, encanteris, per a saber de persones absents, cercadors de tresors, remeis per a la salut: bruixes i burixots davant la inquisició de Mallorca en el segle XVII*. Barcelona: Olañeta, 1979.
- RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- ROBISHEAUX, T. *The Last Witch Of Langenburg. Murder in a German Village*. New York: W. W. Norton & Co., 2009.
- RODRIGUEZ, Marie-Christine. *Deux procès de sorcellerie devant l'inquisition de Tolède aux XVIe et XVIIe siècles*. Paris: Hachette, 1976.
- RODRIGUEZ-VIGIL RUBIO, Juan Luís. *Brujas, lobos y inquisición: El proceso de Aña Maria Garcia, la lobera*. Oviedo: Nobel, 1996.
- ROPER, Lyndal. *Witch Craze. Terror and Fantasy in Baroque Germany*. Yale: Yale University Press, 2004.
- _____. *Oedipus and the Devil. Witchcraft, Sexuality and Religion in Early Modern Europe*. London: Routledge, 1994.
- ROPER, Jonathan. *Charms, charmners and charming. International research on verbal magic*. London: Palgrave/Macmillan, 2009.
- ROWLANDS, Alison (ed.) *Witchcraft and Masculinities in Early Modern Europe*. London: Palgrave/Macmillan, 2009.
- RUSSEL, Jeffrey Burton & ALEXANDER, Brooks. *A New History of Witchcraft*. London: Thames and Hudson, 1999.
- _____. *The Devil: Perceptions of Evil From Antiquity to Primitive Christianity*. Ithaca: Cornell University Press, 1977.
- _____. *Lucifer. The Devil in the Middle Ages*. Ithaca: Cornell University Press, 1982.
- _____. *Satan: the Early Christian Tradition*. Ithaca: Cornell University Press, 1981.
- _____. *Mephistopheles. The Devil in the Modern World*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- _____. *Witchcraft in the Middle Ages*. New York, 1972.
- _____. *The Prince of Darkness. The radical evil and the power of good in history*. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

- SÁNCHEZ ORTEGA, Maria Helena. *La Mujer y la sexualidad en el antiguo régimen: la perspectiva inquisitorial*. Madrid: Akal Ed., 1992.
- _____. "Women as the Source of Evil in Counter-Reformation Spain". In: CRUZ, Anne J. & PERRY, Mary Elizabeth (org.) *Culture and Control in Counter-Reformation Spain*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. 196-215.
- _____. *Ese viejo diablo llamado amor. La magia amorosa en la España moderna*. Madrid: Ediciones UNED, 2004.
- SÁNCHEZ GRANJEL, L. *Aspectos médicos de la literatura antisupersticiosa española de los siglos XVI y XVII*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 1953.
- SCHMITT, Jean Claude. *Os vivos e os mortos*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- SCHULTE, Rolf. *Man as witch. Male witches in central Europe*. London: Palgrave/Macmillan, 2009.
- SCHWARTZ, S. *Cada um na sua lei. Tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- SPRENGER, J. & KRAMER (INSTITORIS), H. *El Martillo de las Brujas. Para golpear a las brujas y sus herejías con poderosa maza*. Madrid: Ed. Felmar, 1976.
- STEPHENS, Walter. *Demon Lovers. Witchcraft, Sex, and Crisis of Belief*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- STEWART, Pamela J. & STRATHERN, Andrew. *Brujería, hechicería, rumores y habladurías*. Madrid: Akal Ed., 2008.
- SUMMERS, Montag. *The history of witchcraft and demonology*. New York: Dover Publications, 2007.
- _____. *The Werewolf in Lore and Legend*. New York: Dover Publications, 2003.
- _____. *The Witchcraft and Black Magic*. New York: Dover Publications, 2000.
- _____. *The Popular History of Witchcraft*. New York: Dover Publications, 2006.
- _____. *The Geography of Witchcraft*. New York: Dover Publications, 2000.
- TAUSIET, María. *Un proceso de brujería abierto en 1591 por el Arzobispo e Zaragoza (contra Catalina García, vecina de Peñarroya)*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 1988.
- _____. *ABRACADABRA OMNIPOTENS. Magia urbana en Zaragoza en la Edad Moderna*. Madrid: Siglo Veintiuno, 2007.
- _____. *Ponzoña en los ojos. Brujería y superstición en Aragón en el siglo XVI*. Madrid: Turner, 2004.
- _____. & AMELANG, James S. (orgs.). *El diablo en la Edad Moderna*. Madrid: Ediciones Marcial Pons, 2004.
- _____. *Los Posesos de Tosos. Brujería y Justicia Popular en Tiempos de Revolución (1812-1814)*. Zaragoza: Instituto Aragones de Antropología, 2002.
- TAVERA, J. M. *El libro de las brujas*. Barcelona: Edit. Maucci, 1958.
- THIRY, Monique Combescure (ed.) *El Libro Verde de Aragón*. Zaragoza: Certeza, 2003.

- THOMAS, Keith. *Religion and the Decline of Magic: Studies in popular beliefs in sixteenth and seventeenth century England*. London: Penguin, 1991. Reprint.
- _____. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- TORQUEMADA, Antonio de. *Jardín de Flores Curiosas*. Simancas/Palencia: El Parnasillo, 2007.
- TORQUEMADA, Maria de Jesús. *La inquisición y el diablo*. Sevilla: Ed. Universidad de Sevilla, 2000.
- TREVOR-ROPER, H. R. *Religião, Reforma e Transformação Social*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1981.
- VAUCHEZ, André. *Saints, Prophètes et Visionnaires: le pouvoir surnaturel au Moyen Âge*. Paris: Fayard, 1999.
- _____. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental (séc.VIII-XIII)*. Lisboa: Estampa, 1995.
- VIGARELLO, Georges (org.). *Historia Del Cuerpo*. Madrid: Taurus, 2005. Três Volumes.
- VILANOVA, Arnaldo de. *Escritos condenados por la Inquisición*. Introducción, Traducción y notas de Elena Cánovas y Félix Piñero. Madrid: Editora Nacional, 1976.
- VILLARÍN, Juan. *La hechicería en Madrid: Brujas, maleficios, encantamientos y sugerencias de la villa y corte*. Madrid: Avapies, 1993.
- WAITE, Gary K. *Heresy, Magic and Witchcraft in Early Modern Europe*. London: Palgrave/Mc Millan, 2003.
- YATES, Frances. A. *La filosofía oculta en la época isabelina*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- _____. *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- _____. *El Iluminismo Rosacruz*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

ANEXO - Archivo Histórico Nacional – Madrid – Réus Homens do Tribunal de Zaragoza nos Livros da Inquisição (1540-1700)

Libro 988 (1540-1581)

1. Melchiorin Fols. 16r., 17v. e 31v.

Idade: -

Profissão: -

Natural: Navarra

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Blasfêmia

Crimes Secundários:

Sentença: Relaxado ao braço secular no cadafalso, com mordaza e açoites nos cárceres secretos.

2. Antonio Filleras Fol. 25v.

Idade: -

Profissão: Clerigo

Natural: Toulouse (França)

Residente: Zaragoza ?

Crime Principal: Necromancia

Crimes Secundários:

Sentença: Abjuração de *vehementi*, suspenso de sua ordem por toda sua vida e reclusão em um mosteiro *ad arbitrium*

3. Joan de Tarba Fol. 98r.

Idade: “mozo”

Profissão:

Natural: Oloron (França)

Residente: Puelas (Aragão)

Crime Principal: Necromancia

Crimes Secundários:

Sentença: Abjuração *de levi* em auto de catedral (Pilar), açoites públicos em Zaragoza, desterro do distrito por quatro anos

4. Anton de Aguilar Fol. 180r.

Idade: -

Profissão: tecedor

Natural: Ribarroja (Cataluña)

Residente: Puelas (Aragão)

Crime Principal: Necromancia

Crimes Secundários:

Sentença: Desterro do distrito por um ano e se não cumprisse tal penitência que a cumprisse dobrado

5. Pedro Sólón, mourisco Fols. 505r. – 506v.

Idade: 38

Profissão: maestro de esgrima

Natural: Alfamen (Aragão)
Residente: Monzón (Aragão) atuando
Crime Principal: Necromancia, Feitiçaria
Crimes Secundários: Invocação de demônios
Sentença: Auto, carocha e vela abjuração *de vehementi*, açoitado publicamente em Zaragoza e galeras ao remo sem pagamento por cinco anos

Libro 989 (1582-1596)

6. Don Blas de Ursino Fol. 13r.

Idade: 20

Profissão: errante, mendigo ?

Natural: Itália

Residente: Zaragoza ?

Crime Principal: Necromancia

Crimes Secundários: -

Sentença: Açoites nos cárceres secretos e desterrado do distrito

7. Juan de la Marca ats. Fols. 203v. – 204r.

Idade: 40

Profissão: pecúnia, salteador

Natural: Béarn (França)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria

Crimes Secundários: Proposições heréticas

Sentença: Açoitado publicamente por Zaragoza e desterrado da vila quatro léguas de distância por cinco anos

8. Damian Amedon, nuevo convertido de moros Fol. 234v.

Idade: mais de 60

Profissão: -

Natural: -

Residente: Urrea de Ixar (Aragão)

Crime Principal: Superstição, Feitiçaria

Crimes Secundários: -

Sentença: Suspenso

9. Lagata Pedro el Gaço, morisco Fols. 277 r. – 277v.

Idade: 70

Profissão: -

Natural: Lagata (Aragão)

Residente: Litux, lituso (Zaragoza)

Crime Principal: Necromancia, Tesorero, Saludador

Crimes Secundários: Islamismo

Sentença: Hábito e prisão por toda sua vida onde lhe será designado e por ser tão velho não se lhe deram galeras

10. Pedro Berbedel morisco Fols. 626r. – 626v.

Idade: 40

Profissão: pastor

Natural: Rueda del Jalón (Aragão) ?

Residente: Rueda del Jalón (Aragão)

Crime Principal: Invocação de demônios, saludador

Crimes Secundários: Islamismo

Sentença: Condenado a reconciliação em forma em auto público de fé, hábito e cárceres secretos por dez anos e os cumpra nas galeras *de galeote* no remo sem pagamento

11. Pedro Chamel morisco S/Fols.

Idade: 34

Profissão: tratante

Natural: Rueda del Jalón (Aragão) ?

Residente: Rueda del Jalón (Aragão)

Crime Principal: Invocação de demônios

Crimes Secundários: Islamismo

Sentença: Condenado a auto público de fé no qual fosse reconciliado em forma hábito e cárceres secretos por seis anos nos quais cumpra nas galeras de sua Magestade *de galeote* para o Reino sem pagamento

12. Bernard Correas Fol. 769v.

Idade: 40

Profissão: fustero

Natural: Uxeu, Beárn (França)

Residente: Ocito, Huesca (Aragão)

Crime Principal: Feitiçria

Crimes Secundários: Apostasia (*latria daemonis*)

Sentença: Abjuração *de levi* e seis anos nas galeras no remo sem pagamento

13. Juan Beltran Correas Fol. 769v.

Idade: 31

Profissão: cubero

Natural: Uxeu, Beárn (França)

Residente: Ocito, Huesca (Aragão)

Crime Principal: Feitiçria

Crimes Secundários: -

Sentença: Abjuração *de levi* e desterro de todo el distrito desta Inquisição por dois anos precisos

Libro 990 (1597-1608)

14. Fray Pedro Perez Berreño Fols. 87v. – 88v.

Idade: 67

Profissão: Monge do convento de Nossa Senhora de Pedra da Ordem de São Bernardo

Natural:

Residente:

Crime Principal: Necromancia, Buscador de Tesouros

Crimes Secundários: -

Sentença: Condenado a que, em sala de audiência, fosse lida sua sentença e fosse repreendido gravemente na presença de quatro curas das paroquiais desta cidade e de quatro religiosos confessores abjure *de levi* e privado perpetuamente de confessar homens e mulheres e de voto ativo e passivo em sua ordem e que fique recluso no mosteiro que se lhe assinalar sem poder sair pelo espaço de quatro anos e nele seja o último dos sacerdotes nas juntas e congregações assim no coro como no refeitório e procissões e que se lhe notifique a sentença ao prelado do convento onde ficasse recluso para que conste sua penitência e se lhe faça cumprir. Enviado o processo a V. S. mandou o mesmo e que por espaço de quatro anos fosse suspenso de proferir missa executou-se a seis de Março, e se lhe assinalando o Mosteiro de Veruela de sua ordem e entregou-se ao abade dele com cópia de sua sentença

15. Anton Carrasco Fol. 283r.

Idade: 34

Profissão: lavrador

Natural: Zaragoza?

Residente: Zaragoza Atua em Fraga

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Visto em consulta foi condenado a repreensão em sala e seis meses de desterro desta cidade da Vila de Fraga

16. Guillen de Tolosa Fols. 317r. – 318r.

Idade: 52

Profissão: ganadero mayor

Natural: Gascogne (França)

Residente: Torres

Crime Principal: Feiticeiro (Lobero)

Crimes Secundários: Apostasia

Sentença: Foi condenado a que em auto público da fé abjurasse *de vehementi* e lhe fossem dados cem açoites e recluso por um ano em um mosteiro e por três anos desterrado do Bispado de Huesca e desta cidade

17. Martin de Sosín Fols. 626v. – 629v.

Idade: 40

Profissão: clérigo presbítero racionero de la Iglesia de la Villa de Zuera

Natural: Zaragoza ?

Residente: Zuera (Zaragoza)

Crime Principal: Necromancia, Feitiçaria

Crimes Secundários: Invocação de demônios

Sentença: Saísse em auto público da fé onde se leia sua sentença e abjure *de vehementi*, seja suspenso do exercício das ordens que têm e administração dos santos sacramentos pelo tempo de dez anos e que os três primeiros anos fique recluso no convento que lhe seja assinalado e seja absolvido *ad cautelam*

18. Pero Cortés cristiano viejo Fols. 631v. – 632v. e 702r. – 703r.

Idade: 34

Profissão: moinheiro

Natural: França

Residente: Bordon (Zaragoza)

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários: Invocação de demônios

Sentença: Condenado a que em auto público da fé abjure *de levi* com insígnias de feiticeiro e desterrado do distrito por dois anos e no outro dia do auto sejam dados cem açoites

19. Geronimo Nadal Deligarte Fols. 645r. – 646v. e 711r. –

Idade: 37

Profissão: foi estudante de direitos, soldado, prognóstico

Natural: Cariñena (Aragão)

Residente: Zaragoza atua, França

Crime Principal: Astrólogo, Necromante e Feiticeiro

Crimes Secundários: Luteranismo

Sentença: Condenado a que na sala do segredo seja repreendido e abjure *de levi* desterrado de Zaragoza e da vila de Cariñena com seis léguas de contorno por dois anos um preciso e outro voluntário e que não passe aos Reinos da França nem exercite a astrologia judiciária nem faça prognósticos nem tenha papéis de quiromancia nem outros livros e papéis proibidos nem trate mais de imprimir o livro do sino da vila nem do que nele contém sob pena de ser castigado com todo rigor de Deus

20. Mossen Martín de Sosín Fols. 699r. – 700v.

Idade: 40

Profissão: clérigo presbítero racionero de la Villa de Zuera

Natural: Zaragoza ?

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Busca de Tesouros

Crimes Secundários: Islamismo, Posse de Livros Proibidos

Sentença: Abjuração *de vehementi*, auto de fé, prisão *por toda su vida*, multa de 20 ducados

21. Pedro Cortés cristiano viejo Fols. 702r. – 703r.

Idade: 34

Profissão: moinheiro

Natural: França

Residente: Berdun (Zaragoza)

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários: Proposições Heréticas e Malsonantes, Invocação de Demônios

Sentença: Condenado a que em auto público de fé abjurasse *de levi* com insígnias de feiticeiro e desterrado do distrito por dois anos e no dia se lhe dêem 100 açoites

22. Geronimo Nadal de Ligarte/Lijarte Fols. 711r. – 712r.

Idade: 37

Profissão: Estudante de Direito, Soldado

Natural: Cariñena

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários: Adivinhação (Quiromancia), Astrologia

Sentença: Repreendido, *abjure de levi* e desterrado de Zaragoza e de Cariñena com um perímetro de seis léguas por dois anos um preciso e um voluntário e que não passe aos Reinos da França nem exercite a astrologia judiciária nem faça prognósticos nem tenha papéis de quiromancia nem otros livros nem papéis proibidos nem trate mais de imprimir o livro da campana da Vila nem o que nele se contém sob pena de ser castigado com todo rigor de direito

Libro 991 (1609-1628)

23. Geronimo Oller Fols. 338r. – 340v.

Idade: 55

Profissão: clérigo presbítero beneficiado na Catedral de Barcelona

Natural: Manresa (Cataluña)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Astrologia

Crimes Secundários: -

Sentença: *Abjure de levi* seja absolvido *ad cautelam* suspenso perpetuamente de suas ordens, privado de beneficio e desterrado perpetuamente dos Reinos da Espanha

24. Gabriel Monteche, o “Saludador de Daroca” Fols. 467v. – 470r.

Idade: 38

Profissão: sapateiro

Natural: Daroca

Residente: Daroca

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Invocação de Demônios

Sentença: Abjuração *de levi* e desterro do distrito por dois anos e cem açoites

25. Mossen Moniarrarte Guardiola Fol. 529r. – 529v.

Idade: -

Profissão: clérigo presbítero beneficiado da Igreja paroquial da Vila de Fraga

Natural: -

Residente: Fraga

Crime Principal: Adivinhação

Crimes Secundários: Posse de Livros Proibidos

Sentença: Repreendido

26. Pedro San Martin Fols. 529v. – 530r.

Idade: -

Profissão: clérigo presbítero beneficiado da paróquia da Vila de Benavarre

Natural: -

Residente: Benavarre
Crime Principal: Saludador, Adivinho
Crimes Secundários: Feitiçaria, Necromancia
Sentença: Suspensa

27. Juan Ruiz de Castelblanco Fols. 530r. – 531r.

Idade: 35
Profissão: -
Natural: Monzon
Residente: Monzon
Crime Principal: Adivinho
Crimes Secundários: Exorcista
Sentença: Repreendido na visita e gravemente se lhe mandou que não fizesse ditas coisas

28. Gerónimo de Liébana, “por outro nome fingido de Juan Calvo” Fols. 566r. – 569r.

Idade: 32
Profissão: sacerdote
Natural: Ortiguela (Burgos)
Residente: Zaragoza, Burgos, Cuenca, Ortiguela
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia
Crimes Secundários: Invocação de Demônios
Sentença: Abjuração de *vehementi*, com açoites, desterro perpétuo deste distrito, oito anos em galeras ao remo sem pagamento

29. Francisco de Alos Fols. 569r. – 572v.

Idade: 40
Profissão: Alfaiate
Natural: Zaragoza
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia
Crimes Secundários: Invocação de demônios, Astrologia
Sentença: Abjuração de levi, desterro do distrito por quatro anos, multa de cem ducados para despesas do Santo Ofício

30. Hernando de Moros Fols. 572v. – 575r.

Idade: 29
Profissão: pintor
Natural: Zaragoza
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia
Crimes Secundários: -
Sentença: repreendido, desterrado do distrito por quatro anos precisos, 50 ducados de multa

31. Alonso Torrijos Fols. 575r. – 577v.

Idade: 26
Profissão: Bacharel em (Leyes) Direito

Natural: Zaragoza
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia
Crimes Secundários: -
Sentença: Abjurasse *de levi*, repreendido, desterrado do distrito da Inquisição por quatro anos precisos, multa de 200 ducados

32. Agustín Leonardo Fols. 577v. – 580r.
Idade: 27
Profissão: -
Natural: Zaragoza
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia
Crimes Secundários: -
Sentença: repreendido, abjuração *de levi*, multa de 50 ducados

33. Juan Navarro de Bordaberri Fols. 580r. – 582v.
Idade: 55
Profissão: notário
Natural: Ejea de Los Caballeros
Residente: Ejea de Los Caballeros
Crime Principal: Astrologia
Crimes Secundários: Adivinhação
Sentença: Abjuração *de levi*, repreendido, desterro por cinco anos precisos, cem ducados de multa

34. Juan Escala Fols. 583r. – 584v.
Idade: 38
Profissão: notário
Natural: Benabarre
Residente: Benabarre
Crime Principal: Proposições Heréticas e/ou Malsonantes
Crimes Secundários: -
Sentença: Gravemente repreendido e abjure *de levi* e seja condenado em cinquenta ducados para os gastos do Santo Ofício

35. Andrés Mascaron Fols. 619r. – 620v.
Idade: 40
Profissão: saludador
Natural: Barbastro
Residente: errante
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: suspenso

36. Francisco Casabona alias Sebastian Ferrer Fols. 680v. – 686v.
Idade: 21
Profissão: saludador
Natural: Alvera

Residente: Pueyo, Panticosa, Biescas, Bubal (atua)
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Cem açoites, desterro por dez anos e seis primeiros sirva nas galeras sem salário

37. Mossen Isidoro Guiu Fols. 977r. – 977v.

Idade: 33
Profissão: clérigo presbítero religioso foi professo da Orden de San Agustin
Natural: San Per de Calanda
Residente: San Per de Calanda
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Busca de Tesouros
Crimes Secundários: Posse de Livros Proibidos
Sentença: -

“SUSPENSO POR LOCO”

Jayme Caberrini Fol. 991 r.

Idade: 78
Profissão: alfaiate
Natural: Uxen, Tarba (França)
Residente: Huesca
Crime Principal: louco
Crimes Secundários: -
Sentença: não foi julgado por falta de entendimento

Libro 992 (1630-1643)

38. Fray Vicente Ferrer Fols. 104v. – 105v.

Idade: 30
Profissão: sacerdote trinitário e procurador do colégio dos trinitários de Zaragoza
Natural: Valencia
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia
Crimes Secundários: Posse de livros proibidos
Sentença: suspenso

39. Pedro Montalbán Fols. 117r. – 122r.

Idade: 22
Profissão: clérigo de Menorca
Natural: Azuara (Zaragoza)
Residente: Azuara (Zaragoza)
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Busca de tesouros
Crimes Secundários: -
Sentença: Absolvido e dado por livre

40. Miguel Calvo Fols. 122r. – 124v.

Idade: 22
Profissão: -
Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Busca de Tesouros
Crimes Secundários: -
Sentença: Abjuração *de levi*, desterro cinco anos sob pena de cumpri-los dobrados nas galeras

41. Luis da Gama e Vasconcelos Fols. 124v. – 127r.

Idade: 32
Profissão: -
Natural: Lisboa (Portugal)
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Busca de tesouros
Crimes Secundários: -
Sentença: abjuração *de levi*, insígnias de feiticeiro, desterro por três anos a lugares da costa ou Tânger, prisão real

42. Augustin Sanz Fols. 127r. – 129r.

Idade: 56
Profissão: tafetanero
Natural: Zaragoza
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Busca de Tesouros
Crimes Secundários: -
Sentença: Absolvido

43. Pedro Benac relação muito extensa Fols. 243v. – 246v.

Idade: 34
Profissão: sapateiro
Natural: Benac (França)
Residente: Fresneda
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: Adivinho, vidente
Sentença: Abjuração *de levi*, repreendido, proibido de usar curas, desterro de sua Vila cinco léguas por quatro anos

44. Bernat Tolon Fols. 246v. – 247v.

Idade: 26
Profissão: pelayre
Natural: Monenses (França)
Residente: Belchite
Crime Principal: Feitiçaria
Crimes Secundários: Adivinho, Identificador de bruxas
Sentença: repreendido

45. Antonio la Rana Fols. 247v. – 248v.

Idade: 40
Profissão: alfaiate
Natural: Fons

Residente: Pon de Montañana
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Suspenso. Réu doente, não pôde cumprir sentença

46. Pedro Arruebo Fols. 248v. – 251v.

Idade: 24
Profissão: lavrador
Natural: TramaCastilla
Residente: TramaCastilla
Crime Principal: Feitiçaria
Crimes Secundários: Invocação de demônios
Sentença: repreendido, desterro deste Reino por seis anos, 200 açoites, 5 anos nas galeras sem pagamento, multa de 40 ducados para o Santo Ofício

47. Jorge Nuñez Piñeiro Fols. 290v. – 294r.

Idade: 24
Profissão: médico
Natural: Lisboa
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria amorosa
Crimes Secundários: Invocação de diabos
Sentença: Suspenso. Advertido e repreendido

48. Jacinto de Bargas Fols. 309r. – 310v.

Idade: 38
Profissão: médico
Natural: Navarrete
Residente: -
Crime Principal: Identificador de bruxas
Crimes Secundários: Astrologia
Sentença: Absolvido, repreendido e advertido

49. Juan Tayan Fols. 574r. – 576r.

Idade: 45
Profissão: estereiro, soldado
Natural: Binacet
Residente: Binacet
Crime Principal: Feitiçaria
Crimes Secundários: Curandeirismo
Sentença: Abjuração *de levi*, desterro com seis léguas de perímetro de Binacet, 200 açoites

Fol. 100fls

50. Pedro Arruebo Fols. 248v. – 251v.

Idade: 24
Profissão: lavrador
Natural: TramaCastilla
Residente: TramaCastilla

Crime Principal: Feitiçaria

Crimes Secundários: Invocação de demônios

Sentença: repreendido, desterro deste Reino por seis anos, 200 açoites, 5 anos nas galeras sem pagamento, multa de 40 ducados para o Santo Ofício

51. Juan de Sarrat Fols. 644v. – 648v.

Idade: 63

Profissão: cirurgião

Natural: Oloron (França)

Residente: Panticosa

Crime Principal: Saludador solicitante

Crimes Secundários: -

Sentença: suspenso

52. Henrique Bombal Polus Fols. 648v. – 656v.

Idade: 24

Profissão: Soldado

Natural: Berna (Suíça)

Residente: Zaragoza (esteve)

Crime Principal: Protestantismo

Crimes Secundários: Invocação de demônios

Sentença: Abjuração, recluso em um mosteiro, instruído em coisas da fé

53. Pedro Moliner Fols. 676r. – 685r.

Idade: 41

Profissão: Religioso trinitário Teólogo da Universidade de Lérida

Natural: Lérida

Residente: -

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários: Invocação de demônios

Sentença: Repreendido e absolvido

54. Jeronimo Juan Ferrer Fols. 758v. – 767v.

Idade: 23/24

Profissão: erbolario

Natural: Inca (Mallorca)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Busca de Tesouros

Crimes Secundários: -

Sentença: Abjuração *de levi*, repreendido, desterro por dez anos

Libro 993 (1644-1648)

55. Francisco Alvarez Fols. 27r. – 30r.

Idade: 23/24

Profissão: soldado

Natural: Edarque (Portugal)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria

Crimes Secundários: Adivinho

Sentença: Confessasse e comungasse três vezes por semana e que todos os sábados se uma ao rosário de Nossa Senhora

56. Juan de la Guarda Fols. 284v. – 284v.

Idade: 35/36 há vinte na Espanha

Profissão: Guarda de gado

Natural: Viela de Macio (França)

Residente: Loire (França)

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: -

Libro 994 (1649-1652)

57. Francisco Beltran Fols. 10r. – 12v.

Idade: 41

Profissão: presbítero da Ordem de Nuestra Señora de la Victoria

Natural: Mallorca

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Astrologia

Crimes Secundários: -

Sentença: repreendido

58. Juan Terrada Fols. 32r. – 38v.

Idade: 53

Profissão: religioso dominicano

Natural: Graos

Residente: Graos

Crime Principal: Adivinho profético, vidente

Crimes Secundários: Feiticeiro

Sentença:

59. Miguel Melchor Aguado Fols. 451r. – 452v.

Idade: 24

Profissão: cirurgião

Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários: -

Sentença: Repreendido

Libro 995 (1653-1657)

60. Antonio Cortes Fols. 13r. – 16r.

Idade: -

Profissão: presbítero franciscano capuchinho

Natural:

Residente: Aranda

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Repreendido e advertido, proibido de realizar curas, multa de 50 ducados, seis meses reclusos e mais seis meses apenas assistindo os serviços religiosos

61. Francisco Alvarez Fols. 16r. – 17r.

Idade: mais de 40

Profissão: mecador

Natural: Calatayud

Residente: Calatayud

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Repreendido e advertido, não fizesse mais curas

62. Mateo Longa Fols. 17r. – 18r.

Idade: -

Profissão: professor de crianças

Natural: Munebrega

Residente: Munebrega

Crime Principal: Superstição (bricadeira supersticiosa)

Crimes Secundários: -

Sentença: Repreendido e Advertido

63. Geronimo Medina Fols. 18v. – 19r.

Idade: -

Profissão: -

Natural: Tudela (Navarra)

Residente: Almunia

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Advertido e repreendido

64. Francisco Sanchez Fols. 19r. – 20r.

Idade: -

Profissão: tecedor

Natural: Almunia

Residente: Almunia

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Repreendido e advertido

65. Juan Miguel de Esposa y Sinto Fols. 20r. – 27v.

Idade: -

Profissão: -

Natural: Sadana

Residente: Almunia

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Repreendido e advertido

66. Diego Geronimo Montero Fols. 29v. – 34v.

Idade: 22

Profissão: notário

Natural: Ambel

Residente: Varonia de los Fayos

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários:

Sentença: Repreendido

67. Mosen Diego de Fuertes Fols. 29r – 34v.

Idade: 30

Profissão: clérigo presbítero racionero de la Catedral del Pilar de Zaragoza

Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria

Crimes Secundários: -

Sentença: Recluso em convento, desterro, Abjuração *de levi*

68. Miguel Giral Fols. 142r. – 152r.

Idade: -

Profissão: pastor

Natural: Gomyde

Residente: Tudela (Navarra)

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Exorcista

Sentença: repreendido e advertido, preso em um convento durante um ano com confissão constante

69. Juan de Berges relação muito extensa Fols. 195v. – 197v.

Idade: 24

Profissão: torcedor de panos de ceda

Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria

Crimes Secundários: -

Sentença: repreendido

70. Manuel de Gromendadi Fols. 231r. – 236r.

Idade: -

Profissão: presbítero da Igreja de Santa Maria de Calatayud

Natural: -

Residente: Calatayud

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários: -

Sentença: advertido, repreendido, desterro de Calatayud por dois anos voluntários, proibido de praticar quiromancia

71. Domingo de Castejon Fols. 290r. – 294r.

Idade: -

Profissão: Licenciado en leyes

Natural: Calatayud

Residente: Calatayud

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários: -

Sentença: advertido e repreendido, desterro com oito léguas de perímetro

72. Juan de Val Fols. 586r. – 596v.

Idade: 61

Profissão: sapateiro

Natural: Panticosa

Residente: Gelesa

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: suspenso

73. Pedro Joro Fols. 616v. – 621r.

Idade: 24

Profissão: tecedor

Natural: Oloron (França)

Residente: Oloron (França)

Crime Principal: Identificador de bruxas e feiticeiro

Crimes Secundários: -

Sentença: repreendido e advertido, desterro com oito léguas de perímetro por seis anos

Libro 996 (1658-1660)

74. Francisco Gerónimo de Buen Dia Fols. 108v. – 115r.

Idade: 39

Profissão: jurista

Natural: Alcañiz

Residente: Alcañiz

Crime Principal: Adivinho

Crimes Secundários: Feitiçaria

Sentença: Abjuração *de levi*, repreendido e advertido, desterro

75. Sebastian Hernandez relação muito extensa Fols. 118r. – 122r.

Idade: 40

Profissão: sapateiro

Natural: Peñaranda de Bracamonte

Residente: Caspe

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Abjuração *de levi*, repreendido e advertido, desterro Caspe, Zaragoza oito léguas de perímetro

76. Gerónimo Aguilar relação muito extensa Fols. 129r. – 134r.

Idade: 59

Profissão: vigário de Seno

Natural: Parras

Residente: Seno

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Exorcista

Sentença: Multa de 20 ducados, Abjuração *de Levi*, Reclusão na igreja de Seno

77. Juan Ibañez Fols. 134r. – 140r.

Idade: 28

Profissão: lavrador

Natural: Zaragoza

Residente: Caspe

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Identificador de bruxas

Sentença: Abjuração *de Levi*, repreendido, advertido, desterro Madrid, Zaragoza Caspe com oito léguas de perímetro

78. Miguel Lazaro Fols. 164r. – 165v.

Idade: 58

Profissão: clérigo beneficiado em Puebas de Cañarte

Natural: Puebas de Cañarte

Residente: Puebas de Cañarte

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Exorcista

Sentença: repreendido e advertido

79. Pablo Borao relação muito extensa Fols. 255r. – 290r.

Idade: 25

Profissão: exorcista

Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Exorcista e Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Advertido e repreendido, 200 açoites, desterro de Zaragoza, proibido de curar com a saliva e outros

80. Miguel Nuevos Fols. 367v. – 368r.

Idade: 18

Profissão: clérigo presbítero da Igreja de Nuestra Señora del Pilar de Zaragoza

Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria e Necromancia

Crimes Secundários: -

Sentença: repreendido e advertido

81. Jusepe Montiel Fols. 445v. – 448r.

Idade: 70
Profissão: ferreiro
Natural: Caspe
Residente: Caspe
Crime Principal: Feitiçaria e Necromancia
Crimes Secundários: -
Sentença: Advertido

82. Domingo San Gorrín Fols. 448r. – 452v.

Idade: 40
Profissão: pastor
Natural: Berdun
Residente: Berdun
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Repreendido e advertido, recluso em Hospital e depois no Convento Carmelita de Zaragoza, 200 açoites

83. Juan Santier alias Lumpier ou Prades Fols. 452v. – 454r.

Idade: 36
Profissão: Randero
Natural: Torretas, Marselle (França)
Residente: Belchite
Crime Principal: Feitiçaria
Crimes Secundários: -
Sentença: Advertido e repreendido

84. Juan Cavaller Fols. 497r. – 506r.

Idade: 60
Profissão: lavrador
Natural: Obis
Residente: Rivera de Cornudela
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Morto antes de receber a sentença

85. José Linus Fols. 508r. – 510r.

Idade: -
Profissão: médico
Natural: -
Residente: San Martín del Río
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Suspensa

86. Juan Batista de Orfella Fols. 510r. – 515r.

Idade: 26
Profissão: Donado de la Orden de Nuestra Señora de la Vitoria
Natural: Valencia

Residente: Valencia
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Advertido e Desterrado de Zaragoza

Libro 997 (1661-1665)

87. Vicente de Xargue Fols. 46r. – 53r.

Idade: 24
Profissão: soguero
Natural: Miranvel
Residente: Miranvel
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Repreendido, advertido, desterro

88. Francisco Ortiz Fols. 255r. – 256r.

Idade: 40
Profissão: cirurgião
Natural: La Muela
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Repreendido

89. Josepe Bernues alias Graos Fols. 267v. – 269r.

Idade: 30
Profissão: tintureiro
Natural: Graos
Residente:
Crime Principal: saludador
Crimes Secundários:
Sentença: Suspenso, Repreendido e Advertido

90. Juan Francisco Lopez Fols. 311v. – 312r.

Idade: -
Profissão: vigario
Natural: -
Residente: Zaida
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Repreendidos

91. Atonio Foyas Cortada Fols. 312v. – 320v.

Idade: 52
Profissão: presbítero de Almunia
Natural: -
Residente: Barcelona (ausente)
Crime Principal: Exorcismo

Crimes Secundários: -
Sentença: Suspenso, Advertência e Desterro

92. Antonio de Solsona Fols. 434r. – 436v.
Idade: 23
Profissão: saludador
Natural: Caspe
Residente: Sena
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Reprendido e Advertido, Desterro

Libro 998 (1666-1700)

93. Fray Juan de Santa Theresa Fols. 9v. – 10r.
Idade: 44
Profissão: clérigo carmelita descalço, sacerdote predicador e residente em seu convento desta cidade de Zaragoza
Natural: Navarrete (La Rioja)
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Defesa da Astrologia
Crimes Secundários: -
Sentença: Sem sentença - Repreensão?

94. Andrés Ibañez Fol. 11r. – 12r.
Idade: 50
Profissão: lavrador
Natural: Peralejos (Teruel)
Residente: Peralejos (Teruel)
Crime Principal: Bestialismo supersticioso
Crimes Secundários: -
Sentença: Sem sentença, repreendido?

95. Fray Joseph de Jesus Maria Fols. 13r. – 13v. (1666)
Idade: 44
Profissão: religioso da ordem de San Agustin de los Descalzos sacerdote residente em seu convento desta cidade de Zaragoza
Natural: Lisboa (Portugal)
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Posse de livros proibidos
Crimes Secundários: -
Sentença: repreendido, advertido, *conminado*, e despachado

96. Felipe Estanga Fols. 13v. – 15v.
Idade: 34
Profissão:
Natural: Zaragoza
Residente: Zaragoza
Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários: -
Sentença: Sem sentença, repreensão?

97. Domingo Fols. 41v. – 42r.

Idade: -
Profissão: -
Natural: -
Residente: -
Crime Principal: -
Crimes Secundários: -
Sentença: -

98. Juan Gaston Fols. 47v. – 52r.

Idade: 53
Profissão: lavrador
Natural: Sara
Residente: Castejón de Monegros (Huesca)
Crime Principal: Saludador, Lobero
Crimes Secundários: -
Sentença: Se lesse sua sentença com méritos, onde fosse gravemente repreendido, advertido e *conminado*, e desenganado e que abjurasse *de levi*, e que saísse desterrado do distrito desta inquisição com oito léguas de perímetro por oito anos, precisos os seis e perpétuamente da vila de Castejón, e se lhe proibiu que não curasse perpetuamente de nenhum achaque nem enfermidade por *ensalmo*, nem com orações nem remédios ainda que fossem naturais pena de duzentos açoites e se descumprisse cumprisse o desterro dobrado

99. Juan de Peralta Fols. 52r. – 52v.

Idade: -
Profissão: lavrador
Natural: Castejón de Monegros (Huesca)
Residente: Castejón de Monegros (Huesca)
Crime Principal: Saludador, Lobero
Crimes Secundários: -
Sentença: Causa Suspensa, Fosse gravemente repreendido, advertido e *conminado*

100. Juan Francisco de San Agustin, negro Fols. 90v. – 95v.

Idade: 60
Profissão: cozinheiro
Natural: Cabo Verde de India de Portugal
Residente: errante
Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Fosse gravemente repreendido, advertido e *conminado*, e desenganado e que se proíba de curar com nenhum gênero de remédios tanto *santiguando* quanto por *ensalmos* orações nem outras palavras, nem remédios naturais, nem ervas pena de 200 açoites pela primeira vez que o transgrida e que fosse desterrado pelo tempo e espaço de quatro anos precisos do distrito desta Inquisição, corte de Sua

Majestade e cidades de Logroño e Calahorra e oito léguas de perímetro de todas as partes sob pena de cumpri-lo dobrado

101. Juan de Mateba Fol. 124r.

Idade: 14

Profissão: lavrador

Natural: Ballestar

Residente: errante

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Adivinho

Sentença: Sem sentença

102. Mosen Martin la Terrada Fol. 140 v.

Idade: 56

Profissão: presbítero beneficiado da Igreja da Sé de Huesca

Natural: -

Residente: Huesca

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Adivinho

Sentença: Sem sentença

103. Carlos Favaro Fols. 161v. – 167v.

Idade: mais de 33

Profissão: sacerdote

Natural: Palermo (Itália)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria e Necromancia, Busca de Tesouros

Crimes Secundários: Adivinho, Astrólogo

Sentença: Fosse gravemente repreendido, advertido e *conminado*, e desenganado, abjuração *de levi*, não fizesse curas ainda que fosse com remédios ordinários, desterro desta cidade corte por seis léguas por dois anos

104. Francisco Peros Fols. 182r. – 182v.

Idade: 70

Profissão: lavrador

Natural: Funes Claras

Residente: Calamocho

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários:

Sentença: Morreu doente

105. Ramon Galindo Fols. 182v. – 183r.

Idade: 60

Profissão: arriero

Natural: Campo, Barbastro (Huesca)

Residente: Campo, Barbastro (Huesca)

Crime Principal: Saludador, encurtador de cavaladuras

Crimes Secundários: -

Sentença: Advertido, repreendido e *conminado*, Abjuração de Levi, desterro desta inquirição, cidade e corte com oito léguas de contorno, por quatro anos precisos e dois voluntários de proibido de usar todo gênero de orações e curas ainda que com remédios naturais, 200 açoites

106. Antonio Chambror Fols. 183r. – 184v.

Idade: mais de 50

Profissão: carpinteiro

Natural: Graus (Huesca)

Residente: Benabarre (Huesca)

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Advertido, repreendido e *conminado*, Abjuração de Levi, desterro desta cidade, de Lerida e desta corte com oito léguas de contorno privado perpetuamente proibido de usar todo gênero de orações e curas ainda que com remédios naturais, 200 açoites

107. Miguel Zelmanial Fol. 185r. – 185v.

Idade: 18

Profissão: campanero da Igreja

Natural: Alcañiz

Residente: Alcañiz

Crime Principal: Feitiçaria

Crimes Secundários: -

Sentença: Advertido e repreendido

108. Carlos o Coronel Gomes Merino Fols. 203v. – 204v.

Idade: 40

Profissão: tafetanero e soldado

Natural: Granada

Residente: errante

Crime Principal: Saludador e exorcista

Crimes Secundários: -

Sentença: Abjuração de Levi, desterro, 200 açoites

109. Juan Carcis relação muito extensa Fol. 204v. – 205v.

Idade: 40

Profissão: lavrador

Natural: Pere (Cataluña)

Residente: Santa Susana

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Advertido e desterro

110. Martin Ezquerria Fols. 206r. – 206v. (1679)

Idade: 55

Profissão: lavrador

Natural: Colungo

Residente: Colungo

Crime Principal: Saludador
Crimes Secundários: -
Sentença: Advertido e repreendido, desterro

111. Fray Domingo Lopez de Anso Fols. 209r. – 209v. (1679)

Idade: 55

Profissão: Presbitero Prior de la Iglesia del lugar de Anies de la Religion de [San Benito San Francisco Santo Sudario]

Natural: Aguilar

Residente: Anies

Crime Principal: Exorcista, Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Advertido e repreendido, desterro

112. Pedro de Perdiñal Fols. 219v. – 220r.

Idade: 30

Profissão: peon del campo

Natural: Ubor de Rios, Bearn (França)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria e Necromancia

Crimes Secundários: -

Sentença: Sem sentença

113. Pedro Agromonte Fols. 229v. – 230v.

Idade: 35

Profissão: lavrador

Natural: Murillo de los Gallegos

Residente: Murillo de los Gallegos

Crime Principal: Feitiçaria

Crimes Secundários: -

Sentença: Absolvido

114. Pedro Agromonte Fols. 230r.-et seq.

Idade: 11/12

Profissão: -

Natural: Murillo de los Gallegos

Residente: Murillo de los Gallegos

Crime Principal: Bruxaria

Crimes Secundários: -

Sentença: -

115. Francisco Bergues Fols. 231v. – 232r.

Idade: 28

Profissão: -

Natural: Vigorra (França)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: -

116. Pedro Rivera Fols. 233r. – 234r.

Idade:

Profissão: pelaire

Natural: Villareal

Residente: Villareal

Crime Principal: Feitiçaria e Necromancia

Crimes Secundários:

Sentença: Abjuração, advertido, repreendido e desterro

117. Francisco Teruel Fols. 234v. – 235r.

Idade: 52

Profissão: lavrador

Natural: Torrijo

Residente: Torrijo

Crime Principal: Feitiçaria e Necromancia

Crimes Secundários: -

Sentença: Sem sentença

118. Juan Concas Fols. 297v. – 300r.

Idade: -

Profissão: pelaire

Natural: França

Residente: La Almolda (Zaragoza)

Crime Principal: Saludador (Maléfico)

Crimes Secundários: Adivinho

Sentença: Abjuração *de levi*, fosse gravemente, repreendido advertido, e *conminado*, e privado de curar perpetuamente ainda que fosse com remédios naturais e desterrado por três anos de La Almolda, de Balfarta de Zaragoza e de Madrid com oito léguas de contorno e que não descumprisse a ordem sob pena de cumpri-la dobrado

119. Juan Jose Venegas mourisco alias Juan de la Cruz Fols. 298v. – 300r.

Idade: -

Profissão: errante

Natural: Constantinopla

Residente: -

Crime Principal: Saludador, Identificador de bruxas

Crimes Secundários: -

Sentença: Em forma de penitente se lesse sua sentença com méritos, abjurasse *de levi*, fosse gravemente advertido, repreendido e *conminado*, de tudo o que havia sido acusado de *saludar* e curar ainda que fosse com remédios naturais e desterrado desta cidade por quatro anos e desta corte com oito léguas de perímetro e se lhe assinalasse o lugar onde deveria viver e se encarregasse o comissário de saber o lugar onde fosse, cuidasse de saber como procedia este reo e desse conta disso ao Santo Ofício

120. Pablo Garcia relação muito extensa Fols. 305r. – 307v.

Idade: 70

Profissão: lavrador

Natural: Santa Cruz de Nogueras (Teruel)

Residente: Santa Cruz de Nogueras (Teruel)

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: -

Sentença: Em forma de penitente se lesse sua sentença com méritos, abjurasse *de levi*, fosse gravemente advertido, repreendido e *conminado*, de tudo o que havia sido acusado de *saludar* e curar ainda que fosse com remédios naturais e desterrado com oito léguas de perímetro de Santa Cruz de Nogueras, Luerma, Zaragoza e Madrid sob pena de cumpri-lo dobrado e saiu a cumprir seu desterro

121. Mossen Domingo Sardera y Arcayne Fols. 331r. – 336v.

Idade:

Profissão: presbítero, confessor e predicador beneficiado em Lecera

Natural: Lecera (Zaragoza)

Residente: Lecera (Zaragoza)

Crime Principal: Exorcista, Saludador

Crimes Secundários: Identificador de bruxas

Sentença: Em forma de penitente se lesse sua sentença com méritos, abjurasse *de levi*, fosse gravemente advertido, repreendido e *conminado*, e privado de confessar mulheres perpetuamente e desterrado de Zaragoza e Madrid por quatro anos

122. Carlos de Fredericis Fols. 355r. – 360v.

Idade: 37

Profissão: -

Natural: Neutra (Austria)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Feiticeiro, Necromante

Sentença: Sem sentença, o Santo Ofício continuava buscando-o por carta nos tribunais de Sicilia, Sardenha e Mallorca

123. Antonio Poyanos Fols. 385r. – 392r.

Idade: 32

Profissão: presbítero beneficiado em la iglesia parroquial de San Juan el Viejo

Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia

Crimes Secundários:

Sentença: Abjuração *de vehementi*, fosse gravemente advertido, repreendido e *conminado*, privado perpetuamente do exercício de suas ordens e desterrado desta cidade e desta corte com oito léguas de perímetro por dez anos, os quatro primeiros os cumprisse recluso em um convento o que se lhe fosse assinalado pelo tribunal (...) e foi despachado e assinalando-se o mosteiro de Nossa Senhora de Berbela, da Ordem de São Bernardo (...)

124. Mateo Albalate y en el siglo Antonio de Palos Fols. 392r. – 396v.

Idade: 33

Profissão: religioso, sacerdote, leitor, e teólogo capuchinho conventual do Convento de Nossa Senhora de Collada

Natural: Zaragoza

Residente: Albalate (Zaragoza)

Crime Principal: Feiticeiro, Necromante, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: Adivinho

Sentença: Estando em forma de penitente, com insígnias de sortílego, e *embustero*, fosse lida sua sentença com méritos, abjurase *de vehementi*, fosse gravemente advertido, repreendido e *conminado*, e desenganado e proibido privado perpetuamente do exercício da Astrologia, Quiromancia, Magia e Química y de ter e possuir livros que tratam delas, e reter os que estavam proibidos, e que fosse absolvido das censuras que havia incorrido por havê-los retido, lido e usado para praticar curas das receitas, praticar adivinhações ainda que fosse por meios naturais e de leitor, confessor e predicador, desterrado de Zaragoza, Albalate e esta corte em um perímetro de oito léguas por dez anos, os quatro primeiros em no convento de Huesca, e quatro anos privado de voz ativa e passiva, quatro anos suspenso de suas ordens a pão e água sob pena de cumpri-lo dobrado, que fosse lida sua causa diante da comunidade exceto os noviços chamados da disciplina circular

125. Felix Cortinas Fols. 396v. – 400v.

Idade: 31

Profissão: Bacharel em artes (Químicas)

Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria e Necromancia

Crimes Secundários:

Sentença: Estando em forma de penitente, com insígnias de sortílego, e *embustero*, fosse lida sua sentença com méritos, abjurase *de vehementi*, fosse gravemente advertido, repreendido e *conminado*, e desenganado e proibido privado perpetuamente da arte da Química e uso de suas receitas para quaisquer cerimônias ainda que fosse por meios naturais e no dia seguinte lhe fossem dados duzentos açoites pela ruas pública e acostumadas desta cidade (...) exposto apenas à vergonha pública por não ter condições de receber açoites e trabalhar nas galeras

126. Don Juan Antonio del Castillo y Villanueva Fols. 414r. – 416r.

Idade: 39, 40 anos

Profissão: *vivía con su hacienda*

Natural: Zaragoza

Residente: Azuara (Zaragoza)

Crime Principal: Defesa da Astrologia, Posse de inúmeros livros proibidos pelo *Índex*

Crimes Secundários: Adivinho

Sentença: Fosse lida sua sentença com méritos, abjurasse *de levi*, fosse gravemente repreendido, advertido e *conminado*, privado do uso da astrologia em nenhuma de suas formas, e nem na permitida e se lhe recolhessem todos os livros que se lhe

havia achado e fosse desterrado desta corte, desta cidade e lugar de Azuara com oito léguas de perímetro por seis anos (...) se lhe deu audiência do segredo, e aviso de cárceres e foi despachado

127. Jusepe Fernandez Fols. 416r. – 417v.

Idade: 43

Profissão: botero e torcedor de panos de seda

Natural: Belchite (Zaragoza)

Residente: Belchite (Zaragoza) atua Valencia, Cataluña, França, Pamplona, Lérida

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: Saludador

Sentença: Abjuração *de levi*, fosse gravemente repreendido, advertido, e *conminado* e desterrado perpetuamente do districto daquela Inquisición, e Reino, e esta corte com oito léguas de perímetro

128. Pedro Antonio Bernardo Fols. 417v. – 420r.

Idade: 57

Profissão: racionero de la iglesia de Bielsa

Natural: Bielsa (Huesca)

Residente: Bielsa (Huesca)

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: Saludador

Sentença: Mando a que este réu na sala do tribunal, a portas abertas diante, de 24 pessoas eclesiásticas regulares, e seculares, se lesse sua sentença com méritos abjurase *de levi*, fosse gravemente advertido, repreendido e *conminado*, desterrado desta corte e esta cidade e vila de Bielsa, com oito léguas de perímetro por sete anos, e os dois primeiros cumprisse no convento que se lhe assinalasse, e por ditos dois anos de reclusão suspenso de todas suas ordens (...) se executou assim e se lhe deu a audiência do segredo, e aviso de cárceres e assinalou para a reclusão no convento dos capuchinhos da cidade de Barbastro, e foi despachado

129. Don Miguel Francisco de Pedregosa Fols. 420r. – 424v.

Idade: 57

Profissão: presbítero

Natural: Alcalá de la Reina, Jaén (Andalucía)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: -

Sentença: Na sala do tribunal, a portas abertas, diante de 24 eclesiásticos doze regulares e deles seis de São Francisco, e entre eles o prelado, e doze seculares, estando em forma de penitente no traje que foi apreendido se lesse sua sentença com méritos e abjurase *de levi*, fosse gravemente advertido, repreendido, e *conminado*, e desterrado de Madrid, Zaragoza, e [sic] com oito léguas de perímetro por sete anos, e os dois primeiros os cumprisse recluso em um convento de São Francisco, o que fosse assinalado pelo guardião dele de Zaragoza, e por eles privado no que tocava ao Santo Ofício, dele, [viu], ou, e exercício de suas ordens, e por acordado, que para a execução da relação se entregasse a este réu, ao guardião de São Francisco e ao réu seus papéis, tocantes à suas ordens, licenças e breves Em

5 de Dezembro, se executou assim, e se lhe deu a audiência do segredo, e aviso de cárceres e se entregou ao guardião de São Francisco desta cidade quem lhe assinalou o convento de Santa Catarina, nos termos da vila de Cariñena, e foi despachado

130. Juan Clavero Fols. 424v. – 427r.

Idade: 52

Profissão: *vivia con la administración de su vivienda, vivía de su hacienda*

Natural: Zaragoza

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: -

Sentença: Suspenso; Que a este réu, na sala do tribunal, a portas abertas, na presença de 24 pessoas eclesiásticas, se lesse sua sentença com méritos e abjurase *de levi*, fosse gravemente repreendido advertido e *conminado*, e desterrado desta cidade e esta Corte, na distancia de oito léguas de perímetro, por sete anos, e os dois primeiros os cumprisse servindo no hospital que se lhe assinalasse, e condenado em duzentos ducados para gastos do Santo Ofício, Em 10 de Dezembro, se executou assim e se lhe deu a audiência do segredo, e aviso de cárceres e se lhe assinalou o hospital da cidade de Lérida, e foi despachado e por ser pobre não pode pagar os alimentos, direitos nem condenação

131. Christobal Cisneros Fol. 680r.

Idade: 25

Profissão: torcedor de panos seda

Natural: Córdoba (Andalucía)

Residente: Alcañiz (Teruel) Atua Cordoba, Monovar, Elche, Madrid

Crime Principal: Saludador

Crimes Secundários: Adivinho

Sentença: Se votou que este réu fosse ao auto publico de fé, se o houver próximo, e senão em uma igreja, que o tribunal assinalar, estando com insígnias de *sortílego embustero*, e se leia sua sentença com méritos, abjure *de levi*, seja gravemente repreendido, advertido, *conminado*, desenganado, e privado perpetuamente do ofício de *saludador*, de praticar curas, ainda que sejam com remédios naturais, e desterrado perpetuamente de todo este Reino de Aragón, e por oito anos da cidade de Córdoba, e lugares de Monovar, e Elche, e da Vila de Madrid, com oito léguas de perímetro, sob pena de que si contravier se lhe darão duzentos açoites, e cinco anos de galeras. Execute-se na paróquia de San Martín desta [sic] El Aljafería a 3 de Abril; e dito día se lhe deu a audiência do segredo, e aviso de cárceres, e foi despachado

132. Francisco Urraca Fol. 680v.

Idade: 34

Profissão: marinheiro

Natural: Caller, Sardenha (Espanha)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: -

Sentença: Sem sentença, audiência do segredo, aviso de cárceres, embargo de bens, como havia novos cúmplices, ainda estão sendo examinados

133. Juan de Puey Fol. 680v.

Idade: 30 pouco mais ou menos

Profissão: lavrador

Natural: Prisiac, Oloron (França)

Residente: Fañanás (Huesca)

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: -

Sentença: Suspensa, audiencia do segredo, aviso de cárceres

134. Bernardo Cortada Fol. 680v.

Idade: 30

Profissão: lavrador

Natural: Espin, Vigorra (França)

Residente: Sietamo (Huesca)

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: -

Sentença: Suspensa, audiencia do segredo, aviso de cárceres

135. Juan de Ricarte Fol. 681r.

Idade: 35

Profissão: sapateiro

Natural: Aguas (Huesca)

Residente: Alcalá del Obispo (Huesca)

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de tesouros

Crimes Secundários: -

Sentença: Sem sentença, audiencia do segredo, aviso de cárceres

136. Domingo Zorzi, alias San Anton Fol. 681r.

Idade: 40

Profissão:

Natural: Tudela, Tarazona (Navarra)

Residente: Zaragoza

Crime Principal: Blasfêmia

Crimes Secundários: -

Sentença: Sem sentença, “como Vuestra Autoridad lo mando y a 12 se le dio la audiencia de secreto, y aviso de cárceles, y se le dio la patente de galeras”

137. Thomas Urraca manzebo Fol. 681v.

Idade: 18

Profissão: lavrador

Natural: Ola (Huesca)

Residente: Zaragoza ?

Crime Principal: Feitiçaria, Necromancia, Buscador de Tesouros

Crimes Secundários:

Sentença: Sem sentença, audiencia do segredo, aviso de cárceres

138. Vicente Saraso Fol. 681v.

Idade: 35

Profissão: ferreiro

Natural: Manchores (Daroca)

Residente: Villanueva de Rebollar e 16 anos em Zaragoza

Crime Principal: Necromancia, Feitiçaria, Busca de tesouros

Crimes Secundários: Blasfêmia

Sentença: Sem sentença, preso esteve negativo